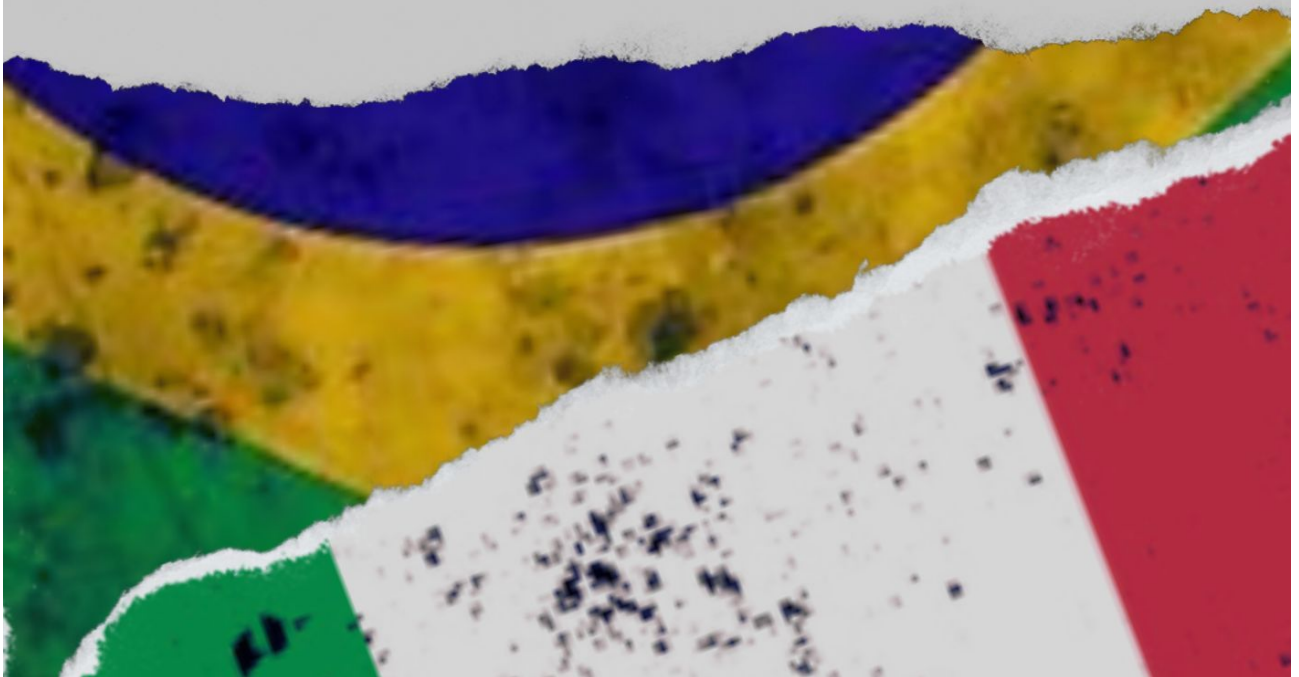




ΠΑΙΧΑΘ

THAIS RUSSOMANO



PAIXÃO

Autora: THAIS RUSSOMANO

Publicado por InnovaSpace Books, Londres, Inglaterra

ISBN E-book: 978-1-8382283-3-0

Copyright © 2024 Thais Russomano

Imagem de capa do livro: Carmella e Frederico Russomano / Álbum de Família

Livro gratuito – Free Download

Sem fins lucrativos ou comerciais

Todos os direitos reservados. Fica proibido, sob as penas da lei, as ações especificadas a seguir, realizadas total ou parcialmente – editar, copiar, publicar, reproduzir, comunicar, gravar, transmitir, vender, traduzir, criar subprodutos físicos, eletrônicos e digitais – sem a ciência e o consentimento da autora.

Para solicitações de permissão, entre em contato com os editores no site: www.innovaspace.org

As ilustrações em desenho a lápis foram feitas utilizando o programa de Inteligência Artificial *Bing – Image Creator from Microsoft Designer*.

NOTA DA AUTORA

“Recollections may vary”.
(Recordações podem variar)
Rainha Elizabeth II – Reino Unido

Quando passamos por uma casa numa rua qualquer, não imaginamos as inúmeras histórias que estão ali encerradas, palpitando por detrás daqueles tijolos, ávidas por ganhar vida e buscar a eternidade em alguma forma de arte.

Quando observamos suas portas e janelas, não pensamos nas alegrias, nas dores, nas vitórias, nas derrotas, nos nascimentos e nas mortes que foram vivenciadas ou testemunhadas por todos que ali habitaram.

E com o tempo... sabemos... e aceitamos... que as memórias vão se apagando, os relatos se modificando, as pessoas desaparecendo, até que, um dia, como por magia, aquelas vidas são esquecidas para sempre.

Na tentativa de evitar que esse ciclo inexorável da finitude humana se completasse, resolvi contar a saga da família Russomano, entre os anos de 1864 e 1939, que foi norteadada pela paixão de dois italianos de Caposele, Carmella e Frederico, no final do século 19. O amor desses jovens foi capaz de cruzar o oceano Atlântico, vencer obstáculos inimagináveis e realizar o sonho de construir uma linda e extensa família numa cidade do sul do Brasil.

Confesso que este livro usou da dramatização, criando personagens e situações fictícias, para tornar a narrativa mais interessante e palatável. Assim, apesar de não pretender ser uma esmerada biografia, fatos históricos do Brasil e do mundo são relatados, considerando-se a forma e o momento em que ocorreram, bem como é respeitada, o máximo possível, a cronologia dos acontecimentos que marcaram a família Russomano, ao longo de mais de sete décadas.

Assim, deixo aqui o meu agradecimento aos que já partiram deste *mundo terreno* e que são os personagens centrais dessa história, esperando ter feito jus à vida de cada um, o que, certamente, não é uma tarefa fácil.

Também quero agradecer aos que ainda estão neste *mundo terreno*. Este livro não teria nascido, se não fosse a contribuição de vários membros da família e de amigos, que auxiliaram, direta ou indiretamente, na criação dessa obra literária, através da publicação de

blogs biográficos & artigos em jornais (a exemplo de Gente Extraordinária e Suas Estórias do Arco-da-Velha, de Mônica Russomano, Diário Popular de Pelotas), da compilação de fatos, do envio de relevantes informações e da remessa de antigas fotografias.

Por tudo, o meu muito obrigada a todos vocês –

Môema & Margarida Russomano Kraft; Clóvis, Frederico e Carmela Russomano; Mônica Beatriz Corrêa Meyer Russomano; Lourdes Escobar; Cláudia Araújo; Fabiano e Julia Lima; Leda Maria Ferreira Borges; Joaquim Ignácio Silveira da Mota Neto; Marisa Moreira de Oliveira; Rita Caringi; Mary Upritchard.

Meu especial agradecimento à minha mãe, Nailê Russomano, que muito me motivou, vibrando com cada capítulo finalizado e, ansiosamente, esperando pelo próximo.

O lançamento virtual de Paixão no dia de hoje não é por acaso!

7 de fevereiro de 2024 é o aniversário de 85 anos da morte de Frederico Russomano (*Federico Russomanno*).

Confesso que foi difícil escrever a palavra FIM, pois sofri de um mal que desconhecia... a saudade de um passado que não vivi!

Quem sabe não vem outro livro por aí...?

Pois essa história segue... e recomeça lá nos anos 40.

Ao leitor, espero que goste!

Thais Russomano

PS – Quanto a linda e extensa família que queriam formar, acho que Carmella e Frederico atingiram esse sonho. Desta paixão, surgiram 6 filhos, 5 netos, 14 bisnetos... e inúmeros tataranetos, incluindo a mim...

Biografia Resumida

www.linkedin.com/in/thaisrussomano/

A **Profa. Dra. Thais Russomano, MSc, PhD** – tem mais de 30 anos de experiência em ensino, pesquisa e inovação em medicina aeroespacial, fisiologia espacial e saúde digital.

- Possui graduação pela Faculdade de Medicina pela Universidade Federal de Pelotas (1985), mestrado em Aerospace Medicine – Wright State University (1991), PhD em Space Physiology – Kings College London (1998) e estágio pós-doutoral no Centre for Human and Applied Physiological Sciences (CHAPS), Kings College London (2006-2007).
- Fundou em 1999 e atuou como coordenadora até 2017 do Centro de Microgravidade/PUCRS, centro de referência internacional no estudo da fisiologia humana espacial, da engenharia biomédica espacial, da medicina de aviação e da Telessaúde.
- Foi Professora Titular da Escola de Medicina da PUCRS e Senior Lecturer & Deputy Director do Mestrado em Space Physiology Health, Faculty of Life Sciences and Medicine, Kings College London (2009-2020).
- Participa de várias atividades acadêmicas em diversas Universidades, como na Unyleya & UFCSPA-Brasil, Univ de Lisboa-Portugal, Aalto Univ-Finlândia, Deggendorf Inst of Technology-Germany, Carol Davila Univ of Med Pharmacy, Romênia, EIS MSc, Itália, Imperial College London & Brighton and Sussex Medical School, Inglaterra.
- É co-fundadora CEO da InnoSpace Ltd (UK), membro da International Academy of Aviation and Space Medicine (IAASM) e da International Academy of Astronautics (IAA), onde foi eleita Membro do Board of Trustees para o período de 2019-2025, além de participar de vários Comitês da IAA. Tem também atuado como membro de Boards

em instituições de pesquisa e no setor privado espacial, como na ISMC-USA e na ACES Worldwide-USA (Alliance for Collaboration in the Exploration of Space).

- Possui vasta experiência profissional com inúmeros livros, capítulos e artigos publicados e apresentados em eventos científicos, sendo detentora de 8 patentes relativas às suas áreas de expertise. Participou de 2 campanhas de voos parabólicos da Agência Espacial Europeia (ESA), onde testou novas técnicas e equipamentos médicos para uso em missões espaciais.
- Atua como editora e revisora de várias revistas científicas nacionais e internacionais. Coordenou, enquanto professora no Brasil, diversos projetos de pesquisa, incluindo estudos financiados por editais Finep, Fapergs, Capes e CNPq.
- Possui importante projeção internacional, proferindo anualmente inúmeras palestras em temas relacionados à ciência aeroespacial e à telessaúde em universidades, empresas e instituições de ensino-pesquisa internacionais.
- Atuou como Mentora voluntária da Space4Women Initiative, Unoosa-ONU (2020-2021), tendo também proferido palestras e organizado sessões científicas da ONU.
- Participa como educadora, pesquisadora e consultora de projetos científicos da ESA, NASA, DLR, Innovate UK, BlueAbyss, CamIn UK, Optmal Cities UK, International Space University (ISU), Programa Oportunidades, El Salvador. Atuou num projeto em farmácia espacial, no módulo Kibo da ISS, através da empresa farmacêutica CIMED, em parceria com a Airvants.
- Foi eleita Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Aeroespacial (SBMA) para o período de 2022-2024.
- É detentora de vários prêmios no Brasil e internacionais na sua área de expertise, como a Ordem do Mérito Aeronáutico – Ministério da Defesa e Força Aérea Brasileira (2023).



**Thais Russomano realizando experimentos médicos em microgravidade
Campanha 29 de Voos Parabólicos da Ag Espacial Europeia (ESA)**

Álbum de Família

PARTE I – CARMELLA E FREDERICO (1864-1922)

- PARTE I – [1 ADEUS, ITÁLIA](#)
- PARTE I – [2 A TRAVESSIA](#)
- PARTE I – [3 NO PORÃO DO NAVIO](#)
- PARTE I – [4 VIDA NOVA](#)
- PARTE I – [5 O REENCONTRO](#)
- PARTE I – [6 O CASAMENTO](#)
- PARTE I – [7 MUDANÇAS](#)
- PARTE I – [8 O COMEÇO](#)
- PARTE I – [9 PELOTAS](#)
- PARTE I – [10 UM CHORO DE BEBÊ](#)
- PARTE I – [11 A CARTA](#)
- PARTE I – [12 A EXPANSÃO](#)
- PARTE I – [13 À LUZ DE VELAS](#)
- PARTE I – [14 A CIDADE ENCANTADA](#)
- PARTE I – [15 “SÓ”](#)
- PARTE I – [16 SAUDADE](#)
- PARTE I – [17 TRANSFORMAÇÕES](#)
- PARTE I – [18 IDEIAS, IDEAIS E INTUIÇÕES](#)
- PARTE I – [19 GUERRA E PAZ](#)
- PARTE I – [20 “MANGIA QUE TE FA BENE!”](#)
- PARTE I – [21 NAUFRÁGIO](#)
- PARTE I – [22 TEMPESTADE E BONANÇA](#)
- PARTE I – [23 SIM E SIM](#)
- PARTE I – [24 LUTAS E LUTOS](#)
- PARTE I – [25 A FLOR VERMELHA](#)
- PARTE I – [26 ANNUS HORRIBILIS](#)
- PARTE I – [27 ROSA COM “H”](#)
- PARTE I – [28 A PROMESSA](#)
- PARTE I – [29 A SORTE DO ACASO](#)
- PARTE I – [30 “A VIDA É UM SOPRO”](#)

Parte II – DIDI E VICTOR (1922-1939)

PARTE II – [1 O ABRAÇO](#)

PARTE II – [2 PLANO CERTEIRO](#)

PARTE II – [3 O OLHAR DE VINCENZO](#)

PARTE II – [4 A BRIGA DOS LENÇOS](#)

PARTE II – [5 “SOU, POIS, UM ABOLICIONISTA”](#)

PARTE II – [6 UM MOMENTO FELIZ](#)

PARTE II – [7 ORGULHO DE PAI](#)

PARTE II – [8 UM SARAU PELOTENSE](#)

PARTE II – [9 A DEPRESSÃO E A HIPERTENSÃO](#)

PARTE II – [10 OS ANOS 30](#)

PARTE II – [11 A BAGUNÇA DA CRIANÇADA](#)

PARTE II – [12 MUDANÇA DE VENTOS](#)

PARTE II – [13 A BELA E A FERA](#)

PARTE II – [14 TRAIÇÃO](#)

PARTE II – [15 UM CONFLITO DE HERMENÊUTICAS](#)

PARTE II – [16 DE MALAS PRONTAS](#)

PARTE II – [17 MOVE-SE A RODA DO DESTINO](#)

PARTE II – [18 DESLIZANDO SOBRE AS ÁGUAS](#)

PARTE II – [19 DE BRAÇOS ABERTOS](#)

PARTE II – [20 POLÍTICA REGADA A CAFÉ](#)

PARTE II – [21 CHALK AND TALK \(GIZ E CONVERSA\)](#)

PARTE II – [22 OUVINDO ESTRELAS](#)

PARTE II – [23 A CONQUISTA DO CATETE](#)

PARTE II – [24 NO VAI E VEM DAS ONDAS](#)

PARTE II – [25 O REGRESSO E O RETROCESSO](#)

PARTE II – [26 A FALÊNCIA](#)

PARTE II – [27 UM EMOCIONADO DISCURSO IMPROVISADO](#)

PARTE II – [28 OS CICLOS DA VIDA](#)

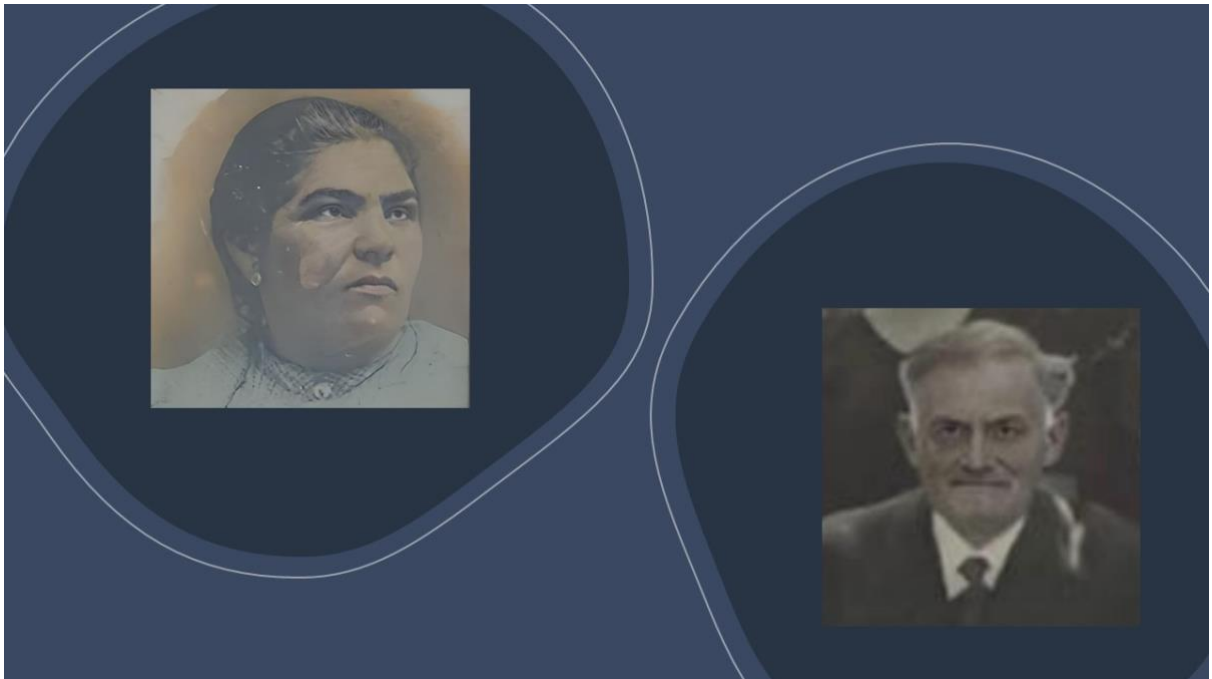
PARTE II – [29 PARTE A CARAVANA](#)

PARTE II – [30 OLÁ, ITÁLIA](#)

PARTE I

CARMELLA E FREDERICO

(1864-1922)



Álbum de Família

PARTE I - 1

ADEUS, ITÁLIA

O menino Federico cresceu rápido. Filho de Vito Russomanno e Concetta Caprio, ele veio ao mundo no dia 25 de novembro de 1864, estudou numa escola local, brincou pelas ruas estreitas da pequena Caposele e, como ofício, virou artesão e gostava de lidar com calçados – algo que seria seu ganha pão ao longo da vida.

Foi um amigo do pai que levou Federico a conhecer pela primeira vez uma sapataria. Era um local pequeno, um modesto negócio familiar, mas que teve a força de despertar no menino já adolescente a paixão pelo couro, pela graxa, pela tinta. Muitas vezes, ficava ali, sentado ao lado do exímio sapateiro por horas a fio, observando cada gesto que o velho homem fazia. Foi um lento e contínuo aprendizado. Com o tempo, o amigo do pai começou a passar para Federico a tarefa de ajudar em pequenos consertos. E foi então, como por magia, que um novo mundo se descortinou para o jovem italiano.

“Pegar no couro, sentir sua textura, seu cheiro, ajeitar algo aqui e ali, consertar e remodelar sapatos, botas... isso me dá prazer”, comentava Federico toda vez que seu futuro profissional era discutido em família.

Com pouco mais de 20 anos, apaixonou-se perdidamente por Carmella Maria Nicola Pizza, uma moça que ele considerava ter um charme enorme e uma inteligência singular. Ambos eram muito próximos em idade, ele sendo cerca de 8 meses mais velho do que ela. Ainda na infância, chegaram a brincar pelas ruas de Caposele, junto com outros amigos, mas foram se afastando com o tempo, quando os interesses entre meninos e meninas tomaram, naturalmente, rumos distintos.

Os anos passaram e, num frio domingo do inverno italiano, uma enorme feira com variados produtos do artesanato local espalhou-se pela praça central de Caposele. Foi nela que Federico e Carmella se reencontraram de uma forma diferente, sem mais pensarem nas divertidas correrias e travessuras que preencheram a infância de ambos. Aquilo tudo tinha ficado, definitivamente, para trás. Agora, eles eram dois jovens, cheios de saúde e vitalidade, começando a vida adulta.

Foi quando os dois amigos de infância trocaram um primeiro olhar repleto de desejo. Federico e Carmella sentiram o coração acelerar no peito, perceberam a respiração ficar mais

rápida e as pupilas se dilataram. Nascia ali uma paixão mútua que atravessaria a vida de ambos.

As famílias também se conheciam há muito tempo, pois a comunidade era pequena e, no fundo, todas as pessoas acabavam amigas de um jeito ou de outro. Foi assim que os jovens adultos Federico e Carmella ficaram frente a frente, enquanto seus pais conversavam ao visitar a feira.

Não demorou muito para as famílias começarem a se encontrar mais, numa forma de prestigiar o namoro entre os filhos apaixonados. Os pais de Carmella, Colomba Fiore Pizza e Angelo Maria Pizza, pareciam muito satisfeitos em ver um rapaz de boa família, ainda tão jovem, já ser organizando para se tornar um artesão, um profissional mais voltado para o ofício de sapateiro.

“É um trabalhador nato, um homem de bem!”, repetia Angelo Maria, com um ponta de orgulho.

Vito e Concetta também estavam radiantes com a possibilidade de um casamento na família e a chegada de rebentos que alegrariam a casa e a vida dos avós. Assim, começaram a fazer planos, através de longas conversas sobre o futuro casal. Chegaram a pensar em construir uma sapataria para Federico dar vazão ao seu talento com calçados e poder, assim, sustentar sua própria família, como um homem de bem e de respeito deveria fazer.

Infelizmente, as possibilidades de emprego não eram muitas na região. O sul italiano ainda tinha sua economia baseada na agricultura, enquanto o norte do país já mostrava um amplo e rápido processo de industrialização. Cuidar de terras, plantar e colher, certamente, não eram atividades que se alinhavam com a vocação de Federico – isso Vito e Concetta já tinham percebido, concordado e aceitado. A paixão do filho era lidar com calçados. Nisso, sim, ele era muito bom!

Mas um plano, mesmo que cuidadosamente desenhado, não passa de uma arquitetada ilusão! De uma hora para outra, a família de Carmella resolveu partir para a América do Sul, fixar residência no Uruguai ou no Brasil, deixando para sempre as raízes italianas.

E eles não estavam sozinhos nessa decisão! O final do século 19 e o início do 20 foi um período marcado por enormes emigrações na Europa. Estima-se que 40 milhões de europeus, entre 1800 e 1930, deixaram seus países de origem para trás em busca de melhores condições de vida, dando uma preferência especial para países das Américas – tanto sul quanto norte.

E a Itália acabou seguindo esse mesmo ritmo. Motivada por questões socioeconômicas e políticas, a emigração tornou-se um fenômeno comum entre os italianos. Por volta do final dos anos 1800, o contingente de emigrantes era espantoso, passando da marca de 200 mil, um número gigante de cidadãos para a época.

Foi, assim, que um dia Federico viu seu amor partir. Malas prontas, casa desfeita, uma sensação de vazio e uma incômoda dor no peito formavam o retrato da partida de Carmella para o outro lado do oceano Atlântico.

“Irei atrás de ti, por mais longe que estejas... ficaremos juntos”, teria prometido Federico várias vezes antes do último adeus, numa tentativa de convencer Carmella e ele mesmo que essa decisão era imutável.

Vito e Concetta sabiam que a partida de Carmella seria um divisor de águas na vida do filho. Eles haviam testemunhado esse amor crescer e se consolidar. Com isso, tiveram que se resignar com o fato de que os planos de um casamento, de netos correndo pela casa e de uma sapataria em Caposele haviam desaparecido por completo.

Após uma semana chorando e sofrendo, o apaixonado Federico sentou-se com os pais na sala da modesta casa e comunicou que decidira ir mesmo atrás de Carmella. Tomaria, assim, um navio rumo à América do Sul logo que possível.

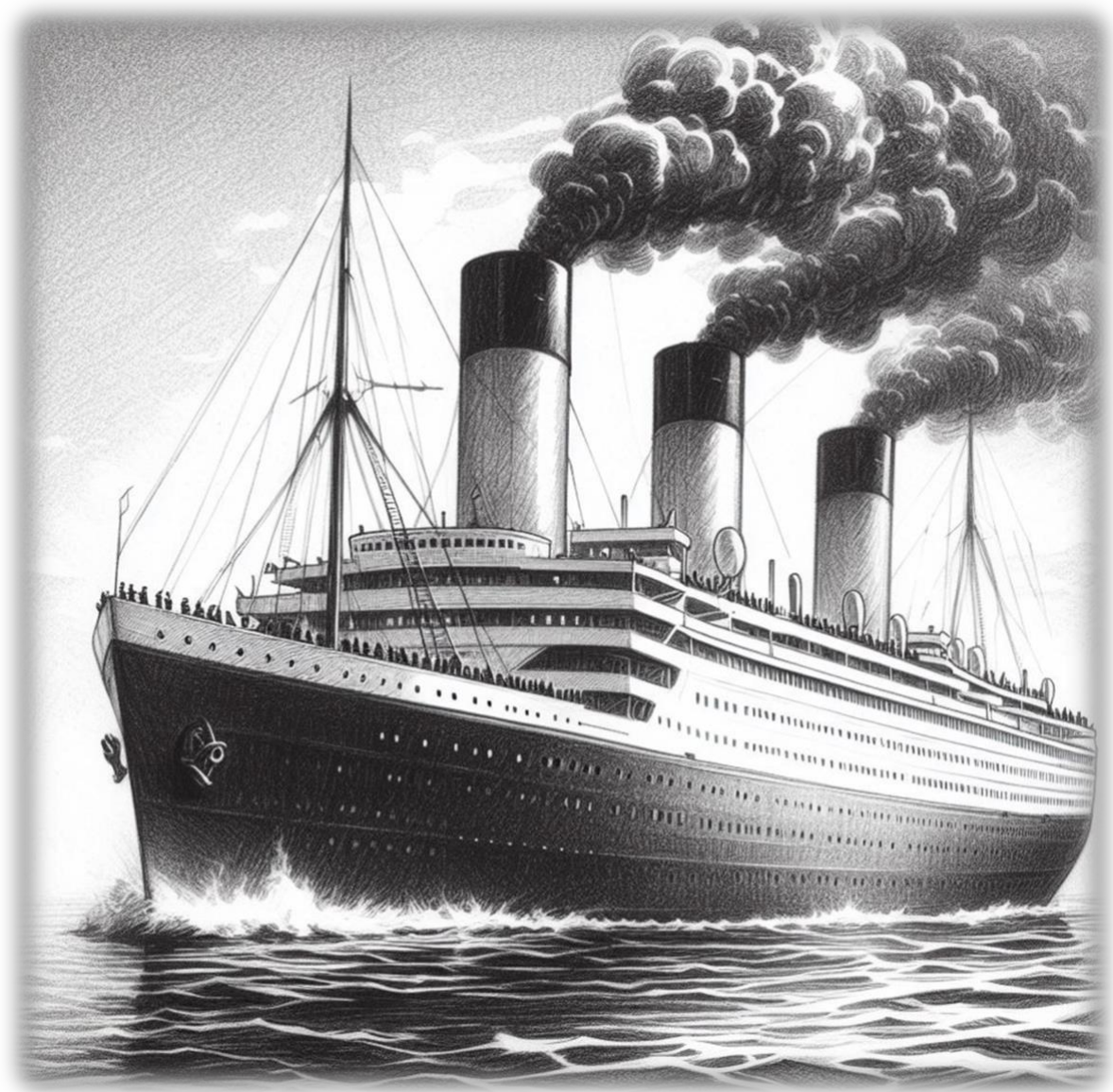
Vito e Concetta ficaram mudos, imóveis. Sabiam que nada poderiam fazer para deter o filho - um homem já feito de 24 anos!

“Não se consegue lutar contra o fogo da alma”, teria balbuciado a mãe.

Os três se abraçaram.

Um abraço longo, cheio de dor e de esperança.

Um abraço que deu a impressão de ter durado uma eternidade.



Tomaria, assim, um navio rumo à América do Sul logo que possível.

PARTE I - 2

A TRAVESSIA

Com um mapa na mão, Federico mediu palmo a palmo a distância entre a Itália e o Brasil, algo que, imediatamente, pareceu-lhe intransponível, mesmo se viajasse na melhor e mais veloz embarcação que se poderia ter à época. Por sorte, exatamente no final dos anos 1800, os navios italianos à vela tinham dado lugar aos movidos a vapor – mais rápidos e seguros! Isso reduzira a viagem entre Itália e Brasil, que era de pelo menos 60 dias, para a metade desse tempo. Muitos navios conseguiam, inclusive, fazer a travessia do Atlântico em três semanas – algo inimaginável até aquele momento, mas certamente um desejo ardente de todo o emigrante italiano.

Esse milagre da navegação transcontinental veio com o estabelecimento de uma companhia na Itália, a chamada La Veloce Line di Navigazione Italiana a Vapore, que foi fundada em 1884 e que possuía uma frota vapor rápida e moderna. Os navios a vapor tinham a capacidade de alcançar, pela primeira vez na navegação italiana, 16 nós de velocidade.

O seu mercado principal era exatamente as viagens entre a Itália e a América do Sul, uma vez que essa rota se tornara extremamente popular, já que muitos e muitos italianos acreditavam que teriam melhores condições de vida do outro lado do mundo.

Os dois portos da Itália mais importantes de onde partiam as embarcações rumo às Américas eram – Nápoles ao sul e Gênova ao norte. A maioria dos viajantes, portanto, tinha que atravessar um longo caminho dentro da própria Itália para começar sua jornada. Essa tarefa não era nada fácil, pois as famílias eram grandes, com malas abarrotadas de roupas, pertences pessoais e memórias.

As estradas deixavam muito a desejar, tornando difícil o deslocamento de um lado para o outro. Para Federico, como havia se passado com Carmella e sua família, essa distância, porém, era muito simples de ser percorrida, uma vez que Caposele ficava bem perto de Nápoles.

Essas questões todas, no entanto, não eram as maiores preocupações do jovem apaixonado Federico. Seus dias eram dedicados a percorrer estabelecimentos governamentais, pois ele precisava conseguir um documento emitido pelo governo brasileiro que lhe valeria como *“uma passagem”*.

O Brasil estava tentando conseguir mais mão de obra para substituir muito do trabalho escravo que desaparecera com a abolição da escravatura, recentemente oficializada com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel. Assim, com esse documento do governo brasileiro em mãos, as famílias italianas podiam ir legalmente morar e trabalhar no Brasil. Isso facilitava todo o processo de chegada e instalação dos viajantes europeus, pois permitia uma melhor inserção social nas comunidades locais e ajudava imensamente na busca por algum ofício que trouxesse um meio de subsistência.

A viagem desses emigrantes italianos, como Federico, no entanto, só era permitida nos aposentos da Terceira Classe da embarcação – em outras palavras, no porão dos navios, um local que tinha uma ventilação precária, condições sanitárias péssimas, era escuro e úmido.

Para complicar ainda mais a situação, o número de famílias alocadas nos porões dos navios excedia o que seria adequado, gerando uma superlotação. Em decorrência disso tudo, a infestação por piolho e surtos de doenças infectocontagiosas, como o sarampo, ocorriam com frequência. Como não havia uma forma adequada de tratar os doentes, muitos perdiam a vida no caminho, nunca aportando no destino tão almejado. Como também não havia uma maneira de se isolar os pacientes, a transmissão de doenças se perpetuava nos porões dos navios apinhados de gente.

No Brasil, essas embarcações tinham dois portos de entrada - um que ficava na cidade de Santos, no estado de São Paulo, e outro na cidade do Rio de Janeiro, a capital do Brasil. Muitos viajantes não sabiam em qual deles aportariam até embarcar no navio. Os que sobreviviam a travessia do Atlântico, logo após o desembarque e algum tipo de registro brasileiro, eram conduzidos para uma Hospedaria de Imigrantes, para, em seguida, serem levados às fazendas que lhes tinham sido designadas para começar o trabalho.

A lentidão da emissão do “*documento-passagem*” pelo governo brasileiro, no entanto, estava deixando Federico apreensivo. As semanas iam se revezando, os meses passando e nada de vir uma resposta definitiva, uma data certa para sua partida. Rumores aqui e ali apontavam para o fato de ele querer fazer a travessia sozinho, deixando sua família para trás.

“Imigrantes nessas condições estão mais sujeitos ao arrependimento, ficam com saudade de tudo, não se adaptam bem, adoecem e acabam tendo uma vida mais errática”, comentavam os oficiais, que cuidadosamente estudavam caso a caso, antes de liberar a documentação.

Cansado de esperar e sentindo a alma aflita pela falta de notícias de Carmella, Federico convenceu um de seus irmãos, o Vincenzo, e um amigo de infância, o Pietro, que se passou por um primo distante, a se juntarem a ele nessa aventura. E isso pareceu ter solucionado o problema da emissão da documentação. Depois de mais umas idas e vindas, finalmente as passagens chegaram para os três italianos.

“Rumo à América do Sul!!!!”, gritaram e brindaram os jovens, levantando no ar cálices de vinho tinto, que beberam rapidamente, com a alma envolta por uma mescla de esperança e de medo.

Daquele momento em diante, a vida dos irmãos Russomanno restringiu-se a uma sucessão de preparativos para a grande travessia do oceano Atlântico. Além dos necessários documentos para emigrar, levaram mais alguns que poderiam ser de utilidade no outro lado do mundo. Concetta ajudou os filhos na organização das roupas, lavando e costurando o que precisava de reparos. Vito não parava de dar conselhos em intermináveis conversas, tentando orientar os rapazes a fazerem escolhas acertadas, a sempre cumprirem a lei e a evitarem confusões.

Na última reunião com Federico e Vincenzo que teve antes da viagem, o pai tirou do bolso dois envelopes, que continham boa parte de suas economias que juntara ao longo da vida e que dividira equitativamente entre os dois irmãos.

“Não é muito, mas pode ser de ajuda na chegada”, falou Vito com a voz embargada e a mão trêmula ao entregar um envelope para cada filho.

O sapateiro trabalhou com afincos para deixar os sapatos de seu aprendiz como novos, lutando, frequentemente, com as lágrimas que brotavam de uma saudade antecipada. Afinal, Federico tornara-se mais do que um aluno dedicado e assíduo. Era com ele que o velho senhor havia se acostumado a passar os dias, conversando sobre a vida e até mesmo confessando alguns de seus segredos mais íntimos.

Na data estabelecida para a viagem, os três jovens italianos foram com as famílias até o porto de Nápoles, que estava barulhento, confuso e agitado com o ir e vir de viajantes, parentes, amigos e incontáveis trabalhadores do cais e dos navios ali ancorados.

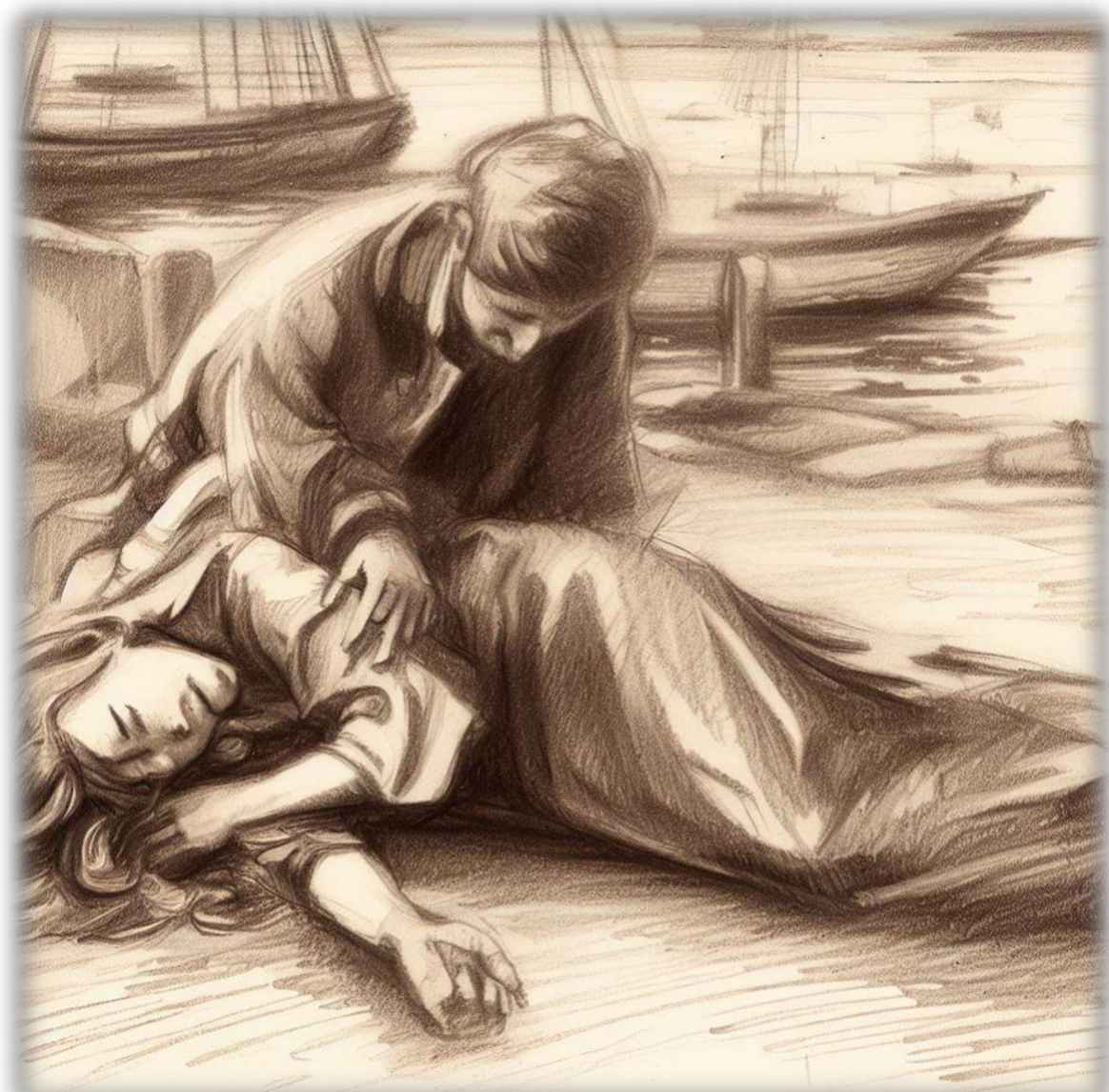
A emoção era grande! Muitos abraços, beijos, lágrimas e promessas encheram o porto de Nápoles.

“Ainda voltarei para a Itália”, disse Federico ao se despedir dos pais, retendo o choro e esboçando um sorriso pouco alegre.

Mas Concetta e Vito não acreditaram nas últimas palavras do filho. Ambos carregavam na alma a certeza de que nunca mais voltariam a ver Federico e Vincenzo.

O navio finalmente partiu e os abanos de adeus foram desaparecendo no horizonte de um dia bonito e frio.

Foi quando Concetta cedeu por completo e caiu desmaiada nos braços de Vito!



Foi quando Concetta cedeu por completo e caiu desmaiada nos braços de Vito!

PARTE I - 3

NO PORÃO DO NAVIO

Bem guardada entre seus documentos estava a carta que o pai de Carmella enviara com algumas notícias e o novo endereço da família em Montevideu. Essa correspondência, para desespero e decepção de Federico, fora a única que recebera de Angelo Maria desde sua partida de Caposele.

O pai de Carmella postara a carta com a esperança de que o apaixonado Federico tomasse coragem e cruzasse os mares atrás de sua filha. Ele era testemunha do sofrimento de Carmella com a ausência de Federico em sua vida. Muitas noites, ouvia seu choro doído já alta madrugada, o que o deixava ainda mais culpado por ter provocado a separação do casal.

“Mas era preciso buscar uma nova vida, um futuro melhor para todos nós”, repetia Angelo Maria para Colomba, quando os dois conversavam sobre o destino de Carmella.

Eles não escondiam o desejo de ver Federico aportando no Uruguai para se casar com a filha. Eles não dormiam sem pedir aos céus para que isso se tornasse, um dia, uma realidade. Assim, noite após noite, enquanto Carmella chorava, eles rezavam!

O navio que carregara a família Pizza tivera como destino a capital do Uruguai, localizada numa das margens do Rio da Prata. Montevideu foi assim batizada por ter ganho o nome “*monte vi eu*”, ou seja, um monte visível ou um monte que é visto ao longe ou mesmo um monte que se destaca na paisagem.

Ciente disso, Federico sabia que teria que achar logo uma maneira de se deslocar de Santos, no Brasil, seu porto de chegada, para a capital uruguaia. Somente dessa forma reencontraria Carmella, casaria com ela e ambos formariam uma linda família, em algum lugar na América do Sul, com muitos filhos, netos e bisnetos – como manda a tradição das famílias italianas. Pelo menos era esse o desejo de Federico, que vivia imerso e atordoado por sua paixão.

As condições do porão do navio que levava Federico, Vincenzo e Pietro eram as esperadas. Infelizmente! O odor dos muitos corpos suados somava-se ao cheiro de comida e dos dejetos da multidão que se apertava entre malas, sacolas que transbordavam roupas e colchões, lençóis, cobertores espalhados pelo chão. Para os três jovens aventureiros, os vinte dias sobre as águas do Atlântico pareciam vinte eternidades somadas.

Muitas vezes, o mal-estar era tanto, que muitos enfrentavam incessantes dores no estômago, que culminavam em náusea e vômito, o que contribuía para deixar ainda mais insalubre o porão do navio. Outros tinham sua mente afetada pelo balançar das ondas, as quais criavam um constante movimento pendular, mais ou menos intenso, dependendo dos intempéries do clima, levando a momentos de alucinação, com visões que residiam entre o sonho e a realidade.

Federico não escapou disso e, um dia, entrou num estado de confusão mental. Ao avistar um saco de farinha de mandioca, confundiu essa com parmesão ralado, servindo-se de uma boa porção de seu fictício queijo – uma história que levou consigo pela vida e não cansou de contar, arrancando boas gargalhadas de amigos.

“Era a saudade das comidas italianas”, concluía, também rindo muito.

Para escapar um pouco do ambiente insalubre do porão do navio, os três italianos buscaram alternativas para seus dias. A saída dos aposentos da Terceira Classe, porém, respeitava duas regras imutáveis e inegociáveis – somente era permitida se houvesse a autorização da tripulação e se tivesse algum tipo de trabalho necessário para ser feito.

Pietro logo encontrou uma maneira de passar horas e mais horas auxiliando na cozinha, pois era capaz de preparar pratos italianos como um chef com alta experiência. Aprendeu a lidar com massas, molhos, carnes e temperos com sua avó, a qual tinha a incumbência de fazer uma macarronada dominical para a extensa família, que se sentava ao redor de uma enorme mesa retangular, para confraternizar, após as rezas na missa celebrada na igreja local pela manhã.

Era ainda menino, quando começou a aprender com a avó, como cortar verduras, usar panelas, preparar molhos.

“Cuidado que o fogo queima”, dizia a velha senhora, observando o neto andar rapidamente de um lado para o outro na cozinha, muitas vezes perto das chamas das lenhas do fogão. E foi graças aos ensinamentos culinários da avó que Pietro conseguiu se safar por horas a fio das precárias condições do porão do navio.

Os irmãos Russomanno também tiveram a sorte a seu favor. Vincenzo era um rapaz forte, com boa vitalidade e uma musculatura bem desenhada nos braços e nas pernas. Ele, assim, logo arranhou uma maneira de usar de sua força física para ajudar no trabalho de limpeza e manutenção da grande embarcação.

Diariamente, carregava cordas longas e máquinas pesadas de um lado para o outro, também usando, com uma certa destreza, as ferramentas necessárias para consertar isto ou aquilo. Tudo somado acabou fazendo de Vincenzo um trabalhador necessário nas lidas diárias do navio.

Federico, por sua vez, era até um homem forte, um pouco mais alto do que o irmão, mas não possuía as mesmas aptidões físicas e nem a experiência de lidar com ferramentas e máquinas que Vincenzo tinha. Federico era mais magro, com a musculatura menos desenvolvida e em nada preparado para o trabalho braçal. Sabia, porém, que poderia ser muito útil se lhe dessem um par de calçados para arrumar, pintar, engraxar. E foi o que se passou! Os passageiros das outras classes e mesmo alguns membros da tripulação começaram a usar – e até a abusar – de seu talento para manter botas e sapatos em condições mais apresentáveis. Afinal, o inevitável contato com o sal das águas do Atlântico e com os raios do Sol, que já começavam a ficar mais fortes, graças ao clima do hemisfério sul, acabava danificando o couro dos calçados.

Assim, os três amigos conseguiram amenizar o tempo de permanência nas péssimas condições do porão do navio. Isso valia para o dia, porém. Nas longas noites da travessia do oceano, tinham que dividir com a grande população de emigrantes italianos o mau cheiro e a insalubridade do local. As horas e horas de trabalho, desde o momento em que o Sol se levantava até as estrelas aparecerem no firmamento, deixavam Federico, Vincenzo e Pietro tão exaustos, que isso ajudava o trio de amigos a dormir profundamente, diminuindo o sofrimento de estar viajando no insalubre porão do navio.

Carmella, no entanto, não teve a mesma sorte durante a sua viagem de Nápoles para Montevideú. As mulheres, especialmente as mais jovens, raramente conseguiam alguma atividade para fazer. Assim, uma das regras imutáveis e inegociáveis, não era contemplada, e elas tinham que ficar trancafiadas na Terceira Classe da embarcação durante a toda a travessia.

Sua salvação foi a Bíblia, que carregava sempre consigo, como se fosse uma parte de seu próprio corpo. Assídua nas missas dominicais da Igreja de Caposele, Carmella era uma obstinada devota de Deus, de Jesus Cristo e de todos os Santos que teriam feito este ou aquele milagre. Por um deles, no entanto, ela tinha um carinho especial e era para ele que Carmella oferecia muitas de suas rezas diárias – o San Gennaro!

Uma estreita relação com San Gennaro nunca foi incomum no sul da Itália, especialmente em Nápoles, por ter sido designado o padroeiro da cidade há muitos séculos. Assim, Carmella apenas seguiu uma tradição local, deixando claro que sempre ficou inconformada com a forma com a qual ele foi perseguido e morto.



O insalubre o porão do navio.

Na fé cristã, San Gennaro foi um mártir, que sofreu tortura e foi decapitado, na última fase da perseguição de Diocleciano. Esse imperador romano foi o responsável pela Grande Perseguição aos cristãos, algo que Carmella nunca entendeu ou perdoou. À época, os cristãos eram vistos como “criaturas estranhas”, nem de todo romanos e nem de todo bárbaros. Dessa forma, as práticas religiosas cristãs eram tidas como uma grande ameaça aos ritos mais tradicionais do povo romano.

Após sua morte, San Gennaro teve um pouco de seu sangue colocado em duas ampolas, as quais foram levadas, juntamente com algumas de suas relíquias, para a Catedral de Nápoles, quando então um fato curioso foi reportado - o milagre da liquefação do sangue - sua passagem do estado sólido, o sangue já coagulado dentro das ampolas, para o estado líquido!

Conta a fé cristã que isso se passou pelo menos duas vezes com o sangue de San Gennaro – 19 de setembro, dia de sua morte, no ano de 305, e quando salvou Nápoles de uma terrível erupção do vulcão Vesúvio, em 16 de dezembro de 1631.

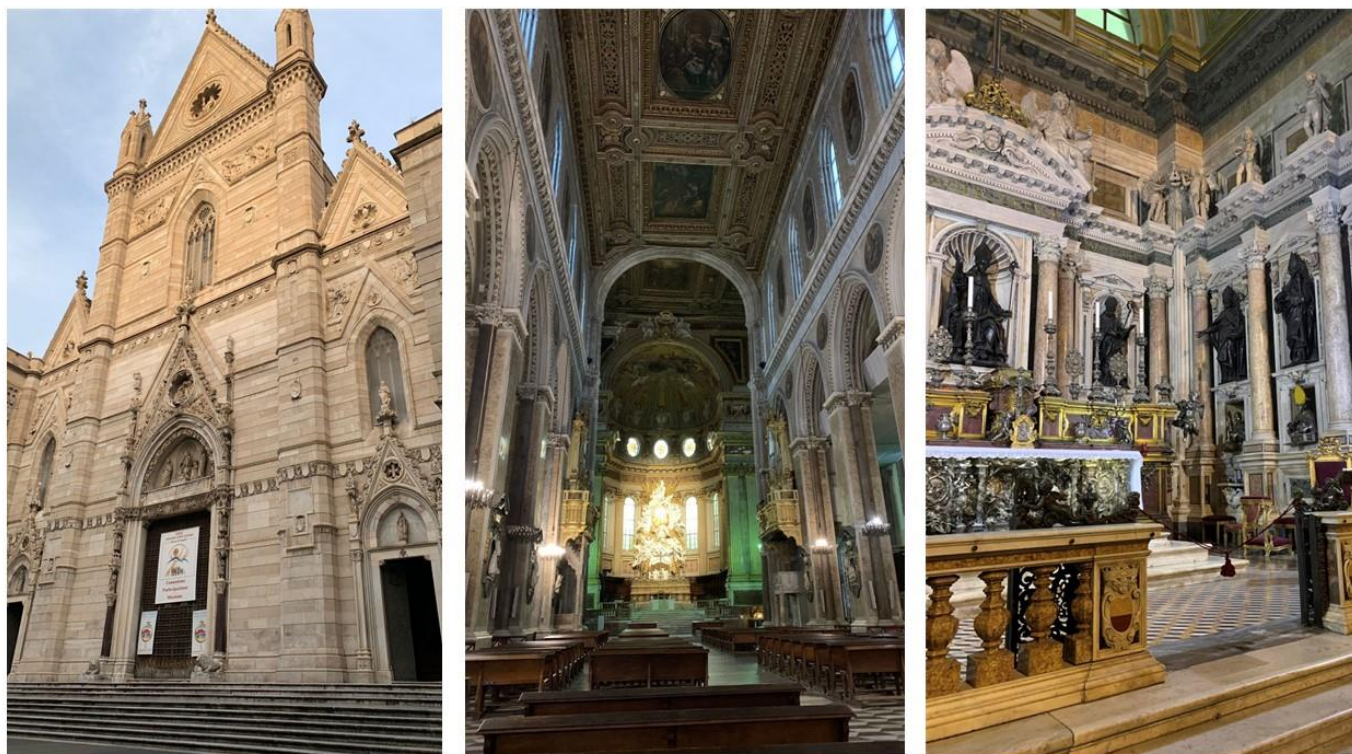
Para os mais devotos, como Carmella, esse fenômeno inexplicável vem sendo, por séculos, considerado “autêntico e digno de fé pelas autoridades eclesiásticas”, sentença que sempre repetia, olhando para cima, com as mãos erguidas no ar, como se estivesse falando diretamente com San Gennaro, toda vez que o milagre da liquefação de seu sangue era posto em discussão.

Apesar de não saber ler ou escrever, Carmella “lia”, linha a linha, as passagens bíblicas, o que era considerado por todos como um milagre dos céus, pois ela era incapaz de tal façanha com qualquer outro livro – fosse ele religioso ou não! E foi “lendo” a Bíblia durante os dias e rezando para San Gennaro nas noites da travessia, que Carmella conseguiu suportar as péssimas condições da Terceira Classe do navio e chegar feliz e saudável no porto de Montevideú.

Sim, ela esbanjava saúde e estava contente, pois tinha total certeza de que San Gennaro atenderia suas preces. Seu coração dizia que, em breve, reencontraria Federico, “o homem de minha vida, com quem me casarei e construirei uma linda família com muitos filhos, netos e bisnetos!”, repetia inúmeras vezes em pensamento, logo fazendo o sinal da cruz, como uma forma de enviar uma discreta mensagem a San Gennaro, lembrando ao santo do compromisso que ele tinha com ela.

Carmella pisou no Solo uruguaio com a mesma determinação que Federico pisou no Solo brasileiro - apenas alguns meses depois!

Talvez isso possa ser adicionado à lista de milagres de San Gennaro!



Catedral de Nápoles

Vista externa (esq), parte interna (centro) e Basílica Pontificia de San Gennaro (dir)

Fotos – Thais Russomano & Mary Upritchard

(Jan de 2023)

PARTE I - 4

VIDA NOVA

O Porto de Santos estava lotado. O navio mal atracara no cais e uma agitação se estabelecera rapidamente. Gritos da tripulação misturavam-se ao choro de crianças, malas e sacolas eram arrastadas de um lado para o outro, enquanto um empurra-empurra de pessoas apressadas obstruíam passagens.

Anúncios indicavam os locais para onde deveriam se dirigir homens, mulheres e crianças que precisavam de documentação para entrar legalmente no país. Com isso, enormes filas começavam a se formar em frente a guichês, onde oficiais do governo brasileiro davam início ao processo de cadastramento dos recém-chegados imigrantes italianos.

Federico, Vincenzo e Pietro decidiram ficar juntos e, assim, tomaram a mesma fila. Logo perceberam que a língua era uma barreira na comunicação e que gerava, inevitavelmente, uma certa confusão na hora de preencher os formulários necessários para a organização da chegada dos italianos no Brasil – o que lentificava tudo ainda mais. Os três amigos haviam aprendido um pouco de português durante a travessia, mas rapidamente viram que o conhecimento que tinham da nova língua não era suficiente. Os oficiais do setor de registro brasileiro, por sua vez, arranhavam o italiano e foi assim, num duelo de sotaques, expressões e frases que mesclavam as duas línguas, que as filas foram andando e os registros acabaram sendo todos feitos.

Esse processo, porém, durou horas intermináveis. Os imigrantes testemunharam o Sol da manhã ceder lugar ao Sol da tarde. Logo depois, viram o céu de um forte azul ficar, primeiro, com uma cor de azul pálido para depois escurecer de vez, quando então estrelas começaram a despontar aqui e ali no céu de Santos. Era o sinal de que a primeira noite em Solo brasileiro se aproximava.

Os três amigos estavam exaustos com os difíceis dias no navio, a ansiedade da chegada, a apreensão pela vida nova que se desenhava, o cansaço físico de estar ali em pé por tanto tempo, a estressante confusão sonora das línguas, uma forte sensação de mal-estar e até de uma fraqueza incômoda, causada pela fome e sede que sentiam, pois nada tinham comido ou bebido desde o momento em que o navio atracara no porto. No topo disso tudo, a fila que eles estavam se movia ainda mais lentamente do que outras, pois a prioridade era dada para as famílias com bebês, crianças pequenas e idosos, bem como para qualquer um

que estivesse doente, apresentando algum sintoma, sofrendo de algum mal. Esses últimos, inclusive, eram encaminhados diretamente para o médico, contratado para trabalhar no cais do porto, toda vez que algum navio vindo do outro lado do mundo ali chegava. Sua mais importante missão era diagnosticar o que afligia o viajante, especialmente atentando para a mais tênue possibilidade de uma doença contagiosa que pudesse se espalhar rapidamente com consequências desastrosas para a comunidade local.

Depois da longa espera, Federico, Vincenzo e Pietro finalmente tomaram nas mãos os documentos brasileiros, papéis e mais papéis cheios de carimbos e assinaturas, e foram comer e beber no primeiro lugar que encontraram ali por perto. Estavam com as barrigas vazias, as bocas secas, os corpos suados e as almas cansadas!

O estabelecimento, uma espécie de bar, restaurante e dormitório, que encontraram chamava-se Cais dos Santos. Ali, poderiam beber, comer e ainda passar à noite, se tivesse vaga e se eles pudessem pagar pela hospedagem. O dinheiro que tinham, porém, era pouco e ainda numa moeda que parecia não ter qualquer valor no Brasil.

Mais uma vez, o trio teve que usar do seu parco português, para fazer pedidos e negociar preços. Felizmente, Antônio, o dono do Cais dos Santos, era um imigrante português, que estava acostumado com o ir e vir de estrangeiros de várias partes do mundo e conseguiu estabelecer uma boa comunicação com os italianos recém-chegados.

“Um prato de comida e um copo d’água estão bem para mim”, concluiu Federico, pensando em preservar o pouco dos trocados que o pai lhe tinha dado antes de sua partida de Caposele. Ele precisava economizar tudo que podia para a viagem até o Uruguai.

“De jeito nenhum!”, apressou-se em falar Pietro, num tom de voz mais alto, rindo e abraçando, ao mesmo tempo, os irmãos Russomanno. “Temos que brindar com um bom vinho”.

Os três, ainda entrelaçados, com os braços uns sobre os outros, concordaram em comprar uma garrafa de vinho tinto, a mais barata possível, e dividir o custo entre eles, pois o momento pedia mesmo por uma celebração – indiscutivelmente, fora uma vitória terem chegado sãos e salvos em Solo brasileiro!

A primeira garrafa de vinho tinto levou a uma segunda e, depois, a uma terceira, apesar das reclamações que faziam quanto à qualidade do produto, o qual, concordaram, ficava muito aquém do vinho tinto produzido nas vinícolas italianas.

Enquanto o álcool descia fácil e a comemoração consumia as horas da noite santista, a conta a pagar crescia rápido. Embriagados, Federico, Vincenzo e Pietro começaram então a cantar músicas da *“amada Itália”*, já sentindo na alma uma enorme saudade da vida em Caposele e das famílias que tinham deixado para trás.

Antônio percebeu que a alegre celebração estava dando lugar a uma nostalgia pesada, repleta de emoções confusas, bem o que ele sentira quando aportara no Brasil há mais de duas décadas.

“A primeira noite é sempre a mais difícil...”, falou em voz baixa, enquanto trabalhava atrás do balcão, recordando dos momentos de angústia que passara anos e anos atrás. Nunca mais tinha voltado a Portugal, apesar das várias tentativas – todas frustradas por um motivo ou por outro. Antônio acreditava piamente que os três jovens italianos também acabariam nunca retornando ao seu país de origem.

Quando o dia amanheceu, Federico, Vincenzo e Pietro acordaram num dos quartos do Cais dos Santos. Era cedo, mas os raios do Sol já entravam com força, esquentando as três camas e despertando o trio de amigos. Estavam todos de ressaca, com muita dor de cabeça, meio nauseados, confusos com tudo que tinha se passado nas últimas 24 horas e sem entender que lugar era aquele.

Foi quando Antônio apareceu na porta do quarto. A conta da noite anterior, obviamente, não havia sido paga – comida, bebida, acomodação! Os três se entreolharam assustados.

Pietro, porém, apresentou uma proposta ao problema que parecia ser insolucionável. Ele ficaria ali, talvez por uma semana, talvez mais, trabalhando na cozinha – produziria o melhor da culinária italiana para fregueses e hóspedes, em troca de comida e uma cama para dormir. Logo, Vincenzo se prontificou a fazer o mesmo. Trabalharia com afinco para consertar isso ou aquilo, pintar paredes, arrumar vidros quebrados. Em troca, dividiria o quarto com Pietro, pagaria pela comida e pela conta em haver!

Federico, no entanto, precisava partir o quanto antes. Seu rumo era a capital do Uruguai! Ele não ficaria em Santos por nada desse mundo. Antônio e os amigos entenderam sua situação e o ajudaram nos preparativos. Documentos, roupas e alguns pertences pessoais que sobreviveram a travessia do Atlântico foram colocados dentro de uma mala.

A viagem seria longa mais uma vez, pois ele teria que percorrer uns mil e quinhentos quilômetros de navio. Federico tomou na mão a carta de Angelo Maria e guardou-a dentro do bolso da camisa. Ali estava o endereço da família Pizza em Montevideú.

E era para lá que ele iria, atrás de sua Carmella!



O estabelecimento, uma espécie de bar, restaurante e dormitório, que encontraram chamava-se Cais dos Santos.

PARTE I - 5

O REENCONTRO

O momento da partida de Santos rumo a Montevideu não foi nada fácil. Pela primeira vez, desde que deixara a Itália, Federico tinha ciência de que ficaria totalmente sozinho, o que lhe causava uma mescla de medo e excitação. Longe de tudo e de todos, contaria apenas com ele mesmo para lidar com os problemas que certamente teria que enfrentar na sua nova vida na América do Sul.

Antes de sair do Cais dos Santos, Antônio deu-lhe um longo e apertado abraço, desejando sorte e sucesso na viagem e no reencontro com sua amada. Apesar da breve convivência, o português se apegara ao trio de viajantes, pois os jovens italianos traziam-lhe vívidas lembranças do início de sua vida em terras brasileiras. Ele ainda fez o favor de trocar o dinheiro da Itália pelo do Brasil, conseguindo até mesmo um pouco da moeda uruguaia, algo que ajudou imensamente Federico na viagem e quando aportou em Montevideu.

Finalmente, chegara o dia da partida. Era uma linda manhã santista. O relógio marcava 7 horas e o Sol já brilhava firme no horizonte, expulsando as estrelas do céu e indicando que o dia seria quente. Vincenzo e Pietro acompanharam Federico até o cais do porto. Ninguém falou durante o trajeto. Os três iam mudos, lado a lado, envoltos em pensamentos e emoções. O silêncio era pesado, só quebrado pelo barulho dos sapatos pisando forte no chão.

E foi assim, sem dizer uma palavra, que os três se abraçaram e choraram juntos, numa despedida doída.

Federico não viu o incessante abano em gesto de adeus de Vincenzo e Pietro, pois entrou no navio sem olhar para trás, buscando dentro de si uma força indelével de ir em frente. Numa mão, ele carregava a mala. Na outra, Federico levava uma sacola com alguns mantimentos que Antônio fizera questão de preparar para ele – pão, queijo, bolachas, um suco de laranja e um doce caseiro típico da culinária portuguesa. Pietro disfarçou daqui, disfarçou dali e, sem ninguém notar, ainda conseguiu colocar escondida uma garrafa de vinho tinto na sacola de mantimentos de Antônio.

“Para o início da viagem!”, disse o velho senhor, numa engraçada mistura de línguas e sotaques, ao entregar os mantimentos para Federico. “Ninguém pensa bem de barriga vazia”, completou.

A viagem entre Santos e Montevideu levou pouco mais de duas semanas. O navio parou em alguns portos para entregar ou pegar alguma carga e desembarcar ou embarcar passageiros. Apesar de ter comprado a passagem mais barata possível, o que consumiu um bom naco de suas economias, as acomodações eram bem melhores do que as do porão do navio italiano. Ele tinha pelo menos uma cama e um par de cobertores, numa cabine que dividia com mais três – nenhum deles italiano – acesso a banhos diários, se assim desejasse, e, por mais uns trocados, poderia comer duas refeições por dia.

E foi dessa forma que Federico cruzou os mais de mil quilômetros que o separavam de Carmella, vendo o ciclo da natureza se processar diariamente, com o revezar do Sol e das estrelas. Em muitas noites, já deitado, acendia uma vela para ler e reler a carta de Angelo Maria. O endereço da família Pizza ele decorara, pois tinha a certeza de que a memória era a forma mais segura de guardar uma informação importante. Ele postara uma carta antes de sair da Itália, mas não tinha como saber se ela chegaria ou não ao endereço de destino. Nela, Federico apenas comunicava que estava começando sua viagem rumo à América do Sul e que, em pouco tempo, estaria no Uruguai. No final dos anos 1800, no entanto, uma correspondência levava meses para cruzar o Atlântico de um lado a outro e, muitas vezes, perdia-se pelo caminho.

Numa determinada área do navio, eram permitidas música e dança, que encantavam e divertiam passageiros e os níveis hierárquicos mais altos da tripulação. Comida e bebida faziam parte dessas confraternizações, que ocorriam nas quartas e nos sábados à noite. Federico, porém, não tinha qualquer chance de participar das festas no navio com a passagem que adquirira. Mas isso não parecia incomodá-lo. Ele arranhou um lugar relativamente próximo do salão de festas, onde ficava confortavelmente acomodado, meio deitado e meio sentado, com as estrelas brilhando no firmamento sobre sua cabeça. Ali, passava horas ouvindo um pouco da música e do zum-zum-zum das sempre animadas conversas. Era quando tinha a oportunidade de pensar sobre o turbilhão que se tornara sua vida, desde o momento em que a família Pizza decidira cruzar os mares em busca de uma vida melhor, levando para o outro lado do mundo sua grande paixão. Eram nessas horas que a garrafa de vinho tinto de Pietro cumpria seu papel e lhe servia de companhia e de consolo.

Foi numa noite de Lua cheia que o navio atracou no porto de Montevideu. Como fizera Carmella algum tempo atrás, Federico tomou seus pertences, desceu até a terra firme e pisou com determinação o Solo uruguaio. Havia chegado!

A luz do luar iluminou os passos do jovem italiano pelas ruas da capital do Uruguai. Mais uma vez, o idioma foi uma barreira, mas nada impediria Federico de chegar até a casa da família Pizza. Usando uma mistura de línguas, ele foi perguntado para um e para outro onde ficava o endereço escrito na carta. E todos foram ajudando, apontando para a direção certa que o levaria até Carmella.

Já passava das 21 horas de uma noite fria, quando ele bateu à porta! Demorou um pouco até Angelo abri-la.

“Meu Deus do céu... Federico!”, gritou o velho senhor italiano, abraçando com força o futuro genro.

O resto da família correu para ver o que estava acontecendo.

Foi quando o olhar de Carmella e o de Federico se reencontraram.

E nunca mais se separaram!



A luz do luar iluminou os passos do jovem italiano pelas ruas da capital do Uruguai.

PARTE I - 6

O CASAMENTO

Assim que igreja e data foram escolhidas para o casamento de Federico e Carmella, uma ansiedade difusa tomou conta da família Pizza. A noiva não abriu mão de ter a cerimônia celebrada na Igreja Nuestra Señora del Carmen, pois foi nela que Carmella rezou dia após dia para San Gennaro trazer para seus braços o seu amado de Caposele. Indiscutivelmente, para ela, o santo ouvira mesmo suas preces e atendeu seu pedido! San Gennaro realizara o que poderia ser classificado como *“um milagre dos céus”*, no entendimento da jovem devota.

Nuestra Señora del Carmen ainda era uma igreja acanhada, quando o casamento de Federico e Carmella ocorreu, em 6 de julho de 1889, mas logo em seguida tornar-se-ia maior e mais robusta, inclusive ganhando novos altares e uma imponente fachada no estilo neoclássico. Ao longo do tempo, essa igreja uruguaia sempre foi tida como um importante santuário católico, dedicado à Virgem Maria e sua adoração à Santa Maria del Monte Carmelo, localizada no bairro de La Aguada em Montevideu – por isso, recebeu o apelido de igreja Aguada!

A chegada inesperada de Federico transformou por completo a recém-criada rotina da família Pizza nas terras uruguaias. O pouco dinheiro que ainda tinha não permitia que ele se sustentasse em Montevideu – as acomodações eram caras e a alimentação, inacessível para os trocados que carregava. Os documentos que recebera em seu desembarque em Santos legalizava a sua permanência e o seu trabalho no Brasil, mas não no Uruguai! Assim, ele não tinha meios de conseguir um emprego para ajudar no seu sustento.

Dessa forma, mesmo indo contra as tradições sociais vigentes, Federico acabou hospedado na casa dos Pizza, pois essa era a única Solução plausível. Obviamente, os noivos aprovaram essa decisão de Angelo Maria e Colomba com um largo sorriso nos lábios e uma imensa felicidade no coração. A saudade de ambos era enorme, tão grande quanto o tamanho do oceano Atlântico que, por tanto tempo, separara o casal – e ainda multiplicado várias vezes!

Mas as regras sociais precisavam ser respeitadas à risca – Federico e Carmella não poderiam ficar sozinhos antes de consolidar matrimônio – *“em hipótese alguma!”*, enfatizava

Angelo Maria, em voz alta, em tom de ordem, com mãos e braços para cima, como se estivesse fazendo ali um pacto com os céus.



Igreja Nuestra Señora del Carmen

Aguada, Montevideú, Uruguai

en.wikipedia.org/wiki/Nuestra_Se%C3%B1ora_del_Carmen,_Aguada,_Montevideo#/media/File:Nuestra_Se%C3%B1ora_del_Carmen.jpg

(9 de agosto de 2010)

CC BY-SA 3.0

Como parte da nova rotina, Federico e Carmella saíam diariamente para caminhadas próximos à casa dos Pizza, sempre acompanhados por algum membro da família, que tinha a incumbência de evitar qualquer contato físico ou conversas mais ousadas entre eles. Essa proximidade, no entanto, foi muito boa para ambos, pois eles puderam se conhecer melhor antes de selar o matrimônio.

Federico logo entendeu que sua futura esposa era uma mulher à frente de seu tempo, mais perspicaz, audaciosa, intuitiva e inteligente do que ele mesmo tivera a chance de perceber, quando namoravam na pequena e distante Caposele. Ele tinha certeza de que ela jamais aceitaria viver num papel secundário ou de dependência na relação dos dois.

E Federico passou a admirar mais a sua futura esposa!

Carmella, por sua vez, conseguiu avaliar melhor o bom coração que batia no peito de seu noivo. Ele sempre fora um homem reservado, de poucas palavras, que sabia muito bem esconder ou disfarçar suas emoções, por medo ou vergonha, tendo ficado muitas vezes difícil decifrar o que realmente se passava em sua alma. Agora, porém, apesar de o coração do noivo seguir sendo um cofre fechado, ela tinha a chave para abrir sua porta a hora que bem quisesse.

E Carmella passou a admirar mais o seu futuro marido!

Angelo Maria escreveu uma longa carta para Vito e Concetta, contando da chegada de Federico a Montevideú e da alegria de vê-lo bem, saudável e forte, após a longa travessia do Atlântico. Falou também no casamento que estava prestes a acontecer e do orgulho que tinha de ver a filha firmando laços com um homem digno, bom e trabalhador, como Federico. Sabia, no fundo, que ninguém da Itália viria para a cerimônia, mas achou que era seu dever dar notícias e comunicar aos pais do noivo tudo que estava se passando.

Federico fez o mesmo. Mandou uma correspondência para a família na Itália e outra para Antônio, Vincenzo e Pietro, usando como endereço o do Cais dos Santos. Ele duvidava muito que algum deles se deslocasse até Montevideú para participar das festividades do seu casamento com Carmella. A viagem era longa e custava um dinheiro que, sabia, eles não teriam. Como Angelo Maria, porém, Federico sentiu-se na obrigação de mandar notícias e avisar de seu iminente matrimônio.

O tão esperado dia finalmente chegou! Federico teve que sair antes de casa, pois seria mal agouro ver Carmella vestida de noiva antes do casamento. Assim, ele e Angelo Maria, trajando o que tinham de melhor, dirigiram-se um pouco mais cedo para os arredores da igreja e, na hora marcada, entraram na Nuestra Señora del Carmen para o grande acontecimento.

O noivo estava nervoso. Ele tinha no peito o coração batendo apressado e as mãos estavam molhadas de suor. Com um atraso mínimo, Carmella e Colomba chegaram – ambas também ansiosas! Com um lindo vestido de noiva, herdado do casamento da mãe, e um pequeno buquê de flores na mão, Carmella foi conduzida até o altar por Angelo Maria, onde estavam Federico e o padre à espera. O vestido fora acomodado na mala de Colomba na esperança de poder ser, um dia, usado pela filha – *“não foi uma premonição, foi um desejo!”*, pensou a mãe de Carmella, quando viu a noiva, linda, trajando o seu vestido.

A igreja não tinha qualquer decoração e nenhuma música tocou durante a cerimônia. Além da família Pizza, foram dois amigos de Angelo Maria, que conhecera no recente trabalho que começara, e uma vizinha de Colomba, que costumava conversar com ela, quando as duas mulheres cansavam da lida da casa e iam até a porta para tagarelar um pouco, numa mistura de línguas e numa combinação de sotaques que as faziam rir muito.

Em alguns momentos, Federico olhou para a entrada da igreja, na esperança de ver chegar Vincenzo, Pietro e Antônio, mas, como previsto fora, a longa distância a percorrer e o custo da viagem tornaram-se barreiras intransponíveis para eles.

Federico também pensou muito no pai e na mãe, lá longe, na pequena e distante Caposele, pois sabia que ambos ficariam muito felizes em vê-lo casando-se com Carmella. A vida, no entanto, tinha o poder de criar sua própria história e, nas confusas linhas que redigia, não estava escrito que Vito e Concetta estariam presentes no seu casamento.

A cerimônia foi seguida de uma celebração com um bolo e alguns doces, tudo preparado por Colomba, na casa dos Pizza. Angelo Maria fez questão de brindar com um bom vinho tinto, *“comprado especialmente para esse momento!”*, confessou, ao distribuir as taças. Com um enorme sorriso nos lábios, ele ergueu o vinho no ar e almejou muita felicidade, filhos e netos, uma vida próspera e muita saúde para o casal que estava começando uma vida nova no Uruguai.

Mal sabia Angelo Maria, porém, que os planos de Federico e Carmella eram outros. Nas caminhadas diárias, eles tiveram a chance de conversar sobre seu futuro na América do Sul, onde deveriam fincar raízes e estabelecer as condições necessárias para construir uma família. E as terras uruguaias não faziam parte desse plano de vida!

Assim, uma semana depois do casamento, Federico e Carmella comunicaram à família Pizza, durante o jantar, a decisão de deixar Montevideú e ir morar no Brasil.

“Pelotas, onde fica isso?!”, perguntou ríspidamente Angelo Maria, percebendo que uma decisão dessas implicaria no desmembramento da família Pizza. Eles ficariam, para sempre, longe da filha. Colomba ouvia a conversa calada, mas logo pegou sua bíblia e começou uma reza misturada com um choro.

Federico abriu um mapa da América do Sul sobre a mesa.

“Fica no Rio Grande do Sul, o estado mais sulino do Brasil, relativamente perto daqui. Esse estado, inclusive, faz fronteira com o Uruguai”, falou, apontando para a localização geográfica da cidade brasileira, numa tentativa de amenizar a angústia dos pais de Carmella.

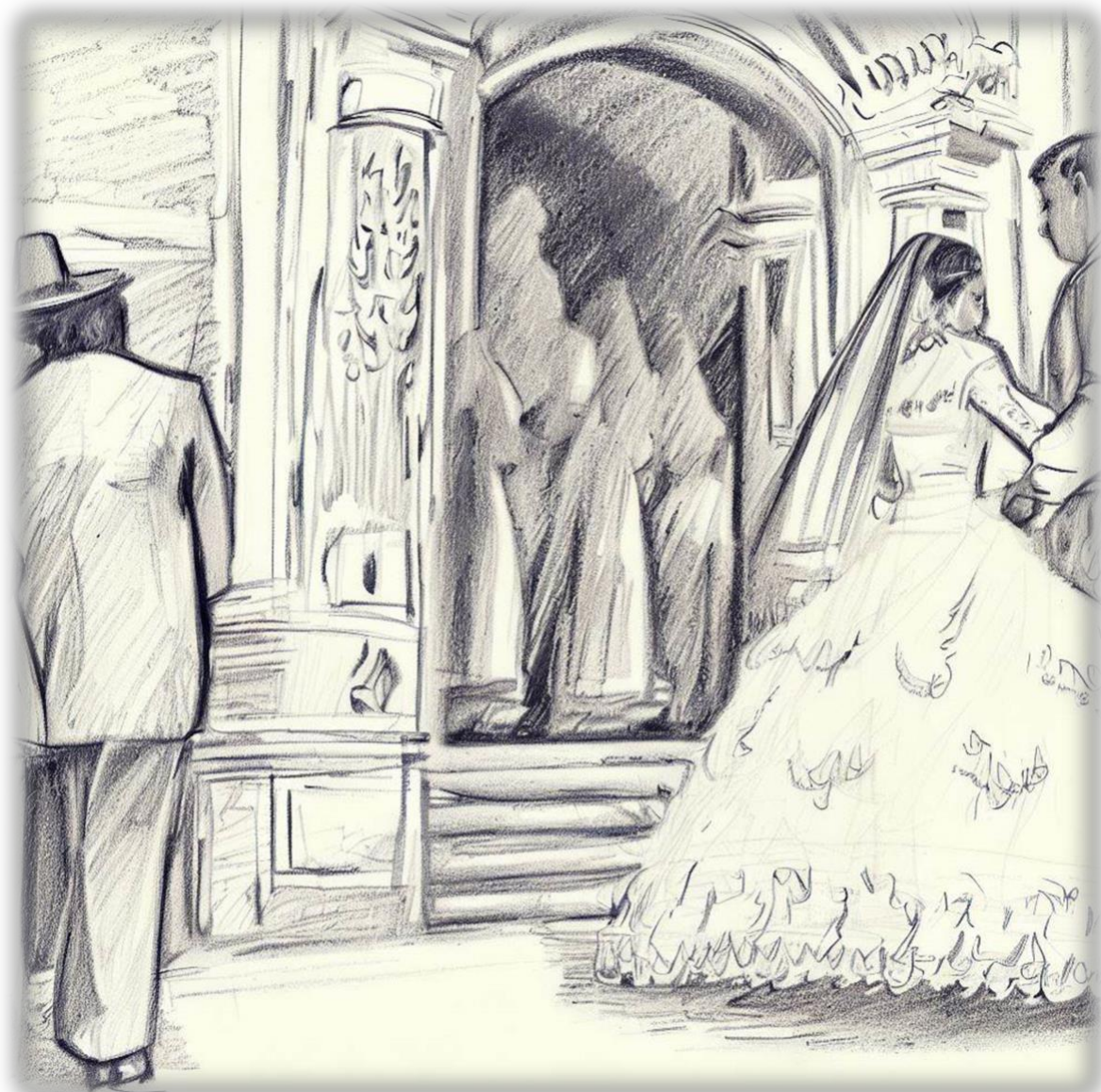
“Todos terão muitas oportunidades de passar longas temporadas com a filha e, mais tarde, com os netos que estão por vir”, ainda tentou enfatizar Federico. Mas seu esforço de nada adiantou para convencer Angelo Maria e Colomba de que viagens entre Montevideu e Pelotas seriam, sim, viáveis, com algum planejamento e organização financeira.

O dia mal tinha amanhecido, quando Federico e Carmella acordaram com o barulho de uma intensa movimentação pela casa.

“Vamos todos para Pelotas!”, restringiu-se a dizer Colomba, ao ver os dois parados na porta do quarto, com uma expressão confusa. “Seu pai já decidiu”, completou a mãe de Carmella, sabendo que isso era algo inquestionável.

E todos dividiam a certeza de que era mesmo!

Uma decisão de Angelo Maria era sempre imutável!



A igreja não tinha qualquer decoração e nenhuma música tocou durante a cerimônia.

PARTE I - 7

MUDANÇAS

Os anos 1800 foram marcados por eventos políticos e sociais que eclodiram nos dois lados do Atlântico e que tiveram o poder de redesenhar para sempre a história brasileira, influenciando todos que moravam e trabalhavam no Brasil, fossem eles brasileiros natos ou imigrantes, como os italianos das famílias Pizza e Russomanno.

Ainda nas primeiras décadas do século 19, fatos importantes começaram a reestruturar a relação entre Portugal e o Brasil. Em 1820, começou um movimento militar no Porto, a chamada Revolução Liberal, um levante apoiado por figuras sociais proeminentes, pois todos andavam insatisfeitos com a crise política e econômica que o país enfrentava.

A causa dessa confusão toda teria sido a transferência, em 1807, da Corte Real portuguesa para o Brasil. Isso se passou porque Napoleão Bonaparte proibira todos os reinos europeus de comercializarem produtos com a Inglaterra, o que, rapidamente, tornou-se uma enorme preocupação, pois era justo esse país o maior parceiro econômico português. Assim, por não acatar o chamado Bloqueio Continental e, ao mesmo tempo, para evitar represálias napoleônicas que certamente viriam, Dom João VI mudou-se para o Brasil, levando consigo toda sua Corte.

O plano funcionou até os portugueses exigirem o retorno do rei às suas terras, pois queriam fortalecer a posição de Portugal como o centro administrativo e político do reino. Sem saída, Dom João VI e a Corte Real viram-se forçados a voltar a Portugal. Foi quando seu filho Dom Pedro se tornou o regente do Brasil. Dois anos depois, em 7 de setembro de 1822, ele mesmo declarou a independência do país, às margens do Riacho do Ipiranga, em São Paulo, tornando-se, então, o primeiro imperador do Brasil, e ficando no poder até o ano de 1831, quando, seu filho, Dom Pedro II, assumiu a posição do pai.

As mudanças políticas, sociais e econômicas seguiram se processando ao longo dos anos 1800, tendo sido pontuadas por outros dois grandes eventos ocorridos no final desse século e que remodelaram ainda mais a vida no Brasil – a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

Foi exatamente nesse período bastante turbulento da história brasileira que Federico, Carmella, Angelo Maria, Colomba e o restante da família Pizza decidiram deixar para trás as terras uruguaias e tentar a vida na cidade de Pelotas. Assim, ainda sob o domínio do

imperador Dom Pedro II, eles cruzaram a fronteira e adentraram no sul do Brasil, cada um carregando malas e sacolas, o coração pesado no peito e uma enorme esperança na alma.

A viagem, porém, fora penosa, exaustiva até, pois tiveram que cruzar estradas longas, muito ruins, com vários obstáculos e poeira por todo lado. E tudo isso em cima de uma geringonça puxada por animais, que foi a preferência de Angelo Maria, uma vez que uma viagem de navio seria muito mais dispendiosa, apesar de mais segura e rápida. Já tendo viajado em duas embarcações desde sua saída de Caposele até a chegada em Montevideú, claro que, para Federico, o navio seria sua primeira opção. Já tinha compreendido, porém, que uma decisão de Angelo Maria era imutável. Assim, nem perdeu tempo tentando convencê-lo do contrário. O importante era que estava indo com sua amada para o Brasil, onde iniciariam uma vida nova e constituiriam uma linda família. O resto era o resto!

“Falta dinheiro! Temos que economizar o máximo possível. A chegada em Pelotas não será nada fácil”, disse várias vezes Angelo Maria, com a voz tensa e uma expressão preocupada.

Ele era um homem metódico, que gostava de planejar, nunca gastava em excesso, era pragmático e via suas parcas economias como *“a maior segurança financeira de toda a família”*.

“Não desperdiço nada, nem um grão de arroz!”, ressaltava Colomba, mostrando suporte às preocupações do marido.

Ela dividia com ele as ansiedades que uma vida do outro lado do mundo, longe de suas origens, inevitavelmente trazia.

Colomba sentia falta da Itália, da proteção de sua família, de tagarelar com amigas, do clima gostoso de Caposele, do paladar das comidas, mas apoiou sem vacilar Angelo Maria na decisão de deixar tudo para tentar uma vida nova na América do Sul.

“Isso era ser uma boa esposa”, acreditava piamente Colomba. E ela tinha muito orgulho dessa posição social e familiar.

Muitas vezes, porém, quando todos já dormiam, ela ia até a cozinha, preparava um chá, que raramente tomava, pois o que queria mesmo era ter um momento só para ela, onde pudesse rezar e chorar.

“A saudade é um vazio silencioso”, pensava em voz alta, misturando as dores da alma com as orações que fazia para os santos.

A partida da família Pizza para o Brasil, no entanto, veio numa boa hora. O Uruguai estava atravessando uma grave crise econômica, criando uma situação bastante difícil para o país platino pelo final do século 19. Isso afetou o apoio do governo aos imigrantes italianos, os quais, até então, tinham a proteção de leis que contemplavam a organização de habitação, alimentação e emprego para os recém-chegados europeus.

Por essa época, o número de imigrantes da Itália em Montevideu era espantoso, atingindo o percentual de 50% da população local. No entanto, com as restrições uruguaias impostas subitamente, muitos imigrantes debandaram para a Argentina ou para o Brasil. Isso, certamente, começou a preocupar Angelo Maria e culminou por afetar os planos da família Pizza em fincar raízes nas terras uruguaias. Assim, a ida com a filha e o genro para Pelotas pareceu uma Solução para vários problemas ao mesmo tempo!

Angelo Maria e Federico estabeleceram um plano de viagem, tomando como o vetor de orientação rumo norte o Caminho da Prata, um trajeto que ia pelo litoral, de Montevideu, atravessando o Rio Chuí e depois o canal de Rio Grande até adentrar na região sul do Brasil.

Mas nem tudo correu como planejado. Vários problemas foram se acumulando a medida em que a família ia cruzando as terras do Uruguai. Angelo Maria pagara pelo transporte, que era conduzido pelo dono da tal geringonça e dos próprios animais que a puxavam. Primeiro, um enorme desnível na estrada quebrou parte de uma das rodas, que foi consertada do jeito que deu, para logo depois um dos animais machucar uma das patas e, assim, não mais poder cumprir sua função, o que atrasou tudo, pois, com menos força de tração, a velocidade do deslocamento diminuiu muito.

Em alguns momentos, a fome bateu forte! Colomba e Carmella haviam preparado alguns mantimentos para a viagem, mas calcularam mal as doses e o número de refeições, e logo viram tudo se escoar rapidamente – *“muitas bocas para alimentar e muito tempo de viagem!”*, concluiu Colomba. Por sorte, aqui e ali, nos arredores de pequenos vilarejos por onde passavam, eles puderam encontrar algum tipo de estabelecimento, onde era possível comer alguma coisa, tomar um chá ou um café, beber água ou um cálice de vinho e usar o banheiro.

A família dormia como podia – todos meio deitados, meio sentados, escorados uns nos outros ou acomodados de alguma maneira no chão mesmo, tapados com cobertores e enrolados em casacos.

Foi numa dessas noites que Federico ficou observando as estrelas, pensando em tudo que já tinha se passado desde o momento em que deixara Caposele, já há tanto tempo. Lembrou-se da despedida dos pais e da promessa que fizera a Vito e Concetta de que, um dia, voltaria à Itália.

Uma mescla de sentimentos tomou conta de seu coração – felicidade, medo, paixão, angústia – e, pela primeira vez, ele permitiu que lágrimas escorressem pelo seu rosto.

Federico teve, então, uma sensação desagradável de que sua promessa nunca seria cumprida.

Provavelmente, não veria mais Vito e Concetta.

E ele, então, chorou ainda mais!



Foi numa dessas noites que Federico ficou observando as estrelas, pensando em tudo que já tinha se passado desde o momento em que deixara Caposele, já há tanto tempo.

PARTE I - 8

O COMEÇO

Poucos meses depois da chegada de Federico e da família Pizza em Pelotas, a República foi proclamada. Era o dia 15 de novembro de 1889, quando, no Rio de Janeiro, o marechal Manuel Deodoro da Fonseca instaurou a forma republicana presidencialista de governo, encerrando a monarquia constitucional parlamentarista do Império. Com isso, o imperador Dom Pedro II foi destituído da função de chefe de Estado, recebendo, inclusive, ordens de partir para um exílio na Europa. O próprio Marechal Deodoro da Fonseca assumiu, então, o poder, estabelecendo um governo republicano provisório, que ficou conhecido como a Primeira República Brasileira.

Antes de deixar o Brasil, Dom Pedro II, triste e amargurado em ter que partir para o seu exílio, levou consigo um punhado de terra do solo de províncias brasileiras. Ele faleceu dois anos depois com 66 anos de idade, no dia 5 de dezembro de 1891, em Paris, acometido por um resfriado, que passou a uma pneumonia e evoluiu mal, levando-o à morte. Durante a preparação do corpo para o velório, foi encontrado um pacote lacrado junto às suas coisas em seu quarto, com a seguinte mensagem:

"É a terra do meu país. Desejo que seja posta no meu caixão, se eu morrer fora da minha pátria".

Em Pelotas, os imigrantes italianos, porém, não tinham nem tempo, nem disposição para se envolver com a política brasileira e com as transformações estruturais nas relações entre Brasil e Portugal. Nos últimos tempos, a mudança em suas vidas já fora grande o suficiente, tendo consumido uma enorme energia diária, causando muita dor de cabeça na busca de solução para os problemas que se multiplicavam a todo o instante, levando a difíceis momentos de instabilidade e incerteza!

A primeira coisa a fazer logo na chegada foi achar uma hospedagem – algo nada fácil numa terra estranha, onde não conheciam ninguém. Concomitantemente, precisavam legalizar os documentos, para poder, então, encontrar uma boa casa para alugar e um trabalho que pagasse o suficiente para garantir o sustento da família.

Foi durante o processo de oficializar a permanência no Brasil, que durou mais semanas do que o desejado, e graças às discussões da reforma ortográfica da língua portuguesa, que

se concretizou mesmo no início do século 20, que **Federico Russomano** virou **Frederico Russomano**, com um “r” a mais no nome e um “n” a menos no sobrenome, o que já era mais condizente com o desejo de, um dia, haver a redução de consoantes dobradas, com exceção de “rr e ss”.

“De qualquer maneira, **Frederico Russomano** soa mais brasileiro... e pronto!”, sentenciou o jovem italiano recém-chegado a Pelotas.

Enquanto isso, Carmella assumiu o nome da família da mãe, Fiore, com “e”, ou Flores, que acabou ficando com a grafia Fiori, com “i”, em substituição ao Pizza, uma vez que esse último poderia ser facilmente confundido com uma palavra obscena, uma forma popular de se referir ao órgão sexual masculino. Angelo Maria ficou meio decepcionado com tudo isso, mas, já eram tantos os problemas a resolver, que a questão referente ao sobrenome da filha acabou se perdendo por completo – o que não deixou de ser um alívio, pois todos temiam sua reação! Seu único protesto foi manter o seu nome original – “*Pizza!*”

Assim, enquanto no centro do país as confusões políticas se passavam e a monarquia estava prestes a ruir no Brasil, Frederico e Carmella conseguiram estabelecer seu primeiro lar pelotense. O casal foi morar na rua Andrade Neves 113, numa boa casa, não muito espaçosa, mas adequada para um casal sem uma família grande.

“Aqui vamos começar nossa nova vida”, disse Frederico, beijando com carinho os lábios da mulher.

“E teremos nossos filhos”, completou Carmella, fazendo o sinal da cruz e uma rápida prece a San Gennaro, pois combinara com o santo que nada na sua vida aconteceria sem sua ciência.

Angelo Maria, Colomba e o restante da família também encontraram uma casa – um local de bom tamanho para acomodar bem a todos. A nova residência dos Pizza não era muito próxima à de Frederico e Carmella, “mas é uma distância caminhável”, sentenciou Angelo Maria, como se estivesse proferindo um veredito, tentando colocar um ponto final na choramingação da mulher. Colomba exigira ficar o mais próximo possível da filha, pois sabia que logo viriam os netos e ela queria ter uma participação intensa na vida deles.

“Como fazer isso de longe?”, perguntou, enxugando as lágrimas, mas não obteve qualquer resposta. Como sempre, depois de uma decisão tomada, o marido não arredava pé.

Angelo Maria trabalhava bem com números, conhecia profundamente “*a matemática das coisas*”, como dizia, e, por sorte, logo teve seu talento reconhecido. E tudo se passou de uma forma inesperada!

Numa esquina, relativamente perto da casa dos Pizza, tinha um bar muito popular, o Bar Independência, onde Angelo Maria ia de vez em quando tomar um vinho e tentar criar um novo grupo de amigos. Manuel, o dono do estabelecimento, achava graça no jeito que Angelo Maria falava o português, misturando várias expressões italianas no meio das frases, tudo envolto por um sotaque, “*que dava um colorido especial às palavras*”, como ele mesmo concluía.

Assim, num certo dia, conversa vai, conversa vem, Angelo Maria acabou se referindo ao seu talento nato de lidar com a “*matemática das coisas*”. Manuel, sem vacilar, pediu uma ajuda para resolver um problema na contabilidade do bar, que já lhe tinha dado muita dor de cabeça e parecia não ter Solução.

Foi colocar os olhos no livro com as contas de Manuel que, em minutos, sem qualquer esforço, Angelo Maria identificou o erro e apresentou a resposta ao enigmático problema. Abismado com sua rapidez, Manuel espalhou o feito do italiano entre os amigos que frequentavam o Bar Independência, pois tinha o negócio há muito tempo, o qual herdara do pai, e ali fizera um grande número de conhecidos. Um deles, por sorte, tinha um bom cargo no banco da cidade. E foi ele quem levou Angelo Maria até o banco e ajudou o imigrante italiano a conseguir o seu primeiro emprego brasileiro.

“Ainda chegarei a Chefe de Setor!!!”, esbravejou feliz, com um largo sorriso, enquanto celebrava com Colomba a notícia da conquista de sua primeira atividade profissional em Pelotas.

Como tudo em sua vida, sua rotina também era matemática. Angelo Maria acordava muito cedo, tomava um bom café da manhã e logo saía, pois odiava se atrasar para o que fosse. Depois de caminhar 18 minutos “*cronometrados*”, entrava no banco para começar seu dia de trabalho. Ali, sentado à sua mesa, metodicamente limpa e organizada, Angelo Maria passava o dia fazendo contas e mais contas, calculando ganhos e perdas de clientes e ainda lidando com uma pilha sempre enorme de papéis à sua frente, pois essa era periodicamente alimentada pelos colegas. Mas isso não o incomodava! Angelo Maria gostava do que fazia e tinha orgulho de poder ser rápido e preciso no uso de complexas equações matemáticas, já

que essa era uma habilidade que desenvolvera desde muito cedo em sua vida e a qual sempre lhe conferiu uma posição de destaque entre amigos e colegas de trabalho.

Frederico, no entanto, era o oposto do sogro. A matemática que sabia era básica, baseada no que aprendera na escola, e ele tinha ciência de que não possuía destreza alguma com fórmulas e equações, ainda que fossem muito simples.

Apesar de analfabeta, Carmella herdara do pai uma certa intimidade com os números, a qual, segundo ela mesma, conferia-lhe uma invejável capacidade intuitiva, que beirava a paranormalidade, e uma peculiar aptidão para negócios. E isso seria de grande ajuda para o marido, que, como Angelo Maria, resolveu apostar em seu próprio talento e decidiu trabalhar com calçados – *consertando, engraxando, pintando!*

Nasceu, assim, a sapataria Calçados Russomanno, que Frederico fez questão de escrever com dois “n”, em uma singela homenagem às suas raízes familiares fincadas no outro lado do Atlântico. O “n” duplo deixou Vito e Concetta ainda mais orgulhosos do filho, quando souberam do estabelecimento do seu primeiro negócio em terras brasileiras, tudo bem explicado e detalhado numa das longas cartas que Frederico costumava enviar periodicamente contando notícias.

A sapataria ficava numa das ruas centrais da cidade de Pelotas, a General Osório, na casa de número 769. Depois de comprar o material necessário, com a ajuda financeira de Angelo Maria, de dependurar na porta da frente o nome do estabelecimento e de deixar o local impecavelmente limpo e organizado, Frederico concluiu que estava tudo pronto para colocar a sapataria em funcionamento.

“Vamos inaugurar! Dará tudo certo!”, disse para a esposa, tentando disfarçar um vacilo na voz. Mas ela não se deixou enganar!

No primeiro dia de trabalho, cedo pela manhã, Carmella foi com Frederico até lá, pois ela fazia questão de estar presente nesse momento tão importante na vida do marido. Levou consigo a Bíblia e seu terço de reza. Assim que entraram, pediu que Frederico ficasse em silêncio, rezou um par de preces para San Gennaro, pedindo por sua proteção, e fez várias vezes o sinal da cruz no ar, como se estivesse abençoando o local.

Ao longo do tempo, com a prosperidade da Calçados Russomanno em Pelotas, Carmella teve a convicção de que o santo a ouvira – mais uma vez!



...resolveu apostar em seu próprio talento e decidiu trabalhar com calçados – *consertando, engraxando, pintando!*

PARTE I - 9

PELOTAS

Entre 1890 e 1930, o Brasil tinha uma economia muito baseada no comércio externo, tendo como seus principais produtos de exportação o algodão, a borracha, couros, peles, o charque e o café, que dominava a produção do país. A criação de gado também contribuía muito para a economia brasileira e, como o cultivo de produtos agrícolas, era feita em grandes extensões de terra. Assim, esses latifúndios cafeeiros ou pecuários, tidos como os motores da vida financeira do Brasil, ficavam concentrados nas mãos dos coronéis, que, como consequência, detinham o poder do comércio tanto externo quanto interno. Conhecido como *coronelismo*, esse fenômeno foi uma das marcas da Primeira República do Brasil, com repercussões sociais, políticas e econômicas imensuráveis.

Assim, inegavelmente, a elite da sociedade brasileira era composta por esses ricos comerciantes latifundiários. Já a classe média dos centros urbanos tinha como representantes os funcionários públicos, os profissionais liberais e os comerciantes de pequeno porte, donos de negócios mais acanhados, executados em terras de proporções bem menores, que lidavam com o público mais local e regional. Alguns, com sorte, conseguiam negociar seu produto para outro estado brasileiro, mas isso era um processo bem mais difícil e oneroso, dada toda a questão logística a ser transposta.

Numa categoria social ainda pouco definida, pois dependia da combinação de uma série de fatores, vinha uma verdadeira legião de imigrantes europeus – entre suíços, alemães, espanhóis, portugueses e italianos – onde se incluíam, claro, as famílias Pizza e Russomano.

A maioria, ao desembarcar nos portos de entrada no Brasil, acabava sendo levada para os grandes cafezais ou fazendas com outros plantios, com o objetivo de substituir o trabalho escravo pós-abolição. Era sabido, no entanto, que, depois de um tempo, muitos desses imigrantes cansavam da lida no campo e acabavam abandonando a vida rural para se aventurar nos centros urbanos, na busca de uma melhor qualidade de vida.

Com objetivos muito distintos dos impostos pela burocracia brasileira para a imigração italiana e uma mescla de sorte e de determinação, foi que Frederico, Vincenzo e Pietro conseguiram escapar do trabalho no campo na hora do cadastramento de *“funções a serem*

exercidas” pelos oficiais brasileiros no porto de Santos – e cada um tomou conta de seu próprio destino.

A população do Brasil em 1890 não chegava a 15 milhões de habitantes, divididos quase igualmente entre homens e mulheres, mas com uma clara distribuição desigual entre as regiões do país, havendo uma concentração predominante de moradores no sudeste e no nordeste. A região sul ficava posicionada em terceiro lugar, mas isso não afetava o poder econômico que detinha e a importante influência política que desempenhava. Os imigrantes europeus contribuíram muito para encorpar, de uma forma súbita, o número de habitantes do país como um todo e a distribuição populacional por estado – e cada família chegada das terras europeias carregava sua própria história e defendia seus motivos e interesses para escolher um lugar ou outro.

Quando Frederico optou por Pelotas, forma de se referir às embarcações usadas para cruzar o arroio de mesmo nome, dois fatores influenciaram sua decisão, que foi baseada em toda e qualquer informação que conseguiu obter. Primeiro, foi a indiscutível proximidade geográfica entre os dois países, com uma boa região fronteiriça entre a parte sul do Rio Grande do Sul e o norte do Uruguai, já que imaginava que seria ali que ficariam radicados os Pizza. Em segundo lugar, Pelotas era uma cidade notoriamente conhecida por sua riqueza, opulência, elegância e cultura – algo que as famílias imigrantes europeias apreciavam muito, pois era como se tivessem um pouco da Europa inserida em solo brasileiro.

Frederico sabia que a notável prosperidade financeira e cultural de Pelotas vinha, principalmente, de uma muito bem-sucedida indústria do charque, uma carne salgada e seca ao Sol, que se mantinha própria para o consumo por mais tempo. Inúmeras charqueadas foram construídas do final do século 18 ao início do século 20 às margens dos arroios Pelotas, Santa Bárbara e Fragata, do Canal São Gonçalo e do Laranjal. Essa indústria prosperou muito, trazendo riqueza e prestígio para a região. No entanto, a instabilidade da situação política no Brasil, o advento dos frigoríficos no mundo e a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, acabaram por afetar a produção do charque, redesenhando a condição econômica de Pelotas já nas primeiras décadas dos anos 1900.

Para Frederico, porém, importavam mais as características culturais de Pelotas do que a riqueza vinda da carne seca ao Sol, pois não se via lidando com esse tipo de negócio. Por sorte, a cidade conseguira evitar que a crise do charque afetasse o prestígio de suas atividades culturais, especialmente em relação a espetáculos em teatros, tido como o maior

entretenimento social à época – “*uma benção dos céus*”, concluíra Colomba, pois a família Pizza dividia com Federico o apreço por espetáculos teatrais.

“Música, ópera, drama... e uma boa e divertida comédia”, dizia Angelo Maria, encenando parte da ária de alguma ópera, que ninguém reconhecia, mas que todos fingiam conhecer.

Quando as atividades burocráticas diminuíram e a pressão financeira deu uma trégua, os quatro – Angelo Maria, Colomba, Federico e Carmella – começaram a se encontrar em finais de tarde, na praça central de Pelotas, para uma caminhada ao ar livre e uma conversa descontraída, que inevitavelmente versava sobre notícias recebidas da Itália, os problemas de adaptação no Brasil, as divertidas confusões com o troca-troca das línguas e uma discussão sobre planos mais imediatos.

A praça central da cidade ficava numa posição quase equidistante para os Pizza e os Russomano. O ponto de encontro dos casais era o chafariz central, a Fonte das Nereidas, importado da França pela Companhia Hidráulica Pelotense, a fim de ornamentar a cidade e de abastecer a população do entorno com água potável. Assim, Federico e Carmella chegavam lá pela rua XV de Novembro, enquanto Angelo Maria e Colomba subiam a rua Lobo da Costa.

Com o passar do tempo e seguindo os eventos culturais e históricos que norteavam a vida pelotense e brasileira, essa praça central teve seu nome alterado várias vezes – Campo, Praça do Teatro, Praça da Regeneração, Praça do Redondo, Praça Dom Pedro II – para só então seu nome ser trocado para Praça da República. Passou a Praça Coronel Pedro Osório em 1931, uma homenagem póstuma ao coronel Pedro Luís da Rocha Osório, que morreu nesse ano.

Na primeira vez em que esteve na praça, Carmella observou com atenção seus arredores, pois não se conformava em não ver ali uma igreja construída para suas rezas e conversas particulares com San Gennaro.

“Em todas as cidades é sempre assim... menos aqui. Isso é inconcebível”, falou com uma certa tristeza na voz, desviando o olhar de todos para ela.

Pelotas, porém, tinha um desenho urbano diferente da edificação convencional de uma cidade. Ao redor da praça central, estavam situadas várias construções importantes para governo e população, como a Biblioteca Pública, a Prefeitura e a Câmara Municipal de Pelotas e o Theatro Sete de Abril, além de casarões com uma linda arquitetura, que começaram a se

multiplicar por volta de 1850. E não havia mesmo um local para rezas, para desespero de Carmella!

“A igreja é descentralizada”, disse Angelo Maria, tentando dar um pouco de conforto à tristeza da filha. “Houve, uma tentativa, lá pela metade do século, de se construir uma igreja aqui, ao redor dessa praça. O próprio Dom Pedro II chegou a lançar a pedra fundamental, mas o projeto não foi adiante e a igreja nunca foi construída”, concluiu Angelo Maria, sem, no entanto, conseguir diminuir a frustração de Carmella.

“Lindo chafariz!”, exclamou Colomba, encantada com as Nereidas francesas e tentando mudar o assunto.

“Sim, mas a história aqui nem sempre foi linda”, começou a explicar Angelo Maria, pois aprendera muito sobre a cidade em conversas com Manuel no Bar Independência. E seguiu, então, contando o que ouvira de seu amigo, enquanto caminhava com as mãos entrelaçadas nas costas, o que lhe deixava com a postura mais ereta e lhe conferia uma atitude ainda mais professoral, uma imagem que ele gostava de assumir nos momentos em que sabia ser o detentor de algum conhecimento que julgava importante.

“Por volta de 1830, se me recordo bem, foi construído um pelourinho aqui, local onde os homens considerados infratores, em sua maioria negros escravizados, recebiam punição com chibatadas. Nesse período, essa praça não era vista como um bom lugar público para o povo frequentar”, completou sua explicação, enquanto Colomba e Carmella faziam o sinal da cruz, com uma expressão que era difícil de dizer se estavam tristes ou apavoradas ou, mais provavelmente, tendo ambos os sentimentos ao mesmo tempo.

Para desviar a atenção das mulheres, Frederico apontou para o Theatro Sete de Abril, um importante alicerce do prestígio cultural de Pelotas. Situado na rua XV de Novembro, ele foi construído em 1834, em alusão à data de abdicação de Dom Pedro I, ocorrida três anos antes.

Tudo se deveu graças ao esforço da Sociedade Scenica, que foi responsável por sua construção, com uma boa ajuda de capital de seus sócios fundadores, como charqueadores, comerciantes, médicos, padres, advogados, políticos, comendadores, barões, juizes e banqueiros. Seu estilo foi baseado no ideal teatral parisiense, já que a capital francesa serviu, por essa época, como uma grande inspiração para a construção da maior parte dos teatros do mundo ocidental. Somado a isso, muitos da elite pelotense iam para a Europa, em especial para a França, estudar ou passar uma temporada para vivenciar um pouco da cultura existente

do outro lado do mundo, e retornavam para casa com novos hábitos, mais conhecimentos e uma apreciação muito grande pela cultura.

Para acessar espetáculos no Theatro Sete de Abril, porém, era preciso ter um bom dinheiro para adquirir o ingresso, comprando cadeiras e camarotes, ou ter a condição de sócio, o que tornava o entretenimento teatral pouco democrático, afunilando a entrada para a elite burguesa.

Com o apoio da porção mais influente da população local, esse teatro, rapidamente, transformou-se num dos mais prestigiados espaços de socialização pelotense, além de ter ajudado a transformar Pelotas, que era apenas vista como uma cidade rica, numa cidade rica, sim, mas também civilizada e culta. Infelizmente, o Theatro Sete de Abril somente passaria para o poder público muitas décadas depois, em 1979, com o intuito de ser um espaço mais democrático.

As atrações do Theatro Sete de Abril eram anunciadas, discutidas e, muitas vezes, causticamente criticadas pelos jornais, especialmente os ditos ilustrados, que circulavam em Pelotas. No século 19, bons exemplos foram o *Cabrion*, o *Zé Povinho* e o *Ventarola*. Cada um com seu estilo, publicados por um determinado período de tempo e divergindo de opinião em várias ocasiões, classificavam os espetáculos em peças refinadas, como dramas, melodramas e óperas, e as de menor qualidade literária, entre elas as comédias e atrações como circo ou números de mágica. Isso também não deixava de ser uma forma de distinguir a classe social do público. Os jornalistas dividiam a plateia em “*os de ouvido*”, os que possuíam um bom gosto para a arte, e “*os de orelha*”, por não possuir qualquer conhecimento artístico.

O quarteto de imigrantes italianos não estava pronto para desistir de ir a um espetáculo no Theatro Sete de Abril. Uma vizinha de Colomba lhe contara que o local era tão famoso no mundo que até uma companhia de teatro japonesa viera se apresentar em Pelotas, um par de anos atrás. Depois que soube disso, a mulher não parou de infernizar a vida do marido, tendo tido, porém, o cuidado de suprimir a informação de que crítica e público não teriam apreciado a arte do povo do Sol nascente.

“Não será fácil conseguir ingressos, mas somos todos parte da plateia de ouvido. E assim merecemos estar lá!”

“Uma decisão de Angelo Maria é sempre... i-mu-tá-vel”, sentenciou Frederico, soletrando seu veredito.

E todos sorriram felizes, enquanto deixavam a praça central de Pelotas, pois a temperatura já caíra muito com a chegada da noite.



Theatro Sete de Abril

Foto – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan 2024)



O quarteto de imigrantes italianos não estava pronto para desistir de ir a um espetáculo no Theatro Sete de Abril.

UM CHORO DE BEBÊ

A sapataria Calçados Russomanno cresceu em pouco tempo. Sua localização na área central de Pelotas era excelente e isso, sem dúvida alguma, ajudou muito na sua rápida expansão. O que fez, porém, o negócio prosperar foi a constante dedicação de Frederico. Com chuva, frio ou calor, ele sempre chegava cedo ao trabalho e lá ficava até a hora do almoço, quando voltava para casa, comia algo com Carmella, para em seguida retornar ao batente, onde passava o restante do dia. Frederico se recusava a fechar as portas da sapataria até o último par de calçados ser consertado – *fosse a hora que fosse!*

Além de possuir muito talento para o ofício de sapateiro, Frederico nunca negou o seu amor ao que fazia. Ele tinha prazer em sentir o cheiro da tinta, tocar na textura do couro e manejar os instrumentos de cortar, bater, furar, costurar – *“uma vocação que descobrira na sua Itália”*, muitas vezes pensava. E isso o transportava para as terras italianas. Enquanto estava fazendo isso ou aquilo no trabalho, pegava-se com o pensamento na pequena Caposele e era invadido por uma grande nostalgia. Era quando se via cruzando o Atlântico num porão de navio, navegando no sentido oposto, de volta para sua terra, sua gente, sua família, suas raízes italianas. Dentro de seu coração, porém, sabia que isso não passava de um sonho que o assolava – e o assombrava! – mesmo quando acordado, e que, muito possivelmente, nunca se tornaria realidade. Nesses momentos, ele parava de trabalhar, lembrando da promessa feita para Vito e Concetta no cais do porto de Nápoles, suspirava fundo e secava algumas lágrimas que insistiam em descer pelo rosto. Logo, no entanto, reagia, entregava-se à sua disciplina de trabalho, voltando sua atenção ao sapato entre suas mãos, para não atrasar a entrega, para distrair a alma e para afugentar os pensamentos ruins.

Fisicamente, Frederico sempre se mantinha magro, esbelto, passara a usar bigode, tinha cabelos pretos e bastos, que lhe emolduravam e embelezavam o rosto. Sua maior característica, porém, era ser homem quieto, reservado, de poucas palavras. Desde menino, ouvia mais do que falava, ria pouco, não fazia brincadeiras bobas ou desperdiçava tempo com conversa fiada. Carmella já se acostumara com a *“mudez do marido”*, como classificara sua estranha maneira de comunicação muito peculiar, especialmente por ele ser um italiano, um povo reconhecido por falar e gesticular muito!

Um dia, porém, Frederico surpreendeu a mulher. Como sempre se passava, eles jantavam em silêncio, quando ele comentou espontaneamente, com um largo sorriso nos lábios – algo também raro!

“Gosto de rejuvenescer sapatos”. E os dois não conseguiram conter o riso.

Com o prestígio do negócio Russomanno aumentando e o dinheiro entrando mais fácil, a vida do casal mudou para o melhor e Carmella logo se viu traçando novos planos para a família.

Foi, assim, que, num dia quente de verão, Carmella convenceu Frederico a fechar mais cedo as portas da sapataria para irem rezar na Igreja São Francisco de Paula. Precisavam estar juntos quando ela falasse com San Gennaro. Meio a contragosto, pois não gostava de deixar o trabalho mais cedo, Frederico acabou cedendo, dada a incansável insistência da mulher.

A igreja era simples, comparada a muitas da Itália, mas aconchegante. Sua primeira edificação foi como uma pequena capela, por volta de 1812, somente ganhando um porte mais sólido na metade do século 19, quando foram concluídas a construção das tribunas, das torres sul e norte, do assoalho e do consistório, que na arquitetura religiosa designa o local reservado para reuniões e assembleias. Quase um século depois de sua edificação, ela tornou-se uma catedral.

A Igreja São Francisco de Paula ficava situada na Praça XV de Novembro, a qual já tinha tido outros dois nomes – primeiro, foi Praça da Matriz, logo no estabelecimento da capela, rebatizada de Praça Princesa Isabel alguns anos depois. Ela somente receberia o nome de Praça José Bonifácio, em 1922, nas comemorações do centenário da separação do Brasil de Portugal, pois Bonifácio fora consagrado como o Patriarca da Independência.

No entanto, todas essas questões históricas, nomes, datas e celebrações políticas, pouco importavam para Carmella. Ela estava mais preocupada com seu mundo espiritual, pois precisava conversar seguidamente com seu santo protetor para atualizá-lo quanto a suas decisões e para pedir sua benção para cada uma delas. Assim, Carmella ficara radiante quando encontrou em Pelotas um templo para isso. A Igreja São Francisco de Paula tornou-se uma extensão de sua casa e era para lá que ela ia sempre que possível para fazer suas preces, participar das missas dominicais e tratar de assuntos inadiáveis e importantíssimos com San Gennaro. Naquele dia quente e úmido de fevereiro de 1890, Carmella concluiu que a conversa com o santo precisava ser a três e, por isso, levou Frederico a tiracolo.

A igreja estava vazia quando o casal chegou. O dia mormacento deixara todos em casa, lentificados, num profundo estado de masmorra, como se o tempo tivesse estancado de repente. Assim, com a população trancafiada em seus lares, sem qualquer motivação para passear, trabalhar ou até mesmo rezar, Pelotas encontrava-se deserta. Carmella, no entanto, até preferiu a calma da cidade e de ter a igreja somente para os dois. O assunto era sério e ela precisava de cem por cento da atenção de San Gennaro.

Carmella, então, ajoelhou-se e ordenou que Frederico fizesse o mesmo. Sem dar uma só palavra e sem entender o que estava se passando na cabeça da mulher, ele obedeceu, pois sabia bem que qualquer discussão seria totalmente ineficaz.

Por um tempo, ali ficaram os dois, ajoelhados lado a lado, rezando. Carmella apertou o terço que sempre tinha com ela várias vezes contra o peito, como se sua proximidade com o coração tornasse sua prece mais efetiva. Após esse ritual, os dois sentaram-se em bancos posicionados numa das filas perto do altar. Ela pegou uma das mãos de Frederico e colocou sobre seu ventre. Olhou para ele, com algumas lágrimas escorrendo, e seu choro misturou-se a um riso nervoso.

“Estou grá-vi-da!”, soletrou, tentando transparecer uma calma inexistente. “Nosso primeiro filho ou filha está a caminho”, confessou.

Frederico foi tomado pela emoção e começou a tremer, agitou-se no banco, abraçou e beijou Carmella várias vezes. Também riu e chorou com ela. Não sabia bem o que dizer. E, como falar não era mesmo o que fazia de melhor, optou por ficar calado – mais uma vez!

Os dois permaneceram por um longo tempo na Igreja São Francisco de Paula, pedindo em rezas consecutivas pela benção de San Gennaro, para que tudo desse certo com a gravidez e o parto, que o bebê nascesse saudável e que vivesse feliz por muito tempo!

Quando Frederico e Carmella saíram da igreja, a temperatura tinha dado uma trégua, mas o Sol ainda brilhava forte. Eles caminharam de volta para casa, de mãos dadas, envoltos em um turbilhão de emoções.

Nos meses que se seguiram, todos puderam observar as mudanças que a gravidez processava no corpo de Carmella. Ela arredondou a cintura, os seios cresceram e, inúmeras vezes, Colomba teve que auxiliar a filha na lida da casa, pois Carmella andava cansada, dormindo mais, com dificuldade de fazer qualquer tarefa que exigisse força física e agilidade.

Era a manhã do dia 12 de outubro, quando a casa 113 da rua Marechal Deodoro se agitou. Carmella começou a sentir dores no ventre, que foram crescendo em intensidade e

frequência com o passar das horas. Ela chorava, gritava e rezava, até que viu uma água escorrer por entre suas pernas – era o bebê querendo vir ao mundo!

Angelo Maria e Colomba foram para a casa da filha às pressas e, em seguida, os preparativos para o parto começaram – panos foram limpos e uma grande panela d’água foi colocada para ferver no fogão!

Colomba ficou com Carmella no quarto, enquanto uma parteira, que era a amiga de uma vizinha, deslocava-se para lá. Angelo Maria permaneceu na sala com Frederico, tentando acalmá-lo, pois o genro estava ainda mais mudo do que o habitual, tinha uma expressão tensa e um olhar distante, respirava fundo e pausadamente, como se com isso evitasse que seu peito explodisse em mil pedaços.

Da sala, Angelo Maria e Frederico podiam ouvir a sequência de gritos das três mulheres – Carmella urrando com as dores do parto e as outras duas tentando motivar as contrações e manter sob controle a respiração da futura mãe.

“Força... mais força... isso... contrai... contrai...!!!”

“Respire fundo... calma... respire de novo... puxe o ar...!!!”

De vez em quando, uma delas saía do quarto, ia até a cozinha, pegava mais panos e bacias com água fervida e voltava para seguir no ritual do parto.

Num dado momento, fez-se um breve silêncio. Os gritos todos cessaram por completo. Angelo Maria e Frederico se entreolharam e sustaram a respiração. O silêncio foi, então, quebrado pelo choro forte do bebê. Pai e avô correram juntos para o quarto e viram, nos braços de Carmella, um lindo menino, ainda coberto pelas secreções próprias do nascimento.

Frederico beijou a testa da mulher, segurou o filho pela primeira vez e, com um imenso orgulho na voz, falou.

“Meu primogênito... Forte e saudável. Victor Russomano!”.



Carmella e Frederico com Victor menino

Álbum de Família



O silêncio foi, então, quebrado pelo choro forte do bebê.

PARTE I - 11

A CARTA

“Queridos papai e mamãe!

A distância que nos separa é grande e maior ainda é a saudade.

Mando esta carta na esperança de que ela os encontre bem, com saúde no corpo e paz na alma. Trago boas novidades – boas mesmo!

Primeiro, nosso primogênito nasceu forte e lindo no dia 12 de outubro. Carmella sofreu um pouco nos últimos meses da gravidez e durante o parto, mas tudo passou – dor, choro e angústia –, assim que colocamos os olhos em Victor Russomano. Sim!, é esse mesmo o seu nome! Foi dado em sua homenagem, papai. Seu neto ítalo-brasileiro, carrega a história de nossa família no sangue, na alma e no nome.

Carmella tem sido uma ótima mãe, atenta às demandas do filho, nunca falta o seu carinho maternal quando ele chora, seja a hora que for, noite ou dia, e ela está sempre preparada para saciar sua fome com seu leite – e que apetite tem esse pequeno ser! Victor parece estar se desenvolvendo bem nestes primeiros meses de vida – ele está forte, bem nutrido, sorri a toda hora e é muito amado por todos.

A família Pizza tem sido incansável. Angelo Maria e Colomba são ótimos avós, sempre estão por aqui, ajudando no que podem. Ele segue com uma boa posição num banco e, assim, durante a gravidez de Carmella, tivemos a chance de ir ao Teatro Sete de Abril, o teatro local de Pelotas, que comentei numa carta anterior, o qual recebe muitos espetáculos de companhias brasileiras e estrangeiras. Imagino que iriam gostar, pois há shows que vão de óperas a dramas, de concertos a comédias – sei o quanto apreciam uma boa peça teatral. O problema é ter acesso a ingressos, que são caros ou restritos aos sócios. Angelo Maria, porém, através de um cliente abastado e influente, conseguiu quatro entradas para vermos a consagrada pianista e cantora Elvira Lambiase. Ela foi aclamada pelo público e pelos jornalistas pelotenses. Foi uma noite muito especial para todos nós!

Colomba está organizando a cerimônia de batismo de Victor, que deverá ocorrer em breve na Igreja São Francisco de Paula, onde Carmella gosta de ir rezar para San Gennaro.

Além disso tudo, ainda quero contar sobre a Calçados Russomanno, que está crescendo mais e mais a cada mês que passa. Estou tendo que contratar ajudantes para não atrasar o serviço de entrega dos sapatos consertados e creio que logo terei que expandir a sapataria, pois estamos trabalhando uns em cima dos outros, com o pouco espaço que temos. Carmella, apesar de ainda não saber nem ler nem escrever, é muito intuitiva para os negócios e tem me ajudado muito. Ela também já percebeu que temos que investir em espaço físico para o negócio frutificar ainda mais. Estamos pensando seriamente em como fazer isso!

Para terminar, tenho que confessar que tive pouca comunicação com Vincenzo e Pietro. Agora que estamos mais estabilizados financeiramente e que nosso primeiro filho veio ao mundo, as coisas estão mais calmas. Eu farei o possível para manter um melhor contato e saber mais sobre eles. Até onde eu sei, Vincenzo e Pietro estão bem e seguem em Santos junto com Antônio, trabalhando com ele no estabelecimento Cais dos Santos. Quem sabe eles não tomam coragem e não dão as caras pelos pagos do Sul, como dizem por aqui?

Papai e mamãe, sinto muita saudade de Caposele e da vida italiana. E não esqueci minha promessa que fiz no cais do porto de Nápoles. Sonho muito em voltar para aí, levando comigo Carmella, Victor e os filhos que ainda estão por vir.

Benção, com muito amor, Federico!”

Foi essa a carta que Frederico escreveu para atualizar a família Russomanno dos acontecimentos ocorrido do outro lado do mundo. No entanto, a demora na ida e vinda das correspondências transcontinentais fez com que uma carta enviada pela família Russomanno cruzasse com a dele.

“Meu querido sobrinho Federico e Carmella

Imagino que estejam ainda se adaptando à vida brasileira, que deve ser muito distinta da italiana. Isso é um processo longo e, por vezes, doloroso, pela saudade que devem sentir da família e da vida em Caposele.

Infelizmente, não trago boas notícias. Meu querido irmão Vito, nos últimos tempos, vinha muito abatido, perdendo peso, enfraquecido, sempre cansado, sem forças para fazer qualquer coisa.

Num dia muito frio, saiu para fazer umas compras com Concetta e acabou gripando-se – gripe forte, situação feia mesmo! Já devem estar imaginando o que vou contar... Sim, essa infecção respiratória evoluiu mal, os pulmões foram atingidos, a febre subiu nas alturas e ele tossia constantemente. Suspeitaram de tuberculose, mas tudo foi tão rápido, que, quando o médico viu, ele já tinha falecido. Concetta está inconformada e a família está fazendo de tudo para consolá-la.

Muito triste tudo isso!

Desculpe-me ser o mensageiro de tamanha desgraça. Estamos todos terrivelmente abalados. Vito era o norte da família! Todos sentiremos muito a falta dele.

Benção, com muito amor, tio Enrico”.

Frederico leu a carta em voz alta, mais de uma vez, como se não conseguisse acreditar no que estava escrito ali, “*naquelas malfadas linhas*”, pensou, sentindo uma mescla de raiva e tristeza, enquanto as lágrimas inundavam seu rosto.

Carmella parou de embalar Victor, que dormia em seus braços, e começou a rezar para San Gennaro, pedindo ao santo que aliviasse a dor daquele momento. Depois de um tempo, um silêncio doído tomou conta da sala – nem mais reza, nem mais choro! Apenas os dois ali sentados, a noite caindo e a escuridão se abatendo sobre eles, tudo envolto por uma estranha e profunda sensação de abandono.

Pela data da carta do tio Enrico, Frederico calculou que a sua não chegara a tempo de o pai saber que seu primogênito recebera o nome em sua homenagem. Quando se deu conta disso, sua tristeza aumentou ainda mais!

E ele então soube que sua alma perdera para sempre parte de seu brilho!



Foi essa a carta que Frederico escreveu para atualizar a família Russomanno dos acontecimentos ocorrido do outro lado do mundo.

A EXPANSÃO

O batismo de Victor correu como planejado fora por Colomba, que se encarregou de cuidar de tudo com o padre e a administração da Igreja São Francisco de Paula. A cerimônia foi singela, apenas com a presença da família e de alguns poucos amigos.

Todos atravessavam uma fase difícil, de dor e de saudade, ainda atordoados com a morte de Vito na longínqua Caposele, e ninguém se sentia motivado a celebrar qualquer coisa, mas resolveram manter a data do batismo. Para Carmella, aquele momento sagrado era essencial para que seu bebê recebesse a bênção dos céus e pudesse, com isso, traçar sua vida dentro dos preceitos da Igreja Católica. Frederico dividia com a mulher a mesma crença religiosa e, não raro, rezava para San Gennaro, pedindo por clareza de raciocínio e bênção nas decisões que tomava, mas ele sabia que sua devoção pelo santo era bem mais acanhada do que a de Carmella.

A cerimônia de batismo tinha um custo que poderia ser transformado em uma doação. O padre, conhecendo a condição econômica da família Russomano, recém-chegada da Itália em Pelotas e ainda em processo de adaptação ao Brasil, optou por receber como pagamento o que as famílias pudessem dispor. Angelo Maria tomou a dianteira e prontificou-se a fazer uma doação, até bastante generosa, aliviando, assim, filha e genro desse gasto financeiro. Ele trabalhava muito no banco e já tinha sido promovido duas vezes desde que começara, pois todos se surpreenderam com sua agilidade com os números. Assim, Angelo Maria viu-se na obrigação de auxiliar o casal.

“Um bebê sempre vem acompanhado de muita despesa. É melhor mesmo economizar”, brincou Angelo Maria.

A ajuda do avô veio em boa hora. Frederico, desde que soube da morte do pai, lentificou seu trabalho, inclusive, atrasando algumas entregas, algo nunca visto até então.

Após a cerimônia, a família Pizza foi até a casa de Frederico e Carmella para conversar um pouco e aproveitar para conviver mais com o neto. A avó adorava pegar o menino no colo, embalar e cantarolar em italiano alguma cantiga de ninar.

Foi quando Angelo Maria e Colomba souberam dos planos de expansão da sapataria.

“A Calçados Russomanno está indo muito bem, dando um bom lucro, o que é maravilhoso neste momento em que a família está crescendo”, Carmella parou de falar por um instante, para fazer o sinal da cruz em agradecimento aos céus. “Mas precisamos de um maior espaço físico, caso contrário o negócio não vai prosperar mais”, ela seguiu explicando, enquanto Frederico mantinha-se calado, como de costume, confirmando as palavras da mulher com gestos de cabeça.

“E qual é o plano?”, indagou Angelo Maria, curioso em saber como o casal estava pensando em expandir a sapataria e tentando estimular Frederico a deixar de lado sua mudez voluntária.

O genro percebendo a expectativa do sogro acomodou-se melhor na poltrona e começou a dissertar sobre suas ideias.

“Duas casas próximas poderiam ser alugadas, duplicando o espaço físico que possuímos no momento, o que permitiria que mais atividades fossem executadas concomitantemente, se eu puder acomodar ali um maior número de trabalhadores, equipamentos e máquinas”.

“No momento, a sapataria está no número 769 da rua General Osório...”, começou a falar Angelo Maria, sendo logo interrompido pela filha.

“Sim, papai, isso mesmo! Frederico se refere às casas 771 e 773, que estão logo ao lado”.

“Seria o ideal!”, completou Angelo Maria, pensativo e com um ar apreensivo, mas não podendo conter um sorriso nos lábios, que expressavam, ao mesmo tempo, um certo receio e muito orgulho.

Mas San Gennaro pareceu ter ouvido às preces de Carmella pedindo por tranquilidade financeira e muitas crianças correndo pela casa. Assim, sob a benção do santo, nos anos que se seguiram, não foi apenas a sapataria Calçados Russomanno que sofreu uma larga expansão, transformando-se, inclusive, numa pequena indústria de sapatos. Frederico, Carmella e Victor, juntamente com os avós Pizza, viram chegar quatro meninas, Leonilda, Conceição, Elvira e Rosina – apelidada de Rosinha –, e mais um menino, Vicente, em homenagem ao irmão Vincenzo de Frederico.

A casa da rua Marechal Deodoro acabou ficando pequena para a família Russomanno. Assim, com o intuito de terem mais espaço para os filhos e de ficarem mais próximos do negócio, Frederico e Carmella acabaram decidindo que o melhor seria ir morar na casa 769 da

rua General Osório, onde a sapataria tinha dado seus primeiros sinais de vida alguns anos atrás. Era uma casa bem maior, com bons cômodos, uma excelente sala e uma boa cozinha. Assim, depois do nascimento de Leonilda, os outros quatro bebês vieram ao mundo no novo endereço da família.

Após alguns anos, infelizmente, San Gennaro pareceu fechar os ouvidos às preces de Carmella, quando sua filha Leonilda adoeceu, sofrendo de graves problemas no funcionamento dos rins e deteriorando rapidamente a saúde.

Primeiro, ela foi cuidada em casa por Carmella e as irmãs, especialmente Conceição, que devotou todo o tempo possível a alimentar, acarinhar e confortar Leonilda nas longas noites de insônia.

Mas as coisas foram piorando e Leonilda acabou tendo que ir para o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, que havia sido fundado em 1847. Ali ela ficou por algumas semanas, entre a vida e a morte, lutando para sobreviver ao mal que lhe afligia corpo e alma.

Mas nem o tratamento médico e nem as constantes rezas da família Russomano conseguiram salvar a menina.

E, pela primeira vez na vida, Carmella se viu completamente abandonada por San Gennaro.



Casas 769 e 773 da Rua General Osório

A casa 771 não existe mais!

Foto – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)



Após alguns anos, infelizmente, San Gennaro pareceu fechar os ouvidos às preces de Carmella...

À LUZ DE VELAS

Sempre que podia, Frederico levava Victor para a sapataria. Imaginava que o filho herdaria a indústria Calçados Russomanno, seguindo o negócio da família, uma vez que era o seu primogênito.

“Filho homem... levará o nome da família adiante, um trabalho que passará de geração para geração, por anos e anos”, concluía, com um mal disfarçado orgulho.

O menino acompanhava o pai sem impor qualquer resistência. Eles entravam na sapataria, Victor sentava-se próximo a Frederico e ali ficava bem-comportado, por horas a fio, observando o conserto dos sapatos, a graxa sendo passada, a pintura rejuvenescendo o couro, a costura fechando buracos e vendo os funcionários, que a cada dia aumentavam em número, irem de um lado para o outro, trabalhando duro durante o dia todo.

Victor sabia, porém, que esse ofício não faria parte de seu futuro. Ele não dividia com o pai o prazer de trabalhar com calçados e a alegria de sentir o cheiro do couro dominando o ambiente – *Não! Definitivamente, nada disso movia seus sentimentos!*, era sua convicção.

Frederico, no entanto, relutou em aceitar que Victor tinha outros planos para sua vida e acreditou que ele seria, sim, um exímio sapateiro, tal como ele mesmo se tornara! Com essa certeza na alma, Frederico não se deu por vencido e insistiu, por um bom tempo, em despertar no filho o talento para lidar com calçados, que cismara existir no coração de Victor.

“É somente uma questão de tempo, ele ainda é pequeno, mas logo verá a importância de dar continuidade ao negócio da família... e um negócio de muito sucesso!”, repetia Frederico, com a voz impostada, toda vez que Carmella trazia o assunto à tona.

Mas a mãe conhecia bem o coração do filho e sabia que Frederico estava completamente enganado no seu desejo de fazer com que o menino seguisse seus passos.

“Victor não queria e não seria um sapateiro, mesmo sendo esse o negócio da família que Frederico fizera crescer e prosperar do nada – absolutamente do nada!”, ela pensava conformada, mas com o coração apertado. Carmella tinha muito orgulho da Calçados Russomanno, pois conhecia bem a trajetória que o marido traçara, desde quando ele saíra da Itália sem quase nada e, pouco tempo depois, já tinha se afirmado como um excelente profissional, construído uma família e conseguido um bom lugar para morar.

“Frederico venceu em terras estranhas e distantes”, ela não cansava de repetir para todos com quem falava, sempre com a alma submersa numa enorme admiração.

A mãe, no entanto, reconhecia o brilho no olhar de Victor toda vez que o filho tomava um livro na mão para ler. Ele era um menino inteligente, curioso, cheio de ambição, que não se cansava de aprender algo novo, estimulante, desafiador. E ela estava totalmente certa!

Quando Victor já era um homem feito, ele confessou aos pais que, quando criança, costumava vasculhar o que era descartado pela Biblioteca Pública de Pelotas, atrás de um livro que o interessasse. Como não dispunha de qualquer trocado no bolso, essa teria sido a forma que encontrara para saciar sua necessidade por novas histórias – cheias de personagens com vidas em tempos muito diferentes do seu ou de aventuras com monstros em locais longínquos, parte de outros mundos, frutos de universos jamais imaginados, especialmente para quem passara sua existência entre os limites impostos pela cidade natal.

“Nunca vimos esses livros sendo lidos”, ironizou Carmella, com uma certa desconfiança de que isso não passava de um devaneio do filho.

“Verdade, sim, pura verdade!”, defendeu-se Victor, dando seriedade à voz. “Eu corria até a Praça da República, nos finais de tarde, pois sabia que era quando eles jogavam fora o que não queriam mais por isso ou por aquilo. Aí, escolhia o que achava de melhor. Infelizmente, alguns livros estavam incompletos, faltando páginas ou ilustrações. Eu trazia tudo para casa e escondia debaixo da cama. Quando todos já dormiam, acendia uma vela no meu quarto e ficava lendo noite adentro”, confessou o filho, colocando uma expressão de surpresa no rosto dos pais.

“Mas que sapeca era esse menino!”, brincou Frederico, esboçando um sorriso, que encerrava um pouco de orgulho e um pouco de decepção, pois não era segredo algum que desejava que o filho tivesse no coração a sua paixão em lidar com calçados. E logo pensou que Carmella sempre tivera razão. *“O amor do filho não era pelo cheiro do couro dos sapatos, mas pelo cheiro das páginas dos livros”.*

Um dia, Victor decidiu que era hora de reunir a família para comunicar o seu desejo de estudar medicina e que, definitivamente, não dedicaria sua vida profissional ao negócio do pai. Ele admirava muito a Calçados Russomanno, mas sabia que, sem a paixão necessária, o negócio não se sustentaria com o passar do tempo.

Victor confessou que pensara muito por dias e mais dias, perdera noites e mais noites de sono, considerou vários possíveis caminhos, delineou planos de vida para si e também para

a família que um dia teria, e chegou à conclusão de que queria mesmo ser médico. Ele conseguia até antecipar o prazer que teria nos dias de trabalho dedicados a aliviar a dor de pacientes e o sofrimento de seus familiares.

A decisão de Victor agitou as famílias Pizza e Russomano. Frederico e Carmella não colocaram qualquer resistência. O filho era agora um homem feito, com 18 anos completos, e dono de seu nariz. Eles se limitaram a ajudar a organizar a logística da viagem e a vida financeira de Victor no Rio de Janeiro. Com muito orgulho e determinação, Frederico e Carmella, depois de fazerem contas e mais contas, viram que seria possível, sim, custear os estudos do filho na faculdade de medicina.

Angelo Maria, agora num bom cargo no Banco Pelotense, o qual teve sua matriz estabelecida um par de anos antes, em 1906, em Pelotas, mas que já se espalhava por outros estados brasileiros, dada sua reconhecida competência em assuntos financeiros, propôs ajudar, oferecendo um auxílio no custeio das despesas do neto na capital do Brasil – afinal desde 1763, o Rio de Janeiro substituíra Salvador nessa função. Dessa vez, porém, Frederico agradeceu muito a generosa atitude do sogro, mas ele e a mulher estavam bem mais seguros financeiramente e não necessitavam de ajuda naquele momento.

E foi assim que a Calçados Russomanno financiou o curso de medicina de Victor nas terras cariocas. No início de 1909, a família se reuniu para um jantar de despedida. Estavam todos felizes e tristes com a partida de Victor para o Rio de Janeiro. Ele mesmo sentia-se com a alma dividida.

“É por pouco tempo”, murmurou Victor para si mesmo, tentando aliviar a dor do momento.

E uma combinação de lágrimas e risos, abraços e beijos espalhou-se pela sala da casa da família Russomano.

“Um brinde a nova vida de Victor que está por vir!”, exclamou Angelo Maria, com a voz engasgada, pois sabia que, pela primeira vez em quase duas décadas, ele não teria mais o neto ao alcance de sua mão quando desejasse.

No dia da partida, Victor acordou cedo, o dia mal clareara, e ele começou a fazer, calmamente, sua mala. Nela, colocou as roupas lavadas e passadas por Carmella, os sapatos rejuvenescidos por Frederico, alguns objetos pessoais, fotografias da família e um par de livros que gostava de ler uma parte aqui, outra ali sempre que podia, pois haviam sido escritos

por autores que detinham um conhecimento profundo sobre a filosofia da alma humana – um assunto que sempre lhe interessara muito.

Após o café da manhã, começaram as despedidas. Antes de deixar a casa pelotense, Victor abraçou e beijou longamente um por um, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. E todos dividiam com ele as mesmas confusas emoções!

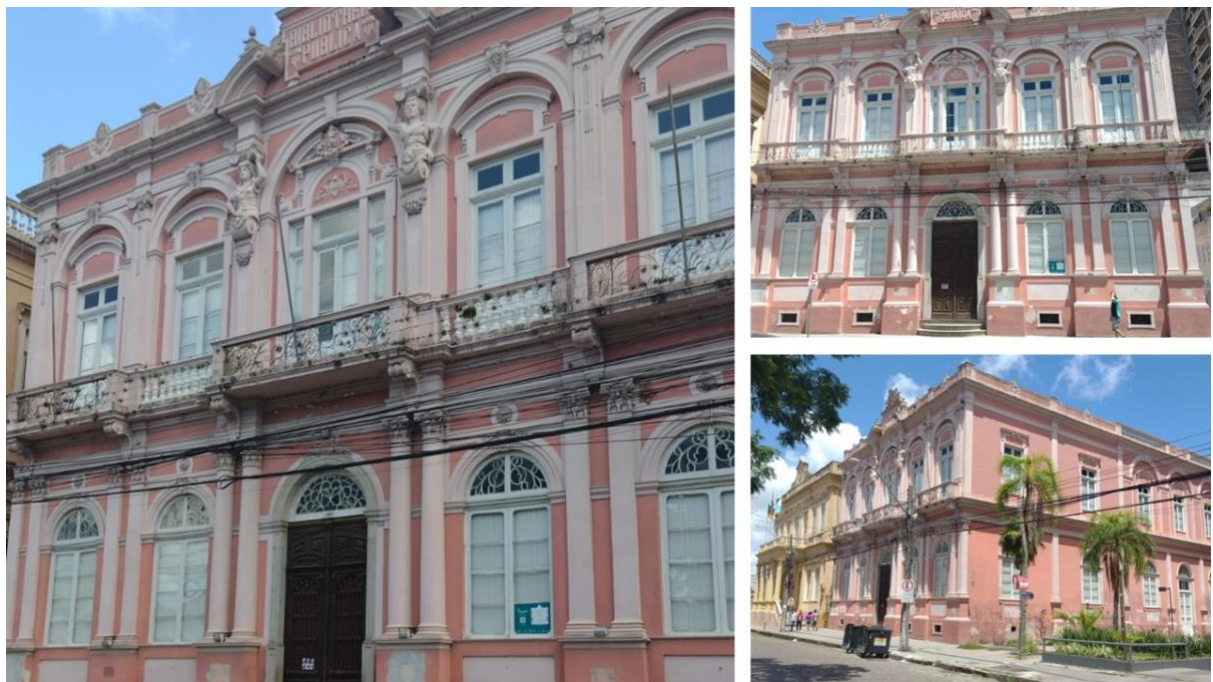
A família o acompanhou até a porta.

Victor pegou a mala e começou a caminhar rumo à nova fase de sua vida.

Frederico e Carmella observaram o filho ir se afastando, passo a passo, até virar uma silhueta distante, sem olhar para trás uma só vez – da mesma forma que Frederico fizera ao partir de Santos anos e anos atrás.

Os pais de Victor nunca comentaram esse detalhe um com o outro, mas ambos souberam ali que o filho estava pronto para esse desafio!

Com uma mala, os passos firmes e a alma cheia de esperança, Victor Russomano sumiu no horizonte.



Biblioteca Pública de Pelotas

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)



Quando todos já dormiam, acendia uma vela no meu quarto e ficava lendo noite adentro...

A CIDADE ENCANTADA

A viagem de Pelotas para o Rio de Janeiro era uma verdadeira aventura no início do século 20, ainda muito confinada à elite da população, com um trajeto dispendioso e longo, requerendo um razoável volume de recursos financeiros e uma cuidadosa logística para a chegada à capital do Brasil.

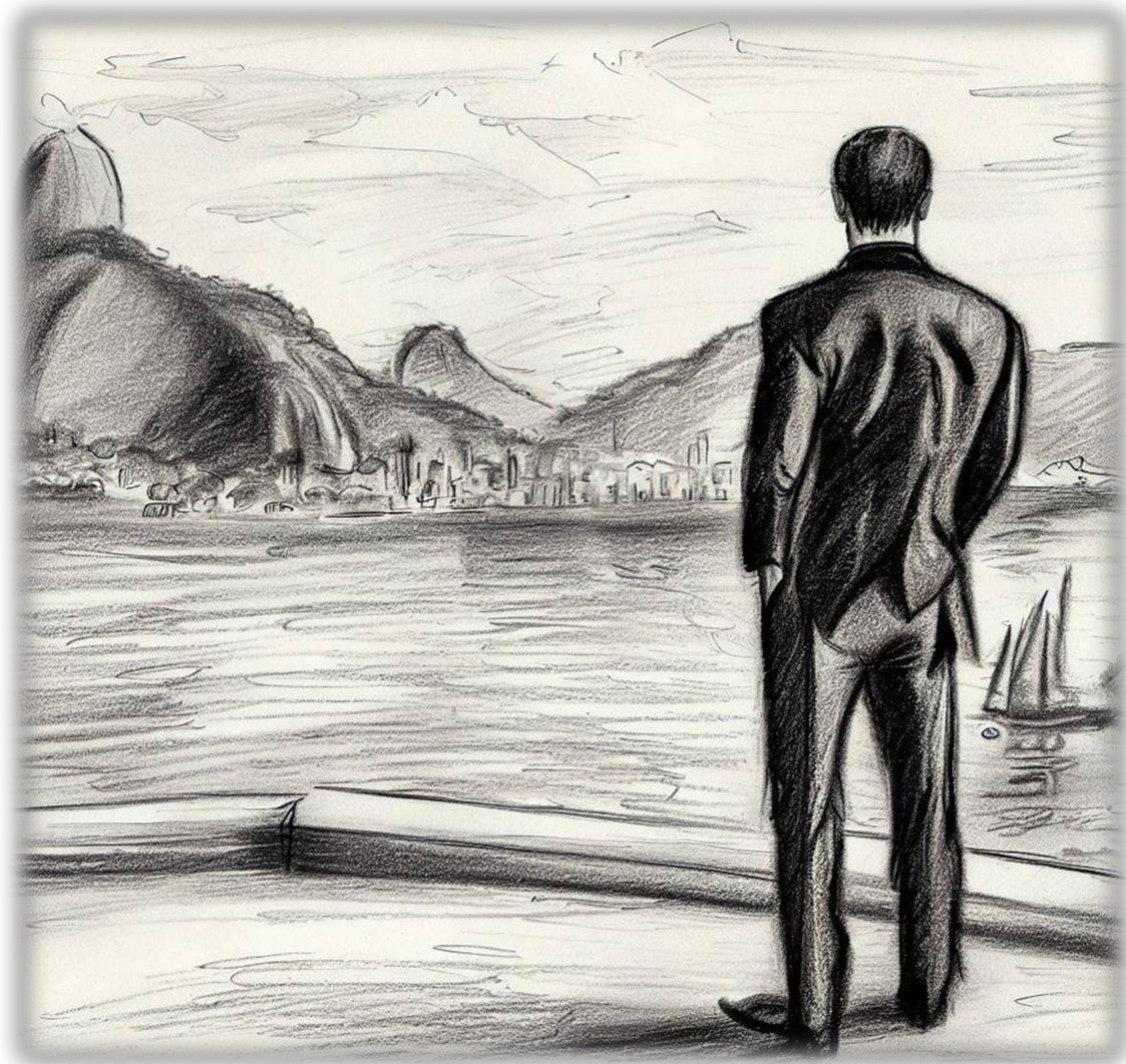
Para cruzar da região sul à sudeste, Victor teve que tomar diferentes transportes até conseguir aportar de navio a vapor no porto carioca, um par de semana depois. Durante o trajeto, com o constante balançar das ondas e a natural trepidação de se ter um veículo trafegando sobre a água, enjoar e vomitar tornavam-se acontecimentos comuns entre os viajantes, afetando, em especial, mulheres e crianças. Victor sentiu náuseas, até intensas algumas vezes, principalmente no início da viagem, mas acabou que seu corpo forte e jovem reagiu rápido e ele logo acostumou-se ao sacudir do navio.

Todo o esforço e cansaço, porém, foram rapidamente compensados com a chegada ao Rio de Janeiro, numa linda manhã de céu azul, sem uma só nuvem e com muito Sol. Era verão e, mesmo o dia tendo recém raiado, Victor já podia sentir o calor penetrando em seu corpo, muito diferente da temperatura dos amanheceres nos pagos do sul.

A visão da Baía da Guanabara e do Pão de Açúcar ao fundo deslumbrava os viajantes que aportavam na cidade. E isso não foi diferente com Victor! Por um instante, até mesmo se esqueceu de sua preocupação maior, que era a de encontrar um hotel logo na chegada, que fosse bem localizado, limpo, seguro e acessível ao dinheiro que trazia.

Por sorte, durante a viagem, conheceu um rapaz um pouco mais velho do que ele, o qual também tinha ido estudar na capital do país. Essa prática não era nada incomum à época. Muitos jovens deixavam sua terra natal, para morar em grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife, no Brasil, e, às vezes, até mesmo indo para universidades nos Estados Unidos e na Europa, algo restrito às famílias com mais dinheiro, prestígio e influência social.

José tinha 20 anos e seu destino era a faculdade de direito, pois desejava se tornar, primeiro, um advogado, para, provavelmente depois, vincular-se a um partido e seguir uma carreira na política brasileira.



A visão da Baía da Guanabara e do Pão de Açúcar ao fundo deslumbrava os viajantes que aportavam na cidade.

Os dois sentaram-se juntos muitas vezes durante uma refeição ou para tomar um café, enquanto o navio deslizava rumo norte sobre as águas do Atlântico. José embarcara em Porto Alegre, sua cidade natal, e, assim, estava um pouco mais acostumado com o ritmo de um centro urbano maior – algo que assustava Victor, sem nunca ter confessado a ninguém!

Entre uma conversa e outra, a amizade entre os jovens, futuros estudantes universitários, foi crescendo e, logo na chegada, ainda deslumbrados com a beleza da paisagem carioca, os dois partiram juntos, como haviam planejado, tomando uma sequência de bondes elétricos, uma boa oportunidade de irem conhecendo um pouco mais da cidade, até chegarem em Copacabana. Isso, por si só, já foi uma novidade para Victor, acostumado que estava com os bondes pelotenses, dominados ainda pela tração animal, sendo puxados, em geral, por burros.

José tinha uma indicação de um hotel em Copacabana, relativamente próximo à praia e de fácil deslocamento para a universidade.

“Acho que fica ali”, falou José, apontando para um edifício de três andares, de aparência singela, que tinha pintado sobre a porta de entrada o nome Hotel República, apesar do final da palavra República não se conseguir identificar com nitidez, provavelmente apagada pelo passar do tempo e os revezes do clima.

“Hotel Repúb...”, leu Victor, fazendo os dois rirem.

Os quartos eram simples, limpos, mas muito pequenos – cabia ali cama, armário sem porta, mesa de cabeceira – e só! Seria impossível dividir a acomodação, a ideia original dos jovens, e eles foram obrigados a alugar um quarto cada um, apesar do custo ser significativamente maior. O banheiro e a área da alimentação eram comuns a todos os quartos do hotel.

Na primeira noite, José e Victor decidiram caminhar para ver o mar molhar a areia de uma das praias mais famosas do mundo. E, mais uma vez, eles se deslumbraram com a beleza, o charme e a imponência da capital do Brasil.

Num rompante, tiraram sapatos e meias, arregaçaram as calças e correram para as águas de Copacabana. Quando sentiram o macio das ondas molharem seus pés, os dois gritaram de felicidade, abraçaram-se, pularam, jogaram água um no outro, como se fossem dois meninos pequenos brincando à beira-mar.

De volta ao seu cômodo, Victor decidiu escrever sua primeira carta para a família Russomano, contando da viagem, da chegada no Rio de Janeiro, do pouco que já tinha conhecido da cidade e de seu novo amigo, José, um futuro advogado.

Como sempre, uma carta levava um tempo razoável para ir de um ponto a outro do Brasil. Mas, quando a correspondência de Victor finalmente chegou, a alegria dos Russomano foi enorme. Todos se reuniram na sala para Frederico ler a carta em voz alta.

E ele começou...

*“Queridos papai, mamãe, irmãs e irmão,
Espero que todos estejam bem. Tenho muita saudades de tudo! Sinto falta das conversas ao redor da mesa, com toda a família reunida, dos pratos da culinária italiana de mamãe, da alegria da casa com o ir e vir de todos e até mesmo do cheiro do couro da sapataria, papai”.*

Frederico fez uma pequena pausa, pois a voz ficou trêmula com a última frase que lera. Tentou inutilmente disfarçar a emoção, pigarreou algumas vezes e só então conseguiu prosseguir a leitura. Apesar de todos perceberem, ninguém ousou fazer qualquer comentário.

“A viagem foi longa, como previsto, e penosa, também como previsto. Por sorte, meu corpo se acostumou logo com o balançar das ondas e, assim, não sofri muito com enjoos. Fiz uma nova amizade durante a viagem. Seu nome é José e ele veio de Porto Alegre para estudar direito.

O que eu quero contar mesmo é sobre o Rio de Janeiro. A chegada foi deslumbrante, numa magnífica e quente manhã do verão carioca. Nossa capital é linda, tem uma beleza própria, uma atmosfera contagiante, uma alegria no ar.

Tudo aqui é novo, avançado! Os bondes são todos elétricos e se movem muito mais rápidos do que os de Pelotas, ainda puxados por burros. E pasmem! Há muitos automóveis pelas ruas, o que promoveu uma revolução urbana, com alargamento e retificação de várias vias, para facilitar o tráfego de pessoas, bondes e automóveis, embelezar ainda mais a cidade e motivar a abertura de rodovias para outros lugares.

Ah, e o mar! Que maravilha poder sentir o cheiro da água salgada... ouvir o barulho constante das ondas... caminhar descalço sobre a areia branca e macia de Copacabana... É uma sensação in-des-cri-tí-vel!

Comentam por aqui que há bons cinemas e várias peças de teatro ofertadas seguidamente. Espero que os estudos me deixem conhecer um pouco de tudo isso. E que o dinheiro dê para algumas diversões dessas. Ainda quero visitar a Biblioteca Pública e ver como posso ter acesso a livros.

Primeiro, porém, preciso organizar minha vida – universidade e um lugar para morar. Estou pensando em alugar algo junto com José, pois o custo ficaria mais baixo, teria uma boa companhia para conversar e viveríamos com mais conforto e liberdade.

Devo confessar que a comida do hotel – eles servem café da manhã e jantar, tudo incluído no preço da acomodação – deixa muito a desejar!

Penso muito em voltar nas férias do final do ano para ficar com todos vocês! Parece um tempo enorme até lá, mas há de passar rápido.

Seguirei enviando cartas sempre que possível, para contar das notícias daqui. Assim que tiver um endereço fixo, mandarei e aí poderei também receber notícias daí.

Por enquanto, posso dizer que estou feliz. Com saudade, mas feliz!

O Rio de Janeiro é uma cidade encantada.

Benção, beijos em todos,

Victor!”



Victor estudando medicina no Rio de Janeiro

Álbum de Família

“SÓ”

Como prometera à família em várias das cartas que enviou do Rio de Janeiro, Victor tomou por hábito passar as férias de verão da faculdade de medicina em Pelotas. Apesar de a viagem ser longa, cansativa e ainda raspar muito de suas poucas economias, Victor tinha motivos suficientes para cruzar a costa do Brasil do Rio de Janeiro até Pelotas.

Logo ficou claro que ele não fazia isso somente para conviver com pai, mãe, irmãs e irmão, mas porque conheceu e se encantara por uma jovem pelotense, chamada Elda Delfina Costa da Costa, apelidada de Didi, em algum momento durante o ano de 1908.

Elda vinha de uma família numerosa, com muitos irmãos e irmãs, sendo a filha caçula do casal José Delfino da Costa e Cândida Júlia Costa da Costa, que ficou mais conhecida como Candoca.

Infelizmente, Elda ficou órfã de pai ainda menina, por volta de 5 anos de idade, e a situação familiar só não desabou de vez com a perda de José Delfino, porque ele era um dos filhos do abastado, muito bem-sucedido, mas de temperamento difícilíssimo, charqueador da São João – um negócio de produção e venda de carne salgada e seca ao Sol de indiscutível sucesso, localizado às margens do Arroio Pelotas.

O apelido do avô paterno de Elda era Costa Boi, pois, além de ter uma vida financeira de dar inveja a qualquer um, ele era um homem forte, grande e possante, que resolvia qualquer desavença no murro, partindo para a briga com seus adversários sem vacilar e, certamente, a vitória era sempre sua.

Corria, assim, o boato de que ele teria matado um boi com apenas um soco nas fuças do animal – algo de que se gabava e não cansava de contar e recontar para os amigos, enquanto bebiam juntos num bar qualquer. Fazia isso não somente para que a história do boi não fosse esquecida, mas também para lembrar a todos que ele era capaz de façanhas como aquela.

“Por isso, eu aviso - tomem sempre muito cuidado com o Costa Boi!”, dizia o charqueador em tom de brincadeira e de ameaça, toda vez que esse assunto vinha à tona, sempre falando e rindo alto, com um copo de uma bebida alcoólica qualquer no ar, como se estivesse brindando ao próprio feito.



Cândida Júlia Costa da Costa (Candoca)

Álbum de Família

O encanto de Victor pela neta de Costa Boi foi tão imediato quanto profundo. Pouco antes de partir para seus estudos no Rio de Janeiro, ele foi até a casa da família Costa, na rua Gonçalves Chaves, esquina com a rua Dr. Cassiano, para entregar um livro que comprara de presente para Didi, que estava celebrando seu décimo sétimo aniversário.

O livro chamava-se *Só* e foi considerado a melhor obra do escritor português António Nobre, tendo sido publicado primeiramente em Paris, em 1898, e depois em Lisboa, pela editora Guillard, Aillaude & Cia. O livro *Só* era uma coletânea de poesias e Victor, por sorte, conseguiu adquirir um exemplar desse autor, um de seus preferidos, na livraria Americana de Pelotas.

Na dedicatória, ele escreveu:

*“Querida Didi,
Saudando-te,
peço-te que aceites esta pequena lembrança de quem muito te admira.
Victor Russomano
3 de fevereiro de 1909”.*

E ainda adicionou na primeira página do livro:

*“... que se repita assim, assim alegremente
O dia de teus anos, sempre eternamente.
E tenhas crença, fé, esperança indefinida,
E que sejas feliz, junto à tua mãe querida”.*
Victor Russomano

Victor foi pensativo no caminho de volta para casa, preocupado se Didi apreciaria o estilo poético de António Nobre. O poeta apresentava um retrato de Portugal do final do século 19, o qual era feito sob um olhar crítico e irônico.

O livro *Só* começa com o poema *Memória, O livro mais triste que há em Portugal*, que, pelo título, passou a falsa impressão de que seria uma obra imersa em tristeza, escrita por alguém que estava sendo consumido pela tuberculose. Total engano! O mal pulmonar causado pelo bacilo de Koch só assolou o poeta português depois de ser publicada a primeira

edição de *Só*, em Paris. Infelizmente, pouco tempo depois, a doença venceu António e ele morreu aos 32 anos de idade de tuberculose – o mal do século!

Victor somente se deu conta de um detalhe, quando já de volta em casa, deitado em sua cama. Ele estava prestes a partir para o Rio de Janeiro, deixando tudo e todos para trás, até mesmo sua Didi, e a presenteou no seu aniversário com um livro que tinha por título aquilo que ele mais temia sentir nas terras cariocas – *“estaria totalmente só, pela primeira vez na vida!”*.

Didi, porém, astuta e inteligente, percebeu que o livro era tanto um presente quanto um apelo. Ela precisava confortar a alma de Victor, para que ele pudesse enfrentar a longa viagem, aproveitar as oportunidades culturais do Rio de Janeiro e cursar com dedicação a faculdade de medicina. Didi estaria ali em Pelotas esperando por ele, sem dúvida alguma. Ela sabia que o destino dos dois já se embricara de uma forma que nada os separaria – nem o tempo e nem a distância!

E então ela tomou o livro nas mãos e escolheu alguns versos de um poema para enviar para Victor.

“Por alta noite, às horas mortas,

Quando não se ouve pio, ou voz,

Fecho os meus livros, fecho as portas

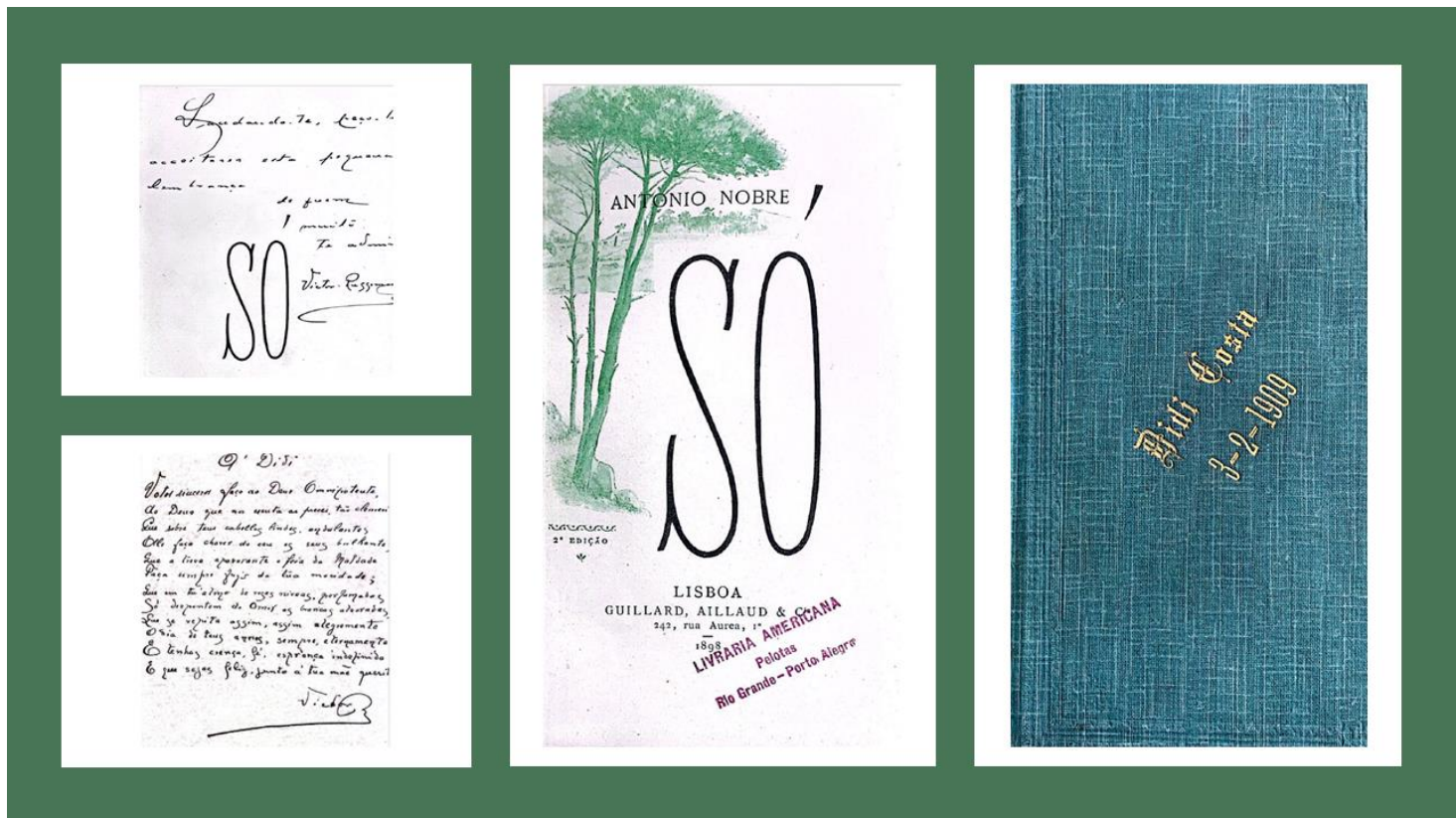
Para falar contigo a sós.

(Parte do poema O Meu Cachimbo, António Nobre, Só)

Didi

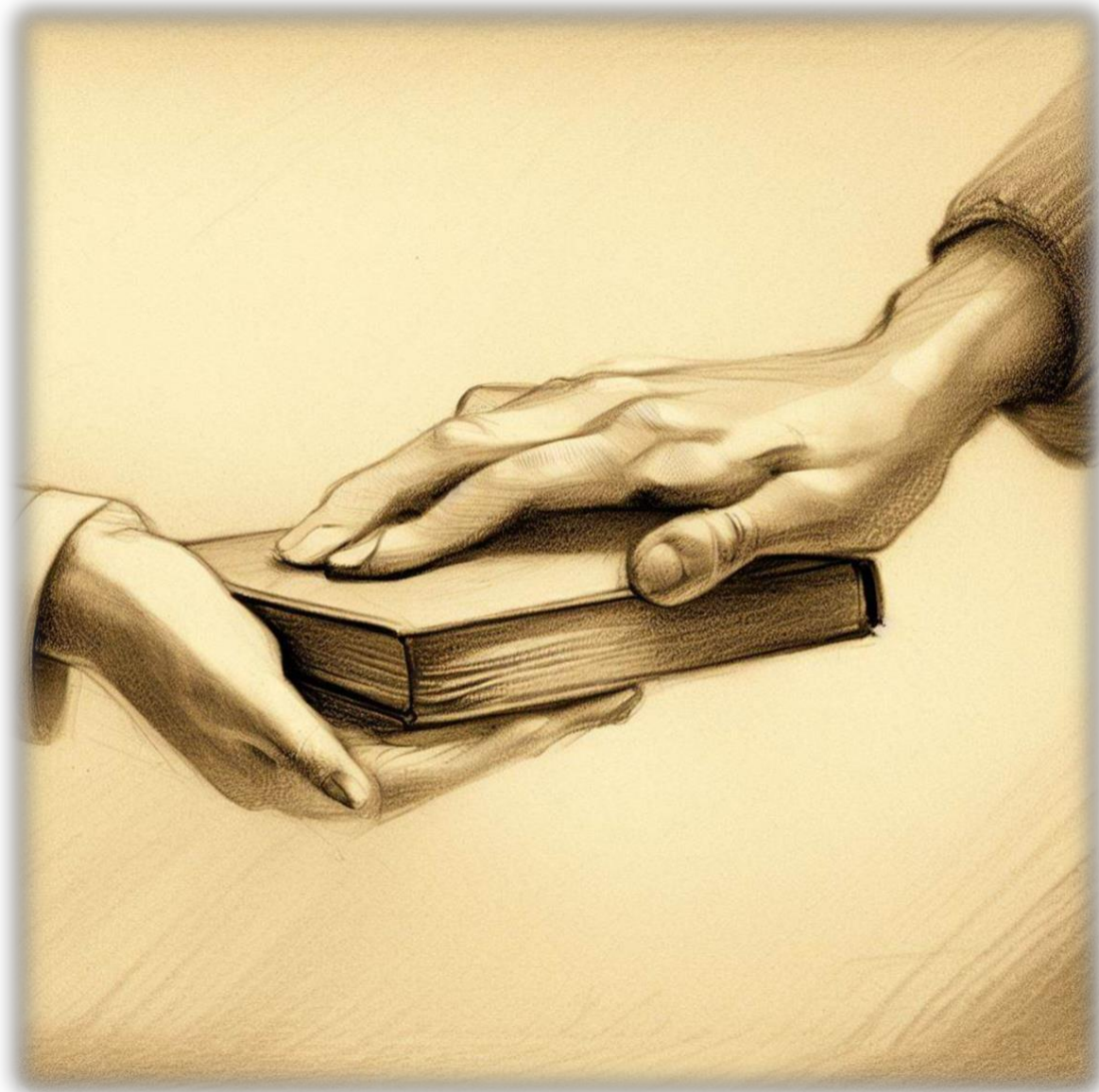
4 de fevereiro de 1909”.

E foi assim, sob o olhar poético de António Nobre, que Victor e Didi se renderam ao amor que sentiam!



Livro *Só* com a dedicatória de Victor para Didi (1909)

Álbum de Família



... para entregar um livro que comprara de presente para Didi, que estava celebrando seu décimo sétimo aniversário.

SAUDADE

Frederico tomou por costume escrever cartas periódicas para os Russomano em Caposele. Era a forma que tinha de enviar notícias da família brasileira, contar sobre os progressos da sapataria e acalmar um pouco a saudade de sua alma. Esse hábito também teve a função de estimular a remessa de novidades da Itália para o Brasil. Elas continham um pouco de tudo – coisas banais da vida, as façanhas do monarca Victor Emmanuel III, as desavenças políticas que agitavam o governo e os solavancos da economia italiana. Com o passar do tempo, o ir e vir de cartas sobre o Atlântico foi aumentando em frequência e consolidou-se como uma prática necessária.

Nem sempre, porém, as notícias eram boas. Algumas cartas trouxeram detalhes sobre as sucessivas erupções do Monte Etna, na Sicília, o maior vulcão da Europa, com cerca de 3300 metros de altura e mais de 200 crateras, sempre em atividade, liberando vapor e gases pelos ares, como um monstro enfurecido. Toda vez que ele lançava sua lava com força havia devastadores relatos de destruição, mortes e do surgimento de uma legião de desabrigados.

“Um perigo e uma tristeza!”, comentava Carmella toda vez que ouvia sobre as erupções vulcânicas, tomando o terço na mão, fazendo uma prece e pedindo proteção para esses momentos difíceis e sofridos da região sul de sua terra natal.

Essa mesma rotina de cartas para um lado e para o outro foi estabelecida com Victor. Assim, quando aportava uma correspondência – fosse ela da Itália ou do Rio de Janeiro –, Frederico reunia a família na sala, após o jantar, para ler em voz alta as novidades recebidas. Durante a leitura das cartas, todos ficavam acomodados no sofá central, que dominava o ambiente, ou em cadeiras e poltronas, ajeitadas de maneira a formarem praticamente um círculo. E ali ficavam quietos, atentos e calados, com o silêncio somente sendo quebrado por um riso descuidado, uma interjeição de surpresa ou o som do chá, preparado por Carmella, sendo bebido.

Foi, dessa forma, que os Russomano em Pelotas ficaram sabendo da vida estudantil e cultural de Victor nas terras cariocas. Ele sempre começava contando sobre o que aprendia na faculdade de medicina, a rotina dos alunos na universidade e as horas sem fim de estudo no pequeno apartamento que alugara com José no bairro de Botafogo.

“Não canso em aprender”, escreveu ele numa das cartas. “É maravilhoso poder conhecer o funcionamento do corpo humano, os detalhes de nossa anatomia, o que fazer quando os órgãos falham e adoecem. É um conhecimento vasto, complexo, que exige horas e mais horas de leitura”, prosseguiu.

Depois vinha o que realmente fazia brilhar os olhos dos Russomano – a descrição das maravilhas da capital brasileira!

“Certamente, bem mais interessante do que os detalhes sobre enfadonhas aulas de medicina”, pensavam todos, sem confessar.

“Há tanta coisa por aqui, tão diferente de tudo que eu conhecia – tem um famoso distrito de lojas e mais lojas para todos os gostos; parques com árvores altas, lindas plantas e lagos com patos deslizando sobre suas águas; o famoso Jardim Botânico, tido como um dos mais belos do mundo; museus para visitar e poder aprender sobre coisas tão diversas...

E, mãe, como não lhe contar? Há belas igrejas e uma imponente catedral aqui – um lugar ideal para suas rezas!

Ainda não tive a oportunidade de subir ao cume do Corcovado, mas eu e José estamos planejando fazer isso assim que os estudos derem uma trégua. Ele também é um aluno muito dedicado. José me comenta sobre o que aprende nas aulas da faculdade de direito. Tenho que confessar que acho encantador – cativante mesmo!”.

Cartas com notícias similares sobre a rotina na universidade e as andanças pelo Rio de Janeiro que Victor enviava para a família também eram remetidas para Didi. Nessas, porém, ele tinha sempre o cuidado de adicionar algo pessoal, com um ligeiro toque de intimidade, permitindo-se abrir mais o seu coração para a mulher por quem se apaixonara e com quem decidira que dividiria o seu futuro.

Em Pelotas, Didi ficava sempre atenta à chegada do carteiro. As semanas em que não recebia notícias de Victor eram mais tristes, sombrias, letárgicas, o tempo custava mais a passar, como se o silêncio de seu amado tivesse o poder de dilatar as horas e os dias, fazendo com que relógios trabalhassem mais lentamente.

Tudo, no entanto, ganhava um forte colorido, uma pressa, uma agitação, um ritmo de urgência, quando uma carta aportava com notícias cariocas, juras de amor eterno e a confissão de que a saudade por ela corroía a alma de Victor.

Didi, uma jovem inteligente e determinada, pertencente a uma geração na qual as mulheres haviam conseguido galgar acesso à educação básica, aprendendo a ler, a escrever e a fazer as quatro operações matemáticas mais simples – somar, subtrair, multiplicar e dividir – tomava caneta e tinteiro na mão e não deixava de responder uma só carta de Victor, contando das novidades da vida pelotense e confessando que sua saudade por ele corroía, igualmente, a sua alma.

Para deixar de forma inquestionável e visível a todos o que se passava no interior de seu coração, Didi decidiu que se vestiria de uma maneira mais singela e que não se enfeitaria nos meses em que Victor estivesse estudando no Rio de Janeiro – *refletindo na sua aparência a tristeza de sua alma!*

Somente nas visitas anuais a Pelotas, durante as férias universitárias de Victor, é que ela, então, passava a embelezar-se, usando roupas novas, inventando penteados diferentes e colocando alguma maquiagem no rosto – *refletindo na sua aparência a alegria de sua alma!*

E foi essa sua rotina até Victor se formar em medicina e retornar a Pelotas.



...o tempo custava mais a passar, como se o silêncio de seu amado tivesse o poder de dilatar as horas e os dias...

TRANSFORMAÇÕES

Enquanto Victor aprendia sobre os males do corpo, aproveitava as maravilhas culturais do Rio de Janeiro e trocava cartas e mais cartas com a família e Didi, a vida em Pelotas continuava com sua rotina habitual – Frederico trabalhando arduamente na sua pequena indústria de sapatos, Carmella cuidando da casa e dos filhos, Angelo Maria impressionando a todos com sua peculiar destreza com os números, Colomba dedicando-se aos afazeres cotidianos da família.

Os Pizza mantinham encontros periódicos com os Russomano, para uma refeição ou um café ou um passeio pela praça central, que sempre acabavam em intermináveis discussões sobre a Itália e a vida no Brasil, os divertidos tropeços com a língua portuguesa e a satisfação de ver as crianças crescendo, rapidamente deixando para trás o ar infantil para enveredar pela puberdade e adolescência.

Essa tranquila rotina somente era quebrada por algum evento que agitasse a cidade. Um deles se passou em agosto de 1910, quando o Papa Pio X assinou uma bula papal elevando a igreja pelotense para Catedral Metropolitana São Francisco de Paula, um acontecimento que Carmella fez questão de prestigiar. Houve uma missa celebrativa, a qual deixou o local transbordando de fiéis, e ela, Frederico e filhos lá estavam. Angelo Maria, Colomba e o restante da família Pizza também compareceram e sentaram-se lado a lado com os Russomano.

“Nada mais justo do que demonstrarmos nossa solidariedade e devoção!”, comentou Carmella, com seu costumeiro tom determinado na voz, sempre utilizado quando considerava o assunto indiscutível. Dessa vez, foi mais fácil convencer Frederico a sair da sapataria mais cedo e ir com ela e os filhos ao evento religioso. Afinal, muitas rezas para San Gennaro, muito choro em momentos difíceis, muitas confissões com o padre para aliviar a alma, além de festividades religiosas, como batismos e casamentos de familiares e amigos, ocorreram entre as paredes daquele templo católico ao longo dos anos.

Um fato distante que aconteceu do outro lado do Atlântico também agitou o dia a dia das famílias de origem italiana em Pelotas – e os Pizza e os Russomano não foram exceção. Sentados com Manuel no Bar Independência e tomando um par de cálices de vinho tinto,

Angelo Maria e Frederico passaram meses discutindo a guerra entre Itália e Líbia, enquanto ideias e pensamentos eram embalados por músicas tocadas no rádio do bar, muitas delas de cantores consagrados pelo sucesso que faziam de ponta a ponta do Brasil, como Bahiano, Vicente Celestino e Chiquinha Gonzaga.

Nem sempre, porém, Angelo Maria e Frederico conseguiam um bom acesso ao que estava ocorrendo nas longínquas terras italianas, pois os meios de comunicação eram precários e as cartas com alguma notícia relevante sobre a guerra levavam muito tempo para cruzar o oceano, ficando rapidamente desatualizadas. Por sorte, Manuel era um homem bem-informado, já que seu bar era tradicionalmente frequentado por muita gente todos os dias – a conversa corria solta entre os clientes e as notícias se espalhavam com uma velocidade incrível de mesa em mesa!

“Esse conflito armado ítalo-turco parece que não está sendo nada fácil para o Reino da Itália... O Império Otomano é muito organizado e está impondo uma enorme resistência”, comentou Manuel. “Mas isso é só o começo... tem ainda muita guerra pela frente”, tentou amenizar, com o intuito de transmitir certa esperança para a dupla de amigos italianos.

E, assim, passaram os três em intermináveis encontros, sempre que a família e o trabalho permitiam, no Bar Independência, tomando um vinho tinto ou um café bem quente, debatendo o resultado desta ou daquela batalha, computando os navios afundados e as baixas dos combatentes de ambos os lados da guerra. Até que, por fim, a Itália foi consagrada vencedora e a Líbia e as ilhas do Dodecaneso ficaram, então, subjugadas ao controle oficial italiano.

Um fato, porém, foi tema de várias das conversas no Bar Independência o uso de aviões na guerra! Em 23 de outubro de 1911, registrou-se o primeiro bombardeiro aéreo da história, quando pilotos italianos jogaram granadas de mão sobre um acampamento do exército turco – algo inimaginável à época! Para Angelo Maria e Frederico, um avião voando no céu era uma coisa inconcebível, até assustadora!

“E agora temos pássaros metálicos cortando os ares. Ah, este Alberto Santos-Dumont... Ele tem mesmo é que inventar um avião que faça voos da Itália para o Brasil”, ironizou Angelo Maria. E os três riram muito, pois já tinham contado em detalhes para Manuel sobre a longa e penosa travessia do Atlântico, lá do porto de Nápoles até a América do Sul, quando viajaram mal acomodados e passando muitas dificuldades no insalubre porão do navio.

Mas a guerra ítalo-turca tinha mesmo acabado e as desavenças aramadas pareciam que dariam uma trégua para a Europa.

“É uma falsa paz... Têm muitos países europeus recrutando homens para seus exércitos e comprando mais armas para aumentar o seu arsenal. Logo, logo vem outra guerra por aí... é só uma questão de tempo!”.

E Angelo Maria e Frederico concordaram com Manuel, pois sabiam que o amigo tinha razão – *“o ser humano não conseguia viver em paz!”*, era a convicção dos três!

Na verdade, o período compreendido entre o término da Guerra Franco-Prussiana, no final do século 19, e o início da Grande Guerra, em julho de 1914, ficou conhecido como La Belle Époque, um momento da história caracterizado por grande progresso econômico, tecnológico e cultural, sobretudo nos países europeus, nos Estados Unidos e no Japão. Foi quando muitas coisas foram inventadas ou popularizadas, como o automóvel, a bicicleta, o avião, o telégrafo sem fio, o telefone e a lâmpada elétrica, esta última graças ao incansável trabalho de Thomas Edison. Nas cidades maiores, a vida cultural tornou-se efervescente, com inúmeros espetáculos enchendo teatros, bem como o surgimento de livrarias, restaurantes, tabacarias e cafés por todo o lado.

Essa fase da história, no entanto, não foi totalmente vivida sob a bandeira da paz. Conflitos armados ocorreram, sim, causando destruição e mortes, mas o mundo fazia um esforço grande para ignorá-los, com o objetivo de desfrutar das benesses dos progressos da sociedade da Belle Époque, que vivia em constante transformação.

Assim, os três amigos sempre tinham assunto nos seus encontros no Bar Independência regados a vinho ou café – fosse sobre conflitos armados, confusões políticas ou invenções tecnológicas.

Frederico, no entanto, tinha duas grandes preocupações que começaram a afetar seu sono à noite e que se encontravam bem mais próximas dele do que as desavenças ou invenções que pipocavam mundo afora – o retorno de Victor formado como médico e a ida de Vicente para a faculdade de direito do Rio de Janeiro. Enquanto para seu primogênito ele precisava montar um consultório, para o outro filho, Frederico tinha que se organizar financeiramente para custear sua vida na capital brasileira.

“Por sorte, a Calçados Russomanno está indo de vento em popa”, ele enfatizava, sem disfarçar um sorriso orgulhoso, sempre que os planos sobre Victor e Vicente vinham à tona nas conversas com Carmella.

Depois de muito procurar, ouvir conselhos e fazer contas, Frederico acabou escolhendo uma pequena casa na rua Voluntários da Pátria, entre as ruas General Osório e Marechal Deodoro, para montar o consultório de Victor. Carmella aprovou a escolha do marido, fez algumas rezas no local ainda vazio para abençoar a vida profissional de Victor e dedicou-se a ajudar Frederico a comprar mesas, cadeiras, material e equipamentos médicos, que seriam usados para avaliar a saúde dos futuros pacientes do filho.

Quando Victor tomou o navio no Rio de Janeiro para voltar definitivamente para Pelotas, carregando na sua mala o diploma de médico, não desconfiava que um consultório todo pronto estaria esperando por ele, pois Frederico e Carmella tinham decidido manter segredo absoluto sobre o assunto.

“Será uma bela surpresa para o nosso Victor... o recém-formado médico da família Russomano!”, concluiu Frederico, beijando carinhosamente Carmella.



Catedral São Francisco de Paula

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges



...dedicou-se a ajudar Frederico a comprar mesas, cadeiras, material e equipamentos médicos, que seriam usados para avaliar a saúde dos futuros pacientes do filho.

PARTE I - 18
IDEIAS, IDEAIS E INTUIÇÕES

Na mala de Victor, havia mais do que roupas, pertences pessoais, presentes para a família e Didi e o seu diploma de médico. Nela também estava sua tese, parte fundamental dos trabalhos elaborados na faculdade de medicina, intitulada História Natural do Educando, a qual foi aprovada com distinção na universidade, recebida com aplausos pela comunidade acadêmica carioca e prestigiada pelo Grupo Iconoclasta pelotense de 1914, do qual Victor era um dos fundadores. Seus membros defendiam e preconizavam ideias culturais e educacionais muito avançadas para época, e, por isso, eram vistos como Pensadores Livres – fossem eles operários, artistas ou intelectuais anarquistas.

A tese de Victor foi um reflexo de suas ideias liberais e abordou, pela primeira vez no Brasil, os conceitos de Francisco Ferrer, um pedagogo espanhol, que ficou conhecido como Mártir da Escola Moderna, e talvez tenha sido o único educador no mundo condenado à morte e realmente executado. Ferrer foi fuzilado em 13 de outubro de 1909, nos fossos da fortaleza de Montjuïc, na cidade de Barcelona! A acusação que pesava sobre ele, feita por um tribunal militar, foi a de que seus ideais teriam incitado revoltas populares, causando caos social, mortes e destruição.

Para Victor, o conceito de uma escola que se afastava dos dogmas religiosos, de alunos compactados entre quatro paredes e de ensinamentos baseados num sistema meritocrático, o qual premiava acertos e castigava erros, era um sonho a ser atingido. E ele encontrou ressonância para suas ideias nas convicções de Ferrer, o qual defendia enfaticamente o oposto a um sistema educacional arcaico e conservador.

Sobre tudo isso, Victor muito conversou com José, enquanto caminhavam por horas a fio nas ruas cariocas, pois o amigo dividia com ele os mesmos ideais – ambos se classificavam como intelectuais libertários! Didi também foi alvo das inquietudes de Victor, em várias das múltiplas cartas que escreveu para ela do Rio de Janeiro, e, numa delas, ele desabafou.

“Ferrer nos apresenta uma educação despida de dogmas e preconceitos. A Escola Moderna deve ser um local amplo e arejado, com salas decoradas, formando espaços multifuncionais, áreas externas para atividades ao ar livre e ainda parte da educação ser realizada fora dos muros da escola, como visitas a fábricas para conhecer o seu funcionamento ou idas a um campo ou a uma praia para estudar a geografia do local”.

Didi já conhecia Victor o suficiente para entender seus anseios. Sabia de seu envolvimento com os Iconoclastas de Pelotas e de sua amizade com Zenon de Almeida, também um dos fundadores desse grupo, o qual inclusive ficou conhecido por ter participado ativamente do estabelecimento da primeira Escola Moderna em Porto Alegre. Até aí, nada de novo para Didi.

No entanto, quando ela ficou ciente do tema da tese de Victor na faculdade de medicina, Didi achou no mínimo curioso que essa fosse mais voltada à educação do que a uma matéria qualquer relativa a doenças, a tratamentos para os males do corpo ou ao sofrimento de pacientes por alguma enfermidade. Apesar das várias dúvidas suscitadas pelo tema da tese de Victor, Didi resolveu não adentrar no assunto, pois achou que não era o momento adequado para fazer certos questionamentos ao recém graduado médico.

“O tempo trará as respostas!”, pensou ao terminar de ler a carta de Victor, sem nada confessar a ele.

Enquanto Victor tratava de seu retorno a Pelotas, com a alma repleta de planos e ideais, Didi se preparava para sua chegada e a família Russomano mantinha sua rotina, agora dividida entre a vida na cidade e numa chácara no Capão do Leão, que Frederico adquirira, graças ao sucesso exponencial de seus negócios.

Muitas vezes, era nela que os Pizza passavam o final de semana, aproveitando o momento para as famílias interagirem, para Angelo Maria estreitar as conversas com Frederico, que seguia ouvindo mais do que falando, para Colomba conviver mais com Carmella e para filhos e netos ficarem livres e soltos para se divertirem.

Numa dessas idas à chácara do Capão do Leão, um acontecimento veio à tona, confirmando as suspeitas de que Carmella tinha, mesmo, poderes que iam muito além de uma mera intuição feminina. Ser analfabeta e ler de ponta a ponta a Bíblia em português, já era por si só um feito que levantava desconfianças sobre sua paranormalidade. No entanto, o que se passou na chácara elevou os poderes extrassensoriais de Carmella para um outro patamar.

“Sim, um especialista em terrenos foi contratado e afirmou, categoricamente, que não havia qualquer chance de se encontrar água em toda esta área”, explicou Frederico, enquanto fazia um círculo com os braços estendidos, tentando desenhar no ar a extensão da terra árida, seca, por natureza.

“Mas não me conformei com a avaliação do tal especialista”, interrompeu Carmella, pois o feito era dela e, assim, ela mesma fazia questão de contar. “Foi quando peguei um galho de árvore, uma forquilha na mão e andei com ela de um lado para o outro, por um bom tempo, até que identifiquei o local onde tinha a água. E eu disse em alto e bom som – é aqui!”, completou Carmella, apontando para o chão, como se estivesse encenando o momento crucial de sua façanha. E todos pasmaram – pois tinha mesmo água ali!

As atividades extrassensoriais de Carmella, porém, não pararam por aí. A ela foram atribuídos vários acontecimentos misteriosos, além das capacidades humanas, fatos que ficaram sem explicação e que foram, em várias ocasiões, testemunhados por muitos, tornando-se, portanto, inquestionáveis! Um deles que passou de geração para geração foi uma situação até comum de acontecer, mas que teve uma solução nada comum.

Um dia, ao voltar para casa, Carmella percebeu que esquecera de levar consigo a chave da porta. Não havia ninguém em casa e, assim, ela ficou do lado de fora, sem poder entrar. Carmella, então, rezou e rezou e rezou fervorosamente para San Gennaro, por um tempo considerável, pedindo por um milagre, até que suas preces foram ouvidas e a porta se abriu por si só para ela.

Verdade ou não, essa história e outra similares foram usadas ao longo do tempo para ilustrar os poderes paranormais de Carmella, algo que ela se orgulhava muito em possuir, pois sabia que eles faziam com que ela pudesse intuir com precisão, enxergar com clareza o que os outros não viam e ficar mais próxima do mundo divino.

Talvez por tudo isso, quando Victor anunciou que pediria Didi em casamento, Carmella intuiu e enxergou que aquele amor era para toda a vida!

E, sem vacilar, abençoou a decisão do filho!



...até que suas preces foram ouvidas e a porta se abriu por si só para ela.

GUERRA E PAZ

“Eu bem que falei que era falsa a paz que vivíamos!”, exclamou Manuel, enquanto servia cálices de vinho tinto para ele, Angelo Maria e Frederico. Como de costume, os três amigos estavam no Bar Independência, discutindo os revezes do mundo e os afazeres da vida.

“Estes países todos... imperialistas, colonizadores, ricos... só pensam nisso – dominar, conquistar... e aí tudo vira uma matança... morte, destruição... um horror!”, retrucou Angelo Maria, com uma mistura de raiva e de desprezo na voz.

“Sim”, seguiu Manuel, “há uma forte política imperialista... tem império em todo lugar”. E começou a citar, contando nos dedos das mãos, “Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Império Otomano, Império Russo, Império Britânico... e faltam outros... É império que não acaba mais...”. E os três acabaram rindo da forma crítica e irônica que Manuel computou os impérios pelo mundo, enquanto degustavam mais um cálice de vinho.

A Grande Guerra, que ficaria conhecida como a Primeira Guerra Mundial, eclodira em solo europeu com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, o herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e de sua esposa Sofia, na cidade de Sarajevo, na Bósnia.

As primeiras invasões e batalhas foram crescendo rapidamente, envolvendo vários países e culminando na formação de duas alianças opostas. De um lado, os aliados – Reino Unido, França e Rússia – e do outro os ditos Impérios Centrais da Alemanha e o próprio Austro-Húngaro. Mas essas alianças foram mudando ao longo do tempo, com profundas reestruturações, que refletiam convergências e divergências bélicas, econômicas e políticas, enquanto outros países também se juntavam ao conflito.

Mas os horrores dessa guerra de trincheiras, que dominava as conversas no Bar Independência e sacudia os noticiários mundo afora, estavam muito distantes do solo brasileiro e, mais ainda, da cidade de Pelotas. Na família Russomano, inclusive, reinava uma certa paz, a qual era coroada pela comunhão de vários aspectos da vida diária – a estabilidade financeira que a sapataria atingira, uma maior adaptação à cultura brasileira, um filho formado médico e o outro já a caminho de se tornar um advogado. No topo de tudo, havia o retorno de Victor do Rio de Janeiro, para iniciar sua vida profissional em Pelotas, que também

alegrara os Russomano, já que não havia mais de onde tirar forças para esconder a saudade do primogênito da família.

Pouco depois da chegada de Victor, Frederico e Carmella resolveram revelar o segredo que guardavam trancafiado por um bom tempo. Foi, então, que decidiram levar o filho para conhecer seu consultório médico, na rua Voluntários da Pátria. Ao entrar, vendo o local todo equipado, organizado e limpo, tudo pronto para ele começar a exercer a medicina, a gratidão de Victor parecia não caber no peito – e ele se emocionou, abraçando e beijando pai e mãe várias vezes.

Victor havia enquadrado o diploma de médico e fez questão de colocá-lo numa das paredes de seu consultório, posicionando-o de forma a ficar bem visível a todos que ali entrassem – fossem pacientes, amigos ou colegas de trabalho!

No entanto, para sua felicidade ser completa, faltavam apenas duas coisas – a confirmação do “Sim” de Didi, que ele imaginava ter, e o consentimento da família Costa para seu matrimônio com uma das descendentes e também herdeira do Costa Boi. Essa, porém, ele sabia, era uma situação delicada!

O namoro de Victor e Didi fora longo, devido aos anos passados no Rio de Janeiro, as famílias se conheciam bem e, aparentemente, não havia uma oposição frontal dos Costa ao relacionamento dos dois. Mas nem tudo era o que parecia ser! Victor tinha ciência de que, apesar do sucesso financeiro da Calçados Russomanno, de hoje ele ser um médico formado, com diploma na mão, e de ter um consultório montado no centro de Pelotas, ele não se encaixava bem nas expectativas da família Costa para se tornar o marido de Didi. Afinal, ele era filho de um imigrante italiano, um sapateiro, com poucas posses. Para eles, o ideal seria que a filha firmasse matrimônio com um proprietário de terras, criador de gado ou um charqueador de renome, abastado e rico, que não dependesse da labuta diária para ter uma pequena fortuna guardada no banco, algo que assegurasse a vida do casal, dos filhos e dos netos por vir! E Victor estava muito longe dessa visão ideal de futuro marido.

Além disso, suas ideias libertárias, modernas, arrojadas, muito além de seu tempo, relativas à educação escolar e universitária, aos direitos das mulheres e à reestruturação mais justa da sociedade, em nada se alinhavam com as de Costa Boi, pois ele era reconhecidamente conservador, arcaico e retrógrado – na visão de muitos e na do próprio Victor!

Candoca, porém, gostava de Victor, de seu jeito intelectual de ser, de sua ambição, de sua maneira mais livre e solta de ver e viver a vida. Também apreciava, mesmo sem confessar

abertamente, a maneira com a qual ele defendia os direitos sociais das mulheres, pois sabia que isso permearia a relação dele com Didi e com filhas e netas que poderiam ter.

“Didi será tratada com mais respeito do que fazem os maridos de outras mulheres de sua idade”, pensava Candoca, quando já estava só, no seu leito, prestes a dormir. E isso tranquilizava sua alma!

Victor, porém, não tinha certeza dos sentimentos que a mãe de Didi nutria por ele. E, assim, temia não ter um aliado nos Costa, o que poderia tornar ainda mais difícil conseguir o consentimento da família. Foi quando ele resolveu abrir sua alma para Carmella, buscando a capacidade intuitiva e os poderes misteriosos da mãe.

Sentaram-se os dois na sala, tomando um chá, e Carmella começou com uma voz pausada e tranquila.

“Não há o que temer, meu filho”. E essas poucas palavras já tiveram a força de acalmar Victor. “Didi será, sim, sua esposa. E vocês terão filhos e serão felizes... eu enxergo isso claramente desenhado em seu destino. Ela é a mulher de sua vida. E não há nada, não há ninguém que possa mudar o rumo dessa história. Ela está escrita e abençoada pelos céus!”, concluiu Carmella, segurando o terço entre as mãos e começando uma prece.

Victor ficou ali parado, olhando para aquela mulher que Ihe tinha dado a vida e que conseguia acalmar sua alma como ninguém. Ela era agora uma mulher de meia-idade, de cabelos ainda pretos, mas já permeados por fios brancos, não muito longos, presos atrás da cabeça. Suas sobrancelhas eram grossas e ela tinha o olhar penetrante, o que Ihe conferia uma expressão forte. Seu corpo arredondara depois de várias gravidezes e com o revezar das décadas, mas ela mantinha uma beleza própria, até mesmo juvenil, especialmente quando ria.

Victor permaneceu por um tempo observando a mãe rezar e pensou que, um dia, ele não a teria mais, que ela partiria para o além-vida e que isso o faria se sentir sozinho neste mundo.

“Sim, totalmente só, órfão, carente de momentos como aquele, onde ele era quase um menino de novo, com medo da escuridão da noite e dos pesadelos com monstros ferozes, feios e malvados. A paz que a mãe Ihe passava aniquilava qualquer guerra em seu coração”, refletiu Victor. E ele, finalmente, sentiu-se pronto para enfrentar a batalha com os Costa.

Foi, então, que, num entardecer de 1915, Frederico, Carmella e Victor foram até a rua Gonçalves Chaves para uma visita à família Costa, com o intuito de formalizar o pedido de casamento de Victor com Didi.

Todos já estavam à espera, quando os Russomano chegaram. O coração de Victor batia apressado, mas, quando seus olhos encontraram os de Didi, a ternura no olhar da futura noiva era tamanho que teve o poder de amenizar sua aflição.

Depois de conversas variadas sobre o que andava se passando em Pelotas e no mundo, incluindo a guerra que assolava a Europa, finalmente o pedido foi feito.

Como Carmella previra, Victor e Didi receberam a benção dos Costa!



“Didi será, sim, sua esposa. E vocês terão filhos e serão felizes...”

“MANGIA QUE TE FA BENE!”

Nos domingos, Conceição gostava de reunir a família ao redor da mesa, para degustar uma boa e suculenta macarronada com *“polpettas e bracciolas”*, que ela sabia fazer como ninguém. Todos apreciavam o sabor da massa al dente, do molho ao sugo e de muito queijo ralado cobrindo tudo! Um tempero especial para esse prato foi-lhe ensinado por Carmella, que afirmava combinar com perfeição uma série de especiarias, adquirida no Mercado Público de Pelotas, mas que eram muito similares às encontradas na Itália, mantendo, assim, a tradição de uma velha receita, que passara de mãe para filha, geração após geração, na família Fiori.

Foi reconhecendo esse talento da irmã que Victor pediu que Conceição fizesse uma de suas macarronadas al dente, para celebrar seu noivado com Didi. E ela não vacilou e aceitou o desafio de cozinhar para os Russomano, os Pizza e os Costa - todos reunidos sob o mesmo teto!

Assim, a casa da rua General Osório 769 ficou transbordando no domingo escolhido para a celebração do noivado. Os Russomano estavam todos ali presentes, excetuando Vicente, que se encontrava estudando direito na universidade no Rio de Janeiro. Dos Pizza, compareceram apenas Angelo Maria e Colomba, pois foram advertidos por Carmella que a casa estaria cheia e não comportaria mais ninguém. Didi foi acompanhada pela mãe Candoca, pelas irmãs Bebé e Antonieta e pelo irmão Juca. Frederico fez questão de convidar seu amigo Manuel do Bar Independência, que aceitou com prazer!

Com todos confirmados, Conceição fez as contas e resolveu, sabiamente, que precisaria de duas mesas para receber bem os convidados. E foi o que fez – numa delas acabaram ficando somente os homens, enquanto as mulheres e as crianças acomodaram-se na outra.

Depois de todos estarem sentados, Conceição e Carmella começaram a servir a macarronada, as *“polpettas e bracciolas”*, colocando enormes travessas de massa no centro das duas mesas. Enquanto o queijo ralado ia passando de mão e mão, as conversas foram cessando aos poucos, sendo substituídas pelo barulho de talheres, o qual era intercortado por

algumas interjeições e exclamações de satisfação – *“Humm.... que delícia!”*, *“Está divino!”*, *“Um pouco mais, sim!”*, *“Como resistir?”*, *“Vou repetir, só mais um pouquinho...”*.

E, como por mágica, todos viram as travessas ficarem rapidamente vazias!

A refeição foi acompanhada por um bom vinho tinto que a família Costa fez questão de levar. Assim, com o tempo, o efeito de sucessivas garrafas de álcool foi ajudando a conversa a fluir mais facilmente, especialmente na mesa dos homens.

“Excelente qualidade”, comentou Manuel ao terminar mais um cálice, conhecedor que era, graças aos vinhos que comprava e servia em seu bar.

Victor monopolizou a conversa por um bom tempo, falando sobre o início do exercício da medicina em Pelotas. Ele contou que todos os dias se dirigia para o seu consultório, logo depois do café da manhã, e lá ficava por muitas horas, examinando e tratando seus pacientes.

Às vezes, tinha que deixar o consultório às pressas, pois era chamado para atender uma parturiente prestes a dar à luz. Apesar do pouco tempo de profissão, Victor já era reconhecido em Pelotas como um médico que sabia fazer partos muito bem, pois, além de dominar com destreza os procedimentos obstétricos necessários, ele gostava de conversar calmamente com a paciente, tornando mais humano e menos técnico o atendimento. Valendo-se de métodos que uniam medicina e psicologia, Victor conseguia o milagre de acalmar a mulher prestes a ser mãe, amenizando as dores das contrações e a ansiedade inerente ao momento, até que se ouvisse o choro do bebê recém-nascido, enchendo de alegria e paz o coração de sua paciente.

E Victor ia falando e falando e falando, contando histórias e mais histórias, regadas por cálices de vinho tinto servidos por Juca. Todos estavam impressionados com as façanhas do novo médico, especialmente Manuel que tanto ouvira falar nos estudos de Victor, em longas conversas no Bar Independência.

Enquanto isso, Frederico ouvia com atenção os relatos do filho, seus feitos profissionais, reforçando nele o sentimento de que sacrifício e investimento haviam frutificado acima de suas expectativas.

Sentada à mesa ao lado, Didi tentava esticar o ouvido para escutar um pouco das atividades profissionais de seu amado. Muitas daquelas histórias ela mesma já ouvira, mas não se cansava de escutar de novo, sempre atenta ao jeito de Victor relatar algo.



Mercado Público

Foto – Leda Maria Ferreira Bordes

(Jan de 2024)

“Seu imponente tom de voz e sua forma carismática de apresentar fatos e ideias eram próprias de um orador, discursando em frente a uma plateia”, pensava.

Ela, como Frederico e Carmella, tinha um orgulho muito grande pelo homem que Victor se tornara – afinal, ele estava começando, tinha apenas 25 anos, mas era inquestionável que um longo e promissor futuro se desenhava à sua frente. E eles estavam certos!

Com o tempo, no entanto, Victor mudou seu foco profissional. O exercício da medicina passou a ter um caráter mais social. Como médico sanitarista, ele começou a visitar pacientes no interior do Rio Grande do Sul, especialmente em localidades próximas a Pelotas, o que, aos poucos, foi nutrindo seu interesse pela relação entre questões político-econômicas e a saúde de pessoas e das comunidades onde viviam.

“Esse é um campo de trabalho complexo, no qual várias áreas do conhecimento confluem... a medicina, o direito, a sociologia, a filosofia, a teologia, a psicologia! Isso me aproximou ainda mais da política e, agora, estou pensando a me candidatar a Conselheiro Municipal”, Victor confessara um dia numa carta a José – *os conselheiros municipais, mais tarde passariam a ser chamados de vereadores.* Os dois amigos seguiam mantendo contato, sempre prometendo um reencontro no Rio de Janeiro ou em Pelotas. A distância, o custo e os afazeres da vida de cada um acabaram tendo o poder de postergar a desejada viagem por muitos anos.

Ambrosias, figos em calda, café ou chá e digestivos foram servidos por Carmella após a macarronada al dente de Conceição. E a conversa sobre a guerra na Europa, os acontecimentos pelotenses, os rumos da política brasileira, literatura, arte, poesia... seguiram pela tarde toda!

Antes de partirem, os Costa fizeram questão de presentear o casal de noivos e suas famílias, com algo muito especial.

“Surpresa!”, exclamou Candoca, levantando-se do sofá. “Adquirimos um camarote para 8 pessoas para um espetáculo no Theatro Sete de Abril – Didi e Victor, Carmella e Frederico, Colomba e Angelo Maria, eu e Bebê”, anunciou a mãe de Didi, erguendo seu cálice de vinho no ar.

E todos brindaram felizes, exclamando juntos - “Mangia que te fa bene!”.



Conceição e Carmella começaram a servir a macarronada...

NAUFRÁGIO

O cotidiano da vida pelotense tomou conta das famílias Russomano, Pizza e Costa nos primeiros meses do ano de 1915. Tudo parecia tranquilo, em ordem, seguindo o ritmo esperado e, acima de tudo, desejado! Nada de grandes acontecimentos – um momento de calmaria. Como gostava de pontuar Conceição, *“a rotina é uma dádiva!”*.

Frederico seguia seu trabalho árduo na sapataria, que comportava agora cerca de cem funcionários. Com a estabilidade econômica do negócio, ele decidiu construir uma adega em casa, adquirindo, sempre que possível, vinhos importados da Itália. A importação de produtos europeus tornara-se uma prática comum no início do século 20.

“O sabor da pátria”, repetia, toda vez que degustava um cálice do vinho italiano.

Victor dividia-se entre seus pacientes, pequenas viagens para atendimentos em cidades próxima, as reuniões do Grupo Iconoclasta de Pensadores Livres, sempre intelectualmente desafiadoras, a candidatura para Conselheiro Municipal e seu noivado com Didi. Vicente enviava cartas periodicamente contando das novidades sobre a faculdade e de sua vida em terras cariocas, a qual guardava enorme similaridade com a que Victor desfrutara. Carmella mantinha-se ocupada com os afazeres domésticos, o preparo das refeições, as atividades diárias com Conceição, Elvira e Rosinha.

Sempre que podia, entre os almoços e jantares familiares, saía para longas caminhadas, na companhia de uma das filhas. Esse hábito de passear a esmo pelas ruas de Pelotas começou quando Leonilda adoeceu, pois Carmella acreditou piamente que o ar livre faria muito bem para o corpo da filha e ajudaria Leonilda a combater a doença. Infelizmente, nem as caminhadas, nem as rezas para San Gennaro, nem os cuidados médicos, nem nada foi capaz de reverter o quadro clínico de Leonilda – uma dor indelével que Carmella carregava no peito.

Muitas vezes, ela incluía na sua caminhada uma rápida passada na Catedral São Francisco de Paula, para conversa com o padre, se por ali ele estivesse, e com San Gennaro, através de um par de preces.

“Temos muito a agradecer e pouco a pedir!”, ela falava num tom sério, quase autoritário, para a filha que com ela ali estivesse, antes de se ajoelhar e começar a rezar, pois

queria deixar bem claro que era fundamental se carregar a gratidão na alma. Em tempos de calma, pensava, *“os anjos estão atentos nos protegendo dos demônios que andam soltos por aí prestes a nos atacar!”*.

E a rotina pelotense, calma e tranquila, foi aos poucos dando lugar a preocupações, que foram progressivamente aumentando, talvez porque os anjos estivessem menos atentos e os demônios sentissem, então, que chegara o momento de atacar. E o alvo foi a família Pizza!

Angelo Maria já passara dos 70 anos e Colomba, apesar de nunca revelar a idade, calculava-se ter apenas um ano a menos do que o marido. Carmella testemunhara como o passar das décadas tinha afetado a saúde dos pais – os cabelos brancos, as rugas no rosto, os músculos enfraquecidos, o corpo vergado, as falhas da memória, o andar lento, um equilíbrio menor e um cansaço maior a qualquer esforço.

“A velhice é um naufrágio!!!”, comentava ironicamente Angelo Maria, por também se dar conta do efeito nocivo do revezar dos calendários em seu corpo, especialmente por ter perdido a intimidade com os números e cálculos, após sua aposentadoria no Banco Pelotense, alguns anos atrás. Nesses difíceis momentos, ele, possivelmente, visualizava o navio que tomara em Nápoles rumo à América do Sul, sucumbindo nas águas do Atlântico até desaparecer por completo. Ou mesmo o Titanic que, na madrugada de 14 para 15 de abril de 1912, naufragara no Atlântico Norte, deixando muitos mortos e poucos sobreviventes, acidente que dominou as notícias mundo afora. Essa analogia entre o fim da vida e uma embarcação mergulhando água adentro, rápida ou lentamente, acabou passando de boca em boca, de geração em geração, sempre utilizada para retratar o passar das décadas remodelando e desgastando o corpo e a alma.

Com o tempo, as alegres e divertidas visitas aos Russomano diminuíram. Angelo Maria e Colomba preferiam agora receber a família em sua casa. Ela sentia muitas dores nas articulações das mãos, cansava fácil ao andar, estava sempre meio enjoada, abatida e perdera muito peso. Ele, por sua vez, andava esquecido, desequilibrava-se com frequência ao caminhar, assustando a todos com uma possível queda, tinha os pés muito inchados, mal conseguindo calçar um par de sapatos, e sua respiração, por vezes, era curta e ofegante.

Até mesmo as idas ao Bar Independência, que ele adorava, para uma conversa e um vinho tinto com Frederico e Manuel foram se tornando raridade até pararem por completo. Algumas vezes, os dois amigos foram à casa dos Pizza, levando um vinho tinto, para regar uma boa conversa sobre a vida pelotense, o Brasil e o mundo, como costumavam fazer no bar de

Manuel. Mas eles logo perceberam que o amigo já não era mais o mesmo. Angelo Maria pouco falava, tinha o olhar distante, fazia um esforço grande para prestar atenção no que era dito, mas chegava a cochilar entre cálices de vinho, cansado da conversa, desinteressado pelos assuntos.

Assim, quando o ano de 1915 terminou, ele deixou para trás um mundo muito diferente, pois foi nele que Sigmund Freud, o pai da psicanálise, publicou o livro O Inconsciente, defendendo que a origem de nosso comportamento é o que a mente não conscientiza; Albert Einstein revolucionou a astrofísica com a Teoria da Relatividade Geral, mudando para sempre a noção de tempo e espaço; a Grande Guerra seguiu com suas batalhas sangrentas, causando milhões de mortes e uma destruição avassaladora na Europa; a Itália assinou o Tratado de Londres e declarou guerra aos Impérios Alemão e Austro-Húngaro; uma seca sem precedentes assolou o nordeste brasileiro, resultando na implantação do que foi considerado um campo de concentração no Ceará, no Alagadiço, na região oeste de Fortaleza, onde cerca de 8 mil refugiados foram abrigados, mas com pouquíssimas condições de sobrevivência e vigiados por soldados.

Em Pelotas, não foi diferente! A calma do início de 1915 foi substituída por fatos que revolucionaram para sempre as famílias Russomano, Pizza e Costa. Angelo Maria e Colomba partiram próximos do final do ano, com uma diferença de poucos dias entre as mortes.

Num determinado entardecer, Colomba foi se deitar, por não estar se sentindo muito bem, e não mais se levantou, abriu os olhos ou falou, vindo a falecer um par de dias depois, serena, tranquila, como se estivesse apenas dormindo, envolta por um sono profundo. Angelo Maria não saiu de seu lado, mas, como andava confuso e com importantes lapsos de memória, muitas vezes confundiu a mulher com a própria mãe e sua casa em Pelotas com a que deixaram em Caposele. Todo o tempo que ficou ao lado de Colomba, falou apenas em italiano, como se tivesse esquecido por completo o idioma português. No final, derramou muitas lágrimas, chorou muito, muito, muito, sentiu uma dor dilacerante corroer sua alma, até que, numa dada madrugada, poucos dias depois, Angelo Maria se levantou para ir ao banheiro, perdeu o equilíbrio, sofreu uma queda fulminante e morreu. Após a morte dos pais, Carmella fez questão de adicionar um pedido nas preces que fazia.

“Meu santo protetor que meu naufrágio seja rápido!”.

Mas San Gennaro nem sempre conseguia transformar um pedido em um milagre!



Um banco pelotense antigo – construção de 1928

Foto – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)



“A velhice é um naufrágio!!!”

TEMPESTADE E BONANÇA

Cada um chorou a seu modo a partida de Angelo Maria e Colomba para o além-vida.

Frederico sofreu muito, passando dia após dia, semana após semana, mês após mês, calado e triste, tanto em casa quanto no trabalho, sendo que até mesmo os funcionários da Calçados Russomanno perceberam a profunda tristeza envolvendo sua alma.

Frederico reconhecia que Colomba fora um grande alicerce emocional na vida de Carmella, pois a ajudara no processo de adaptação ao Brasil e sempre lhe dera importantes conselhos sobre as lidas da casa, a vida de casada, a chegada e o crescimento dos filhos, tendo sido um apoio fundamental na morte de Leonilda.

“Em relação a Angelo Maria, o que posso dizer ou sentir?”, ele se perguntava, pois percebia que lhe faltavam palavras para descrever a importância desse amigo, até mesmo um confidente, em sua vida.

Talvez, em muitos momentos ao longo de tantos anos, ele nem percebera todo o significado do apoio que o sogro lhe dera. E isso lhe deixava a alma ainda mais pesada, envolta por um incômodo sentimento de culpa, pois reconhecia que deveria ter demonstrado mais a sua gratidão a Angelo Maria. Por vezes, enfurecia-se consigo mesmo, por sua modesta capacidade de expressar suas emoções, que trancafiava dentro de si sentimentos e pensamentos, como se a distância entre a alma e a boca fosse enorme, intransponível!

Por conta de tudo isso, Frederico foi várias vezes ao Bar Independência conversar com Manuel, mas a dor que sentia pela ausência do sogro ali sentado com eles era tanta que Frederico falava ainda menos do que o habitual – e sofria mais e se culpava mais e se entristecia mais!

Manuel pegava, muitas vezes, o amigo olhando para a cadeira que seria a de Angelo Maria com a expressão triste, o olhar parado, o corpo imóvel, mal tomando o vinho tinto que ele lhe servira.

“A saudade é mesmo um vazio silencioso”, murmurou Frederico, quebrando o silêncio, repetindo a frase que muito ouvira de Colomba e até assustando Manuel, quando esse ouviu sua voz. E os dois, então, se abraçaram e deixaram rolar as lágrimas que estavam tentando segurar.

Carmella também viveu um luto longo e profundo. A saudade dos pais era imensa, só aliviada nas horas em que rezava para San Gennaro em casa ou na Catedral São Francisco de Paula. Pedia muito para que as almas de Angelo Maria e Colomba encontrassem paz na eternidade.

Ela chorava várias horas do dia, andando de um lado para o outro pela casa, fazendo isso ou aquilo. Carmella lembrava da mãe a todo momento, ao fazer uma tarefa qualquer ou quando usava uma certa receita ou... ou... ou..., pois em tudo havia o dedo de Colomba. Eram tantas as recordações, que Carmella se sentia sufocada, como se estivesse, por vezes, sucumbindo dentro de si mesma.

“E o mais assustador é que eu tenho a impressão de que essa tristeza nunca vai me abandonar – é isso mesmo, será assim?”, indagou ela choramingando, em tom de desespero, numa das conversas que teve com o padre da catedral.

“Todo o sentimento, quando verdadeiro, nos parece eterno. Mas ele somente parece, não é!”, respondeu-lhe o padre, buscando palavras que pudessem acalmar seu espírito.

Victor, percebendo a tristeza dos pais, decidiu postergar o casamento com Didi, originalmente marcado para maio, para o segundo semestre. A noiva e toda a família Costa, apesar de terem tido uma relação bem mais superficial com Angelo Maria e Colomba, concordaram imediatamente com a proposta de Victor.

E uma nova data então surgiu – quarta-feira, 6 de setembro de 1916, um dia antes das comemorações da Independência do Brasil. A celebração seria marcada na Catedral de São Francisco de Paula para as 14h.

Enquanto as famílias Pizza e Russomano viviam seu luto, a política no Brasil se agitava. Mal 1916 entrara e, em 1º de janeiro, o Brasil adotou seu primeiro Código Civil, somente substituído, quase cem anos depois, pelo de 2003.

“Será uma modernização de uma infinidade de leis, alvarás, resoluções e regulamentos – uma necessidade!”, comentavam os membros do Grupo Iconoclasta.

“Sim, verdade, isso é mesmo preciso! Como foi dito, uma necessidade! Afinal, estamos com um documento arcaico. Com a independência, o governo imperial promulgou a lei que mantinha em vigor, no Brasil, em nosso território, as Ordenações Filipinas e toda a legislação portuguesa, cheia de falhas e com muitas contradições”, completou Victor, pois havia estudado sobre o assunto e discutido detalhes por carta com José, o qual se não cansava de repetir ao amigo.

“As leis... ah... as leis – como são importantes! Quanto melhores e mais avançadas, melhor e mais avançada será uma sociedade. É o caminho para o progresso – caso contrário, viveremos num constante retrocesso”.

Em verdade, tanto o direito quanto a política fascinavam Victor. O exercício de sua profissão lhe trazia satisfação e um bom sustento, mas ele sabia, lá no fundo, que a medicina não atendia todos os seus anseios! E Didi também tinha certeza disso. Ela via e sentia o entusiasmo do futuro marido contando para ela a importância do primeiro Código Civil brasileiro. Percebia como seu olhar brilhava, sua respiração acelerava, seus músculos contraíam e sua voz assumia aquele tom de orador do qual ela tanto gostava e admirava.

“Sim, um código civil é um conjunto de normas que estipulam os direitos e deveres das pessoas, desde o nascimento até a morte... Serve como um ponto de equilíbrio para preservar a justiça e a convivência social, de uma forma mais igualitária e menos conflituosa! Estamos precisando muito dessa atualização, modernização das leis, já arcaicas e obsoletas”, explicou Victor para Didi, com base nas discussões e conclusões do Grupo Iconoclasta.

E o tempo foi passando, os meses se revezando, até que chegou setembro de 1916. O luto dos Russomano tinha dado lugar a uma sensação de nostalgia, sem melancolia. Frederico acreditava que sua recuperação se dera graças aos desabafos e choros com Manuel nos inúmeros encontros que tiveram no Bar Independência. Carmella tinha certeza de que San Gennaro amenizara sua dor, pois lhe fizera crer que Angelo Maria e Colomba tinham, mesmo, encontrado a paz eterna e isso foi o que acalmou sua alma.

Cada um chorou a seu modo a partida de Angelo Maria e Colomba para o além-vida.

Cada um resolveu a seu modo a partida de Angelo Maria e Colomba para o além-vida.



“Todo o sentimento, quando verdadeiro, nos parece eterno. Mas ele somente parece, não é!”

Finalmente, depois de muitos e muitos meses sem dar qualquer sinal de vida, Antônio enviou notícias. Ele, Pietro e Vincenzo foram diminuindo a comunicação com o passar do tempo, até que as cartas cessaram por completo. Frederico escrevera convidando, insistindo, para que eles viajassem até Pelotas para o casamento de Victor e Didi, mas, no fundo, sabia que isso não passava de uma fantasia, que era apenas um desejo seu, que nunca se realizaria. E ele estava certo!

Na sua carta, Antônio contou que, depois de ter trabalhado com ele por bom tempo, *“cozinhando pratos saborosíssimos da Itália”*, Pietro resolvera seguir seu destino, indo rumo norte, para uma cidade no topo do Brasil, alegando que gostava de sentir o sol na pele, de mergulhar no mar, de pisar na areia macia da praia e de ter um clima quente, com muito calor, bem tropical, o ano todo!

Pouco depois, foi a vez de Vincenzo mudar-se de Santos para a capital, indo para a cidade de São Paulo, onde, aparentemente, encontrou a felicidade, o amor de sua vida, um bom trabalho e foi ali que decidiu fincar raízes. Depois que os dois partiram, Antônio foi paulatinamente perdendo contato com eles. Ainda assim resolveu enviar para Frederico os endereços que tinha de Pietro e Vincenzo.

“Talvez eles respondam para você... para mim, não mandam nada faz tempo!”, escreveu Antônio.

Ele parabenizou Frederico e Carmella pelo casamento do filho, lastimou a ausência, alegando que estava muito velho para grandes viagens – *“dói tudo, cada osso, cada músculo, tenho tratado com ervas e chás, junto com alguma medicação que o médico me receitou, mas não tem adiantado. Durante a noite, tudo piora... não consigo pregar o olho até alta madrugada, me virando de um lado para o outro, tentando achar uma posição confortável, mas a dor não me dá trégua. É a velhice chegando a passos largos”*.

As notícias de Antônio acabaram afetando Frederico, que, por alguns dias, andou triste, meio abatido, comendo pouco e falando menos ainda do que o habitual. Isso tudo foi amenizado com a proximidade da tão esperada data e da confirmação da vinda de Vicente do Rio de Janeiro para o casamento do irmão.

“Todos os filhos estarão presentes!”, exclamou Carmella, abraçando Frederico, enquanto os dois esperavam o desembarque de Vicente.

As semanas que precederam o casamento de Victor e Didi foram agitadas – ambas as famílias tinham muito a fazer e corriam de um lado para o outro para ter tudo pronto e organizado: o vestido da noiva, a decoração da catedral, os convites, a preparação da chácara no Capão do Leão para uma discreta e rápida lua de mel, a documentação do matrimônio civil... E a lista seguia, seguia, seguia...

“É interminável”, comentavam Carmella e Candoca, rindo muito de tudo, felizes com a união de filho e filha.

Até que o dia finalmente chegou!

Era 6 de setembro de 1916, por volta das 13h, quando familiares e amigos dos Russomano, Costa e Pizza começaram a se dirigir para a Catedral de São Francisco de Paula, ansiosos com a proximidade do grande momento.

Com a morte precoce de José Delfino, Didi não teria o pai para conduzi-la pela nave da catedral até o altar. Candoca considerou a possibilidade de um irmão ou um tio assumir essa função. Frederico, no entanto, prontificou-se a entrar com Didi e levá-la até Victor, cumprindo, assim, o ritual de entregar a noiva ao filho. E todos acharam que essa seria mesmo a melhor solução!

Às 14h, em ponto, Frederico e Didi começaram a caminhar em direção ao altar. Os olhos de Victor brilharam ao ver sua amada, usando um lindo vestido branco e um véu que lhe cobria o rosto. Frederico e Victor estavam impecáveis também – terno preto bem alinhado, camisa branca, gravata e, claro, o melhor par de sapatos pretos – que Frederico mesmo se dedicara a fazer para ambos!

Depois de todos ouvirem a sequência de “Sim” de Didi e Victor, a emoção tomou conta do novo casal, dos familiares e dos amigos presentes. Aqui e ali, ouvia-se um soluço discreto, enquanto lágrimas eram enxugadas. Ao som da música da catedral, então, todos começaram, lentamente, a se retirar, seguindo os recém-casados até a rua.

A família Costa organizara uma pequena recepção na casa da rua Gonçalves Chaves, para onde todos foram celebrar e brindar a união de Victor e Didi. Um lindo bolo, doces e salgados, champagne e garrafas de vinho tinto e branco esperavam pelos convidados, tudo posicionado sobre uma grande mesa, estrategicamente colocada no meio da sala. E, por um bom tempo, todos ficaram por ali, conversando, rindo, bebendo, comendo e brindando.

No final, como fora planejado, o novo casal foi para a chácara do Capão do Leão para iniciarem a vida de casados e passarem as primeiras noites, numa improvisada lua de mel, já que as festividades tinham consumido um volume considerável de dinheiro para comportar agora uma viagem maior e também porque Victor não poderia se afastar do trabalho por mais de um par de dias. Seu desejo era mostrar para Didi o Rio de Janeiro, um lugar lindo, repleto de cultura e arte.

“Nossa capital é uma cidade com tanta vida... belas praias... tantos espetáculos e exposições, restaurantes maravilhosos. Um dia, iremos para lá juntos!”, prometeu Victor, arrancando um largo sorriso de Didi.

Três dias depois, no final da manhã do sábado, Victor e Didi foram para a casa da rua Marechal Deodoro, onde morariam com a família Russomano por um tempo. Além da questão financeira e da situação profissional de Victor, um outro motivo que encurtou a Lua de Mel foi o seu desejo em conviver um pouco mais com Vicente, que partiria já no domingo para retomar seus estudos na faculdade de direito, no Rio de Janeiro. Victor ficava fascinado, ouvindo o irmão contar sobre seus aprendizados na área político-social, sentindo a mesma emoção que tivera, quando conversava longamente com José, andando pelas ruas cariocas, ambos ainda estudantes.

“Sinto que esse assunto parece se inserir bem na medicina que andas exercendo...”, comentou Vicente, vendo o interesse do irmão.

“Sim, tenho tido uma visão mais social e uma atuação mais comunitária... acredito que uma doença é fruto da combinação de várias coisas, incluindo as leis que afetam a estrutura da sociedade, como a situação encontrada no trabalho e as condições sanitárias em que as famílias vivem... entre tantas outras”, explicou Victor.

“Isso mesmo, leis e política estão embricadas em tudo, até nas doenças!”, concordou Vicente.

Os dois irmãos ficaram ali sentados, conversando até tarde da noite, pois havia uma grande admiração mútua entre eles.

Frederico e Carmella também tinham muito orgulho dos homens que tinham criado para o mundo.

“Um médico e um advogado!”, murmurou Frederico, já deitado ao lado de Carmella.

E os dois se abraçaram e se beijaram felizes!



A família Costa organizara uma pequena recepção na casa da rua Gonçalves Chaves, para onde todos foram celebrar e brindar a união de Victor e Didi.

LUTAS E LUTOS

A ideia surgiu em 1748, quando, na Universidade de Glasgow, Willian Cullen demonstrou ao mundo o primeiro sistema de refrigeração artificial. Apesar de ele nunca ter visto sua invenção tornar-se um produto com uso prático, ela teve o poder de imprimir uma revolução de hábitos e costumes em várias áreas – na medicina, quando, pela metade do século 19, um médico americano produziu gelo para refrescar pacientes com febre amarela, e na indústria alimentícia, pois essa era uma grande solução para o processo de preservação e de estocagem de alimentos.

Foi, contudo, muito tempo depois, em 1913, que o mundo viu nascer a primeira geladeira doméstica, capaz de ser produzida em massa e vendida aos milhares! A notícia vinha dos Estados Unidos, ainda longe dos pagos do sul do Brasil, mas, claro, já começou a elevar as sobancelhas, em sinal de grande preocupação, dos charqueadores brasileiros, incluindo os pelotenses.

E a apreensão era pertinente, pois o perigo não estava tão longe quando parecia! Por essa mesma época, o Frigorífico Renner foi estabelecido no município gaúcho de Montenegro, trazendo para mais próximo de todos a ameaça da utilização de sistemas de refrigeração em substituição às charqueadas.

As ameaças socioeconômicas em 1917, porém, não se restringiam às invenções de refrigeradores comerciais e o quanto isso poderia vir a desestruturar a situação financeira da cidade de Pelotas. A Grande Guerra, inicialmente confinada em solo europeu, começou a respingar em outros países, iniciando um processo de desestabilização política e econômica mundial.

“E o Brasil não escapou da fúria da guerra”, comentou Manuel, enquanto servia um café bem quente, forte e sem açúcar, como Frederico gostava.

O dia de trabalho na sapataria havia sido cansativo, pesado, cheio de afazeres, e, assim, ele decidiu que merecia relaxar um pouco, tendo uma boa e longa conversa com o amigo no Bar Independência!

“Verdade... o navio Paraná foi abatido no Canal da Mancha e, depois, foi a vez do encouraçado Macau ser bombardeado perto da costa espanhola”, resumiu Frederico.

Ao final, foram perdidos seis navios mercantes, carregados de café, afundados por submarinos alemães. Isso gerou manifestações violentas nas ruas brasileiras e o governo se sentiu pressionado pela opinião pública. Dessa forma, apesar de ter um desenvolvimento bélico e econômico muito inferior ao dos países europeus, o Brasil teve que abandonar sua posição de neutralidade e declarar guerra à Tríplice Aliança, formada pela Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, unindo-se à Tríplice Entente – Reino Unido, França e Rússia, que também contava com o suporte bélico norte-americano. A declaração foi primeiro aprovada pelo Congresso Nacional brasileiro e, então, assinada pelo presidente Venceslau Brás, em outubro de 1917.

“Ficamos em lados opostos”, completou Frederico, ligeiramente preocupado com o que poderia acontecer com os imigrantes italianos, agora que o Brasil entrara na guerra contra a Itália.

“Sim, sim... entendo a sua preocupação... já está havendo represália do governo contra as comunidades alemãs. Eles estão proibidos de negociar com outros países e parece que cada dia inventam alguma coisa para punir os alemães que vieram morar e fazer a vida no Brasil. Não ouvi falar nada em relação aos italianos, mas claro... claro, tudo pode mudar agora!”, foram as palavras de Manuel, também apreensivo com a situação.

E os amigos seguiram conversando por horas, até a Lua nascer e a noite cair. Falaram sobre os males das guerras, os já milhões de mortos e feridos nas batalhas de trincheiras, as eternas atrocidades cometidas por seres humanos contra outros seres humanos, a ganância financeira e a sede pelo poder que moviam os governos.

Infelizmente, porém, além das preocupações com a guerra europeia, o ano de 1917, ainda traria uma grande tristeza para as famílias Russomano e Costa.

Victor e Didi estavam esperando o primeiro filho. Quanto mais se aproximava o dia do nascimento do bebê, mais feliz o casal ficava – e as famílias também! Aparentemente, a gravidez corria muito bem, sem qualquer problema. Didi era uma mulher forte e saudável. Ela quis ficar sob os cuidados do marido, que, a essa altura, já acumulava uma larga experiência com gestantes. Por isso, ele próprio decidiu que conduziria o parto da mulher.

Quando Didi viu a bolsa romper e a água escorrer por entre as pernas, ela avisou Victor e Carmella de que havia chegado a hora! Frederico foi chamado na sapataria e Candoca correu para ajudar a filha.

Enquanto Carmella e Rosinha rezavam incessantemente para San Genaro, apertando os terços contra o peito, pedindo e suplicando por um parto rápido, sem maiores sofrimentos para Didi e que o bebê viesse saudável, Conceição e Elvira levavam bacias com água fervida e panos limpos da cozinha para o quarto da parturiente. Candoca ficou todo o tempo com Didi, auxiliando no que podia, segurando a mão da filha, por vezes fazendo suas preces e trocando água e panos, sempre que necessário. Na sala, sentado no sofá, parado, quieto, estava Frederico. Tenso, ele mantinha o olhar distante e fixo, sem nada falar, sem emitir um som.

Como acontecera várias vezes durante o nascimento de tantos filhos, a casa envolta em silêncio só era sacudida pelos gritos inerentes ao parto – Didi pela dor e Victor para comandar a respiração da mulher e a força muscular necessária em cada contração, pois isso somado ajudaria a empurrar o bebê do útero para mundo.

No entanto, diferentemente do que acontecera várias vezes, os gritos de Didi e de Victor cessaram por completo, mas não se ouviu o choro do bebê – do quarto, veio apenas um longo e dolorido silêncio.

E todos sabiam o porquê disso!

“O primogênito nasceu morto!”, gritou Carmella, jogando-se aos prantos nos braços de Frederico.



**...mas não se ouviu o choro do bebê
– do quarto, veio apenas um longo e dolorido silêncio.**

A FLOR VERMELHA

O ano de 1917, no entanto, não terminou sem trazer uma grande alegria para os Russomano. De volta dos estudos no Rio de Janeiro e com seu diploma da faculdade de direito na mão, Vicente estabeleceu seu primeiro local de trabalho, um escritório de advocacia, num dos cômodos da própria residência da família.

Assim, apesar dos solavancos emocionais e das incertezas inerentes à vida, Frederico e Carmella estavam felizes – muito felizes! As filhas eram saudáveis, inteligentes, amorosas e os dois filhos varões, já homens feitos, eram motivo de muita satisfação para o casal.

Sempre que essa sensação orgulho lhe invadia a alma, Frederico lembrava-se do momento em sua juventude, no qual resolveu se aventurar atrás do amor de sua vida, com pouco dinheiro, viajando num porão de navio da Itália para a América do Sul.

“E tudo parecia ter valido a pena, fazer sentido!”, repetia Frederico para si mesmo, enquanto rejuvenescia sapatos.

Carmella também dividia esse mesmo sentimento com o marido. A vida nunca lhe fora fácil – ao contrário, foram sucessivos, cansativos e traumáticos desafios! –, mas ela sempre acreditou que deveria ser mais grata por tudo que conquistara do que perder seu tempo se queixando pelo que não atingira. Carmella agradecia, diariamente, aos céus e a San Gennaro pela linda família que construía com Frederico.

“E tudo parecia ter valido a pena, fazer sentido!”, refletia Carmella, enquanto se dedicava aos seus afazeres diários.

Muitas vezes, ela sentava-se quieta no sofá da sala, observando o ir e vir das filhas Conceição, Elvira e Rosinha. Elas tagarelavam, arrumavam isso ou aquilo, discutiam o que comprar no verdureiro, pegavam o leite e o pão cuidadosamente colocados cedo pela manhã no parapeito de uma das janelas, riam juntas, como grandes amigas e fiéis companheiras...

E Carmella ficava ali, repleta de alegria, por saber ter posto no mundo mulheres detentoras de uma imbatível coragem para lidar com as inevitáveis mazelas da vida – com dignidade, altivez e amor!

Ela sabia, bem no fundo de seu coração de mãe, que cada uma delas encontraria o seu próprio caminho e seria feliz no que traçasse como destino – fosse ele qual fosse!

E sempre que podia, ela gostava de lembrar filhos e filhas... “Quero muitos netos... muitos mesmo!”, Carmella insinuava, inesperadamente, em muitas ocasiões, quando a família estava toda reunida por um motivo ou por outro.

E o difícil ano de 1918 entrou, carregando consigo uma dolorosa lista de tragédias que a humanidade teria que enfrentar – e não seria mesmo nada fácil! De bom, porém, foi que ele trouxe a paz, quando, finalmente, oficializou-se o término da Grande Guerra, em 11 de novembro, com a vitória da Tríplice Entente!

“Foram milhões de mortos... calculam também milhões de feridos”, falou Manoel com a voz pesada de tristeza.

“Sim”, murmurou consternado Frederico, tomando um gole do café que o amigo colocara à sua frente.

Ambos estavam mais uma vez ali, no Bar Independência pelotense, conversando sobre a vida, Pelotas e o mundo. Mas o assunto que enchia os noticiários e corria de país em país, de cidade em cidade, de bar em bar, de casa em casa, era o término da guerra que do solo europeu tivera o poder de se alastrar pelo mundo, deixando um enorme e doloroso rastro de destruição, de mortos e de feridos!

Manuel e Frederico estavam inconformados, incrédulos com tantas atrocidades originadas por essa guerra, sobre a qual, provavelmente, nem os próprios soldados, lutando de trincheira em trincheira, sabiam as reais razões.

“Quando se vê... é uma matança, sangue, dor para todos os lados! E quem ganha com isso?”, questionou Manuel. “No fundo, poucos... que ficam mais poderosos, acumulam mais riqueza... e o resto do mundo fica mais sofrido...”

“E mais pobre”, completou Frederico, pois ele já observara a repercussão econômica da guerra que sacudira o mundo e, por consequência, o Brasil.

As notícias sobre suas batalhas de trincheiras, as milhões de mortes dos soldados dos países mais atuantes e das quase 200 mil de brasileiros, suas consequências históricas e seus efeitos financeiros, sociais e políticos enchiam páginas e mais páginas de jornais e horas e mais horas dos noticiários nos rádios pelo Brasil e pelo mundo.

Assim, o fim da guerra no dia 11 de novembro de 1918 entraria para a história, cruzaria décadas e mudaria o hábito de povos. Uma das tradições conhecidas é a do broche da flor vermelha, um simbolismo que reflete o momento em que a vida vence a morte, celebrada no Reino Unido, um dos países que mobilizou cerca de 6 milhões de soldados e perdeu mais de

1 milhão nessa guerra sangrenta. Isso porque, nos campos das batalhas, onde somente havia destruição e morte, uma flor, contrapondo-se a tudo, nasceu – era uma flor de papoula. Essa celebração foi instituída pelo rei George V, que era monarca desde 1910. Ele teve um reinado agitado, confuso, afetado por uma série de modificações político-sociais no Reino Unido, no Império Britânico e no mundo. George V viu a ascensão do socialismo, do comunismo, do fascismo, do republicanismo irlandês e do início do movimento de independência indiano.

Em meio a tudo isso, George V determinou que a data da flor vermelha deveria ser comemorada em prol de todos os soldados mortos na Grande Guerra e em todas as outras que estavam por vir, nas quais o Reino Unido estivesse envolvido. Como uma forma de homenagem, os britânicos foram solicitados a ficar por 2 minutos em silêncio, quando o Big Ben badalasse às 11 horas da manhã no dia 11 de novembro, o mês 11 do calendário. O dinheiro arrecado com a venda do broche da flor vermelha tornou-se uma forma de auxiliar financeiramente os veteranos britânicos, os soldados que se dedicaram a defender a pátria, mas já estavam aposentados de suas funções militares.

A remodelação geopolítica sofrida na Europa entre os anos de 1917 e 1918 foi determinante para o mundo, deixando também sua marca no Brasil. Os conflitos internos na Rússia Imperial fizeram com que a Rússia abandonasse a guerra, derrubasse o czar Nicolau II, causando o fim do czarismo e levando ao poder o Partido Bolchevique de Vladimir Lênin, instaurando então o socialismo russo. Com o final da guerra e a derrota da Alemanha, o império por lá também caiu, o que permitiu uma expansão ainda maior do Império Britânico, sob o comando do rei George V. Ele, inclusive, tornou-se o primeiro monarca da Casa de Windsor, pois se viu forçado, pelo sentimento público antialemão, a rebatizar o nome da linha familiar da realeza britânica de Saxe-Coburgo e Gotha para Windsor.

Quando a história da flor vermelha se tornou mais conhecida e chegou aos ouvidos dos brasileiros, muitos gostavam de contar esse milagre da natureza – uma flor brotando, espontaneamente, em meio aos campos cobertos de sangue, dor e destruição.

Era mesmo uma prova de que o bem sempre venceria o mal, de que a vida se sobreporia à morte e de que a esperança derrotaria o desespero!



...uma flor brotando, espontaneamente, em meio aos campos cobertos de sangue,
dor e destruição.

ANNUS HORRIBILIS

A pandemia causada pelo vírus Influenza em 1918 ficou conhecida como Gripe Espanhola, apesar de ter surgido em campos de treinamento militar nos Estados Unidos, inclusive tendo sido lá registrados os primeiros casos da doença.

A confusão do nome ocorreu porque, durante a Grande Guerra, a imprensa dos países envolvidos no conflito sofria enorme censura. Como a Espanha era um país neutro e, assim, não participava da guerra, houve uma intensa divulgação sobre a doença em seus noticiários, uma vez que a liberdade de expressão estava mais garantida.

“Foi uma forma de proteção, uma estratégia militar, pois poderia se pensar que o vírus estaria afetando a saúde dos soldados, enfraquecendo as tropas e espalhando o pânico na população – isso tudo somado passaria a impressão de que o país estaria mais vulnerável a ataques, com menor poder de luta. A censura era o único caminho!”, explicou Victor, enquanto ele, Vicente e Frederico caminhavam.

Os três tinham trabalhado muito o dia todo e acharam que faria bem para o corpo dar uma caminhada ao ar livre, esticar os músculos e espaiar a alma. Assim, ao entardecer, antes da noite cair e de Carmella servir o jantar, pai e filhos decidiram ir até a praça central para um rápido passeio.

A cidade, porém, estava deserta. O silêncio era assustador. Pouco se ouvia pelas ruas, além dos passos dos Russomano pisando firme sobre as calçadas. A Gripe Espanhola tinha mudado a rotina de Pelotas de uma forma drástica – nada de pedestres, carros, bondes. Todos viviam amedrontados, trancafiados em casa, fugindo do contato com pessoas, especialmente com quem não era da família mais nuclear, bem como evitando uma exposição a ambientes fechados e com muita gente.

“É um inimigo invisível que pode atacar a qualquer momento! Quem se ‘espanhola’ tem a morte quase certa!”, comentavam em pânico, aqui e ali.

E todos tinham razão... Em todo o Brasil, os hospitais estavam abarrotados. As escolas encerraram atividades, mandando alunos para casa, em muitas cidades. Os bondes passaram a trafegar quase vazios pelas ruas vazias. Quitandas, lojas, barbearias... o comércio em geral baixou as portas em várias localidades.

O RIO É UM VASTO HOSPITAL!

A invasão da influenza hespanhola

A desidia criminosa do governo

O povo soffre os horrores da exploração | Não ha medicos, não ha remedios

Soccorro!

De maneira assustadora, a epidemia alastra-se por toda a parte. As pharmacias difficilmente conseguem obter as remédios que lhes chegam ao destino e a toda instante, da a falta de medicamentos, que são vendidos a preços exorbitantes. Nos hospitais, também, a falta de remédios e a epidemia, são assistencia indigra e sem soccorro.

O governo está ao obrigação de agir promptamente, em defesa da população. Deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

Organize o governo a brigada de soccorro publico, em defesa da população doente e que não tem medicos, não tem remédios e não tem dinheiro, e terá grande soccorro para a cidade, entregue a retaliação vitoriosa victoriosa de Sr. Carlos Siqueira.



Na Detecção

COMUNICAÇÃO DO SENADO FEDERAL. Na falta de médicos de interior, o governo deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

Na Brigada Policial

APR. DE MEMÓRIAS DA BRIGADA POLICIAL DO RIO DE JANEIRO. Na falta de médicos de interior, o governo deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

E' preciso demittir-o!

Na Bibliotheca Nacional. Na falta de médicos de interior, o governo deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

No correr do dia de bofetada

Em meio a epidemia, a população sofre com a falta de medicamentos e a falta de soccorro publico. O governo deve agir promptamente, em defesa da população.

Em apoio da iniciativa de Brigada Grande

COMUNICAÇÃO DO SENADO FEDERAL. Na falta de médicos de interior, o governo deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

Na Bibliotheca Nacional

COMUNICAÇÃO DO SENADO FEDERAL. Na falta de médicos de interior, o governo deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

Na Bibliotheca Nacional

COMUNICAÇÃO DO SENADO FEDERAL. Na falta de médicos de interior, o governo deve organizar uma brigada de soccorro publico, buscando os medicos de interior, de Minas ou de São Paulo, equipando as vehiculas e se necessariamente necessarias, além de que se classes governa- tivas fiquem como está, complementando seus recursos e a falta de epidemia, que já não apresenta a benignidade das primeiras crises e torna-se mais alarmante.

Primeira página do jornal "A gazeta de noticias", Rio de Janeiro, 1918.

E Pelotas não escapou do vírus Influenza e suas consequências nefastas! As notícias publicadas nos jornais pelotenses Diário Popular e O Rebate, que vinham de várias partes do Brasil e do mundo, deixavam todos ainda mais apreensivos, assustados, em pânico.

“Cadáveres jazem na porta das casas, atraindo urubus. O ar tem um cheiro horrível, ruim, fétido. São raros os que se aventuram a andar nas ruas, sempre a passos ligeiros, como se fugissem da misteriosa doença. Carroças surgem para, de tempos em tempos, sem maiores cuidados, recolher os corpos, que seguem em pilhas para o cemitério”, comentavam alguns dos noticiários.

Ou ainda, *“Não há caixões suficientes para tantos mortos. Os corpos são despejados em valas coletivas e o trabalho dos coveiros se estende por horas e horas, entrando pela madrugada.”*

“Recebi ontem uma carta de José. A situação no Rio de Janeiro está caótica! Prédios públicos, o Senado e a Câmara passaram vários dias fechados. Não há funcionários suficientes para realizar as atividades burocráticas. Muitos convalescem e outros tantos já morreram... infelizmente. Nos subúrbios, locais mais longe do centro da cidade, as ruas ficam cheias de cadáveres, pois as famílias temem um contágio da infecção pelos mortos dentro de casa”, explicou Victor, sentindo que Vicente ficara muito desconfortável ao ouvir essa notícia.

“Foi um azar... o vírus entrou no Brasil pelo navio Demerara alguns meses atrás. Esse transatlântico trouxe a bordo mais do que tripulantes e passageiros... ele desembarcou gente e mais gente no Recife, São Paulo, Rio de Janeiro... e muitos carregavam o vírus”, lastimou Frederico.

Dos três, Victor era o que tinha ainda mais preocupações sobre o que estava se passando em Pelotas, no Brasil e no mundo. O Hospital Santa Casa de Misericórdia nunca lidara com uma situação assim, nem remotamente parecida – era tudo muito aterrorizante! Ele mesmo temia por sua saúde, pois, como médico, estava numa posição mais vulnerável, durante o exercício de sua profissão. E esse sentimento trazia uma inquietação dupla: o receio de que ele mesmo pudesse contrair a doença e, se isso viesse a acontecer, de transmiti-la para alguém da família. Quando conscientizava esses possíveis riscos, Victor ficava assustado e, por vezes, paralisado, sem pensamentos ou ações que fizessem sentido.

“O número de mortos e de doentes só cresce em vários países. Quanto sofrimento... Quando isso tudo vai parar?”, indagou Vicente, não esperando que houvesse uma resposta plausível à sua pergunta.

Em silêncio, os Russomano começaram o caminho de retorno para casa. A temperatura estava mais baixa, um leve vento soprava, o Sol já começava a desaparecer no horizonte e as primeiras estrelas surgiam no céu.

Depois do jantar a família se dispersou. Frederico, cansado, resolveu se deitar mais cedo. Carmella e as filhas ficaram lavando, secando e guardando a louça, organizando a cozinha, já tratando dos afazeres culinários para o outro dia, enquanto Vicente desapareceu em seu quarto, provavelmente dedicando-se a ler um livro ou estudar um de seus casos.

Victor e Didi se sentaram na sala, tomando um aperitivo, para conversarem um pouco. Ela estava muito apreensiva com a situação da Gripe Espanhola e do marido trabalhando como médico em meio a uma pandemia daquela magnitude, que já deixara um rastro de infelicidade e dor mundo afora. A morte do primeiro filho ao nascer, quase um ano atrás, havia sido traumática o suficiente. Eles sabiam que precisavam que algo de bom, novo e motivador sacudisse suas vidas.

“Com tanta desgraça acontecendo... Acho que podemos tentar de novo... a vida é o contrário da morte!”, falou Victor, com um sorriso maroto nos lábios.

Didi sorriu também. Ela queria muito ter um filho ou uma filha – isso pouco importava – desde que o bebê viesse ao mundo saudável e forte.

Os dois se beijaram, calmamente, amorosamente...

E decidiram, então, que 1919 seria o ano de adicionar mais um membro à família.



Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas

Um dos locais de trabalho de Victor Russomano, como médico

Foto – Vitor Osório

(Jan 2024)



E Pelotas não escapou do vírus Influenza e suas consequências nefastas!

ROSA COM “H”

O número de doentes graves pelos efeitos respiratórios e cardiovasculares do vírus Influenza seguiu crescendo em 1919. No final da pandemia, a Gripe Espanhola deixou um saldo de mais de 50 milhões de mortos pelo mundo, sendo que, somente no Brasil, os óbitos chegaram a cerca de 35 mil – algo considerável para o total da população brasileira à época.

Os jornais do centro do país, especialmente os de São Paulo e do Rio de Janeiro, publicavam constantemente números alarmantes sobre mortos, doentes, hospitais lotados, cemitérios transbordando, que continuava assustando povo, governo e profissionais da saúde.

“Na cidade de São Paulo, estima-se que houve cerca de 350 mil casos da Gripe Espanhola, ou seja, mais da metade de sua população, com mais de 5 mil mortes. Já aqui na capital, foram registrados quase 13 mil mortos, equivalente a 1/3 do total de mortes no Brasil”, foram os dados anunciados por um jornal carioca.

Como todos em Pelotas, as famílias Russomano, Pizza e Costa também seguiam assustadas com a pandemia, mas tentavam ao máximo manter a rotina dentro de seus lares e de seus locais de trabalho. As costumeiras visitas entre elas, estas sim, tornaram-se bem menos frequentes, quase inexistentes por um período, pois sempre havia o temor de que alguém pudesse contrair a doença e transmiti-la para outros familiares. Quando, porém, por uma necessidade qualquer, o encontro se tornava inevitável, as pessoas optavam por falar ao ar livre – ou na praça central ou na rua, em frente a uma das casas –, mantendo uma razoável distância entre elas e evitando o contato físico, para minimizar a chance de contágio.

Para Victor, havia, no entanto, um aspecto positivo da pandemia – ela acabou sendo a semente para uma revolução no sistema de saúde brasileiro. E ele logo identificou ali mais uma forma de união entre leis, política e medicina.

“Os hospitais não estão comportando mais a quantidade de doentes. Falta tudo... leitos, médicos, enfermeiros, remédios... Estamos no limite!”, comentou Victor com Didi.

“Sim... e ainda nem sempre podemos confiar nos números publicados, pois há muita falta de transparência”, ela ironizou.

“Não há estatísticas confiáveis sobre as vítimas no Brasil. Mesmo assim é inquestionável que essa pandemia foi avassaladora”, concordou Victor e continuou.

“Há as Santas Casas de Misericórdia, geralmente mantidas pela Igreja Católica... mas isso já mostrou ser insuficiente!”, ele falou, entusiasmado com a possibilidade do estabelecimento de um serviço público de saúde no Brasil, como já andavam comentando nos corredores os colegas médicos.

“Sempre são as pessoas mais humildes que pagam caro... até com a vida, se preciso for! As pessoas de maior poder aquisitivo foram se esconder da Gripe Espanhola em suas propriedades rurais, suas fazendas, bem longe de tudo e de todos”, completou Didi.

“Isso mesmo... a maioria das mortes tem ocorrido entre a população mais carente. Mas essa doença está afetando a todos! Olha só o que se passou com o recém-eleito presidente Rodrigues Alves, que foi acometido pela Gripe Espanhola e acabou morrendo também, antes mesmo de assumir a presidência do Brasil... apesar de haver controvérsias sobre a real causa de sua morte... Seja como for, precisamos de um sistema de saúde que seja mais abrangente, para todos, independentemente do nível socioeconômico do doente”, ele ressaltou.

E Victor estava certo... O susto criado pela Gripe Espanhola fez com que o governo se mexesse e realizasse uma decisiva e profunda reforma na estrutura federal da saúde do país. Um primeiro passo foi a transformação de uma acanhada Diretoria em um Departamento Nacional de Saúde Pública.

“Esse novo Departamento atuará no combate a uma série de enfermidades, como a lepra, a tuberculose, a malária e as doenças venéreas, com ações na-ci-o-nais!”, vibrou Victor, quando recebeu essa notícia numa conversa com amigos do Grupo Iconoclasta.

Assim, a Gripe Espanhola, de uma forma indireta, plantou tanto a semente de um primeiro Ministério da Saúde no Brasil, que só se estabeleceria, porém, em 1930, como a de um Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, quanto a do Sistema Único de Saúde, o SUS, que somente seria contemplado, muitos anos depois, na Constituição de 1988.

E o ano de 1919 foi assim... ele espelhou-se muito no *annus horribilis* de 1918, trazendo ainda mais tristeza e dor para o mundo. Infelizmente, o término da Grande Guerra, as negociações pela paz e o alívio de todos com o fim das batalhas de trincheiras acabaram desaparecendo, sucumbindo às notícias sobre a Gripe Espanhola.

“Foi como se uma guerra tivesse sido substituída por outra”, comentou um dia Frederico.

Em meio a tanta desgraça, um fato curioso ocorreu no Brasil. Em São Paulo, a população resolveu fazer uso de um remédio caseiro para combater o vírus da Influenza, uma combinação de cachaça, limão e mel. Essa receita, supostamente terapêutica, deu origem à caipirinha, uma tradicional bebida brasileira, que, com o tempo, conquistaria o mundo.

Em meio a tanta desgraça, um fato extraordinário ocorreu em Pelotas – veio ao mundo uma menina. A primeira filha de Victor e Didi nasceu saudável e forte, como todos desejavam. Era o dia 31 de outubro de 1919! Carmella, Frederico e Candoca eram juntos avós e pareciam não conseguir conter dentro do peito a felicidade que sentiam.

“Qual será o seu nome?”, perguntou ansiosa Conceição, com o bebê nos braços, e já tendo um carinho todo especial por aquele ser tão frágil e pequeno.

“Rosah...”, respondeu Victor, com o peito cheio de orgulho.

Didi e ele tinham passado noites e mais noites pensando, concordando e discordando sobre possíveis nomes para meninos ou meninas. Até que chegaram a um consenso.

“Se for uma filha, se chamará Rosah. Rosa com H”, disse Didi.

E Victor gostou. Gostou muito! “Será uma combinação da pureza, doçura, ternura de uma flor, a Rosa, com o H, que dá um som forte, agudo, aberto e que a fará uma mulher corajosa, destemida, determinada”.

E assim foi selado o destino de Rosah!



Victor e Rosah, em 1920

Álbum de Família



“Se for uma filha, se chamará Rosah. Rosa com H”.

A PROMESSA

Finalmente, Vincenzo rompeu o silêncio. Para satisfação de Frederico, uma carta do irmão aportou em Pelotas. Nela, ele pedia desculpas por não ser mais comunicativo, alegava que havia perdido contato com Pietro, o qual supostamente ainda estava morando no nordeste do Brasil, e sabia muito pouco sobre Antônio, apenas que andava meio adoentado, desiludido da vida, mas seguia trabalhando no Cais dos Santos.

Vincenzo também contou um pouco de sua vida em São Paulo – *“uma cidade enorme, viva, cheia de oportunidades”*; da família que tinha construído – *“lindos e saudáveis, mulher, filhos e filhas”*; do ofício que exercia – *“gosto do trabalho braçal, da construção, mas, agora, mais velho, acabei me dedicando às questões administrativas de uma firma que constrói aqui em São Paulo e arredores”* –; e o quanto ficou assustando com a pandemia, *“mas que, graças aos céus, ninguém dos seus contraiu a Gripe Espanhola, estamos todos vivos e bem!”*.

E ele prosseguiu. *“O mais triste, no entanto, meu irmão, é que a nossa mãe envelheceu, vive acamada, muito magrinha, comendo pouco, definhando mesmo... e anda esquecida de tudo e de todos. Seu declínio físico foi enorme após a morte do papai. Acho que por saudades! Penso que não teremos mais a chance de vê-la viva... e, mesmo que fosse possível, ela, muito provavelmente, não nos reconheceria. Foi difícil conseguir alguma notícia, pois, como é analfabeta, dependia de alguém que escrevesse uma carta por ela. Lastimo ser o portador de notícias tão ruins”*.

Ao ler a carta de Vincenzo, Frederico deslocou-se para o dia de sua partida da Itália, como se a barreira temporal não mais existisse e o passado estivesse ali, bem à sua frente, como se fosse um filme que ele assistia. Frederico se viu jovem, forte, saudável e decidido, apaixonado por Carmella, pronto a cruzar o oceano Atlântico atrás do amor de sua vida. Lembrou-se do compromisso que firmara com os pais, durante a despedida, no cais em Nápoles, pouco antes de embarcar no navio.

“Ainda voltarei para a Itália”, ele teria prometido...

Essas palavras ecoaram em sua mente, deixando seu coração apertado, seus olhos cheios de lágrimas e sua alma aflita, pois sabia que essa fora uma promessa, genuinamente, cheia de esperança e convicção, mas desprovida de um pinga de realidade.

E ele, então, chorou, chorou fundo, chorou doído, sem nem se importar com os funcionários à sua volta.

No final desse dia, Frederico saiu da Calçados Russomanno mais cansado do que o habitual. Seu corpo estava vergado pelo peso da alma! Resolveu, assim, convidar Victor e Vicente para os três irem juntos, logo após o jantar, até o Bar Independência, o qual fechara e abria várias vezes durante a pandemia, mas que agora Manuel garantia que manteria as “*portas escancaradas*” para seus amigos e clientes.

“A Gripe Espanhola escafedeu-se... como chegou de repente, partiu de repente!”, ele comentou com um tom de alívio na voz, quando viu os Russomanno entrarem, servindo um cálice de vinho tinto para cada um. “E vamos brindar à chegada de Rosah”, comandou Manuel, mudando de assunto e erguendo sua taça no ar! E os Russomanno fizeram o mesmo!

Frederico decidiu não dividir a dor de sua promessa não cumprida com os filhos e Manuel. Não viu qualquer sentido em preocupá-los ou entristecê-los. O que ele mais queria era ficar ali no seu canto, calado, ouvindo as histórias de Victor e Vicente, cada um contando um pouco de seus feitos profissionais, que, como sempre, deixavam-no bobo de orgulho!

Manuel, em alguns momentos, porém, percebeu uma tristeza funda no olhar de Frederico, mas atribuiu ao fato de que, muitas vezes, ele sentia falta de Angelo Maria, sentado com eles, bebendo um vinho tinto ou tomando um café bem forte e sem açúcar. Agora, sua cadeira no bar era ocupada por Victor, algo que, mesmo depois de tanto tempo, ainda parecia estranho aos dois amigos.

Depois de contarem várias de suas façanhas profissionais, os dois irmãos desviaram o assunto, falando, primeiro, sobre as gracinhas da Rosah, a alegria que era ter um bebê em casa, o quanto Didi estava feliz e o plano para outra gravidez nos próximos anos.

Foi, então, que Vicente resolveu abrir seu coração.

“Tenho visto, seguidamente, caminhando na praça central na companhia da mãe e de quem acredito ser uma irmã, uma moça muito bonita, que tem um olhar firme, penetrante”.

“Será que meu irmão está apaixonado?”, indagou Victor, em tom irônico.

Vicente sorriu, tomou mais um gole de vinho e confessou.

“Não sei se posso dizer que estou apaixonado, pois nunca nos falamos, ainda não fomos apresentados... mas estou, sim, interessado – isto com certeza!”.



Noemi Gotuzzo

Álbum de Família

A moça bonita, de olhar firme e penetrante era Noemi Gotuzzo, que vinha de uma família conhecida, com raízes nas charqueadas e nas artes.

“Ela deve ser parente do artista Leopoldo Gotuzzo”, interrompeu Manuel.

“Sim, acho que prima... Ele andava por Paris, mas, com a guerra, acabou voltando para o Brasil. Não faz muito tempo, ele fez uma exposição na Biblioteca Pública aqui de Pelotas”, completou Victor.

Frederico ouvia sem nada falar. Pensou na Itália, na pequena e distante Caposele, em tudo que tinha se passado desde o momento no qual embarcara no porão do navio em Nápoles rumo a Santos. Agora, ele tinha três filhas lindas e saudáveis, dois filhos adultos, formados, trabalhadores, o primogênito com sua família própria e o outro já dando sinais de que logo formaria a sua... Estava dividindo a vida com Carmella, sua paixão de juventude, a Calçados Russomanno vivia um bom momento e ele tinha um par de amigos para falar sobre a vida e beber um bom vinho sempre que quisesse! E tudo isso somado teve o poder de lhe acalmar o espírito por um momento. Mas isso durou apenas um instante, pois a dor seguia lá, latente, palpitando, incomodando o coração de Frederico.

“A saída da Itália foi um divisor de águas”, pensou, concordando com os pais que disseram o mesmo quando da partida da família Pizza e tentando confortar a dor da promessa não cumprida, enquanto Manuel, Victor e Vicente seguiam rindo, bebendo e conversando, sem nada desconfiar.

Mais tarde, no escuro do quarto, deitado ao lado da mulher, Frederico tentou disfarçar o choro, o cair das lágrimas, o soluço contido, o corpo contraído. Carmella percebeu tudo, mas fingiu que nada via ou ouvia. Ela desconhecía a razão do sofrimento de Frederico, mas sabia que o marido precisava daquele momento só para ele, sem ter que lhe dar qualquer explicação. Ela se limitou a pegar seu terço para fazer umas preces a San Gennaro.

“O passar do tempo e a força de uma reza hão de aliviar a alma de Frederico”, refletiu Carmella, antes de deixar o sono vencer seus pensamentos.



A arte de Leopoldo Gotuzzo (1887 – 1983)

Álbum de Família



“A saída da Itália foi um divisor de águas”.

A SORTE DO ACASO

“Questo giovane comincia dove finisco io!” – Este jovem começa onde eu termino! –, foram as palavras do renomado compositor italiano Giuseppe Verdi para descrever sua apreciação pelo trabalho musical de Antônio Carlos Gomes, o mais importante compositor de óperas brasileiro.

De suas criações, a de maior sucesso, inclusive tendo atingido prestígio internacional, foi O Guarani, uma ópera baseada no livro homônimo do escritor cearense José de Alencar, que retrata a história de amor inter-racial entre Ceci, filha de um colonizador branco, e Peri, um indígena brasileiro, no início do século 17.

E foi a estreia dessa ópera em Pelotas que inaugurou o Theatro Guarany, no dia 30 de abril de 1921, um espetáculo que ficou a cargo da Companhia Lírica Italiana Maranti. A notícia da ópera brasileira correu rápida, espalhando-se em artigos nos jornais, programas nas rádios e através do boca-a-boca de uma sociedade ávida por cultura – onde quer que se estivesse, só se falava nisso, e, certamente, essa foi a melhor forma de divulgação da inauguração do novo teatro de Pelotas! Em menos de uma semana do anúncio do espetáculo ter alcançado os ouvidos da população, quase todos os ingressos já haviam sumido! Parecia que a cidade inteira queria ver a suprema criação de Carlos Gomes e conhecer a nova casa de espetáculos pelotense – uma construção monumental, ousada e ambiciosa, especialmente para um teatro da primeira metade do século 20, que fora erguido numa cidade pequena no sul do Brasil.

Na sua fachada, podiam ser vistos mascarões e alegorias, com inspirações tanto indígenas quanto pré-colombianas, dois terraços laterais, colunas e pilastras dóricas. Na sua parte central, foi colocada a figura de um índio brasileiro, com seus atributos tradicionais, como arco, flecha, cocar e tanga com plumas.

Esse teatro também inovou na sua concepção, pois foi projetado para realizar tanto sessões de cinema como espetáculos teatrais, tendo uma capacidade para aproximadamente 1500 pessoas, somando camarotes e plateia, cerca de 900 lugares mais populares e 25 camarins para os artistas.

Candoca, com a influência social e o poder econômico dos Costa, conseguiu quatro ingressos, que acabaram ficando um para ela mesma e os outros foram distribuídos entre Didi,

Victor e Vicente, já que mais ninguém de sua família, por razões diferentes, entusiasmara-se em ver a ópera.

Frederico e Carmella também deram um jeito de adquirir ingressos, pois queriam muito assistir a primeira ópera brasileira de sucesso internacional com o libreto escrito em italiano. Graças a um dos clientes de Frederico na Calçados Russomanno, que se gabava de possuir grande influência política na sociedade pelotense, eles acabaram conseguindo comprar dois ingressos.

Assim, no dia 30 de abril, Candoca foi até a casa dos Russomano, para os seis irem juntos até o novo teatro de Pelotas, situado na rua Lobo da Costa, próximo à praça central. Antes mesmo de chegarem nos seus arredores, já era possível perceber a enorme quantidade de pessoas que lotava as ruas. Era uma verdadeira multidão dirigindo-se para ver o espetáculo de Carlos Gomes.

O acesso à entrada do teatro ficou, assim, difícil – muito difícil! –, pois havia gente por todos os lados, era um empurra-empurra daqui e dali, e muitos acabavam mal posicionados, ligeiramente perdidos, abarrotando portas e o foyer, o que dificultava o deslocamento do público até cadeiras e camarotes. Aos poucos e com a ajuda de incansáveis funcionários do teatro, a plateia foi sendo tranquilizada e conduzida aos seus respectivos lugares.

A ópera O Guarani, dividida em quatro atos, teve apenas um intervalo, mais ou menos no meio do espetáculo, o qual tinha a duração de 3 horas no total.

E nesse momento Noemi e Vicente conversaram pela primeira vez – foi a sorte do acaso!

Ela foi ao teatro junto com a família Tavares, que a convidou pelos anos de amizade que tinham com os Gotuzzo. Noemi era muito próxima de Amelinha Tavares e logo se entusiasmou em assistir a tão renomada ópera na companhia da amiga de anos.

Até o intervalo, porém, Noemi e Vicente não desconfiavam que seus olhares se encontrariam e que uma conversa incipiente surgiria pela primeira vez. A família Tavares até ajudou, pois conhecia Vicente que auxiliara o pai de Amelinha em um caso, onde seus conhecimentos como advogado foram essenciais. Assim, uma introdução formal foi feita entre Noemi Gotuzzo e Vicente Russomano.

A conversa do grupo foi liderada pelos Tavares, concentrando-se na imponência do novo teatro e na beleza do espetáculo.

“Olhem que maravilha são estas escadarias, com balaustradas de ferro trabalhado em renda, e degraus de mármore!”, comentou a sra. Tavares, apontando para um ponto aqui e outro ali.

“E a qualidade do veludo avermelhado dos parapeitos dos camarotes e das cortinas... tudo muito lindo... feito com cuidado, em cada detalhe”, completou Amelinha.

Foi então a vez do sr. Tavares elogiar a performance dos cantores, a excelente acústica do teatro, a forma magistral com a qual Carlos Gomes transformara o livro de José de Alencar em ópera.

Enquanto a família Tavares conversava, Noemi e Vicente pareciam ter sido transportados para outro mundo. Eles nada falavam, pouco ouviam o que estava sendo dito e não conseguiam desviar o olhar um do outro.

De repente, o sinal soou, indicando que o espetáculo iria reiniciar em breve e que todos deveriam voltar para os seus lugares. Victor viu o irmão ao longe, acenou tentando chamar sua atenção, fez menção de ir até ele, mas o número de pessoas era tanto que logo desistiu.

De relance, porém, conseguiu ver que Vicente estava ao lado de uma mulher.

E sorriu, pois sabia que aquela era Noemi Gotuzzo – a jovem bonita, de olhar firme e penetrante!



Teatro Guarany

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)



Noemi e Vicente

Álbum de Família



Frederico e Carmella também deram um jeito de adquirir ingressos, pois queriam muito assistir a primeira ópera brasileira de sucesso internacional com o libreto escrito em italiano.

“A VIDA É UM SOPRO”

Era 1922, um ano que marcaria para sempre a família Russomano por coisas boas e por coisas ruins.

Carmella sentia uma paz tomar conta de sua alma, até mesmo aliviando os males do corpo que chegavam com a idade, quando via que as filhas Elvira e Rosinha já demonstravam estar com o coração aberto para futuros pretendentes, e que, ao encontrá-los, logo começariam uma nova vida com seus maridos. Apenas Conceição se mantinha mais reservada e não dera qualquer sinal de ter se encantando por alguém, mantendo o coração ainda fechado para possíveis pretendentes.

Victor e Didi seguiam felizes, constituindo sua própria família – Rosah fora primeira filha, mas já se ouvia a possibilidade de mais um bebê agitando a casa e enchendo a vida de mais alegria. Vicente e Noemi pareciam que enveredariam pelo mesmo caminho. Depois do encontro no Theatro Guarany, os dois começaram um namoro, que logo se transformou em noivado e, mais recentemente, até já falavam em casamento.

E essas foram as duas coisas muito boas que 1922 trouxe para os Russomano – a chegada de Mozart, filho de Victor e Didi, e o matrimônio de Vicente e Noemi.

Esses dois acontecimentos, porém, levaram a uma reestruturação da composição da vida familiar de todos, já que mais espaço físico era necessário para acomodar os Russomano em expansão.

Coincidentemente, por essa época, os Costa concederam para Victor e Didi uma parte da casa da família, que era uma verdadeira mansão, a qual ia da metade da rua Gonçalves Chaves, dobrava na rua Dr. Cassiano e se estendia nela por uns 30 metros. Assim, a nova entrada da casa de Victor e Didi ficou sendo o número 152 da Dr. Cassiano. Essa rua, porém, não era, à época, tão prestigiada quanto a Gonçalves Chaves, pela reputação socialmente um tanto duvidosa das pessoas que por ali transitavam. Mas isso pareceu não incomodar o casal – Victor e Didi estavam felizes e ansiosos com a chegada do segundo filho, com Rosah crescendo saudável e com a sólida vida amorosa e harmoniosa que vinham construindo.

E foi assim que, no dia 5 de julho, Mozart Russomano veio ao mundo!



**Foto no pátio da casa de Frederico e Carmella
Em primeiro plano, Elvira, mais ao fundo, Noemi,
com Rosinha à direita e Conceição à esquerda**

Álbum de Família

“Mozart é em homenagem a Wolfgang Amadeus Mozart, o grande compositor austríaco do século 18”, justificou Victor, um apaixonado por música clássica e óperas e, agora, um pianista amador, mas que convenciu a plateia de familiares e alguns amigos com seu dedilhar nas teclas do piano, que fizera questão de adquirir e de colocar na sala de seu novo lar.

A mudança da Osório para a Cassiano se passou no primeiro semestre de 1922, e, portanto, Mozart já nasceu no novo lar de Victor e Didi.

“Um casal... era o que desejava ter na vida – uma menina e um menino!”, gabou-se o pai, ao colocar, como fizera com Rosah, Mozart no mundo, com a ajuda das irmãs e das rezas da mãe.

Didi também estava radiante. As dores do parto desapareceram por completo, quando ela segurou o filho nos braços – “lindo e robusto... e com 5 quilos!”, comentou a mãe de Mozart. Todos já estavam cientes de que o bebê seria mesmo possante. Didi teve que ficar de cama por algumas semanas antes do parto ocorrer, pois se sentia muito pesada e desconfortável com o avantajado tamanho do ventre. Mas tudo correu bem e era isso que importava! Como Victor, Didi também queria muito ter um casal de filhos.

A vida parecia sorrir para todos!

Foi, assim, nesse momento de paz e harmonia, que o mês de setembro chegou, trazendo a celebração de mais um casamento na família. Dessa feita, foi a vez de Vicente firmar matrimônio com Noemi. Como a de Victor e Didi, a cerimônia ocorreu na Catedral São Francisco de Paula, no dia 2. A noiva, linda, trajando um elegante vestido branco e carregando um delicado buquê de flores, entrou de braço com o irmão Jorge, que a conduziu até o altar, onde Vicente esperava ansioso, com um largo sorriso nos lábios.

“Finalmente, chegara o grande dia!”, ele pensava.

Vicente era um noivo perdidamente apaixonado por aquela mulher singular, *“ah, que olhar, tão meigo quanto firme... Noemi possui a combinação ideal de atributos – inteligente, bonita e determinada”*, concluíra Vicente pouco antes de oficializar seu pedido de casamento para Noemia e seus filhos, uma vez que o pai de Noemi, Jorge Gotuzzo, morrera quando ela era ainda uma criança.

A catedral estava quase cheia, com presença de familiares, amigos e colegas de trabalho dos Russomano, Gotuzzo e Costa, ocupando a maior parte dos bancos.

“Quanta gente...”, murmurou Carmella para o marido, surpresa com o número de pessoas presentes.

“Bem mais do que no nosso singelo casamento na Igreja Nuestra Señora del Carmen”, sussurrou Frederico, sorrindo, enquanto lembrava da acanhada cerimônia que tiveram no Uruguai.

Após o “Sim e Sim”, os recém-casados saíram da catedral e, junto com familiares e amigos próximos, foram para a casa dos Gotuzzo, onde Noemia havia organizado uma recepção para o casal que iniciava uma nova vida. Doces e salgados foram servidos, enquanto cálices de champagne eram distribuídos.

“Por uma vida feliz e próspera... Votos de paz e harmonia para Noemi e Vicente”, falou Jorge, brindando ao casal.

“E muitos filhos!”, completou Noemia, enquanto todos riam e erguiam suas taças no ar. E ali ficaram familiares e amigos até tarde falando, comendo e brindando...

Mas era 1922 – e coisas ruins ainda estavam por vir...

Outubro foi um mês difícil para Carmella. Nos últimos tempos, ela constatara que já não era mais a mesma mulher – forte e determinada! – que um dia partira da Itália rumo ao sonho de uma vida na América do Sul.

Carmella estava agora com 57 anos e já sentia, no corpo cansado, o peso do revezar das décadas, o desgaste pelas sucessivas gravidezes, o trabalho diário de cuidar de uma casa e de zelar por uma família. Ela testemunhara Frederico se estabelecer na profissão e fazer da Calçados Russomanno um negócio de sucesso. Viu nascer filhos, filhas e, agora, era a vez dos netos chegarem. Mas também passou por momentos muito sofridos – a saudade da vida na Itália, os tropeços de viver numa nova cultura, a dor de enterrar sua filha Leonilda, o sogro, a sogra, na distante Caposele, e, mais recentemente, a mãe, o pai e o primogênito de Victor.

“Cada morte deixa para sempre um buraco na alma!”, costumava dizer, “que nem mesmo San Gennaro é capaz de preencher”.

De um ano para cá, Carmella sentia um declínio físico e, por vezes, passava o dia incomodada com dores nas articulações dos pés ou com uma certa dificuldade de caminhar por uma súbita rigidez dos joelhos ou uma inexplicável fraqueza dos músculos, que a fazia ir para a cama no meio da tarde para descansar um pouco. Seus passeios quase diários pelas ruas de Pelotas, para tomar um pouco de ar puro, foram espaçando até desaparecerem por completo. Mesmo as idas à catedral, para as costumeiras rezas e conversas com San Gennaro, tornaram-se progressivamente mais raras.

Nos afazeres domésticos, Carmella contou com a ajuda das filhas – Rosinha tirava o pó, Elvira arrumava a casa e Conceição cozinhava para todos. Essa rotina de auxílio, que começara anos e anos antes, tornou-se ainda mais essencial, quando ela começou a sentir o peso dos anos e o cansaço do corpo.

Carmella reconhecia que cada filha tinha sua personalidade própria e que as três eram seres muito diferentes. A mais parecida em temperamento com Frederico era Elvira. Como o pai, sempre ouvia mais do que falava. Quando abria a boca, porém, um silêncio se fazia ao seu redor, já que todos paravam, seja lá o que estivessem fazendo, para prestar atenção às poucas palavras que Elvira estava para dizer, pois ela, desde muito cedo, ficou conhecida por seu poder de sintetizar grandes verdades em pequenas frases.

“A vida é um sopro!”, concluiu Elvira ainda muito jovem.

E essa expressão foi repetida inúmeras vezes pelos Russomano, sempre que alguém adoecia e morria. Pode-se até dizer que essa frase de Elvira ganhou vida própria, não ficando restrita às paredes da Osório 769, da primeira metade do século 20, pois foi capaz de ultrapassar tempo e espaço, chegando aos ouvidos de gerações que ainda estavam por vir, as quais passaram a repeti-la sempre que alguém achava que o momento solicitava.

“Minha filha Elvira sempre esteve certa... A vida é mesmo um sopro! E, quando chega ao fim, uma vela se apaga dentro de nós”, pensou Carmella, enquanto se deitava para uma sesta, numa tarde fria da primavera pelotense.

E foi assim que, no dia 1º de dezembro de 1922, um derrame cerebral fulminante apagou a vela de Carmella e a levou para o além-vida – para a tristeza de todos!



“Cada morte deixa para sempre um buraco na alma!”.



Carmella

Álbum de Família

PARTE II

DIDI E VICTOR

(1922-1939)



Álbum de Família

PARTE II - 1

O ABRAÇO

A ausência de Carmella afetou profundamente toda a família. Era uma dor coletiva e individual e contagiante!

Nos meses que se seguiram à morte da matriarca, podia-se ver uma grande mudança nos hábitos da casa dos Russomano. As filhas andavam perdidas de um lado para o outro, de cômodo em cômodo, tentando, inutilmente, manter a rotina dos afazeres domésticos, mas sem qualquer sucesso – coisas costumavam ficar esquecidas, inacabadas, jogadas num canto.

Frederico praticamente não comia, dormia mal, com um sono agitado, muitas vezes ouvia-se um choro contínuo e doído, quase um grito abafado, vindo do seu quarto, já alta madrugada. Se antes Frederico falava pouco, agora emudecera de vez.

A Calçados Russomanno acabou sofrendo as consequências de ter à sua frente um dono destruído, emocionalmente vergado pela vida, desmotivado, sem vontade de trabalhar. Muitos consertos de sapatos acabaram atrasando a entrega, o que sempre fora uma ocorrência imperdoável para Frederico.

Para ele, porém, era inconcebível que Carmella tivesse partido tão cedo, sem testemunhar as filhas seguirem seus destinos, ver os netos crescerem e outros bebês chegarem. Tudo parecia ter perdido o sentido e Frederico desconhecia por completo como conseguiria seguir vivendo sem a paixão de sua vida!

Sentia até mesmo uma certa raiva de San Gennaro, que fora incapaz de impedir tamanha injustiça com uma mulher tão leal e fiel à devoção a ele. Na dúvida, porém, de alguma possível represália divina, guardou a raiva para si mesmo, não confessando a ninguém. Apenas disse um dia, durante um jantar, quebrando o silêncio de semanas e mais semanas.

“Não se fala mais em rezas. A mãe de vocês está agora no céu na companhia de San Gennaro!”.

E todo obedeceram. Ninguém mais se atrevia a fazer uma só prece para San Gennaro.

Preocupados com o pai, Victor e Vicente decidiram ir até o Bar Independência falar com Manuel, pois sabiam da longa amizade que os ligava, do carinho que tinham um pelo outro e, assim, talvez ele pudesse dar uma luz, uma ideia de como resgatar o pai desse buraco escuro e profundo em que vivia já há alguns meses.

“Não o vejo faz tempo. Sumiu mesmo!”, disse Manuel, com um ar triste. “Desde a morte de Carmella, nunca mais colocou os pés aqui no bar”.

“Pois estamos muito aflitos com seu estado, sua apatia, mal come, quase não dorme...”, falou Vicente.

“Como médico, fico ainda mais preocupado, pois não há remédios para as dores da alma, como já existem para os males do corpo. Não sabemos mais o que fazer para ajudar papai”, confessou Victor, com um ar apreensivo.

“Lembro-me bem quando morreu Angelo Maria, pois ele sofreu muito também, mas não assim... não assim... claro!”, refletiu Manuel.

Ele, então, ficou em silêncio, pensando fundo, olhando para o nada, até que subitamente teve uma ideia.

“Quando Frederico finalmente recebeu uma carta do Vincenzo, ele ficou radiante em saber do irmão, que ele estava vivo e bem com sua nova família... apesar, isso sim, das tristes notícias sobre Concetta em Caposele. Quem sabe se Vincenzo viesse fazer uma visita? Será que isso não acalmaria a alma de Frederico – pelo menos um pouco?”, sugeriu Manuel.

Os dois irmãos saíram do Bar Independência determinados a contactar Vincenzo, pois talvez Manuel estivesse certo e essa fosse uma forma de sacudir as emoções do pai. Victor ficou encarregado de redigir a carta, convidando o tio, que nunca vira na vida, a ir até Pelotas acalantar a alma do irmão que estava tão sofrida e adoentada.

No outro dia, tomou coragem e começou.

“Querido Tio Vincenzo

Espero que esta carta encontre a todos bem aí em São Paulo.

Ainda não tivemos a oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, mas já muito ouvi histórias a seu respeito, inclusive a da aventura de vir com papai num porão de navio, desde o porto de Nápoles até a cidade de Santos. Espero, um dia, poder conhecer a bela Itália, país com o qual me identifico muito, e ir, em especial a Caposele, conhecer as raízes da família Russomano – ou Russomanno, com dois Ns.

A razão pela qual escrevo, porém, não é das mais felizes. Minha mãe faleceu em 1º de dezembro do ano passado, vítima de um derrame cerebral fulminante, e, desde então, papai vive pela metade – ou até menos, talvez viva um quarto de vida. O sofrimento dele

é profundo demais, doído demais. Ele pouco come e dorme, anda sempre abatido, chora pela madrugada, trabalha quase nada e praticamente não fala com ninguém.

O velório da mamãe foi na casa deles. Ficamos todos – filhos, noras e papai – rezando e chorando, por um bom tempo, de mãos dadas, formando um círculo ao redor do caixão. Foi uma despedida tão linda quanto triste!

Nenhum de nós conseguiu ainda se recuperar de tamanha perda, mas estamos tentando dar rumo às nossas vidas, criando novas rotinas e tentando ser mais positivos com o que está por vir. Esses últimos anos não foram nada fáceis, com a guerra europeia, a pandemia da Gripe Espanhola e agora a morte da mamãe.

De bom, hoje tenho um casal de filhos – Rosah e Mozart – um novo lar e uma esposa maravilhosa. Seu nome é Elda Delfina, mas todos a chamamos carinhosamente de Didi. Meu irmão Vicente, que ganhou esse nome em sua homenagem, casou-se recentemente com Noemi e já está esperando um filho ou uma filha, que deverá nascer na metade do ano. As irmãs Conceição, Elvira e Rosinha, ainda são jovens, mas já estão pensando em construir suas famílias e um sólido futuro para suas vidas.

Pensamos, então, em convidá-lo para vir visitar Pelotas, conhecer a família que se multiplicou tanto e ajudar papai a superar essa fase difícil em que se encontra. Talvez, o abraço do irmão que ele tanto ama possa trazer um pouco de paz à sua alma aflita.

Eu e Didi gostaríamos de recebê-lo aqui em nossa casa – um lar simples, mas cheio de amor e do barulho tradicional de crianças pequenas. Nosso endereço está no envelope, mas repito aqui – Rua Dr. Cassiano, número 152 – por precaução.

Na esperança de uma resposta positiva, despeço-me com um grande abraço do seu sobrinho,

Victor”

Vicente leu tudo com atenção e concordou com cada palavra que o irmão escrevera. A carta foi, então, enviada para o endereço que Victor conseguiu, remexendo nos guardados do pai. Eles resolveram manter sigilo e nada falaram para as irmãs. Temiam que Vincenzo nunca respondesse ou que a carta não chegasse ao seu destino por algum motivo qualquer – e o plano morresse sem nem mesmo ter nascido. Assim, Victor e Vicente nada disseram à família. Apenas Didi sabia da carta escrita pelo marido.

Por quase dois meses não houve qualquer resposta por parte de Vincenzo. E os irmãos já haviam começado a perder as esperanças.

No entanto, pelas 22 horas de uma fria quarta-feira de março de 1923, bateram à porta da casa da Cassiano 152. Mozart acordou assustado e começou a chorar. Didi correu para atender o filho e Victor foi até a porta, num estado entre sono e vigília.

“Quem é? Quem bate?”, perguntou Victor com a voz meio pastosa, pois estava quase dormindo em pé.

“Vincenzo!”, foi a única palavra proferida.

Victor arregalou os olhos, o coração bateu apressado, os músculos enrijeceram e ele acordou por completo.

Victor, então, abriu a porta.

Vincenzo largou a bengala e a mala no chão.

E tio e sobrinho se abraçaram, como se conhecessem um ao outro – por toda a vida!



Casa da família Russomano na rua Dr. Cassiano 152, onde moravam

Victor, Didi, Rosah e Mozart

Foto de 2023 – Álbum de Família



E tio e sobrinho se abraçaram, como se conhecessem um ao outro – por toda a vida!

PARTE II - 2

PLANO CERTEIRO

Vincenzo e Victor não conseguiram conversar muito naquela noite, pois a travessia de São Paulo a Pelotas tinha sido extremamente cansativa. Um pouco mais velho do que Frederico, Vincenzo já deixara, há muito, de ser um jovem aventureiro, robusto e forte, capaz de cruzar mares em porões de navios, de lutar com afinco contra as adversidades de viver numa cultura diferente e de enfrentar os inevitáveis percalços de se estabelecer num país distante de suas origens. Assim, Vincenzo se sentia exausto com a longa viagem, estava com sede e fome, cada músculo do seu corpo parecia doer e a perna esquerda não lhe dava trégua, incomodava bastante, ora ficava dormente, ora dolorida, ora não obedecia à sua vontade, pois ele sofria de um grave problema no quadril, que há anos o fazia andar de bengala, para ajudar na locomoção e na manutenção do equilíbrio.

Vincenzo falou pouco e se restringiu a responder algumas perguntas de Victor sobre a vida em São Paulo e a viagem até Pelotas. A fome e a sede foram tratadas com um chá preto bem quente, saborosos biscoitos feitos em casa, pão, manteiga e algumas frutas, tudo cuidadosamente preparado por Didi, que fez questão de se juntar aos dois, curiosa que estava em conhecer o irmão de Frederico, apesar do adiantado da hora e do choramigo de Rosah e Mozart, que acordaram com a movimentação inesperada na casa e estavam relutando em voltar a dormir.

Antes de irem para seus quartos, Victor fez um brinde à chegada do tio, servindo cálices de vinho tinto para os três. Eles ergueram as taças no ar e, pela primeira vez, desde que Vincenzo chegara, Victor e Didi puderam ver nele uma expressão de alívio, um esboço de sorriso nos lábios, a musculatura menos tensa e o olhar mais brilhante.

“Papai não desconfia de nada”, confessou Victor, já deitado em seu quarto, ligeiramente apreensivo.

“Ele nem sonha que Vincenzo poderia vir visitá-lo... e ele está aqui em Pelotas”, falou Didi, também um pouco assustada, com receio de que Frederico pudesse até mesmo passar mal ao reencontrar o irmão que não via fazia décadas.

“Espero que nosso plano dê certo... e ajude papai a se recuperar um pouco da saudade que sente de mamãe!”, falou Victor, com uma esperança na voz sonolenta.

O dia seguinte amanheceu lindo, com o Sol brilhando num céu azul, sem nuvens. Era ainda cedo, quando Victor e Vincenzo tomaram um bom café da manhã e logo saíram juntos rumo à casa de Frederico. O trajeto que separava a rua Dr. Cassiano da rua General Osório era relativamente pequeno, mas, com a dificuldade locomotora de Vincenzo, qualquer caminhada levava, pelo menos, o dobro do tempo.

Victor aproveitou o momento para atualizar Vincenzo quanto a história da cidade, de sua intensa vida cultural – *“temos dois teatros... com óperas, peças e espetáculos”*; da riqueza vinda das charqueadas – *“agora ameaçadas pelos frigoríficos comerciais e as geladeiras caseiras”*; das extensas terras para criação de gado – *“a pecuária é também um grande recurso financeiro para a região”*. Contou ainda sobre seu trabalho como médico, seus anos de estudo no Rio de Janeiro e sua dedicação a uma medicina mais social – *“depois vamos até o meu consultório, um presente de mamãe e papai, logo após eu ter me formado médico”* – e suspirou fundo, com saudade de Carmella.

De repente, porém, houve um silêncio, que se estendeu por uma quadra da lenta caminhada e só foi quebrado pela confissão de Victor. De uma forma tão delicada, quanto temerosa, ele resolveu detalhar o plano. Como Vincenzo já estava ciente, o pai de nada sabia de seu convite para o tio vir até Pelotas, pois tudo tinha sido arquitetado por ele, Vicente, Didi e Manuel, que ele imaginava que iria conhecer, pois, mais do que um amigo, Manuel já era tido como um membro antigo da família.

“Inclusive a ideia foi dele! Eu e Vicente apenas executamos o plano. Ninguém mais ficou sabendo, nem papai, nem nossas irmãs”, comentou Victor.

Vincenzo ouvia tudo calado, prestando atenção a cada palavra. Ficara curioso em saber mais sobre a intensa vida cultural de Pelotas, algo que o surpreendeu, pois esperaria isso numa cidade grande, como São Paulo, ou no Rio de Janeiro, por ser a capital do país, mas não tanto numa cidade pequena, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. Sentiu muito orgulho do sobrinho médico, trabalhando para diminuir a dor e curar os males de seus pacientes. E percebeu como se afastara de tudo e de todos por um longo período... *“muito longo... muito longo mesmo... uma pena!”*, lastimou consigo mesmo, sem coragem de confessar seu arrependimento ao sobrinho.

“Quanto à minha vinda a Pelotas”, falou Vincenzo, pausadamente, quebrando o seu silêncio, “imaginei mesmo que Frederico de nada soubesse, pois, se algo tivesse dado errado

e eu não pudesse vir... por qualquer razão que fosse, isso seria mais uma decepção, mais uma dor, para a já tão sofrida alma de meu irmão”.

Assim que chegaram na rua General Osório 769, Vincenzo encheu os olhos de lágrimas e quase não conseguiu evitar o choro. Ali, à sua frente, dois anúncios o comoveram – Calçados Russomanno e Vicente Russomano – Advogado.

Primeiro, ele passou a mão sobre o nome Vicente, como se estivesse fazendo um carinho no sobrinho que levava o seu nome e que ainda não conhecia. Depois, seu olhar se voltou para a sapataria, agora uma empresa próspera. Viu o entrar constante dos funcionários e o ir e vir de clientes. Ouviu o barulho das ferramentas e máquinas, consertando e criando calçados, e transportou-se no tempo para a pequena Caposele. Lembrou-se do Frederico jovem, cheio de sonhos, de seu amor pelo couro dos calçados, cheiro e textura, de sua paixão por consertar e costurar isso ou aquilo... E se deu conta que tudo na vida tinha tido uma razão, havia ali inserido um grande significado, pois Frederico transformara o sonho de um jovem italiano num negócio de sucesso no sul do Brasil.

Victor estava imóvel, parado ao lado do tio, observando cada expressão, tentando decifrar o que ia se passando em seus pensamentos. Podia ver que Vincenzo estava emocionado, invadido por memórias, imerso num outro mundo, cheio de confusos sentimentos, os quais Victor não tinha qualquer chance de acessar.

De repente, a porta da rua General Osório 769 se abriu. Foi quando um homem de meia-idade, emagrecido, de bigode e cabelos grisalhos, com o corpo ligeiramente curvado para frente e os olhos cravados no chão, emergiu da casa. Victor e Vincenzo deram um passo para trás, por reflexo, meio assustados com o inesperado reencontro.

Os dois irmãos então se olharam – depois de décadas! E, por um instante, não se reconheceram. Confusos, mantiveram-se imóveis, olhando fixamente um para o outro, como se ambos estivessem buscando algum traço familiar, qualquer coisa que indicasse o motivo pelo qual aquela parecia ser uma conhecida fisionomia do passado, ainda que nela houvesse apenas um longínquo resquício.

As bocas, até então caladas, balbuciaram ao mesmo tempo.

“Fre... Frede... rico”. “Vin... Vincen... zo”.



Era ainda cedo, quando Victor e Vincenzo tomaram um bom café da manhã e logo saíram juntos rumo à casa de Frederico.

O OLHAR DE VINCENZO

A chegada de Vincenzo em Pelotas agitou a casa dos Russomano, alterando a rotina de todos.

Conceição, Elvira e Rosinha ficaram emocionadas em receber esse tio, que já tanto conheciam, graças às inúmeras histórias contadas e recontadas pelos pais ao longo dos anos – com ênfase, claro, para a aventura sobre as águas do Atlântico no porão do navio italiano.

Vicente também estava curioso em saber mais sobre Vincenzo, o qual fora a origem de seu nome, algo que, desde muito cedo, despertou nele um carinho todo especial por esse tio distante.

E assim foi naquele primeiro dia de encontros e reencontros... Enquanto Conceição preparava sua deliciosa e tradicional macarronada al dente, com *“polpettas e bracciolas”*, um suculento molho ao sugo e muito queijo ralado, as irmãs tratavam de arrumar a casa e deixar tudo pronto para esse especial almoço italiano da família Russomano em solo brasileiro.

Victor foi para o consultório, pois já tinha pacientes agendados e alguns compromissos profissionais alinhavados, mas prometeu passar por ali mais tarde. Infelizmente, não poderia degustar a macarronada de Conceição, apesar de ser um de seus pratos prediletos.

Vicente, por sua vez, reduziu seus afazeres de trabalho, cancelando alguns clientes, para poder passar mais horas com o tio – “uma visita inesperada, uma situação inédita!”, justificou.

Frederico decidiu que, enquanto Vincenzo estivesse em Pelotas, ele não trabalharia na Calçados Russomanno – algo raro em sua vida –, pois nunca tirara férias, mas determinou que aquele era um momento único e ele queria aproveitar ao máximo cada minuto com Vincenzo.

Assim, os irmãos italianos saíram para passear na linda manhã pelotense de céu azul e sol. Frederico até já sentia a alma mais leve, com mais vigor, e um discreto brilho reapareceu no seu olhar.

Ele, então, tomou Vincenzo pelo braço e ambos foram pelas ruas da cidade, conversando sobre tudo que estava contido no peito de cada irmão, nestes anos todos de separação.

Entre conversas e confissões, risos e até algumas lágrimas, Frederico ia explicando alguns pontos culturais de Pelotas por onde passavam.

Primeiro, eles foram até a Catedral São Francisco de Paula – *“linda e imponente, onde tivemos casamentos, batismos... pode-se dizer que todas as celebrações religiosas de nossa família ocorreram aqui... e essa catedral ainda testemunhou muitas rezas de Carmella para San Gennaro”*; o Clube Comercial – *“também conhecido como Palacete Braga, em homenagem a seu dono e construtor, um local para os ricos e abastados charqueadores, empresários... não necessariamente nobres... conviverem e socializarem... é um lindo casarão”*; a praça central – *“aquele chafariz bem no meio, a Fonte das Nereidas, foi importado da França”*; o Mercado Público ou Central de Pelotas – *“erguido em meados do século passado, um lugar que sempre usamos para comprar vários produtos alimentícios... de muito boa qualidade”*; os teatros Sete de Abril e Guarany – *“sempre que possível, não deixamos de prestigiar os espetáculos... óperas, peças... Pelotas tem uma vida cultura bastante intensa... foi inclusive no Guarany, quando foi encenada a ópera de Carlos Gomes, que seu sobrinho Vicente iniciou o cortejo de sua atual esposa, Noemi Gotuzzo, que está grávida agora”*.

Os dois, então, sentaram-se num banco da praça, bem em frente às Nereidas francesas, e ali permaneceram quietos, por algum tempo, hipnotizados pelo subir e descer da água. Vincenzo ainda sentia o corpo cansado da viagem e, após uma considerável caminhada pelas ruas pelotenses, sua perna esquerda já começava a incomodar.

“É mesmo hora de parar um pouco... dar uma descansada... a idade nunca vem sozinha, sempre traz algo consigo!”, ironizou, Vincenzo, rindo um pouco.

Frederico, pela primeira vez, olhou para o irmão com mais atenção e viu, sentado a seu lado, um homem de meia-idade, desgastado pela vida, a qual tinha surrupiado o jovem Vincenzo para sempre. Ele observou com cuidado as rugas que sulcavam o rosto do irmão, o corpo redesenhado pelo tempo, com a barriga mais saliente, menos músculos e mais gordura, a voz mais rouca e o olhar mais triste. Foi quando Frederico decidiu quebrar o silêncio, tomou coragem e abriu sua alma para Vincenzo, como fizera tantas vezes na pequena Caposele.

“Não sei bem o que fazer agora... meu irmão, minha vida perdeu todo o sentido. Tudo que vivi e construí foi por Carmella... é ainda por Carmella”, falou, com a voz embargada, a cabeça caída, os olhos mirando o chão da praça.

“Para mim é difícil imaginar o que estás passando, pois nunca senti a paixão que, um dia, te uniu à Carmella... desde jovem, lá atrás, ainda na nossa velha e distante Caposele... quanto tempo, meu Deus! Amo muito minha mulher, mas sei que são sentimentos diferentes. O teu, meu caro Frederico, foi avassalador, te fez cruzar os mares, trocar de lares e bares”, riu

um pouco com o trocadilho e completou, “e isso é algo para poucos mortais. Nunca... nunca mesmo me apaixonei assim. Desconheço esse sentimento. Foste, na vida, um homem de sorte!”, confessou Vincenzo. Por um momento, Frederico até mesmo deixou de sentir a dor profunda pela perda de Carmella, não por menos amor, devoção ou saudade, mas porque entendeu que tinha sido mesmo um *“homem de sorte, muita sorte”*, pois fora capaz de viver intensamente uma paixão que se transformou num imenso amor, vivido ao longo de muitos anos, e que se proliferou numa linda família.

“Infelizmente, a morte abreviou muito cedo sua vida. Carmella ainda tinha uns bons anos pela frente... poderia testemunhar tanta coisa que ainda está por acontecer...”, lastimou Frederico, deixando as lágrimas rolarem livres pelo seu rosto.

“Chora, meu irmão, chora... faz bem para a saúde... quem não chora pelos olhos, chora por outros órgãos... e acaba adoecendo”, falou Vincenzo, confortando Frederico. Os dois irmãos, então, abraçaram-se longamente, como se estivessem fundindo duas almas num só corpo e, com isso, pudessem dividir por dois cada sentimento ali contido, amenizando, assim, o sofrimento de ambos. Frederico e Vincenzo deixaram a praça em silêncio. Ainda caminharam um pouco pelas ruas do centro da cidade e voltaram então para a casa dos Russomano, pois já sentiam o estômago vazio e, só de imaginar a macarronada de Conceição, ficavam com água na boca.

“É sua especialidade culinária”, comentou Frederico, esboçando um sorriso e aumentando ainda mais o desejo do irmão de comer a tão falada macarronada ao sugo, especialmente temperada pelo carinho da sobrinha.

E uma nova rotina nos dias em que Vincenzo estava em Pelotas se estabeleceu rapidamente entre os Russomano. Pela manhã, os irmãos caminhavam pela cidade e Frederico ia mostrando com orgulho locais que considerava importantes – *“Hospital Santa Casa de Misericórdia de meados do século passado; Faculdade de Direito de 1912...”* – ou aproveitavam para ir até a chácara do Capão do Leão – *“um local que usamos seguido, especialmente nos finais de semana e feriados”*. Por volta de uma hora da tarde, eles retornavam para degustar um bom almoço familiar, sempre preparado por Conceição.

“Cada dia faço um prato diferente, um pouco da culinária do Brasil e um pouco da culinária da Itália e... um pouco da mistura das duas”, confessou a exímia cozinheira da família.



Fonte das Nereidas – Praça Coronel Pedro Osório

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)

Após o almoço, era hora de uma rápida sesta e, à tarde, Frederico e Vincenzo saíam novamente para visitar Victor em seu consultório ou se sentar na praça ou beber um café forte, quente e sem açúcar em algum estabelecimento no centro de Pelotas.

“O café servido desse jeito é um hábito que construímos juntos na Itália... lembrás? E trouxemos na mala para o Brasil”, falou rindo Vincenzo, já tomando seu segundo café, pois sempre apreciava uma sequência de três.

No início da noite, depois que Rosah e Mozart já tinham dormido, Victor beijava Didi e ia ter com Vicente, o pai e o tio, para irem todos ao Bar Independência, onde Manuel já esperava com um bom vinho tinto, pastéis fritos na hora e doces da região, uma guloseima que fazia muito sucesso desde o final do século 19.

“Esses doces à base de ovos... humm... que delícia... é difícil comer só um... isso foi herança dos portugueses”, explicou Manuel para Vincenzo, enquanto comia uma sequência dos docinhos pelotenses.

“A variedade é grande”, continuou Vicente, enumerando os mais conhecidos, “camafeus, bem-casados, fios-de-ovos, papos-de-anjo, ninhos e os pastéis de Santa Clara”.

“São realmente maravilhosos...”, enfatizou Vincenzo.

“A produção ainda é caseira. As mulheres, conhecidas como as doceiras pelotenses, dedicam-se a preparar um a um, mas isso já está começando a mudar... a confecção dos doces está saindo do processo artesanal, feito no interior dos casarões aqui de Pelotas, para ser comercializado por todo o país”, explicou Victor.

“E também temos as frutas em forma de doces, geleias, conservas e pastas... isso veio junto com os imigrantes alemães, pomeranos e franceses... não dos italianos...”, riu Manuel, “parece que o clima temperado do sul do Brasil tem ajudado muito no cultivo de frutas, entre elas principalmente o pêssego, tudo cultivado na região colonial daqui”, completou, aproveitando para servir um doce de fruta para Vincenzo provar.

Frederico, como sempre, pouco falava, mas tudo ouvia. E ouvia com prazer! Muito prazer! Esses dias que Vincenzo passou em Pelotas foram uma verdadeira benção para sua alma e ele agradeceu, muitas vezes, o plano de Manuel. A saudade de Carmella seguia a mesma, não tinha mudado nada, mas era como se ele pudesse agora senti-la sem tanto sofrimento, com menos dor, uma saudade amorosa, envolta pela resignação da perda de sua grande paixão, de sua companheira de vida.

E a conversa enveredava pela noite. Os cinco ali sentados lado a lado, ocupando as cadeiras da mesma mesa de tantos e tantos encontros, ao longo de muitos e muitos anos, tomando cafés, cálices de vinhos, provando doces, comendo pastéis feitos na hora por Manuel.

Todas as noites, quando deixavam o Bar Independência rumo às casas da Osório e da Cassiano, já era tarde, às vezes, muito tarde – mas isso não parecia importar ao quarteto dos Russomano. A conversa era sempre muito boa! Corpo e alma ficavam leves!

A partida de Vincenzo foi dóida para todos.

Didi e as crianças já tinham incorporado a figura daquele tio distante, bem italiano no seu jeito de ser, que, diferente do irmão, falava muito e falava alto e falava gesticulando.

Conceição, Elvira, Rosinha e Noemi também se acostumaram com a presença de Vincenzo nas refeições, sempre contando uma história ou outra, rindo muito e comendo mais ainda.

Victor, Vicente e Manuel não se conformavam em perder o parceiro de conversas nas noites pelotenses no Bar Independência – eles falavam de tudo um pouco e mais isso e mais aquilo... sempre tinha muito assunto e muita história para ser contada.

Para Frederico, a despedida do irmão foi tão dolorida como uma facada no peito. E, provavelmente, era a mesma dor que Vincenzo sentia. Promessas de outras visitas, fosse em Pelotas, fosse em São Paulo, foram feitas – reiteradamente –, o destino, como uma brisa insistente, soprava em segredo, no ouvido dos irmãos, que aquelas, infelizmente, não passavam de promessas falsas. E eles, lá no fundo, sabiam disso, mas ambos tiveram o cuidado de fingir que acreditavam em cada uma delas, para enganar a dor da separação iminente.

“Depois que se vive no exterior por um tempo, temos comprometida nossa noção de pátria, pois sempre sentiremos saudades de outro lugar... Nem somos mais italianos, nem nos tornamos brasileiros, mas ainda somos Russomano”.

Essas foram as últimas palavras que Vincenzo disse para Frederico, antes de abraçar o irmão pela última vez. Os dois então se olharam, um olhar atemporal, pausado, lento e profundo.

E, toda vez que a saudade pelos que já partiram para o além-vida atormentava a alma de Frederico, era desse olhar de Vincenzo que ele lembrava.

Pois sabia que era o irmão ali, ao seu lado, protegendo-o!



...era desse olhar de Vincenzo que ele lembrava.

A BRIGA DOS LENÇOS

Os anos de convivência com os colegas do Grupo Iconoclasta e suas atividades como Conselheiro Municipal consolidaram o interesse de Victor pela política brasileira. Apesar de os amigos pelotenses manterem um bom contato com ele e organizarem periodicamente reuniões e eventos, eram nas cartas que trocava com José, as quais vinham se intensificando nos últimos tempos, que ele conseguia expressar melhor suas ideias e tendências políticas.

“Foi pena Nilo Peçanha perder para Artur Bernardes”, escreveu Victor, que participara ativamente do movimento Reação Republicana, o qual, entre 1921 e 1922, defendeu a candidatura de Peçanha à presidência da república. Todos, porém, inclusive ele, tiveram que se conformar com a derrota, quando Artur Bernardes assumiu o poder em março de 1922.

“Sim, uma lástima mesmo!”, teria respondido José, por alinhar suas preferências políticas com o amigo e para tentar amenizar a frustração de Victor.

“E como está indo a Revolução Gaúcha?”, José perguntou numa outra carta, curioso que estava por saber notícias mais locais sobre a guerra civil que eclodira em janeiro de 1923, no Rio Grande do Sul, colocando em lados opostos republicanos, liderados por Antônio Augusto Borges de Medeiros, os *Borgistas ou Ximangos*, de lenço branco no pescoço, e federalistas, encabeçados por Joaquim Francisco de Assis Brasil, os *Assisistas ou Maragatos*, que usavam lenços vermelhos.

A disputa era intensa entre eles, culminando com a adesão dos Maragatos à revolta armada, que tinha por objetivo derrubar Borges de Medeiros, empossado em 25 de janeiro de 1923, na legenda do Partido Republicano Rio-Grandense, o PRR, o partido de Victor.

“Tudo está muito tenso... complicado... confuso! Os Maragatos defendem com unhas e dentes que houve, sim, fraude eleitoral, que a reeleição de Borges nas urnas foi uma farsa. E não abrem mão disso! Quantos já perderam a vida nessa Revolução... Acho que isso ainda vai longe”, lastimou na sua carta para José.

As raízes desse conflito armado eram antigas, pois vinham desde a época da Revolução Federalista, ocorrida no final do século 19, a qual ficou marcada pela Prática da Degola – um termo figurativo, utilizado para retratar a atividade fraudulenta das oligarquias brasileiras, que interviam diretamente no resultado das eleições.



...republicanos, liderados por Antônio Augusto Borges de Medeiros, os *Borgistas ou Ximangos*, de lenço branco no pescoço, e federalistas, encabeçados por Joaquim Francisco de Assis Brasil, os *Assistas ou Maragatos*, que usavam lenços vermelhos.

A Revolução Gaúcha era assunto por todo lado no Rio Grande do Sul e no Brasil. E isso não era diferente entre os pelotenses. Quando os Russomano iam ao Bar Independência, a primeira conversa era sempre sobre o conflito político que assolava o estado.

Manuel, no entanto, entendia pouco das nuances de cada lado do conflito – “Ximangos e Maragatos... Maragatos e Ximangos...”, ele ficava repetindo, com um ar de repreensão, enquanto servia o vinho para os amigos. Manuel era, por natureza, um homem que defendia a paz a qualquer preço e, assim, nada o fazia se conformar ao saber que um homem empunhava uma arma para matar outro homem, derramando sangue e espalhando dor.

“É uma vida inteira que se vai, desaparece para sempre... e quanta amargura fica morando no peito de familiares e amigos...”, falou inconsolado, sentando-se com os Russomano.

As discussões no Bar Independência sobre a Revolução Gaúcha, porém, foram interrompidas naquela noite com a chegada inesperada de Elvira, esbaforida, ansiosa, sem fôlego, que assustou a todos. Ela fora ali, às pressas, avisar que Noemi rompera a bolsa e que o bebê estava a caminho. Era 23 de julho de 1923.

A agitação já havia tomado conta da casa, quando todos chegaram. Novamente, como já se passara tantas vezes, bacias com água quente, panos limpos... eram levados por Conceição e Rosinha, da cozinha para o quarto, onde se encontrava Noemi, que já começara a sequência de contrações do ventre, com força e ritmo, alternadas por grunhidos, choro e gritos de dor. Victor logo se prontificou em ajudar o colega médico, que fora chamado por Rosinha, para conduzir o trabalho de parto.

Vicente ficou com Frederico na sala. Eles se sentaram no sofá, lado a lado, tensos... e ansiosos... e mudos! Ambos permaneciam atentos, observando cada movimento das irmãs e monitorando os sons que emergiam do quarto de Noemi.

Até que houve um silêncio, que durou *“uma eternidade de segundos”*, de acordo com Vicente, logo seguido do choro de um bebê, para alegria de todos.

“Môema nasceu!”, gritou Conceição, envolta por uma intensa emoção, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Vicente levantou-se de supetão e correu para o quarto. E ele mal pôde acreditar que aquele ser, tão pequeno e frágil, em seus braços era sua filha. Môema, então, passou de mão em mão, como num ritual, para ser introduzida a cada membro da família. Por fim, Noemi

novamente tomou-a nos braços, beijou mais uma vez sua testa, acarinhou seus dedos – os dedos de uma menina recém-chegada ao mundo.

“Ela é linda e saudável... e viverá muito, chegará aos cem anos”, profetizou a mãe, reconhecendo, porém, que 2023 estava tão longe daquele momento quanto a distância que separava a Lua da Terra.

Apesar de o conflito armado seguir causando lutas, mortes e destruição no Rio Grande do Sul, a família Russomano sentia-se mais distante de tudo isso, pois estava, agora, imersa em acolher a primeira filha de Vicente e Noemi, o que acabou por redimensionar a importância das desavenças entre Ximangos e Maragatos.

Até mesmo quando, em 29 de outubro, Pelotas, então a maior cidade do interior gaúcho, foi tomada de surpresa, em pleno alvorecer, por Zeca Netto, pois ele fazia questão de deixar clara a sua oposição a qualquer possibilidade de acordo com Borges, os Russomano pareceram não dar muita importância ao fato. Felizmente, para os pelotenses, Zeca Netto manteve a cidade sob seu comando por apenas seis horas, já que os governistas conseguiram se rearticular e receber esforços para libertar Pelotas.

E tudo voltou rapidamente à rotina de sempre, com o conflito ficando mais distante da cidade!

A luta armada da Revolução Gaúcha acabou se estendendo até novembro de 1923, sendo encerrada pelo Pacto das Pedras Altas, um tratado de paz assinado, em 14 de dezembro, entre Ximangos e Maragatos, o qual até permitiu a permanência de Borges no poder, mas limitou seus planos políticos, pois vedou uma possível reeleição, já que o líder republicano estava no poder há quatro mandatos seguidos – desde 1898!

Por essa altura, Mômema já tinha quase cinco meses de vida. E todos viviam a satisfação de ter mais um bebê enchendo a casa de felicidade.

“Três netos!”, pensou Frederico, com uma mescla de alegria e tristeza no peito, já alta madrugada de uma noite quente do dezembro pelotense.

“Que pena que Carmella nunca conhecerá Mômema”, lastimou profundamente o patriarca dos Russomano, antes de deixar o sono vencer seu corpo cansado pelo longo dia de trabalho.



Môema aos 3 meses
Rosah o. 4 annos
Pelotas 2 Novembro
1923



Môema aos 3 meses com a prima Rosah (dir)

**No topo esquerdo, foto da celebração dos 100 anos de Môema,
na companhia de seus filhos Fernando & Margarida Russomano Kraft**

Álbum de Família

“SOU, POIS, UM ABOLICIONISTA”

“É o meu primeiro livro! Trata-se de uma estreia. É, em verdade, puramente, tão simplesmente, uma reclamação”, foram as palavras vitoriosas de Victor, quando soube que havia conseguido, por fim, depois de uma sequência de negativas, a confirmação de que sua obra fora aceita para publicação por uma editora lusitana

“A Livraria Internacional Abel D’Almeida, localizada no bairro Chiado, bem no coração de Lisboa!!!”, bradou Victor, vibrando de alegria.

Ele tentara muito, mas não obtivera sucesso, pois não houve uma só editora brasileira com ousadia suficiente para publicar seu livro, o qual, sabiam todos, apresentava e debatia um tema delicado e controverso, o qual Victor ironicamente resumiu no título de sua obra, chamando-a de:

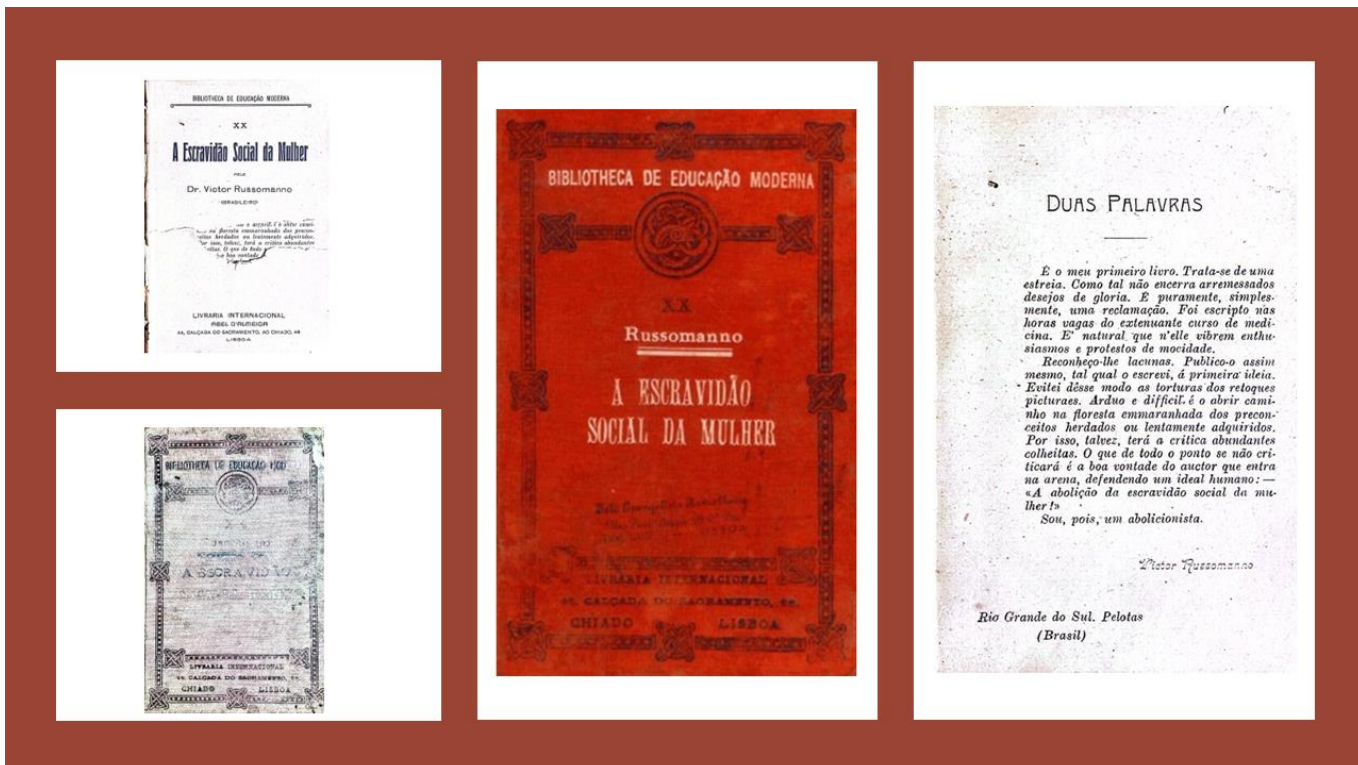
“A Escravidão Social da Mulher”

Quando, tempos depois, devido à morosidade da troca de correspondência transatlântica, ele finalmente recebeu da Abel D’Almeida alguns exemplares, Victor ficou emocionado. Ele segurou com orgulho o livro de capa vermelha, folheou-o com cuidado, mostrou-o para Didi, como se fosse um troféu, e os dois juntos leram a nota de abertura, estampada na primeira página, com a qual a editora portuguesa apresentava o autor.

“Victor Russomano, republicano e sufragista brasileiro, nascido em Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Diz-se que deveria ter seguido os passos do pai e continuado à frente de sua fábrica de sapatos. Mas, desde menino, sabe-se que se escondia a ler durante à noite, quando todos já estavam a dormir, para que ninguém soubesse de nada. E foi médico, e foi político influente na sua época”.

O tema do livro fora lentamente gestado por Victor, tendo-o finalizado em 1914, e, no entanto, mesmo com o passar de anos e mais anos e mais anos, ele sabia que sua preocupação com a condição social da mulher seguia a mesma – inabalada, petrificada, congelada, profundamente enraizada na cultura e na religião de todos os povos, em todos os tempos.



Livro – A Escravidão Social da Mulher

Álbum de Família

“Um tema, infelizmente, sempre contemporâneo, que mudara muito pouco – fosse do lado de cá ou de lá do oceano Atlântico!”, ele lastimava, quando o assunto vinha à tona.

Como introdução ao livro, ele escreveu: “Foi escrito nas horas vagas do extenuante curso de medicina. É natural que nele vibrem entusiasmos e protestos da mocidade. Reconheço-lhe lacunas. Publico-o assim mesmo, tal qual o escrevi, a primeira ideia. Evitei desse modo as torturas dos retoques pontuais. Árduo e difícil é o abrir caminho na floresta emaranhada dos preconceitos herdados ou lentamente adquiridos”.

Um dos livros que recebera reservara para enviar para José, imaginando que o amigo carioca apreciaria sua estreia como escritor – “um escritor que poderia se dizer internacional”,

até porque testemunhara muito a criação do texto, durante os anos de estudo no Rio de Janeiro.

Na carta que enviou para José junto com sua obra, ele fez uma confissão.

“Enredadas em invisíveis amarras sociais e religiosas, mulheres de todo o mundo ainda vivem sem qualquer direito. Nossa companheira, nossa mãe, nossa irmã – por que mantê-la nessa degradação desumana? O autor, que entra na arena, defende um ideal humano: a abolição da escravidão social da mulher!

Sou, pois, um abolicionista”.

Era o ano de 1925! E Victor estava cheio de razão. A estrutura social colocava a mulher num segundo plano – familiar, social, educacional e financeiro. Carmella não aprendera a ler, algo aceito para as mulheres de seu tempo, e, agora, nas primeiras décadas do século 20, as meninas tinham um limitado acesso à educação. Victor, no entanto, queria muito... muito mais! Ele defendia o acesso das mulheres ao ensino laico, às universidades, ao exercício de funções públicas, ao voto feminino e à participação partidária, bem como concedia ao sexo feminino a liberdade sexual e a possibilidade do divórcio.

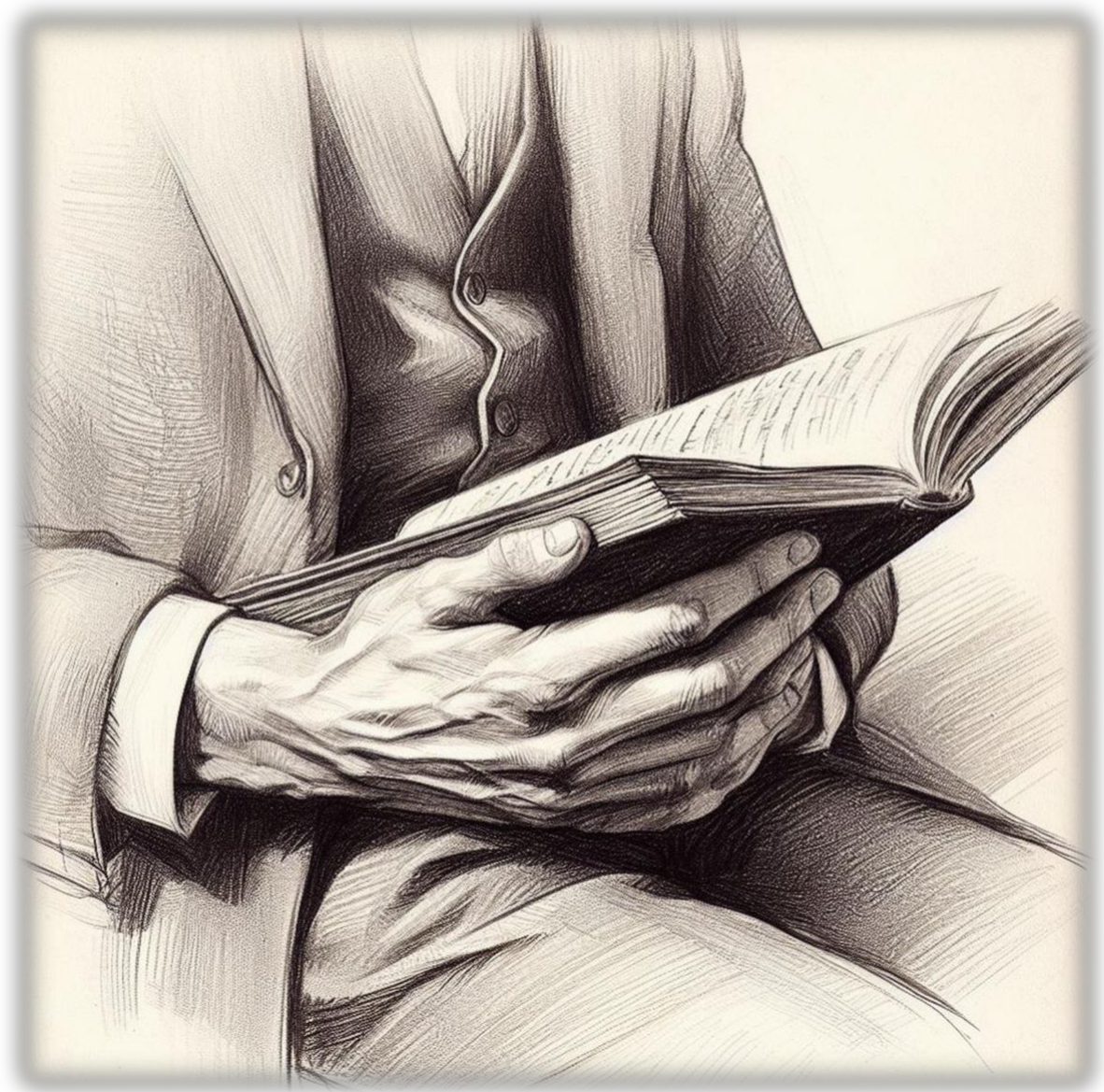
Mas nada disso era algo fácil de se atingir... Mesmo dentro de sua própria família, Victor pôde testemunhar várias vezes a mentalidade machista que permeava as relações entre filhas, filhos, pais e avós.

Um dia, Victor ouviu Frederico dizer – o que o deixou triste e magoado!

“Pena que não nasceu homem!”, foram as palavras do pai, referindo-se à sua neta Rosah, que, momentos antes, subira numa das mesas da sapataria, abrira os braços, erguera a cabeça e empostara a voz, para declamar um par de versos sobre a Revolução Gaúcha – um pequeno e singelo poema que aprendera e que fazia uma crítica jocosa, até infantil, aos Maragatos, abertamente apoiando os Ximangos, defendidos por Victor.

*“Não tenho medo da onça, nem do ronco que ela tem,
Assisoca também ronca, e vai ver não é ninguém”.*

E essa inesperada e constrangedora cena familiar, na Calçados Russomanno, reforçou, ainda mais, a posição de Victor como um abolicionista da condição social da mulher!



“É o meu primeiro livro! Trata-se de uma estreia. É, em verdade, puramente, tão simplesmente, uma reclamação”.

UM MOMENTO FELIZ

“Farei pastéis para a criançada e levarei uns bons vinhos para nós”, foram as palavras de Manuel, ao aceitar o convite de Frederico para passar o próximo domingo com todos na chácara do Capão do Leão.

E o dia amanheceu lindo – céu azul, sem uma só nuvem no ar, temperatura amena, com uma leve brisa soprando! Logo cedo, os Costa e Russomano já começaram os preparativos para mais uma confraternização na chácara.

Para as crianças, dias assim eram sempre uma festa – irmãos e primos juntos e felizes, correndo, gritando, jogando, pulando e brincando à vontade. Para os adultos, era o momento de conversar, de relaxar, de respirar o ar puro da natureza e de comer e de beber muito bem.

No começo, era Carmella quem cuidava dos comes e bebes, organizando as refeições, cafés, chás e lanches durante um *“domingo de confraternização”*, como passaram a chamar esses encontros familiares de final de semana, na chácara dos Russomano. Com o tempo, porém, Conceição foi tomando conta desta função, sempre auxiliada por Elvira e Rosinha, até assumir por completo o papel da mãe, quando Carmella ficou mais velha e cansada.

“É muita gente... são muitos gostos diferentes. Cada um prefere uma coisa - um tipo de tempero, uma quantidade de sal, uma bebida em particular... Dá trabalho agradar a todos!”, sempre ironizava Conceição, toda vez que começava a árdua tarefa de cuidar das refeições na chácara.

Dessa vez, no entanto, ela ficou feliz ao saber que Manuel estaria por lá também e que ajudaria nos lanches para a criançada com seus “maravilhosos pastéis fritos na hora!”.

Nos domingos na chácara, Frederico voltava a sentir uma enorme saudade de Carmella. Ele tinha ciência que esse sentimento estava sempre ali, latejando, pulsando, como uma artéria inchada prestes a romper, que a tristeza pela partida de Carmella nunca abandonara sua alma por completo, mas também admitia que o passar do tempo e o nascimento dos netos acabaram tendo força suficiente para tirar a dor que sentia do foco de sua atenção. Na chácara, porém, a presença de Carmella tornava-se mais intensa e mais vívida, e ele voltava a sofrer mais e mais, como se aquele voltasse a ser o primeiro dia de sua viuvez.

O que lhe confortava o espírito, no entanto, era saber que ali com ele estariam seus dois filhos, suas três filhas, seus quatro netos e suas duas noras – *“e era essa a linda família que sempre sonhamos construir”*, pensava Frederico, na busca de um consolo.

Do lado dos Russomano, agora, eram quatro crianças – Rosah, Mozart, Môema e Clóvis, esse último foi o segundo filho de Vicente e Noemi, nascido em 13 de novembro de 1924. E todos estavam presentes nesse domingo na chácara! Completando a lista da criançada, foi também para essa confraternização dominical a família de Ana Isabel, que ganhou o apelido de Bebê, uma das irmãs de Didi. Assim, além dos quatro netos de Frederico, ainda estavam lá Candinha, Chico, Ernani, Adelaide e Lourdes, filhos de Bebê, que ficou viúva precocemente, aos 33 anos, do dentista Francisco Mesquita Barbosa, o qual tinha a mesma idade da mulher, mas, apesar de ainda ser jovem, foi acometido por uma forma agressiva de tuberculose da qual não sobreviveu.

Bebê e Mesquita ainda tiveram mais um filho, o Mesquitinha, um carinhoso apelido, um diminutivo, pois levava o mesmo nome do pai, e que nasceu no dia em que o pai morreu. Bebê sempre contava que, já moribundo, no seu leito de morte, o marido teria dito – *“vai ter o bebê que eu espero para morrer”*. E assim foi feito! Bebê teve a criança no quarto ao lado e voltou com o recém-nascido nos braços, para que o marido o conhecesse e, assim, pudesse partir para o além-vida em paz. Infelizmente, o Mesquitinha acabou morrendo pouco tempo depois, ainda bebê.

“Foi o pai que chamou”, convenceu-se Bebê.

Enquanto as crianças maiores brincavam e as menores dormiam em sofás e cadeiras que viraram camas improvisadas, os adultos sentaram-se no alpendre da casa para conversar, exceto Conceição e Manuel, que logo foram para a cozinha começar o preparo do almoço e dos pastéis.

De repente, ouviu-se uma risada de todos. Era Bebê contando que, durante a tomada de Pelotas por Zeca Netto, ela se trancafiou no banheiro de seu sobrado com as crianças, apavorada, rezando muito, pedindo pela proteção dos céus.

“Pois eu não sabia o que fazer... estava sozinha, só eu e meus filhos”, comentou, também rindo do acontecido.

“Acho que o Zeca não estava muito preocupado em invadir a casa de vocês...”, ironizou Victor.

“Claro que não... certamente o sobrado não era um de seus alvos, mas eu não sabia o que pensar, como agir... e as crianças começaram a gritar e a chorar, acho que perceberam meu medo, minha ansiedade... Que bom que tudo terminou em um par de horas...”, completou Bebé.

Ao longe, Rosah e Lourdes, que eram bem da mesma idade, pois ambas nasceram em 1919, tentavam alcançar algumas frutas das árvores, pulando e correndo de um lado para o outro. Elas riam muito, quando estavam juntas... sempre se divertiam uma com a outra. Candinha, mais velha, também estava por ali e tentava ajudar a irmã e a prima a alcançar este ou aquele galho. E a amizade das três, nascida em Pelotas nos anos 20, venceria o tempo, estendendo-se por décadas a fio!

“Um momento feliz!”, murmurou Frederico, vendo as crianças brincando, algumas dormindo, os adultos conversando e rindo e comendo e degustando o vinho de Manuel.

O almoço acabou sendo a macarronada al dente de Conceição, com molho sugo e muito queijo ralado por cima – e não poderia ser diferente! Isso já se tornara uma tradição nos domingos em família.

Manuel preparou pastéis para as crianças no meio da manhã e fez mais uma rodada para todos no final da tarde. E, claro, cálices de vinho tinto foram consumidos durante a refeição e também regaram várias conversas ao longo do dia.

E esse ensolarado domingo na chácara dos Russomano foi realmente um momento de felicidade para todos.



Nos domingos na chácara, Frederico voltava a sentir uma enorme saudade de Carmella.

ORGULHO DE PAI

Os anos 20 foram intensos para os Russomano! Além da tristeza vivida pela partida definitiva de Carmella, com uma saudade sempre ali presente de uma maneira ou de outra, e da alegria com a chegada dos netos, foi nessa década que Victor e Vicente, através do árduo e constante trabalho que diariamente exerciam, firmaram-se como excelentes profissionais, recebendo o reconhecimento da sociedade pelotense e de seus colegas de trabalho.

Como médico, Victor atuava em seu consultório e nos hospitais Santa Casa de Misericórdia e Beneficência Portuguesa de Pelotas, além das viagens que fazia para prestar atendimento em cidades e lugarejos próximos. Infelizmente, pelo acúmulo dos múltiplos afazeres diários e pela expansão da família com a chegada dos filhos, os deslocamentos para outras localidades, mesmo que não muito distantes, foram ficando cada vez menos frequentes até desaparecerem por completo.

Algumas vezes, em agradecimento ao seu dedicado trabalho, os pacientes lhes davam presentes, os mais variados possíveis, como quando recebeu um par de colunas de mármore para enfeitar sua casa. Vicente, por sua vez, além de seu escritório de advocacia, também se dedicava a casos no tribunal de júri, sendo considerado um grande orador, pois, sempre que falava, mostrava um conhecimento profundo da matéria em discussão e uma inteligência aguçada na apresentação de seus argumentos – que, em geral, tornavam-se irrefutáveis pela outra parte!

“Vicente é um vencedor nato! Não perde um só caso!”, eram os comentários que corriam pela cidade e que deixavam Frederico ainda mais orgulhoso do filho.

Os irmãos Russomano ainda diversificaram suas atividades, também se inserindo na vida acadêmica da cidade, tanto no ensino universitário quanto escolar. Vicente foi um dos primeiros a integrar o quadro de professores da Faculdade de Direito de Pelotas, lecionando a disciplina de Processo Penal e, no Gymnásio Pelotense, aproveitava para dar aulas de História. Victor era professor de Higiene e Terapêutica, na Faculdade de Farmácia e Odontologia, atuava como professor substituto de Medicina Legal na Faculdade de Direito, também lecionava Higiene no Instituto Técnico-Profissional e ainda dava aulas de História da Civilização e Filosofia no Gymnásio Pelotense.



Vicente estudando no Rio de Janeiro

Álbum de Família

À época, esse Gymnásio era a alternativa existente para o ensino laico primário e secundário, contrapondo-se ao Gymnásio Gonzaga, de natureza católica. Até 1913, somente meninos podiam frequentar o Gymnásio Pelotense, que acabou municipalizado em 1920, passando a ser chamado de colégio a partir de 1943. Hoje, o Colégio Municipal Pelotense segue como uma instituição de ensino laica, administrada pelo governo municipal da cidade de Pelotas e classificada como uma das maiores escolas públicas da América Latina!

Foi nesse mesmo Gymnásio que Victor, ainda jovem, integrou a Primeira Turma de Bacharéis em Ciências e Letras, tendo sido o Orador da Turma, quando concluiu o curso em 1908, pouco antes de partir para estudar medicina no Rio de Janeiro.

Frederico observava tudo isso, sem tecer qualquer comentário, sempre calado, com seu costumeiro jeito reservado de ser. Mas ele estava, sim, atento e sabia cada passo de cada um dos filhos – fosse na vitória, fosse na derrota! Victor e Vicente estavam no seu foco de atenção.

“Meu orgulho é enorme. Imensurável!”, pensava consigo mesmo, enquanto consertava um sapato qualquer na Calçados Russomanno.

Muitas vezes, quando andava pela cidade, Frederico sentia o coração bater mais apressado e um discreto sorriso preencher seus lábios, quando alguém lhe perguntava:

“O professor Victor Russomano é seu filho?”. “Você é o pai do advogado Vicente Russomano?”. E ele confirmava feliz, na maior parte das vezes apenas com um gesto afirmativo de cabeça, pois preferia não dar início a uma conversa.

“Aprendo muito com ele. Lembranças!” ou *“Adoro suas aulas”* ou *“Excelente advogado, um grande abraço!”*, eram comentários comuns, os quais ouvia sempre calado. Frederico enchia o peito de ar e a alma de orgulho dos filhos que tinha.

Victor ainda acumulou outras funções.

Ele também se dedicou ao jornalismo, através de artigos e matérias sobre cuidados médicos gerais, aspectos da política brasileira e de fatos históricos locais ou mundiais, ou mesmo a mistura desses tópicos, que, periodicamente, escrevia para jornais de Pelotas – Opinião Pública, Diário Liberal e Diário Popular –, de Porto Alegre – o Jornal da Manhã e A Federação, e mesmo de outras localidades, como ocorreu com a publicação no Jornal 20 de Setembro, da cidade gaúcha de Cacimbinhas, de uma de suas crônicas sobre medicina, com o título – *A Propósito da Epidemia da Gripe*.

Mas a paixão de Victor era, inegavelmente, a política!

“Pulsa no meu sangue”, foi seu comentário numa de suas cartas para José.

“A política está em tudo. Ela é tudo!”, ainda teria dito noutra carta ao amigo carioca, que, como ele também seguira seu sonho e enveredara na política partidária brasileira, só que pelo estado do Rio de Janeiro.

Assim, com a política correndo em suas veias, como já admitira e confessara, Victor achou uma maneira de conciliar sua vida como médico com a função de Conselheiro Municipal de Pelotas, a qual exerceu por dois mandatos seguidos – primeiro, ele foi eleito para o cargo entre os anos de 1916 e 1920, e depois passou o restante da década de 20 nessa função, ao ser reeleito em 1921, somente deixando o cargo, quando eclodiu a Revolução de 1930. A carreira política de Victor Russomano, porém, não parou por aí. Ele também foi eleito Deputado Estadual e, após, ainda chegaria a Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul.

Numa noite fria do inverno pelotense, Frederico se deitou mais cedo do que de costume, pois se sentia cansado, mas não conseguiu pegar no sono até alta madrugada. Com os olhos grudados no teto e sentindo a cama enorme, inóspita e incômoda, pela ausência de Carmella ao seu lado, ele recordou o dia no qual, logo após Victor terminar o Curso Primário, onde fora um aluno exemplar, tendo obtido o primeiro lugar em cada ano de seus estudos, alguns professores foram até sua casa.

“Será uma pena, um verdadeiro desperdício, se o menino vier a parar agora. Ele tem um futuro brilhante pela frente”.

“É muito inteligente e capaz”.

“E dedicado”.

Teriam argumentados os professores.

Mas Frederico e Carmella não impuseram qualquer resistência aos argumentos dos professores do filho. Eles já tinham decidido que tanto Victor quanto Vicente seguiriam seus estudos, se assim desejassem, na área que escolhessem. Frederico já se conformara com o fato de que seus filhos não tinham sido talhados para trabalhar na Calçados Russomano.

Os pais também sabiam que Victor, por ser o primogênito, desvendaria esse caminho primeiro e que o irmão mais moço acabaria motivado por ele e seguiria seus passos, mesmo que em outro campo profissional.

“Ambos terão muito sucesso!”, foram as palavras de Carmella para o marido, assim que os professores saíram da casa.

“E assim se passou!”, pensou Frederico. “Pena que restei apenas eu, como testemunha”, ele lastimou profundamente, já deitado em sua cama.

E logo deixou o cansaço vencer e o sono tomar conta.



Coluna de mármore – presente recebido por Victor por seu trabalho como médico.

Herança de Nailê Russomano, neta de Victor e Didi, filha de Rosah.

Foto – Fabrício Macagnan

(Jan de 2024)



Frederico aos 70 anos (1934)

Álbum de Família

UM SARAU PELOTENSE

A paixão de Victor pela música clássica, em especial por óperas, levou à realização de vários saraus em sua residência, algo que se tornara uma prática comum, espalhados aqui e ali pela cidade de Pelotas, com programação quase que diária, em determinadas épocas do ano.

Encontros assim tiveram origem com os *“barões do charque”*, que gostavam de manter uma vida social mais seleta, isolada do restante da população, circunscrita a grupos de conhecidos burgueses, o que acabou moldando a dita *“Aristocracia do Charque”*, a qual pouco tomava conhecimento da sociedade ao seu redor.

Com o tempo, porém, esses saraus domésticos foram se expandindo, deixando de ser algo aristocrático e se tornando uma forma frequente de reunião social. Até mesmo a vida das mulheres pelotenses acabou sendo afetada por essa prática, pois, além de aprender bordado e tricô, bem como possuir um bom conhecimento da língua francesa, especialmente para as de famílias mais abastadas, uma adequada noção musical começou a fazer parte da educação feminina.

Muitas vezes, os saraus ocorriam no Clube Comercial e não numa residência particular, o que foi promovendo uma lenta, mas contínua, abertura social, pois esse local mais neutro agiu como um elo de aproximação da classe média de Pelotas com as famílias *“da nobreza”*, criando, assim, uma nova *“Aristocracia pelotense”*, que era mais ampla, por ser mais inclusiva.

Victor e Didi gostavam de organizar o que passaram a chamar de *“o momento cultural dos Russomano”*, onde o som do piano da casa da Cassiano 152 era usado para entreter a pequena plateia de amigos e familiares ali reunidos.

Victor tocava relativamente bem e, enquanto dedilhava as teclas, ele ia contando, mais do que cantando, um pouco da ária desta ou daquela ópera, em especial obras musicais italianas e alemãs – suas preferidas!

Aperitivos e vinhos permeavam os saraus do início ao fim, com o álcool ajudando a descontrair o ambiente, soltar mais a conversa e liberar uma quase sempre desafinada cantoria dos mais ousados. Nos intervalos, doces pelotenses eram servidos para alegria de todos, pois não havia quem não apreciasse ninhos, fios de ovos, bem-casados...

Diferentemente dos saraus da burguesia pelotense, “o momento cultural dos Russomano” reunia poucas pessoas, em geral familiares, colegas de trabalho, alguns políticos alinhados com as ideias de Victor e amigos, como Manuel, que participava quando suas atividades no Bar Independência permitiam. Ali, na Cassiano 152, não se encontravam os barões do charque ou a elite da cidade, representada por fazendeiros de posse e grandes empresários. Ao contrário, os saraus dos Russomano eram mais simples, mais descontraídos e, segundo todos, muito divertidos.

Sempre que podiam, Frederico e as filhas, Vicente e Noemi, Candoca e filhos estavam presentes para prestigiar o sarau, aproveitar o convívio familiar e degustar doces pelotenses regados a um bom vinho tinto, muitas vezes de garrafas vindas da adega de Frederico.

Às vezes, alguma situação com as crianças, muitas delas ainda pequenas, levavam a uma mudança de planos de última hora, com alguém tendo que desistir de participar daquele “momento cultural dos Russomano”, para cuidar de uma febre inesperada, um desconforto de estômago ou um choramingo persistente de que ninguém sabia a causa.

Por este tempo, Vicente, Noemi, Mômema e Clóvis já tinham deixado a Osório 769 para todos irem morar numa casa próxima, no número 906 na mesma rua, onde teriam mais espaço e privacidade para criar a família. Agora, era ali também que Vicente tinha o seu escritório de advocacia, indicado pela mesma placa que usara para anunciar suas atividades na casa dos pais.

Num dos saraus na Cassiano 152, talvez embalado pelo vinho e motivado pelo som que emergia das teclas de seu piano, Victor se viu mergulhado na ópera Don Giovanni, respeitada obra de Mozart, que traz uma sofisticada combinação de drama e comédia, com o intuito de contar a vida amorosa desse homem, tema inspirado na vida de Don Juan.

“Manco male è partita.

O, guarda, guarda!

Che bella gioventù!

Che belle donne!”.

“Ela foi encenada pela primeira vez em 1787, em Praga”, comentou Victor, depois de cantar, meio desajeitado, algumas linhas dessa ópera, e seguir tocando no seu piano um pouco de uma ária aqui, um pouco de uma ária ali.

E foi, então, que resolveu revelar a origem do nome de seu filho Mozart, história que apenas familiares e amigos mais íntimos conheciam.

“Wolfgang Amadeus Mozart! Mozart! Sim, Mozart”, repetiu Victor e completou. “Mozart, genial compositor alemão”.

“Ah, tudo explicado!”, falou um dos colegas de trabalho dos hospitais pelotenses.

“Será, então, um grande músico”, comentou alguém.

“E aposto que já está aprendendo a tocar um pouco de piano”, foi a conclusão de um dos amigos políticos ali presentes.

Enquanto todos ouviam mais um pouco de Don Giovanni, Didi pensava sobre o que acabara de escutar. Ela, porém, não dividia essa certeza – nem essa vontade – com o marido, pois não via desenhado no futuro do filho nada que indicasse que ele se tornaria um grande compositor, cantor ou pianista.

“Não, nada disso!”, pensou a mãe, já preparando mais uma rodada de doces pelotenses.

Para ela, Mozart já havia demonstrado que tinha vocação para a oratória.

“Fará discursos, encherá auditórios, cativará plateias, será um exímio professor!”.

Isso, sim, ela enxergava desenhado no futuro do pequeno Mozart.

“Ele tem talento de sobra para isso!”, concluiu Didi, profetizando corretamente o que estava por vir.



**Vicente, Noemi e os filhos Mômea e Clóvis,
frequentemente presentes nas reuniões e festividades familiares**

Álbum de Família



Clube Comercial de Pelotas

Fotos – Facebook Olhares sobre Pelotas

(Julho de 2018)



...“o momento cultural dos Russomano”, onde o som do piano da casa da Cassiano 152 era usado para entreter a pequena plateia de amigos e familiares ali reunidos.

A DEPRESSÃO E A HIPERTENSÃO

A Grande Depressão, também conhecida como a Crise de 1929, levou à decadência do liberalismo econômico no mundo. Com várias causas complexas, confusas e embricadas umas nas outras, como a ampliação do crédito – que acarretou no aumento desenfreado do consumo; uma difusa e intensa euforia no mercado ligada ao desenvolvimento da economia – que estimulou o surgimento de novas empresas e uma maior produção de bens; e um crescente e descontrolado investimento na bolsa de valores novaiorquina – que motivou a percepção de uma falsa prosperidade socioeconômica. Ou seja, a combinação da superprodução e da especulação provocou o colapso do mercado financeiro.

E, infelizmente, as consequências foram avassaladoras, inicialmente, para Estados Unidos e, logo depois, para o mundo, com a falência de empresas, a redução da produção industrial, uma alta taxa de desemprego, beirando os 30%, e o fortalecimento do nazifascismo, como uma reação sociopolítica a todo esse caos instaurado.

“Tudo explodiu nesta Quinta-feira Negra”, concluiu Victor.

Ele e Vicente estavam conversando, na sala da casa da Cassiano 152, sobre o tsunami financeira que assolava o mundo, pois ambos ficaram muito preocupados com os comentários que circulavam de boca em boca e de casa em casa, bem como com as notícias dos jornais e rádios pelotenses, quando ouviram...

“Ouça, ouça...”, falou Vicente, levantando-se rapidamente e aproximando-se do rádio da sala para aumentar o seu volume. “Isso é importante...”, completou.

“Mais de 12 milhões de ações foram vendidas na quinta-feira, 24 de outubro, o que levou o mercado a ficar em pânico.

Essa situação se estendeu por alguns dias, quando, na segunda-feira seguinte, mais 33 milhões de ações foram colocadas à venda. Isso levou a uma gigantesca perda no valor das próprias ações, que despencou profunda e abruptamente... e bilhões de dólares desapareceram”.

Os dois ouviram atentos a explicação sobre a situação caótica que se instaurara na economia norte-americana, tentando entender melhor o que havia se passado na bolsa de valores de Nova York.

“E o Brasil não sairá ileso dessa”, foram as palavras de Victor, logo após o término do noticiário.

E não saiu mesmo!

O impacto negativo da Crise de 1929 concentrou-se na produção de café, o maior produto de exportação do Brasil, afetando os cafeicultores, que tiveram um prejuízo gigantesco, levando a uma avalanche de consequências desastrosas para a economia e a política do país.

“O Brasil é responsável por cerca de 70% do café comercializado no mundo todo... *no mundo todo!!!*”, esbravejou Manuel, tentando enfatizar a importância de sua própria declaração. “E o principal consumidor da nossa mercadoria são... os Estados Unidos... nada mais, nada menos do que os Estados Unidos, que compram cerca de 80% do café brasileiro, e foi lá, exatamente lá, que o problema começou!”, ele seguiu explicando, enquanto gesticulava muito, agitado, remexendo-se na cadeira, preocupado com as possíveis consequências da compra de café para seus clientes, um dos produtos mais consumidos em seu estabelecimento. “Vivemos tempos sombrios, incertos!”, concluiu, enquanto Victor, Vicente e Frederico ouviam com atenção o desabafo do amigo no Bar Independência.

“Sim, tempos sombrios... mais uma vez!”, repetiu Victor, demonstrando que estava totalmente de acordo com Manuel.

“Ocorreu um grande aumento na produção de bens sem que os salários acompanhassem... o ganho mensal dos trabalhadores ficou estagnado. Assim, o mercado não conseguiu absorver a enorme quantidade de mercadorias produzidas... e boom... o caos tomou conta de tudo”, explicou Vicente.

E os amigos do Bar Independência estavam certos. Esses seriam mesmo tempos sombrios. Com a recessão afetando os cafezais no Brasil, o produto ficou estagnado no mercado brasileiro e o preço do café despencou, trazendo um prejuízo sem precedentes para tudo e para todos!

Mas a Grande Depressão não afetou apenas a economia dos Russomano. Bem por essa época, Victor começou a sentir dores na nuca, que se espalhavam pela cabeça, fazendo-o ficar de cama, abatido, cansado, sem apetite ou vontade de trabalhar – fosse atendendo pacientes, fosse tratando de alguma questão político-administrativa de Pelotas!

Didi logo percebeu que o marido tinha fragilizado sua saúde e que precisava, sim, de um médico para avaliar sua condição clínica. Depois de muito insistir, ela conseguiu convencê-lo a consultar com um colega de trabalho, do qual Victor gostava e em quem confiava muito.

Depois de ouvir os sintomas que assolavam o amigo e realizar um cuidadoso exame físico, o diagnóstico veio rápido... e preciso!

“Sua pressão está alta... muito acima do desejado”, sentenciou o Dr. Justino.

Victor sabia bem o que isso significava! Sofrer de hipertensão arterial não era nada bom. Com o tempo, coração, rins e cérebro, todos órgãos vitais para o funcionamento do corpo, acabariam afetados de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau. Didi tinha mesmo razão... Ele precisava se cuidar, regulando melhor a dieta, diminuindo o consumo de sal, água e álcool, perdendo um pouco de peso, tornando-se fisicamente mais ativo, reduzindo as horas e horas de trabalho diário e minimizando as inevitáveis preocupações da vida – uma combinação nada fácil de ser atingida – ele bem sabia!

Victor Russomano, porém, era um homem decidido e inteligente. Determinado a viver anos e mais anos, tanto para testemunhar sua jovem família crescer, como para poder ver realizados todos os seus anseios profissionais, ele precisava mudar drasticamente seu estilo de vida.

E foi o que ele fez! Algumas horas de trabalho foram substituídas por momentos com Rosah e Mozart, quando eles então brincavam com o pai ou ouviam os três juntos alguma música tocada por Victor... e ele ia explicando algo sobre um determinado compositor, uma certa ópera e os sons emitidos pelas teclas do piano.

Didi também estava determinada a ter o marido a seu lado por muitos e muitos anos mais. Ela, assim, assumiu cada detalhe relativo à dieta do marido, seguindo à risca tudo que lhe orientaram. Cada grão de sal e gota de líquido consumidos por Victor eram computados de alguma forma. Os deliciosos doces pelotenses e os relaxantes cálices de vinho foram reduzidos a quase zero – apesar da cara feia do marido! Mas ele sabia da importância dessas medidas, uma vez que não havia medicações disponíveis para controlar adequadamente os níveis altos de pressão que tinha.

“A hipertensão arterial é um mal silencioso”, Victor confessou, já deitado ao lado de Didi, numa quente noite do verão pelotense.

Didi sabia que o marido tinha razão. “*Um mal silencioso... sorrateiro...*”, pensou ela, ouvindo o ressonar de Victor.

Naquela noite, Didi não dormiu, triste por ter se deparado com mais um indesejado solavanco da vida e preocupada com o destino da família – *“os filhos tão pequenos, havia tanto ainda pela frente”*.

Ela tomou o terço nas mãos e fez umas preces. Mas nem isso teve o poder de acalmar a alma de Didi. Ela observou mais uma vez o marido que dormia profundamente ao seu lado e recordou-se do livro *Só*, o primeiro presente que recebera de Victor.

E Didi foi, então, tomada por um mau pressentimento – como se o título da obra de António Nobre fosse uma premonição!



**“O Brasil é responsável por cerca de 70% do café comercializado no mundo todo...
no mundo todo!!!”.**

PARTE II - 10

OS ANOS 30

A Grande Depressão de 1929 levou o mundo ao desespero, deixando uma enorme nuvem carregada de maus presságios pairando sobre governos, indústria, comércio, a qual teve o poder de destruir tudo e todos na década vindoura!

Foi, assim, estremecido, que, nos anos 30, o mundo viu o Império japonês invadir a China, dando início à Segunda Guerra Sino-Japonesa, e assistiu ídolos distintos em suas expressões heroicas despontarem – se por um lado uma mulher, a aviadora Amelia Earhart, tornou-se um expoente na aviação, por outro testemunhou-se a ascensão do ditador alemão Adolf Hitler, do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido pelo nome de Partido Nazista, com suas primeiras perseguições e criação de campos de concentração. E Adolf Hitler não estava sozinho, pois outros movimentos totalitários eclodiram na Europa, como o fascismo de Benito Mussolini na Itália e os regimes de Antônio de Oliveira Salazar em Portugal e de Francisco Franco na Espanha, seguidos pelo domínio de Joseph Stálin na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, um país transcontinental da Eurásia.

Até mesmo a música mudou o seu tom na década de 1930, deixando para trás o Jazz, popular nos anos 20, e dando vazão à Era do Swing, que imprimiu outra forma de ritmo e dança.

O cinema cresceu em importância e começou a ditar o estilo de vida da sociedade como um todo, com atrizes e atores sendo o referencial de novos costumes. As roupas, assim, remodelaram-se, tornando-se um pouco mais ousadas, com saiotas de praia mais curtas, blusas com cavas maiores e com decotes chegando até a cintura.

Enquanto o mundo estupefato testemunhava tudo isso se passar, o Brasil também vivia um momento difícil, politicamente tenso e socialmente confuso.

Na virada da década, Getúlio Vargas assumiu o poder, na chamada Revolução de 1930, um movimento armado de três estados brasileiros – Paraíba, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –, que culminou com o Golpe de 1930, o qual depôs o presidente da República Washington Luís, em 24 de outubro deste ano, e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes, resultando em seu exílio.

Acabava aqui a República Velha, também conhecida como a Política do Café com Leite, que tinha por objetivo manter o poder nacional sob duas oligarquias – a paulista do café e a mineira do leite. Criou-se, então, em 3 de novembro de 1930, o Governo Provisório Federal, liderado pelo gaúcho Getúlio Vargas. Um governo que duraria 15 anos – portanto, nada provisório!

Suas primeiras medidas foram alarmantes... e preocupantes!

Vargas anulou a Constituição de 1891, fechou o Congresso Nacional, extinguiu os partidos políticos e começou a governar por meio de decreto-lei. Dessa maneira, o inevitável e o indesejável tornaram-se uma inquietante realidade, pois, como único chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas acumulava poderes – muitos poderes!

Ele ainda acabou desagradando antigos apoiadores da Revolução de 1930, uma vez que várias promessas não pareciam sair do campo da imaginação – não ocorreram as esperadas eleições presidenciais e a tão discutida e almejada Assembleia Nacional Constituinte nunca alcançava o plano da realidade. Ou seja, o Brasil vivia apenas (e tão somente apenas!) sob às ordens de Vargas, sem uma Constituição vigente.

No topo de tudo, Getúlio parecia desprezar a autonomia dos estados, pois os governantes não eram escolhidos pelos seus políticos, mas por ele mesmo, através da indicação de interventores militares ou ligados a eles, para governar os estados, prática que começara já em 1931. Isso, porém, desagradava os políticos locais, que se sentiam invadidos pelo poder centralizador e controlador de Getúlio. Esse desconforto foi rapidamente evidenciado em São Paulo, pois, para os paulistas, a presença dos interventores do Governo Provisório era uma clara e inaceitável interferência de Getúlio Vargas.

Esse cenário levou a uma reação dos estados brasileiros contra os interventores, em especial São Paulo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Assim, em 9 de julho de 1932, instaurou-se um movimento armado no Brasil, a Revolução Constitucionalista, liderado pelo estado de São Paulo, que defendia a criação de uma nova Constituição e, ao mesmo tempo, atacava o autoritarismo de Getúlio Vargas. No entanto, quando o real combate começou, Mato Grosso e Rio Grande do Sul deram para trás e optaram pelo lado varguista, deixando São Paulo sozinho e isolado. Durante quase quatro exaustivos meses, os paulistas seguiram no combate e entraram em confronto com tropas fiéis a Vargas, mas acabaram derrotados.

Esse levante, no entanto, não foi em vão!

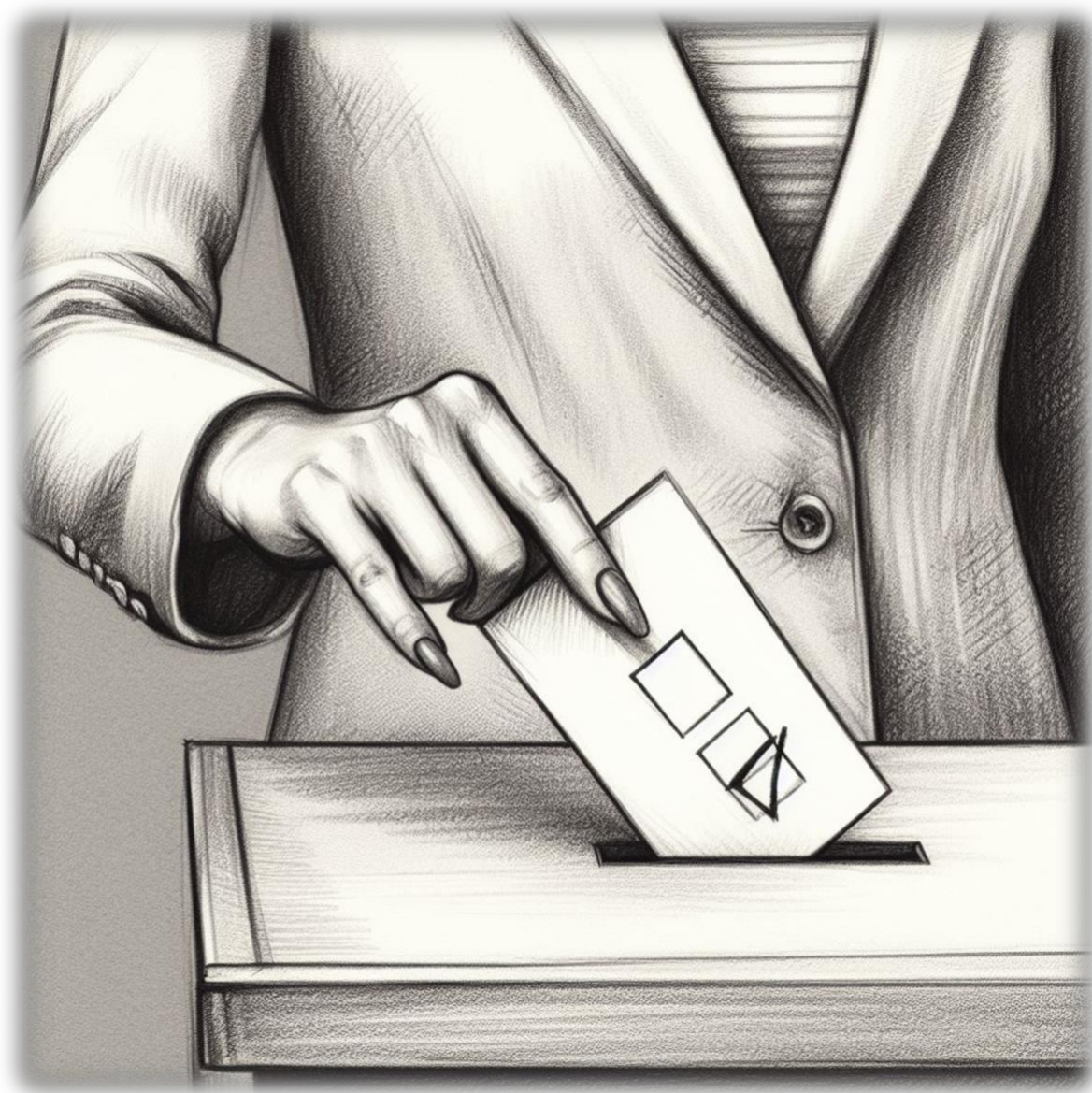
Após enfrentar as pressões impostas por essa Revolução Constitucionalista, Getúlio Vargas aceitou tomar as medidas cabíveis para a redemocratização do país. Primeiro, em 1933, foram organizadas as eleições para a escolha dos políticos responsáveis pela discussão de uma nova *carta magna brasileira* – uma constituição!

Uma modernização de ideias e ideais políticos já se fazia sentir na própria eleição da Assembleia Nacional Constituinte. Em termos gerais, a nova assembleia era formada por dois grupos de deputados – os classistas, eleitos pelos sindicatos profissionais, e os deputados, escolhidos como representantes de seus estados.

A Assembleia Nacional Constituinte acabou formada em maio de 1933 e representava a elite política e intelectual brasileira, sendo composta de magistrados, membros do clero, fazendeiros, senhores de engenho, altos funcionários, militares e professores. Ela introduziu no país uma nova ordem jurídico-política e socioeconômica, consagrando a democracia, com a garantia do voto direto e secreto, bem como do voto feminino, a pluralidade sindical, a alternância no poder, os direitos civis e dos trabalhadores, a liberdade de expressão dos cidadãos – nascia, nestas bases, a Constituição de 1934.

Victor foi eleito deputado da Assembleia Nacional Constituinte pelo Rio Grande do Sul, através do Partido Republicano Liberal, o PRL, o qual ajudara a estabelecer juntamente com Flores da Cunha. Após tomar posse de seu cargo, ele participou de muitas iniciativas governamentais importantes e controversas, como a defesa do ensino gratuito, o direito do voto feminino e a representação profissional de trabalhadores.

Foi nesse período que a carreira política de Victor Russomano começou a deslançar! Eram os anos 30... uma década intensa, confusa e complexa para o Brasil e para o mundo!



**...consagrando a democracia, com a garantia do voto direto e secreto,
bem como do voto feminino...**

A BAGUNÇA DA CRIANÇA

No decorrer dos anos, Frederico testemunhou seus netos crescerem, passando de bebês de colo a meninos e meninas. E ele gostava muito de ficar sentado, bem acomodado em alguma poltrona, vendo Rosah, Mozart, Môema e Clóvis correrem de um lado para outro, fazendo muito barulho na casa, lambuzando-se com os doces pelotenses que Conceição fazia como ninguém, brincando e pulando. Assim, tomou por hábito visitar os filhos e suas respectivas famílias, para manter um bom contato com os netos.

“Crianças crescem muito rápido”, costumava dizer, temendo que pudesse deixar escapar de seus olhos algum momento importante do desenvolvimento de algum deles.

E os netos de Frederico estavam sempre fazendo algo criativo e inusitado, no anseio de desafiar limites e de desenvolver suas personalidades próprias.

Mozart já mostrava seu talento no uso das palavras, improvisando discursos, como sua mãe um dia previra. Ele mal aprendera a falar e já emocionara Frederico fazendo uma saudação no aniversário de 60 anos do avô. Um pouco mais crescido, aos 7 anos de idade, fez questão de declamar uma poesia na comemoração de 39 anos de Victor – algo que também deixou a família sentindo uma mescla de orgulho e admiração pelo pequeno Russomano. O poema, escrito por um primo-irmão materno, terminava assim:

*“Meu Paisinho, o que eu almejo,
Com a alma aberta, contente,
É dar-te, num grande beijo,
O meu pequeno presente!”.*

Mas Mozart também tinha suas travessuras. Costumava fugir de casa, correndo pelas ruas de Pelotas, muitas vezes sem direção, somente para preocupar a família.

Um dia, saiu em disparada da Cassiano 152 rumo à residência de Frederico na rua General Osório 769, completamente nu, percorrendo assim, sem roupa alguma, os quarteirões que separavam a casa dos pais da do avô, provavelmente por estar com muita saudade de Frederico e de suas tias.

Rosah, por sua vez, também deixou registradas na família algumas sapequices. Conceição não cansava de contar que a sobrinha, quando tinha quatro anos de idade, logo após o nascimento de Mômea, resolveu que queria devolvê-la para “o lugar de onde ela veio” – teria dito enfaticamente. Não tendo bem certeza de onde era esse misterioso lugar, concluiu que o melhor seria botá-la num lugar bem alto, inatingível.

“Sim, sua intenção, claro que com a minha ajuda, era colocar Mômea no topo da parreira aqui do pátio”, explicava Conceição, apontando para a árvore. “Assim, ela ficaria lá... lá em cima... e ninguém a encontraria mais – e assunto encerrado!”. E todos sempre riam muito dessa ideia maluca de Rosah.

Como o irmão, a filha de Victor e Didi também gostava de impostar a voz e discursar algo para os adultos que a quisessem ouvir. Mas o pai tinha ciência de que inteligência e talento não seriam suficientes para Rosah galgar uma posição na vida, pois a filha, inevitavelmente, sofreria discriminação numa sociedade ainda alicerçada no machismo. Assim, ele tentava estimular o intelecto de Rosah, através de histórias que lia e músicas que dedilhava em seu piano. E ali ficava a filha escutando e escutando, imaginando e imaginando, inebriada pelo que ouvia e, sem nem perceber, ia aprendendo... aprendendo muito!

Com temor e tristeza, Victor frequentemente recordava das palavras de Frederico, quando ele dissera que Rosah deveria ter nascido homem. E isso, para Victor, era como se o pai o tivesse apunhalado pelas costas.

“Sinto-me traído nas minhas mais profundas convicções... e como pai de minha filha”, eram sempre as palavras de Victor para Didi, toda vez que conversavam sobre esse assunto.

E Didi sabia bem como Frederico tinha ferido o coração do filho, ao reforçar, mesmo que de uma forma indireta, a ideia de que vivíamos mesmo em tempos da “*escravidão social da mulher*”. Ela, porém, também compreendia que o sogro era de outra geração, que tinha crescido numa cultura distinta, em um lugar longínquo do século passado. E, assim, no seu coração de mãe, ela achou uma forma de perdoar Frederico.

Rosah, ainda menina, crescia indiferente a tudo isso! Gostava de brincar com “os primos Russomano e os primos Costa”, dependendo do tipo de diversão do dia. Quando se entediava com Mozart, Mômea e Clóvis, todos mais moços que ela, Rosah acabava buscando companhia com as filhas das irmãs de Didi, que eram “*divertidas... e sapecas, uma combinação imbatível*”, segundo ela mesma. Da irmã Bebê, Lourdes era a preferida, pois ambas tinham a mesma idade e isso as deixava muito próximas tanto no que fazer quanto em como brincar.

Rosah sempre ria muito, quando Lourdes contrariada despia-se toda e ficava atrás de uma porta, puxando e arrancando os cabelos, mostrando assim que estava ferozmente aborrecida com algo que se passara e do qual – obviamente – discordava!

“Já mostra ser muito geniosa!”, comentava quem quer que testemunhasse a crise de irritação da pequena Lourdes, que teimava em não sair de seu esconderijo e, muito menos, colocar qualquer roupa.

Mas além dos filhos de Bebê, ainda havia a prima Luiza, uma das filhas de outra irmã de Didi, a tia Antonieta, como era chamada. Assim, muitas vezes, quando a criançada se juntava, fosse numa das casas dos Russomano ou dos Costa, fosse na chácara do Capão do Leão, a bagunça era grande, intensa, quase incontrolável.

E foram essas brincadeiras, sapequices, algazarras e teimosias dos irmãos e primos pelotenses que criaram o alicerce para a construção de lindas memórias... e de uma amizade sólida, que foi desenhada para atravessar o tempo.



Mozart e Mõema



Rosah



Clóvis e Mõema

As crianças da família Russomano

Os netos de Carmella e Frederico

Álbum de Família



E ele gostava muito de ficar sentado, bem acomodado em alguma poltrona, vendo Rosah, Mozart, M^oema e Clóvis correrem de um lado para outro...

MUDANÇA DE VENTOS

“Quem foi ele?”, indagou Frederico, apontando para o nome da praça central da cidade, que recentemente trocara de nome para Praça Coronel Pedro Osório.

“Seu nome completo é Pedro Luís da Rocha Osório, mas acabou conhecido como Coronel Pedro Osório, o Rei do Arroz”, começou a explicar Vicente, enquanto caminhava com o pai e Victor ao redor da praça, uma prática que se tornou um hábito dos três Russomano, que servia, ao mesmo tempo, para tomar um pouco do ar puro da noite, exercitar as pernas após horas e horas de trabalho e colocar o assunto em dia sobre as famílias, os compromissos diários e a vida em geral. E Vicente, então, prosseguiu a história sobre o homem que acabara de dar nome à praça central de Pelotas. “Ele era um pouco de tudo – charqueador, produtor agrícola, militar e político – acabou tendo muito dinheiro e exercendo muita influência na região! Mas nem tudo foi fácil para Pedro Luís. Ele ficou órfão de pai... e também de mãe, bem cedo – uma tragédia! Assim, iniciou sua vida muito pobre, chegou em Pelotas quando tinha por volta de 17 anos, com uma mão na frente e outra atrás. Pedro Luís foi aceitando qualquer emprego... trabalhava onde lhe dessem uma oportunidade. Foi, primeiro, tropeiro e depois empregado numa charqueada. Aprendeu muito no seu ofício e logo abriu seu próprio negócio... prosperou... sim, ganhou dinheiro rapidamente, tinha tino para o comércio e acabou se fazendo na vida. E hoje está aí... nome de praça... da praça central de Pelotas”, completou Vicente, enfatizando as últimas palavras, aumentando o tom da voz, como se estivesse terminando um importante discurso.

Frederico riu por dentro, enquanto Vicente falava, recordando o descontentamento de Carmella ao ver a praça pela primeira vez e constatar que, ao seu redor, não havia uma igreja para acolher suas rezas, como seria o esperado. “*Essa é uma saudade boa*”, pensou consigo mesmo e resolveu nada comentar com os filhos.

Victor tentava escutar o irmão e participar da conversa com ele e o pai, mas estava envolto em preocupações. Sua hipertensão arterial já se mostrara ser de difícil controle, com níveis pressóricos altos demais – “*uma hipertensão maligna*” –, que não cediam aos incansáveis cuidados de Didi, sempre atenta à quantidade de água, sal e açúcar que Victor consumia em cada refeição, ao seu peso corporal, que não podia aumentar, e às horas de

descanso entre um trabalho e outro. Mas, infelizmente, seu esforço adiantou pouco... quase nada!

Sabendo do risco que corria, Victor teve que apelar para outras formas de tratamento e começou a fazer sangrias, um procedimento médico muito utilizado à época para manejar pacientes com hipertensão arterial refratária. Na sangria, era retirada em torno de meio litro de sangue, com a finalidade de diminuir temporariamente a pressão sanguínea, pela redução do volume de sangue circulante.

Como médico, porém, Victor sabia que isso não era um bom sinal – *“sofrer de hipertensão arterial de difícil controle poderia ser o início do fim”* – e este pensamento o acompanhava e o assustava diariamente nos últimos tempos.

Para ele, no entanto, morrer ainda na faixa dos 40 anos, era algo inadmissível – *“tenho filhos jovens, uma mulher maravilhosa, uma família que amo muito e uma vida profissional rica, cheia de coisas interessantes e desafiadoras que estão aí, me aguardando, que sinto que ainda tenho para fazer”* – e isso atormentava sua alma, afetando seu sono à noite.

Foi tentando redirecionar seus pensamentos para longe da inevitável finitude humana que Victor decidiu estudar direito na faculdade de Pelotas, a qual estava sob a direção de Bruno de Mendonça Lima, um professor e advogado de renome, de quem Victor gostava e a quem respeitava muito, especialmente por sua atuação como membro da comissão de juristas, que, em 1932, participou da elaboração do primeiro Código Eleitoral brasileiro, modernizando e democratizando um pouco mais o processo eleitoral ao estabelecer o voto feminino e o voto secreto.

“Que bom saber disso... e não me é uma total novidade, devo confessar”, escreveu José ao saber da decisão do amigo gaúcho. *“Bem-vindo ao Direito!”*, adicionou no final de sua carta para Victor.

No caminho de volta, Victor percebeu que estava na hora de comunicar sua decisão ao irmão e ao pai. O trio dos Russomano já havia deixado para trás a Praça Coronel Pedro Osório e os três caminhavam juntos para suas respectivas casas. Vicente seguia falando animadamente sobre a vida em geral e Frederico escutava o filho com atenção, aproveitando para fazer uma colocação aqui e outra ali, sempre respeitando seu conhecido jeito lacônico de comunicação. Ambos, porém, pareciam não perceber que Victor se encontrava absorto num mundo distante. De repente, porém, ele tomou coragem e quebrou seu silêncio.

“Começarei logo o curso de direito aqui em Pelotas”, ele falou, interrompendo a conversa do irmão e do pai, que imediatamente pararam de falar e olharam abismados para ele.

“Di... rei... to?!?!”, indagou Vicente, soletrando a palavra, sem conseguir esconder sua surpresa.

Frederico estava pasmo! Gabava-se das atividades políticas do filho, sempre falando com muito orgulho dos feitos de Victor – *“Conselheiro Municipal, Deputado Estadual e, agora, encaminhando-se para assumir a posição de Deputado Federal”* –, mas daí a fazer mais um curso universitário, isso ele nunca imaginara que se passaria!

“Não pretendo exercer a advocacia, como você, meu irmão”, falou Victor, colocando a mão sobre o ombro de Vicente. “Sinto, porém, que me faltam conhecimentos para lidar com vários meandros da política em si... preciso ter uma formação acadêmica na área do direito... para ficar mais confiante nas contribuições que poderei dar em vários dos aspectos da política brasileira”.

“Didi já sabe de sua decisão?”, perguntou Frederico, ainda tentando entender as palavras do filho.

“Sim, conversamos muito sobre isso. Ela e José estão cientes... e ambos ficaram felizes em saber que investirei tempo, esforço e dedicação em algo de que sempre gostei... Para eles, não foi uma grande surpresa, especialmente porque ambos acompanharam a criação de meus dois livros – *História Constitucional do Rio Grande do Sul* e *O Valor Mental da Assembleia Constituinte de 1832*, nos quais direito e política dão-se as mãos!”.

Vicente concordou e deu seu total apoio à decisão do irmão. Ele também testemunhara a dedicação de Victor ao escrever suas obras literárias, as quais apreciou muito quando leu e, muitas vezes, ficou radiante em discutir alguns aspectos e sugerir algumas ideias durante o processo de elaboração dos textos.

“E como ficarão as viagens para o Rio de Janeiro, que logo começarão com as atividades como Deputado Federal?”, perguntou Frederico, ligeiramente apreensivo, temendo que o filho desistisse de tudo para estudar direito em Pelotas.

“Não há necessidade de frequência nas aulas, mas ainda assim falarei com o diretor, o professor Bruno de Mendonça Lima, para esclarecer a situação. Acho que não haverá problema!”.

Victor acompanhou Vicente e Frederico até a rua General Osório e, depois, rumou para a rua Dr. Cassiano. No trajeto, os três seguiram conversando amenidades, mas uma névoa invisível de preocupação pairava sobre eles.

Para Vicente e Frederico, esse desconforto era causado por uma mescla resultante da inesperada decisão de Victor em cursar mais uma faculdade junto com a responsabilidade de atuar como Deputado Federal em longas temporadas no Rio de Janeiro.

“Mudança de ventos”, pensou Frederico.

Para Victor, o mais assustador era a hipertensão de difícil controle que se instalara em suas artérias.

Muitas vezes, quando deitado na cama, pensamentos ruins reverberavam em sua mente – *“doença, morte, finitude”* –, desestabilizando suas emoções e afligindo ainda mais o coração de Victor. Nessas noites, ele não conseguia dormir até alta madrugada. As horas iam passando, uma a uma, enquanto Victor ficava ali, quieto, estático, com olhos cravados no teto, petrificado pelo medo do que o futuro escondia, somente se acalmando, quando percebia o ressonar de Didi a seu lado.



O trio dos Russomano já havia deixado para trás a Praça Coronel Pedro Osório e os três caminhavam juntos para suas respectivas casas.

A BELA E A FERA

O filme ficcional do gorila gigante da Ilha da Caveira foi baseado na história concebida por Merian C. Cooper, um cineasta estadunidense. Em 1933, King Kong chegou às telas e encantou o mundo com a inesperada paixão de um dos monstros mais icônicos do cinema por uma elegante e atraente mulher.

O cinema Capitólio, situado na região central de Pelotas, na rua Padre Anchieta, que abriu suas portas em 1928, não deixou passar a oportunidade de exibir King Kong, uma produção cinematográfica que mesclava aventura, suspense, fantasia, paixão e terror – e que, reconhecidamente, agradava tanto adultos como também um público bem mais jovem.

Com o filme em cartaz, a família Russomano organizou-se para assisti-lo numa tarde de domingo, depois da tradicional macarronada de almoço, na casa de Frederico. Assim, Conceição, Victor, Didi e Rosah partiram rumo ao cinema Capitólio. Lourdes, a prima-irmã de Rosah, bateu pé, gritou, esperneou até achar uma forma de se juntar ao grupo. E lá foram os cinco enfrentar a fila para adquirir ingressos e comprar pipocas e balas, num domingo pelotense quente e úmido.

Em geral, as famílias, muitas vezes acompanhadas de filhas ainda meninas ou já adolescentes, acomodavam-se embaixo, no piso de entrada do cinema, enquanto os meninos e os jovens rapazes preferiam ficar no segundo piso. As sessões comumente tinham um intervalo, mais ou menos na metade, quando as luzes se acendiam, o filme era pausado e todos podiam, então, esticar as pernas, conversar um pouco, usar o toilette ou observar o público à sua volta.

E foi nessa sessão dominical do King Kong que o olhar de Rosah e de Alcides se cruzaram pela primeira vez, dando início a um acirrado flerte.

Alcides era o filho mais velho de Bruno de Mendonça Lima, mais conhecido por Bruno Lima, a quem a família Russomano conhecia muito bem, por sua posição como advogado, professor e diretor da Faculdade de Direito da cidade – onde Vicente lecionava e Victor estudava direito. Alcides era ainda muito jovem, com apenas um ano e pouco a mais do que Rosah, mas já tinha definido bem o que queria fazer na vida.

Como o pai e o avô, pretendia estudar direito – isso já estava certo! Com seu diploma na mão, seguiria com dedicação uma carreira profissional, tanto trabalhando no atendimento de clientes, como lecionando na faculdade, onde o pai era diretor.

Alcides ainda tinha como ideal construir sua própria família – *“Quero ter um casamento estável, que dure a vida toda e que me traga filhos... lindos e inteligentes, os quais manterão a tradição dos Mendonça Lima e seguirão estudando e trabalhando na área do direito”*, dizia sempre que questionado sobre o seu futuro.

Além do orgulho que tinha pelo trabalho do pai, Alcides respeitava muito as conquistas profissionais de seu avô paterno, do qual herdara o nome. Nascido em 1859 em Bagé, Alcides de Mendonça Lima era, ao mesmo tempo, jurista, advogado, escritor, historiador e político brasileiro.

“Meu avô Alcides estudou direito em São Paulo e foi colega de Assis Brasil e Júlio de Castilhos”, contava o neto, sempre que podia, gabando-se com tamanho feito.

Como escritor, o bageense Alcides publicou, em 1882, o livro *A História Popular do Rio Grande do Sul*, o qual retrata fatos políticos e históricos dos primórdios do estado até a Revolução Farroupilha. Nesse mesmo ano, ele terminou seu curso de direito em São Paulo e retornou aos pampas gaúchos, onde se estabeleceu. Ainda no ramo literário, foi um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras, em 1901. Para o filho Bruno, porém, seu maior feito teria sido sua participação na elaboração da Constituição de 1891, uma vez que fora eleito Deputado Constituinte Nacional.

Algo interessante na árvore genealógica da família Mendonça Lima logo foi percebida pelo jovem Alcides. Ele era neto de um Alcides, filho e irmão de um Bruno, pois seu único irmão, um pouco mais moço, também se chamava Bruno. Assim, ele concluiu que tinha o dever de ter um filho varão o qual ele chamaria de Bruno.

Durante o intervalo do King Kong, Lourdes fez questão de apontar para Rosah um rapaz não muito alto, magro, de cabelos bem curtos, grossas sobrancelhas pretas e bem-vestido, que estava na primeira fila do segundo andar do cinema Capitólio e que não tirava os olhos de sua prima-irmã.

“Não é para mim”, retrucou Rosah.

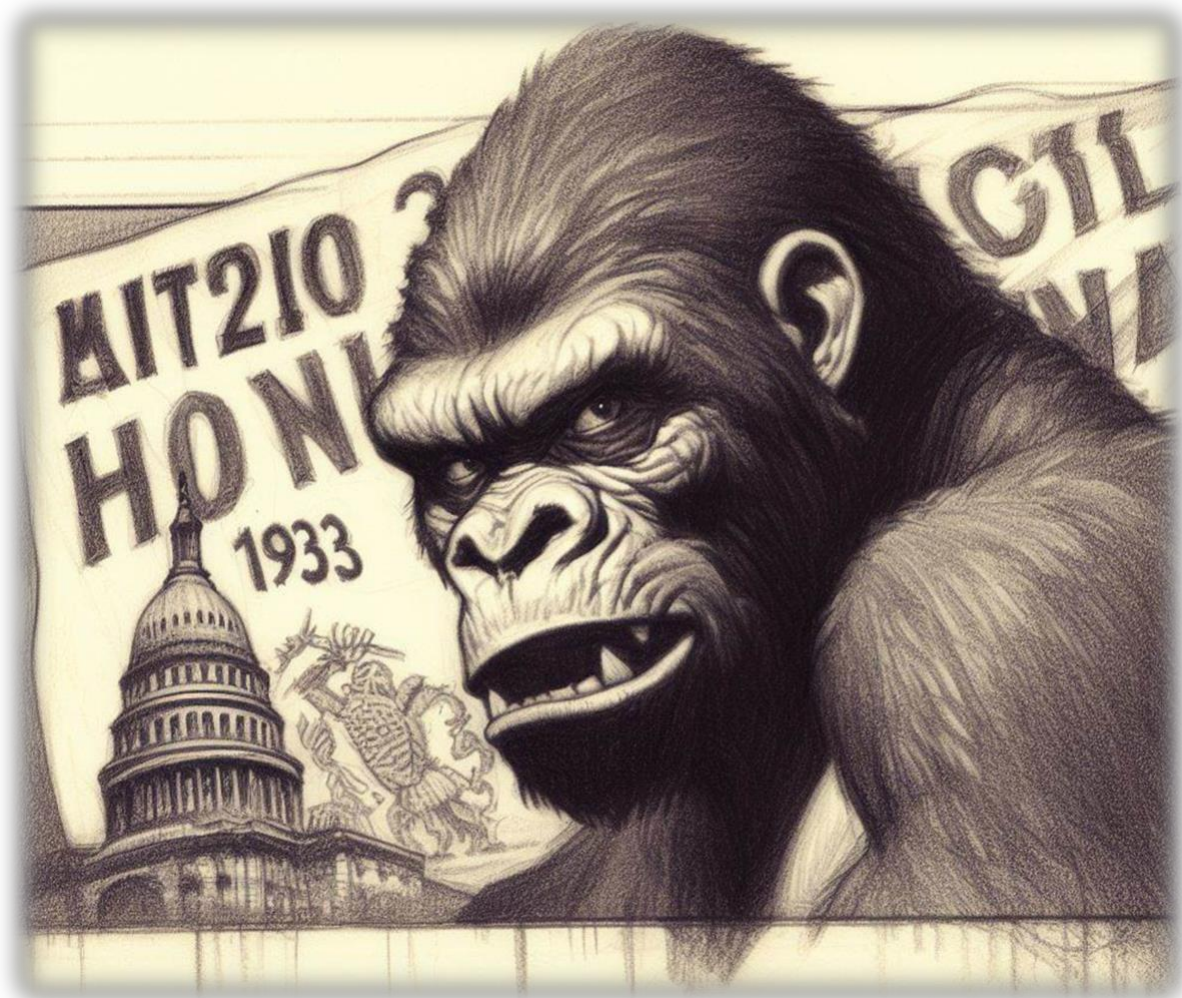
“Sim, claro que é... ele está olhando... fixamente!!!”, insistiu Lourdes.

Rosah, então, virou-se um pouco para trás e observou mais atentamente a galeria do segundo andar. Seu olhar e o de Alcides se encontraram, pela primeira vez. E ambos expressaram um ligeiro, tímido sorriso.

O diálogo das primas não passou despercebido de Victor, que também se virou mais para ver quem era o rapaz do qual as duas falavam e que parecia estar interessado em sua filha. Quando avistou Alcides no segundo piso do cinema, logo o reconheceu, pois o tinha visto um dia na Faculdade de Direito, andando ao lado do pai.

Em seguida, as luzes foram apagadas, deixando o cinema Capitólio às escuras.

E o apaixonado gorila gigante voltou a preencher as telas, numa versão cinematográfica da fábula A Bela e a Fera, da francesa Madame Villeneuve, de meados do século 18.



Em 1933, King Kong chegou às telas e encantou o mundo com a inesperada paixão de um dos monstros mais icônicos do cinema por uma elegante e atraente mulher.

TRAIÇÃO

A história da família Mendonça Lima era bem conhecida de todos, pois a cidade testemunhara de perto a intensa e conturbada vida amorosa de Bruno e Leufrida, apelidada de Dota. Tudo, em verdade, começou quando Alcides se casou em segundas núpcias com Clotilde, a irmã de sua falecida esposa, que enviuvara recentemente, como ele.

Alcides era o pai de Bruno e Clotilde de Dota e, por isso, os dois primos-irmãos passaram a dividir a mesma casa, brincando e vivendo sob o mesmo teto, assim que os pais se casaram.

Com o tempo, Bruno apaixonou-se perdidamente pela prima-irmã. Dota, por sua vez, apesar de sempre demonstrar que gostava muito dele, pois achava sua companhia divertida e admirava sua inteligência, certamente não o tinha como o amor de sua vida. No entanto, o destino já traçara o caminho de ambos.

Assim, as brincadeiras infantis e o namoro adolescente dos primos-irmãos resultaram no matrimônio de Bruno e Dota, os quais tiveram dois filhos – Alcides, o primogênito, e Bruno – nomes, claramente, escolhidos para seguir a tradição genealógica dos Mendonça Lima.

As coisas se complicaram, quando, entediada com a monótona rotina do casamento, Dota caiu de paixão pelo dentista e professor universitário na Faculdade de Odontologia José Oliveira, conhecido por Juca, com o qual acabou fugindo de Pelotas para Bagé, pois ambos queriam construir uma vida só deles, bem longe das famílias que deixaram para trás.

E esse foi apenas o primeiro escândalo decorrente do amor desencontrado de Bruno e Dota – pois mais, muito mais, ainda estava por vir!

Juca e Dota estabeleceram sua vida conjugal em Bagé, como planejado, e ainda tiveram um filho, chamado Moisés Joleus, uma combinação dos nomes José e Leufrida. O tempo foi passando e tudo parecia ir bem, até que Juca foi tomado por um grande arrependimento e, assim, resolveu que era o momento de voltar para sua família pelotense.

Traída e amargurada, Dota ficou deprimida – muito deprimida!

Ela acabou sendo possuída por um enorme desejo de vingança e traçou o plano era retornar a Pelotas e confrontar Juca olho no olho. No entanto, o ódio que sentia foi maior do que a razão.

Numa noite, na saída de uma festa do Clube Comercial pelotense, Dota, vestida como uma mendiga, para não ser reconhecida, foi até lá e esperou pacientemente a saída dos convidados. Ao ver Juca com a família, ela não vacilou e ergueu a arma no ar. Com o olhar transtornado, tomado pelo ódio, puxou o gatilho e atirou contra ele. Juca caiu no chão ferido, sangrando – incrível! –, mas foi logo levado para o hospital e acabou sobrevivendo à fúria de Dota.

E esse foi apenas o segundo escândalo decorrente do amor desencontrado de Bruno e Dota - pois mais, muito mais, ainda estava por vir!

Dota estava, mais uma vez, sozinha, abandonada, deprimida e ainda mais irritada, com Juca sendo cuidado no hospital por sua mulher e acolhido por sua família! Sem ter a quem recorrer, foi buscar amparo no seu amor de infância, no homem que a amara como ninguém. E Bruno cedeu, de novo, ao seu encanto.

Como advogado de renome em Pelotas, ele preparou a defesa de sua ex-mulher, buscando sua absolvição. E Dota foi mesmo absolvida, pois Bruno alegou que seu ato ocorrera em um “*momento de insanidade mental, decorrente de uma intensa paixão – e esse sentimento avassalador é capaz de alterar a percepção e o entendimento da realidade*”. Obviamente, doeu-lhe muito ter que assumir publicamente que Dota era mesmo apaixonada por Juca Oliveira.

“Por que razão defendeste tua ex-mulher, depois da traição que ela te fez?”, colegas e amigos não cansavam de perguntar, pois muitos deles haviam testemunhado a dor que a partida de Dota infligira no coração de Bruno.

E ele sempre respondia a mesma coisa, pausadamente, sem demonstrar qualquer emoção.

“Não defendi minha ex-mulher. Defendi a mãe de meus filhos”, encerrando, assim, qualquer discussão sobre o assunto.

E esse foi apenas o terceiro escândalo decorrente do amor desencontrado de Bruno e Dota - pois mais, muito mais, ainda estava por vir!

Bruno, no entanto, também teve seu momento de vingança. Como um “*suposto pagamento*” pelo sucesso da defesa de Dota, Bruno proibiu-a de ter contato com ele e com os filhos, Alcides e Bruno, pelo resto de sua vida. Mas ele mesmo não conseguiu seguir sua própria regra, imposta num momento de raiva, pela dor causada pela traição sofrida.

Com o tempo e já casado em segundas núpcias com Almerinda Almeida, apelidada de Yayá, Bruno rendeu-se à saudade de sua prima-irmã e começou uma longa correspondência com Dota, a qual só seria descoberta muitos anos depois, após a sua morte, quando cartas e mais cartas da sigilosa comunicação foram encontradas por Yayá. Nelas, inclusive, ficou claro que ele até mesmo ajudara Dota financeiramente, pois ela passou por vários períodos difíceis, quando teve que trabalhar muito para conseguir manter seu sustento.

E esse foi o quarto (e último!) escândalo decorrente do amor desencontrado de Bruno e Dota – encerrando, assim, essa triste história!



O menino Fabiano

com o pai Bruno (esq), o avô Alcides (centro) e o bisavô Bruno Lima (dir)

Álbum de Família



Bruno rendeu-se à saudade de sua prima-irmã e começou uma longa correspondência com Dota

UM CONFLITO DE HERMENÊUTICAS

Victor e Vicente conheciam ainda mais a fundo as circunstâncias que envolveram as desavenças amorosas e profissionais da família Mendonça Lima, por estarem no meio político e vinculados à Faculdade de Direito de Pelotas.

“Como vai o namoro de Alcides e Rosah?”, perguntou Vicente ao irmão, quando ambos entraram no Bar Independência.

“Agora, oficializado!”, respondeu Victor, acomodando-se na cadeira de sempre e fazendo um sinal a Manuel, que atendia um cliente, para trazer uma garrafa de vinho tinto.

“Não debes beber álcool... quem sabe um chá ou café?”, aconselhou Vicente, pois toda a família estava preocupada com a hipertensão arterial de Victor, que teimava em não ceder aos cuidados de Didi e às sangrias que realizava periodicamente no hospital.

Mas Victor não deu ouvidos ao irmão. Andava estressado com o trabalho, os afazeres profissionais só cresciam, trazendo responsabilidades cada vez maiores, que se acumulavam a uma velocidade nunca vivida antes.

“Além dessa confusão familiar dos Mendonça Lima – separações, traições, fugas, revoltas, vinganças... ainda estamos em lados politicamente opostos”, começou a desabafar Victor.

Manuel juntou-se a dupla dos Russomano, empunhando uma garrafa de vinho tinto e servindo um cálice para cada um, mas tendo o cuidado de colocar uma quantidade bem reduzida para Victor, pois, como todos, ele também estava preocupado com a saúde do amigo.

“Sim, Alcides de Mendonça Lima era Maragato, lenço vermelho ferrenho... fiel ao amigo Assis Brasil”, lembrou Vicente, com um sorriso irônico nos lábios.

“Amigo próximo... muito próximo”, completou Manuel, pois ouvira conversas de seus clientes comentando que os dois andavam juntos, “proseando e almoçando aqui e ali”.

“Mas ele era um abolicionista!”, completou Victor, mostrando uma certa ambivalência quanto a posição política de Alcides. E ele tinha mais de uma razão para essa dúvida quanto ao avô de seu possível genro. “Certamente, usamos lenços de cores diferentes na Revolução de 1923, mas conheço muito sobre a sua luta para provar a inconstitucionalidade de uma lei estadual publicada pelo governador Júlio de Castilhos, o qual processou Alcides duas vezes. E

ele teve como defensor nada menos do que Rui Barbosa, tendo sido duplamente inocentado pelo Supremo Tribunal Federal!”, completou Victor.

“Verdade... com isso tudo acontecendo, essas idas e vindas de conflitos jurídicos, ele percebeu que era inviável continuar como juiz e abandonou de vez a carreira pública, mas seguiu seu ofício e estabeleceu uma banca de advocacia. Foi um lutador... que venceu todas as batalhas, mas, paradoxalmente, perdeu a guerra”, concluiu Vicente.

Quando Victor chegou em casa, já era tarde, pois, como sempre, a conversa engrenou e os três amigos não viram a hora passar. Rosah e Mozart dormiam e Didi estava lendo no quarto – a leitura era um hábito que ela gostava de cultivar. Victor, porém, resolveu procurar no seu escritório uma das cartas de José, na qual ele falava sobre os argumentos de Rui Barbosa referente ao caso gaúcho que desafiou a ciência jurídica e ultrapassou fronteiras de estados brasileiros.

“... este exemplo de jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador.... quem mais poderia desejar Alcides Lima para defender sua causa? Afinal, é inegável que Rui Barbosa foi, reconhecidamente, um dos maiores intelectuais de seu tempo, uma inteligência rara, tendo sido designado pelo próprio marechal Deodoro da Fonseca como representante do governo republicano, tornando-se um de seus principais organizadores, além de coautor da constituição da Primeira República...

Lembro-me de suas palavras, que tenho copiadas para nunca esquecer – ‘Temos, pois, duas opiniões opostas a respeito do assunto, no seio da hierarquia judicial: uma sustentada por um magistrado, na primeira instância; a outra, na segunda, por dois. Para esta é manifestamente constitucional o júri rio-grandense; para aquela, manifestamente inconstitucional. Ambas as maneiras de ver são professadas com a mesma sinceridade... A questão, em última análise, se reduz, pois a isto: um conflito intelectual de duas hermenêuticas, falíveis ambas e ambas convencidas’.

E concordo – e gosto de repetir, e o faço sempre que penso que a situação comporta – um conflito intelectual de hermenêuticas, expressão que vem do grego e significa a arte de explicar um texto... nunca algo fácil, temos que convir, já que palavras são apenas palavras e a interpretação delas depende da visão inferida pelo leitor”.

Victor leu e releu as considerações de José em sua carta, que lhe enviara um tempo atrás, quando esse assunto estava em pauta no círculo político brasileiro. O envolvimento de

Rui Barbosa, certamente, trouxera um colorido à discussão e desviou holofotes para esse “*conflito de hermenêuticas*” do sul do país.

Victor dirigiu-se para o quarto e encontrou Didi já ressonando, com o livro caído sobre o peito. Ele tentou não fazer barulho, mas ela acabou se acordando com a chegada do marido.

“Bebeste?”, indagou Didi, com uma voz cansada e uma expressão desapontada, enquanto colocava o livro sobre a mesinha de cabeceira. “Prometeste que não farias isso no bar do Manuel... quantos cálices de vinho?”, ela insistiu, ao sentir o cheiro do álcool.

“Bebi, sim, mas muito pouco... Manuel também está preocupado com a minha saúde e se recusa a me servir vinho... foi menos de meio cálice... e ainda monitorado por Vicente”, explicou Victor, deitando-se ao lado de Didi.

Já no escuro, ele comentou sobre o que os três haviam falado a respeito do avô de Alcides, mas resolveu deter-se em algo que o incomodava muito e que poucos sabiam.

“Tenho um segredo... sim, pode-se dizer que é um segredo... que me foi revelado por um amigo, um ex-colega do grupo Iconoclasta.... mas acho que precisas saber. Bem...”, Victor fez uma pequena pausa, mas resolveu ir adiante. “Quando Dota abandonou Bruno, ele disse para os filhos que a mãe havia morrido, já que Dota tinha desaparecido sem deixar vestígios, na fuga com seu amante Juca. Claro que Bruno não imaginava que Dota poderia voltar a Pelotas, após tudo que havia se passado. Mas... um dia, ela retornou, sem nada dizer... sem avisar ninguém. Alcides deveria ter uns 7 ou 8 anos de idade e, totalmente por acaso, avistou a mãe caminhando pela rua e foi capaz de reconhecê-la. Ele ficou transtornado, chegou em casa aos prantos, teve um febrão... provavelmente de causa emocional... e foi, então, que o pai se viu obrigado a revelar tudo aos filhos, pois a verdade estava, agora, escancarada... aparecera, subitamente, de uma forma irrefutável!”, desabafou Victor.

Didi voltou a acender a luz e olhou para Victor incrédula.

“Pobre Alcides... e pobre também do outro filho, o menor. Que pai teria coragem de fazer isso?”, ela perguntou, sem ainda acreditar no que acabara de ouvir.

“Sim... foi tudo um horror... me pego, às vezes, pensando nessa confusão amorosa dos Mendonça Lima... Enfim... no resultado de tudo isso... nos traumas emocionais desses dois meninos, ainda tão pequenos! Imagino que tudo tenha sido muito traumático para ele e o irmão Bruno. E, então, me pergunto... como será que ele realmente vê... sente... o amor por uma mulher, o casamento, a criação de filhos? Será que Alcides fará Rosah feliz?”.

Os dois foram invadidos por um turbilhão de pensamentos e um silêncio se fez. Didi apagou a luz e a escuridão tomou, novamente, conta do quarto.

Eles permaneceram lado a lado, imóveis, mudos, pois tinham ciência de que somente o tempo seria capaz de responder as pertinentes indagações de Victor.



Faculdade de Direito

Também conhecida como Casa Bruno Lima

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)



Faculdade de Direito – Também conhecida como Casa Bruno Lima

Bruno de Mendonça Lima

Professor 1916 – 1965

Diretor 1931 – 1965

Quadro de Bacharéis em Direito, 1944

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)

DE MALAS PRONTAS

“Tragam o guri de volta!”, foram as decididas e sempre lacônicas palavras de Frederico, quando se sentou à mesa para comer. Já fazia alguns dias que não via Clóvis e a saudade do neto bateu forte.

Clóvis andara fazendo uma travessura qualquer que muito desagradara a Vicente e Noemi e, como castigo, o menino foi proibido de almoçar com o avô, um hábito que ele cultivava, religiosamente, quase todos os dias. Era sabido que Frederico tinha uma afeição especial por Clóvis – talvez porque ambos, avô e neto, fossem de ouvir mais e de falar menos, já que detestavam jogar palavras fora em conversas que consideravam inúteis.

Os outros três netos, Rosah, Mozart e Môema também andavam sempre por ali, à volta do avô e das tias, brincando no pátio, fuçando na Calçados Russomano e, sempre que possível, degustando os pratos ítalo-brasileiros de Conceição e os doces pelotenses que ela aprendera a fazer na perfeição. Frederico sempre se mostrava atencioso e carinhoso com todos eles, mas, por mais que quisesse disfarçar, era inegável sua preferência por Clóvis.

E foi assim, sob a ordem de Frederico, que seu neto favorito acabou sendo liberado mais cedo do castigo, voltando a almoçar com o avô todos os dias.

Mas a rotina dos netos na casa de Frederico estava prestes a mudar radicalmente, afetando, em especial, sua convivência com os filhos de Victor e Didi.

“Rosah e Mozart estão crescendo muito rápido... e agora irão para longe”, Frederico falava queixoso, com um tom na voz que mesclava uma irrefutável constatação e um profundo descontentamento.

Com a eleição de Victor para o cargo de Deputado Federal, decisões tiveram que ser tomadas rapidamente – *“decisões nada fáceis”*, ele confessou a Didi, enquanto fazia uma cuidadosa lista do que deveria ser atingido antes da partida para o Rio de Janeiro.

E foi assim, entre o entusiasmo e o medo, que a ida de Victor, Didi e os filhos para a capital do país começou a ser organizada, pois eles teriam que passar uma boa parte do ano por lá. “Será uma nova vida no Rio de Janeiro... teremos grandes desafios pela frente!”, concluiu Didi, preocupada com a mudança para uma cidade grande, com a nova rotina que os filhos teriam que enfrentar, com os afazeres de Victor que só cresciam e, acima de tudo, com

a saúde do marido, pois sua pressão arterial não dava trégua, sempre mantendo níveis elevados demais.

Mas não foi apenas a partida de Victor, Didi e filhos para o Rio de Janeiro a modificação estrutural que a família Russomano sofreu pela metade dos anos 30.

Foi nessa década que tudo mudou – Elvira casou-se com Armando Sallis, Rosinha firmou matrimônio com Matheus Focaccia e Conceição passava longas temporadas com o marido José Severgnini em Porto Alegre.

Inicialmente, Elvira, Rosinha e os maridos ficaram morando com Frederico, mas Rosinha e Matheus, pouco depois do nascimento de Dagoberto, o primeiro e único filho do casal, acabariam indo para São Gabriel, onde por lá decidiram construir suas vidas.

Infelizmente, nessa mesma época, Frederico, que já entrava na sua septuagésima década de vida, começou a ver a Calçados Russomanno sofrer financeiramente e sentiu que seu negócio, que fora um sucesso, começava a dar sinais de que estava minguando.

“Preços desatualizados, consertos com valores de anos e anos atrás, da década passada... os efeitos da idade mais avançada, a perda da mamãe, que era sempre astuta para os negócios e um pilar emocional gigantesco para ele e para o restante da família... a mudança econômica de Pelotas com a derrocada das charqueadas... do próprio Brasil, sempre politicamente confuso... e do mundo... depois de guerras e de uma avassaladora pandemia... tudo somado... está dando nisso... afetando papai e a Calçados Russomanno!”, comentou Vicente para Victor, pois ambos andavam preocupados com a situação financeira dos negócios de Frederico, além, claro, da nova estrutura familiar que se desenhava a passos largos.

Já ficara claro, porém, que não era mais necessário o espaço de duas casas da Osório, números 771 e 773, que acomodavam todo o material e maquinário. Depois de muita conversa, os filhos mostraram ao pai que era mesmo preciso reduzir a Calçados Russomanno, readequando sua configuração e reduzindo funcionários, para enxugar despesas que se tornaram excessivas para o tamanho que ficara o negócio.

E Frederico aceitou e assim foi feito, gradativamente!

As semanas que precederam a mudança para o Rio de Janeiro foram agitadas para Victor e Didi. Com o auxílio de colegas políticos e do amigo José, o casal conseguiu um lugar para ficar logo na chegada, o Hotel Avenida, no centro da cidade, e um local para Rosah e Mozart estudarem, o renomado colégio anglo-brasileiro Aldridge, que foi nomeado em homenagem ao seu fundador e seu primeiro diretor Walter Leonard Aldridge.

Apesar da correria, dias antes de partir, Victor enviou uma carta, tão curta que mais parecia um telegrama, a seu amigo José.

“Embarcando para o Rio de Janeiro.

Finalmente, iremos nos reencontrar!

Estamos de malas prontas.

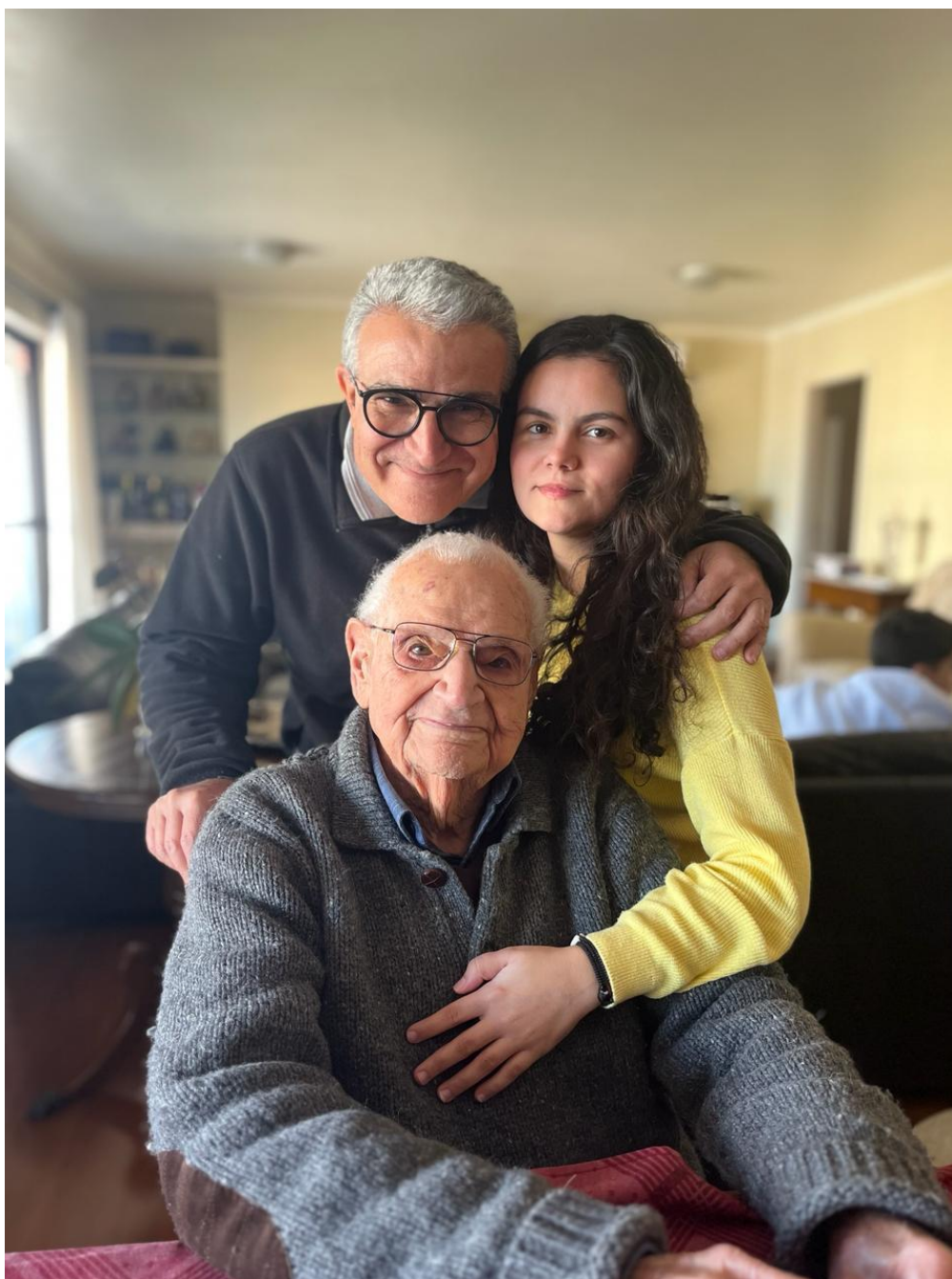
Até breve,

Victor”.



Victor, Didi e os filhos Rosah e Mozart

Álbum de Família



**A ligação afetiva entre Clóvis e o avô Frederico atravessou o tempo!
Clóvis (99 anos) com seu filho Frederico, o qual colocou o nome Carmela na filha**

(Jan de 2024)

Álbum de Família



“...Estamos de malas prontas. Até breve, Victor”.

MOVE-SE A RODA DO DESTINO

“Mas é um tempo tão grande...”, falou Alcides, com um ar tristonho, imaginando que cada mês longe de sua amada equivaleria a uma eternidade.

“É parte do ano, mas não será o ano *to-do*”, frisou Rosah, tentando amenizar a angústia do namorado.

Pela primeira vez, Rosah e Alcides teriam que ficar fisicamente distantes um do outro. Victor e a família passariam uma longa temporada no Rio de Janeiro, retornando para Pelotas no término de suas atividades políticas, como Deputado Federal, quando ele voltaria a atuar como médico sanitário. Nos períodos de recesso ou no final de seus trabalhos, os deputados não recebiam remuneração e, assim, todos já estavam acostumados com o fato de que era necessário retomar suas atividades profissionais, para garantir o sustento da família.

“Mamãe e papai também passaram por isso, quando ainda não eram casados e ele estava estudando medicina na capital”, argumentou Rosah, já meio cansada do choramingo de Alcides. “Trocamos cartas com as novidades do Rio e de Pelotas... e teremos sempre muitas e muitas coisas novas para contar, quando nos reencontrarmos”, continuou ela, tentando consolar o namorado, ao mostrar um lado positivo que a separação geográfica traria, inevitavelmente.

Alcides teve mesmo que se conformar, pois não havia outra opção. Ainda um rapaz jovem, com dezesseis anos incompletos, ele tinha muito a galgar profissionalmente. Seu desejo de estudar direito na faculdade onde o pai atuava como professor e diretor crescia mais e mais a cada dia. Teria, assim, que ter paciência por alguns anos. Mas não se poderia dizer que “*ser paciente*” fazia parte da personalidade de Alcides. Assim, sua ansiedade foi crescendo com a proximidade da viagem de Rosah, culminando na semana que viu tudo organizado para a partida da família para o Rio de Janeiro.

Nas inevitáveis noites de insônia, quando já era alta madrugada em Pelotas, deitado em seu quarto, Alcides via-se assolado pelo medo de perder seu primeiro amor – “*e único!*”, como gostava de ressaltar. Isso, porém, ele nunca confessou a ninguém, pois acreditava que “*noites mal dormidas por qualquer que fosse o problema eram um sinal de fraqueza*”.

Mas, quando menos esperava, era no Rio de Janeiro que se pegava pensando, dia ou noite. Afinal, a capital do Brasil era, sabidamente, uma cidade encantada, linda, com praia,

arte, teatros, lojas... e tudo isso seria mágico para Rosah, que havia nascido e se criado em Pelotas, uma cidade culturalmente muito avançada, mas, ainda assim, um local pequeno no interior do Rio Grande do Sul. Muitas vezes, quando a ansiedade batia forte no seu peito, Alcides murmurava, repetidamente, como se rezasse uma oração – *“logo que me formar advogado, com o diploma na mão, pedirei Rosah em casamento”*. E aquilo tornou-se uma promessa – dele para ele mesmo!

Nos últimos dias em Pelotas, Victor e Didi decidiram fazer um sarau de despedida para familiares e amigos próximos.

“Vamos celebrar o começo de uma nova vida!”, exclamou Victor.

Conceição e Severgnini foram a Pelotas para as despedidas. Ela, sabendo da inabilidade de cunhada para os afazeres culinários, logo se prontificou a preparar alguns dos tradicionais doces pelotenses. Frederico comprometeu-se a levar garrafas de um bom vinho italiano de sua adega e Manuel prometeu contribuir com pastéis, que, com o tempo, tornaram-se sua (já reconhecida!) especialidade. Victor anunciou que dedilharia algumas músicas no seu piano, enquanto Rosah e Mozart incumbiram-se de fazer algum discurso improvisado ou de ler poesias para os convidados, que sempre se encantavam com o talento para oratória dos dois irmãos. Didi, claro, orquestraria a organização de tudo!

Os amigos e as famílias foram chegando – Russomano, Costa, Mendonça Lima – pontualmente, na hora marcada.

“A casa ficou pequena para tanta gente”, exclamou Didi, preocupada em como acomodar e servir bem todos os convidados. Mas a preocupação da anfitriã foi se dissipando pouco a pouco, quando ela começou a ouvir as conversas ficando progressivamente mais animadas, com muitos risos e brindes aqui e ali.

Como de costume, os homens ficaram de um lado da sala e as mulheres se agruparam no outro, com frequentes idas à cozinha para trazer doces, pastéis, vinhos, suco de groselhas, ao mesmo tempo em que mantinham os olhos nas crianças, que sempre se agitavam com o constante estímulo gerado nos saraus.

Assim, enquanto *eles* tratavam de trabalhos, de negócios, da política brasileira e dos assuntos que dominavam os noticiários mundo afora, *elas* falavam sobre afazeres com a casa e as famílias, novas receitas culinárias, alguns livros que tivessem lido e ainda se divertiam muito contando uma travessura ou um feito de alguma das crianças.

E, a cada sarau, mais e mais crianças e jovens surgiam. Vicente e Noemi foram com Mômema e Clóvis, Bebê trouxe Lourdes e Candinha, Antonieta levou Luiza e Alcides foi na companhia de Bruno e Yayá. Ele, por sua vez, tentava ser ágil e pipocar nos dois mundos – *o deles e o delas* –, pois gostava de se atualizar ouvindo as conversas do pai – sempre interessantes sobre direito e política –, mas queria ficar à volta de Rosah, que partiria em breve. Ela, porém, parecia preferir a companhia das primas – Candinha, Lourdes, Luiza e Mômema – todas com colocações inteligentes e críticas bem-humoradas. Rosah fazia o possível para entrosar Alcides nas conversas com as primas. No final, tudo parecia dar certo e todos juntos se divertiam muito.

Em diferentes momentos, Victor tocou algumas músicas para entreter os convidados, fez referência e reverência a Amadeus Mozart, repetindo o que já era conhecido sobre o nome de seu filho varão ser em homenagem ao grande compositor austríaco. Como prometido, com o som de fundo do piano do pai, Rosah e Mozart recitaram algumas poesias, encantando aos convidados, que aplaudiram muito o desempenho dos irmãos.

“Puxaram ao pai”, concluiu Manuel, como se aquilo fosse uma novidade e não algo que todos já soubessem.

“Com certeza, não ao vô”, ironizou Clóvis que estava por perto.

“Não mesmo!”, concordou Frederico.

E os três riram muito!

Um dos assuntos, porém, de que ninguém conseguia escapar era a transformação pela qual a Alemanha vinha sofrendo sob o comando do “*Führer*”, Adolf Hitler, o qual, para convencer seu povo sobre os planos referentes à supremacia ariana, começou a utilizar táticas econômicas e discursos populistas, que foram agradando as multidões.

“E a propaganda é forte!”

“Inteligente... sábia!”

“Aos italianos... e aos seus descendentes aqui presentes... lembrem-se de que Benito Mussolini pode ser um grande aliado de Hitler. Afinal, ele está na presidência do Partido Nacional Fascista desde 1922... e os dois têm similaridades!”

“Sim... cuidado... muito cuidado!!”

Comentários como esses, em tom de preocupação, borbulhavam nas conversas do sarau de Victor e Didi.

Enquanto, porém, a Europa moldava um novo momento histórico para o mundo, o Brasil se preparava para viver sob a constituição de 1934 – a dita Segunda da República!

E ali, naquele sarau na rua Dr. Cassiano 152, duas famílias se encontravam e se uniam sob a bandeira do direito constitucional brasileiro – Alcides de Mendonça Lima participava da elaboração da constituição de 1891; Victor Russomano fora constituinte da constituição de 1934!

“Move-se a roda do destino!”, disse Victor, erguendo um brinde, que foi seguido por todos.

E movia-se mesmo!

Mais uma vez... e sempre de forma implacável!



Objetos artísticos e de decoração da casa de Didi e Victor

Quadros – Estatueta La Bonne Pipe – Mesa Auxiliar de Madeira de Mogno

(Herança de Nailê Russomano – filha de Rosah, neta de Didi e Victor)

Fotos – Andrea C. Viegas Santos

(Jan 2024)

Estátua em bronze de um Leão (1909) – Artista francês Thomas-François Cartier

(Herança de Fabiano Lima – filho de Bruno, bisneto de Didi e Victor)

Fotos – Fabiano Lima

(Jan 2024)



“Move-se a roda do destino!”, disse Victor, erguendo um brinde, que foi seguido por todos.

DESLIZANDO SOBRE AS ÁGUAS

Quando Frederico se despediu do filho, ele identificou no olhar de Victor o mesmo brilho que tivera ao partir de Caposele, tantos e tantos anos atrás – *“um brilho que refletia um pouco de esperança e um pouco de temor”*, pensou o pai, enquanto os dois se abraçavam.

Foi com o calor desse momento que Victor entrou no navio no Porto de Pelotas, com Didi, Rosah e Mozart, malas e sacolas. Ele já fizera esse caminho várias vezes, quando estudava medicina no Rio de Janeiro, mas essa era uma viagem diferente – agora, um homem feito, um médico com experiência, um político em ascensão, que voltara à vida acadêmica para aprender direito, pois adorava saber mais e mais!

Na despedida, foram familiares dos Russomano, Costa e Mendonça Lima, que acabaram formando um grupo grande de pessoas no cais pelotense. Ali, reunidos e misturados, eles trocavam beijos, abraços e apertos de mãos de despedida, desejando aos viajantes uma boa jornada sobre as águas da costa brasileira. Algumas crianças acompanharam pais e tias para dar adeus aos primos que partiam rumo a novas aventuras na capital do Brasil. Alcides também estava lá, ao lado do pai e de Yayá, mas ficou mais arredio, intimidado e constrangido pela emoção do momento, sem saber bem como agir ou o que dizer. Ele apenas restringiu-se a dar apertos de mão e abraços protocolares, pouco afetivos.

Sabendo da saúde frágil de Victor, os homens ali presentes ajudaram com as malas mais pesadas, acomodando-as nas cabines, enquanto as mulheres não conseguiam mais esconder as lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Já estou com saudade... e a embarcação ainda nem zarpou”.

“O Rio de Janeiro é tão longe...”.

“Escrevam contando tudo...”.

Eram os comentários que se ouvia entre soluços, que formavam um zum-zum-zum agitado e tenso! Mas aquele não era, definitivamente, um momento de tristeza. Ao contrário! O choro era apenas uma manifestação de uma nostalgia antecipada... uma saudade do que, rapidamente, ficara confinado ao passado. Era a constatação inevitável de que nada mais seria como antes. Era somente a vida seguindo seu curso, vestindo uma nova roupa, tomando outra forma. E todos sabiam disso, mesmo sem revelar, pois, bem no fundo, havia o consenso de que *“uma viagem carrega nela a força de uma mudança”*.

Com o navio já deslizando sobre as águas do Canal São Gonçalo, as mãos no ar acenando em gesto de despedida foram ficando progressivamente menores, menos nítidas, até virarem um ponto e, então, desaparecerem por completo. Os quatro viajantes ficaram ali, parados, mudos, observando o Porto de Pelotas ir sumindo no horizonte, cada um deles imerso em seus próprios pensamentos.

Pelotas, em verdade, não nascera uma cidade portuária. Seu porto emergiu de uma necessidade comercial, pois era preciso escoar, via redes fluviais, a grande quantidade de mercadorias oriundas da indústria das charqueadas. Além disso, a atividade portuária pelotense também servia ao transporte de gêneros agrícolas, produtos manufaturados e de passageiros, que se deslocavam para cidades do interior gaúcho ou para Porto Alegre.

Com sua robustez econômica na primeira metade dos anos 1900, mais precisamente entre 1928 e 1940, Pelotas passou por um processo de modernização do seu sistema portuário, potencializando ainda mais as relações comerciais e o transporte de pessoas de um lado para outro.

Devido a esse inegável crescimento, a região também ganhou, no início do século 20, a paróquia Sagrado Coração de Jesus, mais conhecida como a Igreja do Porto, na esquina da rua Gomes Carneiro com a rua Alberto Rosa. A partir dos anos 30, ela começou a promover a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, agitando a comunidade religiosa pelotense, que passou a organizar procissões pelas ruas da cidade e sobre as águas do Canal São Gonçalo, que foram capazes de atravessar as décadas.

Não havia, porém, como competir com o Porto de Rio Grande, que começou suas atividades muito antes, em 1737, o ano da fundação da cidade. Seu Porto Velho data de 1872, o qual acabou sendo substituído, em 1915, com a inauguração do Porto Novo.

Uma grande motivação para o investimento na região portuária rio-grandina foi a necessidade de facilitar a comunicação fluvial da fortaleza uruguaia Colônia do Sacramento com o Rio de Janeiro, pois era necessário estabelecer um ponto de apoio intermediário, tendo sido Rio Grande o local escolhido.

Foi também por essa época que os molhes foram construídos, com o objetivo de aumentar a segurança da navegação, ao proteger o local da ação nefasta de ondas e da elevação natural do leito sob as águas. Assim, no lado oeste, ficou o molhe da Praia do Cassino e, no lado leste, o molhe de São José do Norte.

A viagem no pequeno navio entre Pelotas e Porto Alegre podia se arrastar por um dia inteiro, sempre dependendo das variações climáticas – chuvas intensas e ventos fortes – e da ação de marés e correntezas.

O balançar da embarcação sobre as ondas deixava muitos dos passageiros enjoados, especialmente os mais vulneráveis, como os idosos e as crianças, que acabavam vomitando, ficavam abatidos e se sentiam enfraquecidos. Por sorte, Rosah e Mozart não sofreram o impacto do sobe e desce do navio sobre as águas, mas Didi ficou nauseada e se recolheu na cabine que tinha com Victor. As crianças ocuparam uma igual, ao lado dos pais, ficando todos mais independentes.

Rosah aproveitou parte da viagem para escrever para as primas e para Alcides. Ela endereçou o envelope para Lourdes e pediu que ela distribuísse as novidades para as outras. Rosah então contou detalhes sobre o interior do navio, a sala na qual os passageiros faziam as refeições, banheiros e quartos com duas ou quatro camas de beliche, a emoção de estar deslizando em águas rumo a Porto Alegre.

“De lá, como planejado, pegaremos a segunda embarcação rumo à capital do Brasil.

Estou muito curiosa para conhecer Copacabana...

Papai diz que é linda, sem igual, com um mar infinito molhando a fina e branca areia da praia.

Ele sempre contou tanto sobre suas aventuras culturais no Rio de Janeiro e, agora, terei a chance de conhecer tudo isso de perto!

Também estamos, eu e Mozart, muito curiosos para começar os estudos no colégio anglo-brasileiro. Dizem que o Aldridge é o que há de melhor!

Mal saímos e eu já estou com saudades... mas... os meses passarão rápido e logo nos veremos de novo.

Quando tiver um endereço fixo no Rio, mando contar e aí vocês poderão me escrever com as novidades de Pelotas.

Até lá, ficarei enviando cartas sobre a viagem e a chegada nas terras cariocas

Beijos e saudade,

Rosah”.

Depois que as crianças dormiram, cansadas com o longo e excitante dia, Victor e Didi foram para o tombadilho ou convés, onde se encontravam outros passageiros, e ali se sentaram em duas cadeiras, lado a lado, tomando um chá.

A noite estava estrelada, límpida, sem uma só nuvem no céu, com uma enorme Lua cheia, iluminando o caminho das águas, por onde deslizava a embarcação.

Os dois deram-se as mãos.

Estavam cheios de esperança com o começo da nova vida!

E estavam cheios de temores com o começo da nova vida!



A noite estava estrelada, límpida, sem uma só nuvem no céu, com uma enorme Lua cheia, iluminando o caminho das águas, por onde deslizava a embarcação.

DE BRAÇOS ABERTOS

Depois de vários dias sobre as águas da costa brasileira, saindo de Porto Alegre, rumo norte, com destino ao Rio de Janeiro, “*num navio maior, melhor e mais bonito*”, como bem definiu Mozart, ao comparar as duas embarcações que tiveram que tomar, eles chegaram à capital brasileira!

O dia já havia amanhecido fazia algumas horas e o Sol brilhava forte num céu totalmente azul, quando o navio adentrou o porto do Rio de Janeiro. Como sempre acontecia, mesmo com os viajantes mais experientes, como Victor, a visão da Baía da Guanabara com o Pão de Açúcar ao fundo, logo na chegada, deslumbrou a todos os ocupantes do navio, incluindo Didi, Rosah e Mozart. Eles ficaram ali, por um momento, petrificados, mudos, apreciando a beleza natural daquela cidade encantada, enquanto o navio atracava no porto.

“É cinematográfico!”, balbuciou Didi, quando conseguiu falar, sem tirar os olhos da paisagem que se estendia à sua frente.

Victor, porém, sentia-se cansado, estressado, com um pouco de dor na nuca e um mal-estar generalizado, difícil de definir, mas esses eram sempre sinais preocupantes, pois sabia que refletiam um aumento da pressão arterial para níveis indesejados. E isso não era propriamente uma surpresa! Durante a viagem, ele não conseguiu manter uma boa dieta – comidas e bebidas muito diferentes do habitual, numa quantidade maior do que estava acostumado e em horários que não respeitavam sua rotina alimentar – e, no topo disso, acabou dormindo pouco nas noites de travessia desde a capital gaúcha, graças ao constante balançar do navio e aos pensamentos sobre a nova vida que não deram trégua para sua alma.

Logo que colocaram os pés em terra firme, os Russomano, rodeados pelas malas e sacolas, viram emergir da multidão formada por trabalhadores do cais e pessoas que ali se aglomeravam para receber os viajantes, um homem mais ou menos da idade de Victor, que abriu os braços no ar e estampou um imenso sorriso no rosto, gritando, repetidamente, com uma emoção na voz.

“Meu amigo! Meu amigo! Meu amigo!”. Era José que se programara para estar ali na chegada de Victor e sua família, a qual apenas conhecia pela descrição recebida em cartas e por algumas fotografias de momentos especiais, como os aniversários das crianças. Os dois

amigos, então, abraçaram-se longamente. Um abraço apertado, que tentava comprimir entre os corpos os anos de separação, diminuindo, assim, a distância temporal entre eles.

Depois das apresentações e dos cumprimentos protocolares entre José e a família de Victor, os cinco partiram em dois carros de praça, uma vez que um seria insuficiente para acomodar passageiros e bagagens. José foi com Victor, enquanto Didi e as crianças partiram num segundo carro, que seguiu o primeiro até o Hotel Avenida no centro da cidade.

Já no caminho, a beleza e a grandeza do Rio de Janeiro iam deslumbrando sem qualquer modéstia os viajantes gaúchos, que tudo observavam, cuidadosamente, não deixando nada escapar de seus olhos atentos.

Mal chegaram no Avenida, sem nem desarrumar direito as malas, Rosah e Mozart pediram insistentemente para todos irem até Copacabana.

“Querem porque querem ver o mar... e a areia branca, sendo banhada por suas águas salgadas”, explicou Didi, com uma expressão que Victor percebeu que ela se unia ao desejo dos filhos.

E foi assim que todos rumaram para a famosa praia de Copacabana, deixando os afazeres da chegada no hotel para trás.

“Primas queridas,

O Rio de Janeiro é mesmo uma cidade encantada!

É difícil descrever sua beleza... ela tem uma magia própria.

E a praia... Copacabana foi nosso primeiro passeio.

O dia estava lindo, com o Sol brilhando alto, sem nuvens no céu e fazia calor.

Papai e eu corremos de mãos dadas até a beira da água, tiramos sapatos e meias e molhamos os pés. Apesar da água estar fria, a sensação foi maravilhosa...

E amanhã iremos conhecer o Cristo Redentor. José, um amigo do tempo no qual o papai estudou medicina aqui, disse que é um passeio inigualável.

Ele não é médico. José é advogado, como o padrinho, o irmão de papai. Assim, os dois passam horas e horas falando sobre política. José está muito feliz por papai estar estudando direito.

Por falar em estudos... bem... as aulas no colégio Aldridge começam na próxima semana. Até lá, vamos conhecer um pouco do Rio... e também precisamos nos adaptar

ao clima da cidade – é muito quente! Fiquem bem aí. Estou com saudades. Beijos, Rosah”.

E José estava certo em indicar a ida ao Corcovado para visitar a estátua do Cristo Redentor e ver a cidade do Rio de cima, de cerca de 700 metros de altura.

“É um passeio imperdível... que acabamos postergando e postergando e postergando... em fazer, quando estudávamos juntos na universidade”, resumiu José, para convencer a todos e estimular Victor.

“Como vamos subir até o topo da montanha?”, perguntou Mozart, adorando a ideia da aventura.

“De trem”, respondeu Victor e, então, leu para todos as informações que conseguira.

“O Trem do Corcovado é uma linha férrea que liga o bairro do Cosme Velho até o cume do morro do Corcovado. Essa linha foi inaugurada pelo imperador Dom Pedro II em 9 de outubro de 1884. Portanto, o trem é mais antigo que o monumento do Cristo Redentor, o qual recebeu seus primeiros visitantes em 1931. As peças para a montagem dessa estátua art déco, feitas de concreto armado e terra-sabão, foram transportadas por esse sistema férreo, ao longo de quatro anos”.

Então, José e os quatro Russomano tomaram o trem rumo a uma das estátuas mais famosas do mundo. Para entreter as crianças, ele foi contando algumas histórias sobre a origem e a construção do Cristo Redentor.

“A ideia de construir uma grande estátua no alto do Corcovado era muito antiga”, começou ele, enquanto o trem iniciava sua lenta e penosa subida, que deveria durar uns 20 minutos. “A primeira vez que foi sugerida foi lá pelos anos 1850, quando um padre aconselhou a colocação de um monumento cristão no topo do Corcovado, para homenagear a Princesa Isabel, regente do Brasil e filha do Imperador Dom Pedro II. Isabel gostou da ideia e até apoiou a construção da obra. Mas... o tempo passou e, após assinar a Lei Áurea...”.

“A princesa que aboliu a escravidão no Brasil”, interrompeu Mozart, pois ele conhecia em detalhes a história da monarquia de Portugal no Brasil.

“Sim, ela mesma...”, respondeu José... e continuou. “Ela mudou de ideia... pensou que, ao invés da estátua representar *uma redentora*, seria melhor ter ali uma estátua em homenagem ao *verdadeiro redentor dos homens*”.

“E tem algo ainda mais curioso...”, iniciou a falar Victor, pois tinha tentado se informar ao máximo sobre o Cristo Redentor antes do passeio. “Durante a cerimônia de inauguração”, prosseguiu ele, “a estátua foi iluminada por uma bateria de holofotes que foi acionada remotamente pelo inventor do rádio, nada menos do que Guglielmo Marconi, que se encontrava a mais de 9 mil quilômetros de distância, em plena Roma, na Itália”, e seus pensamentos atravessaram o oceano no sentido oposto, lembrando de Frederico e Carmella... e de todos os que ficaram na pequena Caposele.

“Marconi aceitou mesmo o convite para acender as lâmpadas do Cristo Redentor diretamente da Itália. E ele tentou... Reza a lenda que, com um simples toque, Marconi teria mandado um sinal de Roma para Coltano, perto de Pisa, onde ficava a rádio mais potente do país. De lá, para chegar ao Corcovado, o impulso elétrico teria sido, primeiro, captado por uma estação em Dorchester, na Inglaterra, e, então, retransmitido para uma torre em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, sendo dali direcionado para o mecanismo de acionamento da iluminação da estátua. O mau tempo pode ter atrapalhado tudo... e, segundo consta, o interruptor das luzes do Cristo Redentor teria sido ligado daqui mesmo”, explicou José, decepcionando um pouco a todos.

Em cerca de 20 minutos, os cinco desembarcaram no topo do Corcovado. Dali, subiram algumas escadas até o pedestal, onde em cima estava a estátua de 30 metros do Cristo Redentor.

E todos emudeceram!

Ao olhar para baixo, era a beleza do Rio, mar e praias, que enchiam os olhos.

Ao olhar para cima, era a imponência do Cristo Redentor, que enchia as almas.

Os cinco, então, abriram os braços, numa improvisada reverência!



Então, José e os quatro Russomano tomaram o trem rumo a uma das estátuas mais famosas do mundo.

POLÍTICA REGADA A CAFÉ

O ano de 1934 trouxe muitas modificações para todos!

Várias notícias fizeram o mundo estremecer!

Já no seu primeiro dia, a Alemanha nazista aprovou a Lei para a Prevenção de Descendentes Geneticamente Doentes, uma forma que Hitler encontrou para tornar a nação mais forte, pois, segundo ele, ela fora corrompida pelos disgênicos e estava mostrando grandes sinais de fraqueza. Os alvos a serem eliminados da cadeia da hereditariedade eram os indivíduos *indignos de viver*, como criminosos, deficientes mentais, homossexuais, vadios, insanos e fracos. Esse era um passo decisivo na busca da Eugenia nazista, que objetivava tornar melhor o povo ariano.

Várias notícias fizeram o mundo vibrar!

Para os Russomano, talvez a maior delas tenha sido a Copa do Mundo de futebol na Itália. Frederico, sempre que podia, acompanhava os jogos pelo rádio, muitas vezes na companhia de Vicente e Manuel. A torcida era grande... e a saudade, maior ainda! Toda vez que o hino italiano tocava, Frederico se levantava, ficava em pé em frente ao rádio, num gesto de reverência e respeito à pátria distante. Quando, na partida final, o juiz sueco apitou o término do jogo, todos vibraram com a vitória do time da distante Itália sobre a Tchecoslováquia por 2 a 1.

Várias notícias fizeram o mundo chorar!

Uma delas foi a morte de Hachiko, em 8 de março, o cachorro japonês que ficou famoso por esperar por seu dono, todos os dias, na mesma hora e no mesmo lugar, por dez anos – uma história que atravessaria fronteiras e o tempo, tornando-se conhecida como a expressão de amor e lealdade de Hachiko.

Outra triste notícia foi o falecimento de Marie Curie, uma cientista polonesa, que imigrou para Paris, onde estabeleceu com sucesso sua carreira profissional e acadêmica, tendo se tornado a primeira pessoa e a única mulher a ganhar o Prêmio Nobel em duas áreas diferentes da ciência – na física, no ano de 1903, e na química, em 1911.

Victor sentia uma admiração especial pela Madame Curie, como ficou conhecida, pois, para ele, ela resumia um exemplo de superação.

“Uma mulher que foi capaz de vencer tudo e todos para se firmar, entre homens, como uma brilhante cientista!”, comentou ele, comovido, quando soube de sua morte, ocorrida em 4 de julho.

Enquanto isso, o Brasil começava a viver sob sua nova *carta magna*. A Constituição de 1934 fora promulgada pela Assembleia Nacional Constituinte, em 16 de julho, sendo imediatamente seguida pela décima terceira eleição presidencial do país e a segunda indireta, a qual elegeu Getúlio Vargas como Presidente do Brasil por mais quatro anos, até 1938. Ou seja, o poder não mudara de mão, apesar da nova Constituição em vigor.

Esse momento político brasileiro ficou conhecido como o Governo Constitucional de Getúlio, que se iniciou em meio a uma grande expectativa a respeito da democratização da nação, graças à nova Constituição, considerada bem avançada, em várias áreas.

Mas Getúlio tinha críticas pesadas em relação à dita Carta de 1934. Ele costumava dizer que ela possuía um caráter inflacionário – *“se todas as nacionalizações de bancos e de minas fossem feitas e se todos os direitos sociais nela previstos fossem implantados, os custos para as empresas privadas, as despesas do governo e o déficit público se elevariam muito”*, eram seus argumentos em reuniões e discursos. Getúlio ainda enfatizava que *“a Constituição era liberal demais, o que impedia um adequado combate à subversão”*.

“Infelizmente, a sociedade brasileira e vários grupos políticos parecem estar se afastando da nova Constituição, seguindo um rumo oposto... enveredando pelo caminho de uma maior radicalização”, comentou José, tomando um café com Victor na recepção do Hotel Avenida, um hábito que se consolidou rapidamente entre os dois amigos.

Os encontros entre Victor e José tornaram-se mais e mais frequentes, desde a chegada da família Russomano ao Rio de Janeiro. Eles sempre tinham muito a conversar e gostavam da companhia um do outro. Assim, cafés no hotel eram a melhor opção no momento, pois ficava conveniente para Victor estar mais perto da família à noite, pelo menos enquanto todos se adaptavam à nova rotina. Para Didi, também era bom saber que o marido estava logo ali, no próprio hotel, ao alcance de um chamado seu, caso precisasse de alguma coisa. José entendia bem a situação da família e não se incomodava de ir até o centro da cidade, após o trabalho, para encontrar Victor e poder conversar um pouco sobre tantos e tantos assuntos que tinham em comum.

“Sim, mas olha o tempo que estamos vivendo... isso é apenas um reflexo da tendência mundial”, salientou Victor. “As democracias representativas e liberais”, continuou ele, “estão

ficando cada vez mais fracas... em franca decadência, poderia até se dizer... por outro lado, os regimes mais autoritários só ganham prestígio, expandem-se mais... vê-se isso em vários locais”.

“E nosso presidente só tem a ganhar com isso!”, ironizou José.

Uma postura político-social mais radical vinha, sem dúvida alguma, ao encontro das intenções de Getúlio. Assim, esse período da Era Vargas acabou sendo marcado por ações políticas que aumentavam ainda mais os poderes presidenciais, centralizando-os sob o comando de Getúlio Vargas.

E os dois amigos concordaram. E eles estavam certos.

“Mais uma rodada de café... bem quente, forte e sem açúcar”, solicitou Victor, que herdara do pai a preferência pelo jeito que gostava de tomar um bom café.



Assim, cafés no hotel eram a melhor opção no momento...

“CHALK AND TALK”
(GIZ E CONVERSA)

Rosah e Mozart chegaram ansiosos ao Colégio Aldridge, localizado na Praia de Botafogo, no primeiro dia de aulas.

“É um mundo todo novo!”, comentou Mozart, olhando para a imponente construção de dois andares à sua frente, com inúmeros arcos na sua fachada e nas laterais de cada piso.

“Aldridge... College”, leu Rosah em voz alta.

A inscrição gravada no topo do prédio do colégio na língua inglesa já anunciava as raízes da educação que receberiam.

Victor e Didi discutiram muito sobre em qual colégio os filhos deveriam ser matriculados no Rio de Janeiro. Era uma decisão importante e decisiva para o futuro de ambos. Inclusive, eles aproveitavam os encontros com Noemi e Vicente, para conversar com ele sobre o sistema educacional brasileiro, pois reconheciam sua vasta experiência como professor e confiavam no seu profundo conhecimento sobre as modificações que a educação vinha sofrendo no Brasil, aparentemente para o melhor, na Era Vargas.

“Sim, foi assim mesmo, Victor... as alterações mais significativas surgiram após a reestruturação do sistema educacional, quando houve a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública, em 1931, sob o comando do jurista Francisco Campos”, concordou Vicente. “Ele fez muito como ministro, pois estabeleceu o currículo seriado, a frequência obrigatória, a inspeção federal pelo inspetor de ensino, as normas para os docentes...”, continuou ele.

“Atualmente, os jovens passam por dois ciclos de estudos – um fundamental de cinco anos e mais um de dois anos, dito complementar – para somente então poder ingressar no ensino superior. Esse ciclo complementar é como uma especialização em três segmentos: pré-jurídico, pré-médico e pré-politécnico. Essa foi uma importante mudança desde o nosso tempo, Vicente. Não tivemos que cursar os dois anos do ciclo complementar”, completou Victor.

“Gostaria de ver meus dois filhos cursando o ensino superior”, confessou Didi, tendo ciência de que o caminho de Rosah seria mais árduo, por ser uma mulher num meio dominado por homens.

As discussões com Didi e as conversas com o irmão ajudavam a diminuir a angústia de Victor, que se mantinha bastante indeciso quanto ao caminho a tomar em relação à educação dos filhos, pois considerava o estudo na capital como uma grande oportunidade para ambos. Assim, se, por um lado, Vicente conhecia bem os meandros da educação no Brasil, ele, por sua vez, estava imerso na política do país e sabia da força das decisões impostas por Getúlio – *“sempre um homem muito controlador e autoritário”* – o que não era segredo para ninguém!

“Temos que lembrar que Vargas teve uma longa carreira militar, antes de se tornar o líder de nosso país... Isso, sem dúvida alguma, moldou sua forma de agir tanto na sua vida pessoal quanto como político. Ele deixa sempre muito claro que a educação é uma forma de difusão de seu pensamento ideológico... o que me preocupa”, enfatizou Victor.

“E isso estimula mais ainda a briga entre intelectuais e liberais de um lado e católicos e conservadores do outro... Nada simples... nada simples...”, refletiu Vicente.

“Sim, meu irmão, tenho acompanhado esse binômio educação e política. Os grupos liberal e conservador discordam em muita coisa, mas, fundamentalmente, estão em lados opostos em relação a três aspectos da educação no Brasil – o ensino elementar obrigatório e gratuito para todos, um currículo escolar laico e a coeducação dos sexos”, completou Victor.

As discussões prosseguiram por um tempo, até que chegou uma carta de José, na qual ele tentava ajudar com algumas informações que adquirira falando com amigos e colegas de trabalho. Nela, ele recomendava fortemente o Colégio Aldridge, com base na educação britânica.

“Uma nova forma de ver o mundo... e a vida!

A educação no Aldridge preza a qualidade do ensino acima de tudo e ainda forma o aluno para ser um cidadão exemplar.

Remeto junto umas informações que consegui recolher sobre o colégio e dados da forma de se educar os estudantes na Inglaterra.

*Sabe-se de antemão que, no geral, o ensino britânico é feito à moda ‘**chalk and talk**’ (giz e conversa), tendo ênfase nos três Rs – Reading (leitura), WRiting (escrita) e ARithmetic (aritmética) – mas também se concentra no estudo da natureza, canto, costura, tricô, marcenaria, culinária, higiene pessoal, entre várias outros tipos de aulas e ensinamentos”, foram as palavras de José na carta enviada para Victor.*

As informações remetidas contavam que o Colégio Aldridge fora inicialmente estabelecido em São Gonçalo, em 1912, passando a ter sua sede no bairro Botafogo, do Rio de Janeiro, alguns anos depois, em 1917. Seu sistema de ensino era conhecido de todos! Com uma disciplina rigorosa e princípios de ensino-aprendizagem bem claros, o Aldridge primava pela educação de alta qualidade.

“Aqui, um aluno não aprende somente as disciplinas necessárias para entrar em uma faculdade, aprende também a ser forte, ser ágil e ser resiliente – aprende a viver, educa-se nos melhores princípios de asseio e higiene, acostuma-se a exercícios atléticos, que o tornam robusto, corajoso e conhecedor dos esportes mais úteis; recebe também lição de boa sociedade, aprendendo a figurar em uma mesa elegante, mantendo uma atitude discreta e simples. Enfim, o aluno recebe instrução completa sob todos os pontos de vista para ter sucesso na sua vida profissional e para viver bem em sociedade”.

Para Victor, a situação estava resolvida. E muito bem resolvida!

“Um ensino que preza pela qualidade, traz uma visão diferente do mundo e da vida, discute novas ideias e ideais, tem uma estrutura baseada numa disciplina rígida, mas moderna – o que mais poderia almejar para Rosah e Mozart?”, indagou Victor, radiante.

“Nada!”, respondeu Didi, com a firmeza de sempre.

E foi assim que os quatro chegaram, numa linda manhã carioca, em Botafogo, para que Rosah e Mozart comesçassem sua educação à moda inglesa *Chalk and Talk!*



Aldridge College - Colégio anglo-brasileiro no Rio de Janeiro
Foto de Anthony Aldridge Cardoso, publicada no Facebook Zona Sul Memórias

(24 de setembro de 2012)

OUVINDO ESTRELAS

Os meses de 1934 se escoaram rapidamente na capital brasileira.

“É como se aqui o tempo passasse mais depressa... às vezes, fico até confuso no que fazer! É outro ritmo... são tantas as opções!”, comentara Victor com José, numa das noites que conversaram no Avenida.

Mas uma bem estabelecida rotina sempre é necessária na vida de uma família, especialmente com filhos ainda jovens. E, com os Russomano, isso não foi diferente. Aos poucos, os quatro foram desenhando uma forma de organizar seus dias, preenchendo as horas com várias atividades, construindo vidas muito distintas das que haviam se acostumado a ter na pequena e distante Pelotas.

Victor e Didi tentavam buscar um equilíbrio entre trabalho, afazeres com os filhos e diversão. As terras cariocas, inegavelmente, traziam muitos apelos culturais, que, sempre que possível, eles exploravam.

“Em Pelotas, ficávamos restrito aos saraus residenciais, a um cinema, a dois teatros... e ainda tivemos a sorte de mamãe conseguir ingressos para vários espetáculos”, enfatizou Didi.

E isso era uma verdade. A vida cultural do casal acabava na dependência de Candoca, sempre atenta para adquirir entradas para esse ou aquele show, pois ela sabia que poderia contar com a companhia de Victor e Didi, os quais, como ela, adoravam uma boa peça de teatro, um concerto ou uma ópera.

Rosah e Mozart também acabaram absorvidos pelos afazeres cotidianos do novo colégio, rígido e exigente, que demandava deles muito estudo e muita dedicação. Como semi-internos, os dois iam para o colégio pela manhã e só retornavam no meio da tarde. Com isso, os almoços eram no próprio Aldridge, o que aliviava a pressão sobre Didi, que não precisava se preocupar com o preparo de refeições diárias, mas isso causava um estresse extra para Rosah e Mozart. Como regra, os alunos do Aldridge tinham que comer com livros embaixo dos braços. “E não pode deixar cair... Caso contrário, tem bronca... e das grandes!”, explicou Mozart, com um certo temor na voz, pois ambos tinham medo de que, por um descuido qualquer, algum livro atingisse o chão do refeitório.

As refeições no Aldridge eram à moda inglesa. Assim, além dos estressantes livros bem presos sob as axilas, os quais não podiam, sob hipótese alguma, ceder à força da gravidade, os alunos aprendiam a usar os talheres ao estilo inglês, cuidando ainda para respeitar uma rígida educação à mesa, sendo sempre monitorados por algum dos professores, que mantinha os olhos atentos durante todo o almoço.

Uma maior proximidade geográfica com o Aldridge fez com que Victor e Didi optassem por deixar o Hotel Avenida no centro da cidade para morarem em Botafogo. Assim, eles ficaram radiantes quando encontraram um pavimento para alugar num bom casarão antigo, localizado de frente para o mar e, convenientemente, bem situado em relação ao colégio dos filhos.

“Linda... o Rio é uma bela paisagem!”, teria falado Victor, ao ver a vista da nova moradia dos Russomano.

A mudança para a residência em Botafogo também facilitou o contato com Pelotas, pois, com um endereço fixo, cartas podiam ser remetidas para eles vindas do sul do país. Rosah adorou essa nova dinâmica de comunicação, já que achava extremamente frustrante escrever para Alcides e primas, sem poder receber deles qualquer resposta.

A vida no Rio também tinha outros apelos, mais ousados e menos culturais.

Três renomados cassinos – o Atlântico, tido como o mais requintado de todos, o da Urca e o do Copacabana Palace – eram comumente visitados pela sociedade carioca. Esses cassinos, porém, nunca foram um grande atrativo para Victor. José tivera uma fase na qual frequentara com amigos o cassino da Urca, que era o seu preferido, mas, depois de um tempo, concluiu que isso tinha ficado para trás e, agora, tudo virara apenas lembranças de bons momentos confinados ao passado.

Um lugar, porém, que a família tomou o hábito de ir, para tomar um chá ou um café e degustar um tradicional doce ou salgado, foi a Confeitaria Colombo. Victor tinha conhecido o local, ainda no tempo em que estudava medicina e, inclusive, indicara para Vicente, que também frequentou a confeitaria, quando cursava a faculdade de direito no Rio de Janeiro.

Na primeira vez em que foram à Colombo, Rosah e Mozart tiveram uma grande (e muito agradável!) surpresa, já logo na chegada do tradicional local, situado no centro do Rio de Janeiro.

Era uma quente manhã de sábado e Victor e Didi haviam resolvido ir até lá, para fazer um lanche com os filhos.

“Que lindas bancadas!”, exclamou Rosah, ao entrar.

“São de mármore italiano”, explicou Victor.

“E olhem os espelhos... é tudo de cristal?”, indagou Mozart.

“Sim, são espelhos de cristal... li que foram trazidos da Antuérpia e que as molduras são feitas de madeira de jacarandá!”, completou Didi, enquanto todos se acomodavam ao redor de uma mesa.

O garçom, então, trouxe um café para Victor, um chá para Didi, sucos para as crianças e doces para todos. Foi então que Rosah e Mozart provaram “o melhor quindim do mundo”, segundo eles mesmo classificaram, feito por um creme amarelo brilhante, coco, gema de ovo, açúcar e manteiga.

A renomada Confeitaria Colombo, que fez a alegria da família Russomano nessa manhã de sábado carioca, foi fundada em 1894, por imigrantes portugueses. Com sua majestosa e, ao mesmo tempo, imponente arquitetura, ela sempre retratou muito o momento de glória da Belle Époque no Brasil.

“Ao longo do tempo, essa confeitaria foi acumulando nomes de clientes famosos... artistas, escritores, políticos e intelectuais, como Chiquinha Gonzaga, Rui Barbosa, Villa-Lobos, Lima Barreto, José do Patrocínio, Getúlio Vargas... e Olavo Bilac!”, explicou Victor.

Ele deixou o nome do poeta do parnasianismo brasileiro para o final, pois chegara a conhecê-lo, no seu tempo de estudante de medicina, e com Bilac estabeleceu uma certa amizade, apesar da diferença de idade de um quarto de século entre eles. Ambos tinham muitas coisas em comum, até mesmo em termos de formação acadêmica, pois o poeta cursara medicina e direito, apesar de não ter terminado nenhuma das duas faculdades.

“Olavo Bilac era um homem inteligente, culto e sensível... e isso, por si só, já é um excesso!”, sempre eram essas as palavras de Victor, quando Bilac surgia em alguma conversa.

Assim, quando o poeta, jornalista e cronista brasileiro morreu, em fins de dezembro de 1918, aos 53 anos de idade, Victor ficou abalado, ao receber a notícia.

Naquela mesma noite, olhando para uma Lua crescente num céu estrelado, ele murmurou os últimos versos da poesia “Ora (dizeis) ouvir estrelas” de Bilac da qual muito gostava.

“...E eu vos direi: “Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas”.



Naquela mesma noite, olhando para uma Lua crescente num céu estrelado, ele murmurou os últimos versos da poesia “Ora (dizeis) ouvir estrelas” de Bilac...

A CONQUISTA DO CATETE

No século 16, o Caminho do Catete passou a servir de conexão entre o centro político-administrativo da cidade colonial e os subúrbios, localizados mais ao sul, com seus engenhos e suas fortalezas. Foi também nessa região que, em 1866, o Palácio Nova Friburgo foi inaugurado, como a moradia de seu Barão e família. Infelizmente, Barão e Baronesa morreram em seguida, os filhos herdaram o palácio, mas logo venderam para uma companhia que pretendia fazer dele um hotel de luxo.

E foi aí que a história se interpôs!

Veio o marechal Deodoro da Fonseca proclamando a república, o que desfez planos, murchou investimentos, levou ao acúmulo de dívidas e, conseqüentemente, à falência da empresa hoteleira.

Foi quando Manuel Vitorino, vice-presidente na gestão de Prudente de Moraes, que andava afastado por algum problema de saúde, teve uma brilhante ideia. Ele requisitou o Palácio Nova Friburgo para que ali fosse instalada a sede da Presidência da República, que até então tinha como endereço o Palácio do Itamaraty.

Nascia, assim, o Palácio do Catete, inaugurado em 24 de fevereiro de 1897, no sexto ano de celebração da primeira Constituição republicana do Brasil!

A construção imponente chamava a atenção de quem por ali passasse. Seu desenho arquitetônico fora influenciado pelos palácios renascentistas italianos de Veneza e Florença, trazendo, na sua essência, uma refinada expressão do estilo neoclássico.

E era para lá que Victor iria, numa quarta-feira carioca de muito calor, para participar de uma reunião no Salão Ministerial, local da sede presidencial onde ocorriam as reuniões de Getúlio com ministros, políticos e representantes da sociedade civil brasileira.

“Que horas será a reunião?”, indagou Didi, pensando na organização de seu dia e do colégio dos filhos.

“É às 14 horas... podemos almoçar juntos e aí eu vou...”, respondeu Victor, sentado na cama, com as portas do armário abertas à sua frente, com um olhar um pouco vago, meio distante, tentando escolher qual de suas roupas seria a mais adequada para o encontro com o presidente e tantos outros colegas e amigos do governo.

Didi sabia que Victor apreciava esses momentos – *“são situações únicas, oportunidades imperdíveis, que a vida está me presenteando”* – ele costumava dizer.

E Victor tinha razão! Quem olhasse para sua história veria ali um homem vencedor! Ele era o primogênito de imigrantes italianos, que chegaram ao Brasil com poucos recursos financeiros, sem conhecer ninguém, jovens e despreparados, mas que conseguiram se estabelecer numa sociedade estranha, mesmo imersos numa cultura diferente e falando uma mistura de línguas envolta por um forte sotaque italiano. Assim, Victor tinha ciência de que crescera numa situação menos privilegiada, se comparada à de muitos dos seus atuais colegas na política, os quais desfrutavam das benesses de vir de famílias abastadas com um tradicional prestígio social. Por isso, receber um convite para uma reunião no Salão Ministerial do Palácio do Catete era, mesmo, uma honraria... uma conquista!

“Esses momentos são mesmo únicos... É quando se torna possível conviver com a elite da política brasileira, discutir as novas diretrizes do país, queixar-se de leis ultrapassadas ainda em vigor, impor uma forma mais ousada de pensar, algo que seja capaz de promover uma mudança, remodelando de uma vez por todas os aspectos retrógrados de nossa sociedade”, comentava Victor com José, toda vez que falavam sobre encontros políticos no Palácio do Catete.

Didi reconhecia que, em situações assim, Victor se sentia mais vivo, útil e motivado, seu olhar brilhava mais intensamente, seu raciocínio fluía mais ágil, seus movimentos ficavam mais precisos, seu andar era mais firme!

“Era como se estivesse indo lutar numa batalha”, pensava ela, durante o processo de ajudar Victor a escolher o que vestir – fosse um terno, uma gravata ou um par de sapatos.

Didi, porém, andava preocupada com a saúde de Victor. Não raro, ela via que o marido andava mais abatido, comendo menos, dormindo mais, sentindo dores na cabeça ou um mal-estar difuso no corpo. Os dois já tinham discutido várias vezes (e concordado!) sobre a importância de ele ter um médico que o acompanhasse no Rio de Janeiro, checando sua pressão arterial periodicamente e organizando as sangrias num hospital ou mesmo em casa, sempre que necessário. Didi seguia se esforçando em manter uma dieta saudável, com pouco sal e água. Isto, porém, nem sempre era fácil, uma vez que ela não tinha o mesmo acesso a verdureiros ou mercados, como quando moravam em Pelotas. Como médico, Victor sabia muito bem da importância de ter um bom acompanhamento médico, mas, por um motivo ou por outro, acabava adiando consultas, postergando exames, sempre alegando trabalhos a

fazer ou muito cansaço para sair em dias mais quentes. E o tempo foi passando e a pressão arterial teimava em se manter elevada!

Assim, quando Victor saiu após o almoço rumo ao Palácio do Catete, naquela quarta-feira de muito calor, Didi viu que ele carregava uma expressão preocupada, estava mais cansado, caminhando mais devagar e com o corpo um pouco curvado para frente.

“Victor não tem o aspecto de quem está indo lutar numa batalha”, pensou Didi, sentindo um aperto no peito e um medo na alma, ao rezear que a hipertensão arterial estivesse vencendo a guerra!



Por isso, receber um convite para uma reunião no Salão Ministerial do Palácio do Catete era, mesmo, uma honraria... uma conquista!

NO VAI E VEM DAS ONDAS

“O que será que teremos que enfrentar nesta Terceira República?”, perguntou José, em tom irônico, tomando um café com Victor no Bar da Bandeira, próximo à praia de Botafogo, um local que era tão perto do mar, que eles podiam ouvir o barulho da rebentação das ondas na areia.

Os dois haviam trocado as conversas regadas a café no Hotel Avenida por encontros nesse bar botafoguense, eleito por ambos por ser um local tranquilo, pequeno e aconchegante, estrategicamente situado a poucas quadras do novo local carioca de moradia da família Russomano.

“Esse bar me lembra um pouco o Bar Independência”, comentou Victor, mas essa frase teve pouco sentido para o amigo que nunca tinha ido a Pelotas e, portanto, desconhecia o estabelecimento de Manuel.

José andava preocupado com o período político que se iniciava com a promulgação da Constituição de 1934, o dito Governo Constitucional, também chamado de Terceira República, que veio substituir a Segunda República, vigente entre 1930 e 1934, a qual, por sua vez, sucedera a Primeira República ou República Velha, que ocorreu de 1889 a 1930.

“Tempos confusos... ainda tudo se reestruturando... lentamente tomando forma!”, comentou Victor, entre um gole e outro de café, também apreensivo com a situação política do país.

A preocupação de ambos fazia sentido!

O Brasil estava passando por mais uma fase de profunda reestruturação e ninguém sabia ao certo qual o rumo que a nação tomaria.

Avaliando os acontecimentos na esfera política, com um olhar mais otimista, era inegável a importância do reestabelecimento do Congresso Nacional na Terceira República, o qual seguira a tradição do bicameralismo, mantendo, assim, sua composição com duas casas legislativas – a Câmara dos Deputados e o Senado Federal.

No entanto, esse processo não foi tão tranquilo, como desejado!

O Senado Federal não pôde reiniciar seus trabalhos imediatamente, já que a própria Constituição de 1934 determinou a transformação da Assembleia Nacional Constituinte em

Câmara dos Deputados, a qual passou a exercer, cumulativamente, as funções do Senado Federal.

Isto somente mudaria no ano seguinte, quando estava prevista a próxima eleição dos parlamentares federais, para as duas casas do Congresso Nacional, agendada para janeiro de 1935. Assim, somente após o término deste processo eleitoral é que o Senado Federal poderia reiniciar sua legislatura ordinária.

“Imagino que as reuniões andem tensas...”, completou José, referindo-se aos encontros políticos que Victor tinha semanalmente no Palácio Tiradentes, situado no centro da capital do Brasil, onde funcionava a Câmara dos Deputados.

O local recebeu esse nome, pois, nos primórdios de sua existência, havia ali a Cadeia Velha, no seu piso inferior, onde eram encarcerados os presos do período colonial e foi também ali que ficou o inconfidente Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, enquanto esperava por sua execução na forca, que acabou ocorrendo no dia 21 de abril de 1792.

“Pois agora estamos divididos em vários grupos, para trabalhar sob um tópico específico, são as ditas Comissões Permanentes... estou na de Obras Públicas, Transportes e Comunicação”, explicou Victor.

“Imaginei que o amigo estivesse numa ligada à saúde... como algo na área da saúde pública”, comentou José.

“E há mesmo essa comissão, mas o representante do Rio Grande do Sul é o Heitor Annes Dias... acabou me escapando essa oportunidade”, lastimou Victor, uma vez que, como médico sanitarista, político e estudante de direito, ele poderia contribuir muito nas atividades dessa comissão. “Mas tenho convicção de que ele fará um ótimo trabalho, pois Annes Dias é muito competente, um profissional de grande renome em Porto Alegre, em todo o estado, em verdade... ele é um catedrático nas áreas de medicina legal e toxicologia”, completou.

E os amigos seguiram conversando por mais algumas horas, pois eles sempre tinham muito a falar, enquanto ouviam o barulho do vai e vem das ondas do mar molhando a praia de Botafogo. O céu estava estrelado, era uma noite de Lua cheia e a temperatura andava por volta de 23 graus Celsius – exatamente, como Victor gostava.

“Estou voltando a me apegar às belezas do Rio de Janeiro”, confessou Victor.

“Não anda com saudade dos pampas gaúchos?”, perguntou José, com uma pitada de ironia na voz.



DIARIO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 31 DE JULHO DE 1934

N. 8

CAMARA DOS DEPUTADOS

8ª sessão, em 30 de julho de 1934

PRESIDENCIA DO SR. ANTONIO CARLOS, PRESIDENTE

A's 11 horas comparecem os Srs.:

Antonio Carlos.
Facheco de Oliveira.
Christovão Barcellos.
Thomas Lobo.
Clementino Lisboa.
Waldemar Motta.
Mario Chermont.
Veiga Calral.
Moura Carvalho.
Joaquim Magalhães.
Lino Machado.
Costa Fernandes.
Carlos Reis.
Adolpho Soares.
Godofredo Vianca.
Ageonor Monte.
Freire de Andrade.

Aecurio Torres.
José Eduardo.
Buarque Nazareth.
Lengruber Filho.
Manoel Reis.
Pedro Aleixo.
Negão de Lima.
Marta Machado.
Vieira Marques.
Clemente Medrado.
Raul Sá.
Daniel de Carvalho.
Aletto Paraguassú.
Anthero Estelha.
Nero de Maceio.
João Villasbôas.
Antonio Jorge.
Nereu Ramos.
Aarão Rebello.
Carlos Gomes.
Frederico Wolfenbutell.
João Simplicio.
Renato Barbosa.
Demetrio Xavier.
Victor Russomano.
Ascanio Tubino.
Pedro Vergara.
Fança Ribas.
Mimano de Moura.
Albino Trindade.



DIARIO DO PODER LEGISLATIVO

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 14 DE NOVEMBRO DE 1934

N. 76

COMISSÃO DE OBRAS PUBLICAS, TRANSPORTES E COMMUNICAÇÕES

Presidente, Barreto Campello — Pernambuco.
Vice-Presidente, Alberto Roselli — Rio Grande do Norte.
Guilherme Plaster — R. professional.
Augusto Corsino — R. professional.
Mario Chermont — Pará.
Freire de Andrade — Piahy.
Guedes Nogueira — Alagoas.
Victor Russomano — Rio Grande do Sul. ←
Christiano Machado — Minas Geraes.
Lauro Santos — Espirito Santo.
Nelson Xavier — Bahia.
Secretario — Sylvio Fioravanti.

Reunião, ás quintas-feiras, ás 14 horas.

www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/Ex_presidentesCD_Republica/republica2.html

“Sim, penso muito no que ficou por lá... família, especialmente papai, trabalho, amigos e colegas médicos, pacientes...”, falou Victor em tom nostálgico. E seguiu, “Meu pai me preocupa muito. Desde que mamãe morreu, ele não é mais o mesmo. Seu Frederico perdeu o brilho no olhar! E os negócios...”

“Sim, a Calçados Russomanno não andava bem...”, lembrou José, referindo-se as notícias enviadas por Victor numa de suas cartas mais recentes.

“Infelizmente, o negócio deu para trás... como todos concluímos, sofreu financeiramente com a guerra, a Gripe Espanhola em 18, a crise de 29, a instabilidade política do Brasil, as mudanças econômicas em Pelotas... tudo muito rápido, muito intenso, muito dinâmico... somos como essas ondas do mar, viemos num vai e vem de ideias, emoções, sentimentos, experiências de vida!”, resumiu Victor.

A situação de Frederico e de seu negócio vinham preocupando e entristecendo Victor, recentemente. Ele sabia que em breve, teria que voltar a Pelotas, pois, mesmo que a presença nas aulas não fosse obrigatória, ele ainda assim tinha que prestar os exames na faculdade de direito. Era preciso também reestruturar sua vida profissional até a próxima eleição para Deputado Federal, que sempre era uma interrogação, nunca uma certeza, e, acima de tudo, Victor sentia que deveria passar mais tempo com o pai, que andava mais velho, cansado, adoentado e triste.

“Sim, ele, definitivamente, sentia falta dos Russomanno... das irmãs, de Vicente, dos sobrinhos... de nossa família... ah a família, isso é o meu maior tesouro”, pensou ao se deitar ao lado de Didi, depois dos cafés com José no Bar da Bandeira.

No outro dia, cedo pela manhã, Rosah e Mozart foram para o Colégio Aldridge.

Victor rumou para o Palácio Tiradentes. Didi aproveitou que estava sozinha para escrever uma longa e detalhada carta para a mãe.

Era a rotina tomando conta da família Russomanno em terras cariocas!



“...somos como essas ondas do mar, viemos num vai e vem de ideias, emoções, sentimentos, experiências de vida!”

O REGRESSO E O RETROCESSO

“Queridas primas

Espero que tudo esteja bem com vocês em Pelotas.

Recebi uma carta da Lourdes e gostei muito de saber das novidades.

Ela contou em detalhes o que andava se passando por aí!

Aqui, a vida segue na sua rotina – se é que há rotina no Rio de Janeiro, pois tudo é muito dinâmico e intenso aqui.

Estou gostando das aulas no Aldridge e Mozart divide este mesmo sentimento comigo.

Aprendemos muito todos os dias! São ensinamentos que levaremos por toda a vida... tenho certeza disso!

A grande novidade do momento é o lançamento da música Cidade Maravilhosa. É uma marcha em homenagem ao Rio de Janeiro do compositor Antônio André de Sá Filho, que tem sido cantada no rádio por Aurora Miranda.

A música ainda não chamou muito a atenção do público e da crítica, mas, quando a ouvi, eu adorei. E tenho convicção de que fará muito sucesso! Tem uma parte que diz - Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil; Cidade maravilhosa, coração do meu Brasil.

Talvez eu tenha gostado tanto, porque eu ache que o Rio de Janeiro é mesmo uma cidade maravilhosa, cheia de encantos!

Estamos, porém, preparando o retorno para Pelotas, pois papai tem que realizar suas avaliações na faculdade de direito e também reassumir suas atividades como médico. Confesso que estou com o coração dividido – tenho saudade da vida pelotense e, especialmente, das pessoas que aí ficaram, mas já sinto uma ponta de nostalgia por ter que deixar essa cidade linda e, como diz a marcha de Sá Filho, maravilhosa! Parece que ainda tenho tanto a viver aqui... Acho que todos nós – papai, mamãe e Mozart – andamos sentindo a mesma coisa... esse incômodo no peito, essa vontade de voltar e de ficar, ao mesmo tempo.

Mas o bom é que logo nos veremos pessoalmente... e isso será ótimo!

Um grande beijo para todas vocês, cheio de saudade, Rosah”.

Uma carta similar foi enviada para Alcides, com alguns retoques aqui e ali, pois ela teve o cuidado de enfatizar mais os momentos de saudade e de minimizar os de nostalgia. E todos – primas e namorado – ficaram felizes ao receber as cartas e saber que a família Russomano estava regressando, em breve, aos pagos do sul do país.

Mas Rosah tinha razão no que escrevera... *“todos andavam sentindo a mesma coisa...”*.

Didi já criara uma rotina que preenchia seus dias e da qual ela gostava muito – *“quando sobra um tempinho, vou olhar e ouvir o mar”*.

Victor estava radiante com suas atividades políticas na Câmara dos Deputados – *“eram sempre dias intensos, com muito trabalho e aprendizado”* –; seus estudos para os exames da faculdade de direito – *“leio e releio com avidez os livros das disciplinas que estou cursando, nos horários de folga do trabalho e dos afazeres familiares”*; suas incursões culturais e turísticas com a família – *“em museus, teatros, restaurantes... na Confeitaria Colombo, claro”*; e, obviamente, *“suas conversas intermináveis e sempre muito prazerosas com José no Bar da Bandeira ou caminhando pelas ruas do bairro de Botafogo, quando a noite convidava para um passeio. Era mesmo uma rotina para poucos”*.

As semanas que se seguiram foram repletas de novas atividades – organização do apartamento, algumas questões burocráticas para resolver, como contas a pagar e a finalizar, arrumação das malas, as quais pareciam que tinham se multiplicado no tempo que passaram em terras cariocas, já que os quatro acabaram acumulando coisas e mais coisas, compra de presentes e encomendas. Ainda tinham vários convites para jantares e almoços de despedida de colegas e amigos políticos...

“Andamos numa agitação... parece que não teremos tempo de organizar tudo”, confessou Victor para José, no último encontro que teriam no Bar da Bandeira, naquela temporada carioca dos Russomano.

“É mesmo assim... viagens são sempre estressantes, mas dará certo no final”, falou José, tentando tranquilizar o amigo.

“Regressar... rever o que ficou por lá, lugares, pessoas... tudo parece tão distante”, comentou Victor, com o olhar perdido, remexendo-se na cadeira.

“Lembre-se, meu amigo, que regressar não é, necessariamente, retroceder. Vocês estão todos *regressando para Pelotas*, mas não *retrocedendo*, que tem uma conotação um pouco mais negativa, como sendo uma volta associada a um declínio, uma derrocada, um

ocaso... apesar de muitos usarem regresso e retrocesso como sinônimos”, explicou José, que sempre se dedicou ao estudo de palavras e expressões da língua portuguesa.

E foi essa conversa com o amigo carioca que acalmou Victor, enquanto enfrentavam a longa jornada, com malas para cá e para lá, trocando de embarcações, no trajeto do Rio de Janeiro a Pelotas.

“Um regresso!”, pensava ele, quando a angústia invadia sua alma.

Como na ida, a viagem de volta foi lenta e penosa... mas o cansaço dissipou-se num instante, quando começaram a ouvir a banda de música no porto de Pelotas, tocando diferentes canções para receber o deputado federal e sua família que voltava da estada no Rio de Janeiro – uma tradição pelotense, comumente utilizada para recepcionar pessoas importantes da cidade.

Ao adentraram no antigo lar, na rua Dr. Cassiano 152, com várias pessoas ao redor, acolhendo os viajantes, falando, gesticulando, beijando e abraçando, os quatro sentiram-se de volta ao lar, pois ali estavam todos que eles amavam – as famílias Russomano, Costa e Mendonça Lima.

“Vamos logo fazer um sarau, para matar a saudade, contar as novidades e distribuir os presentes e as encomendas que compramos!”, prometeu Victor.

Foi então que ele observou o pai com mais atenção e percebeu que Frederico envelhecera naqueles meses de separação – estava abatido e emagrecido, falando ainda menos do que de costume.

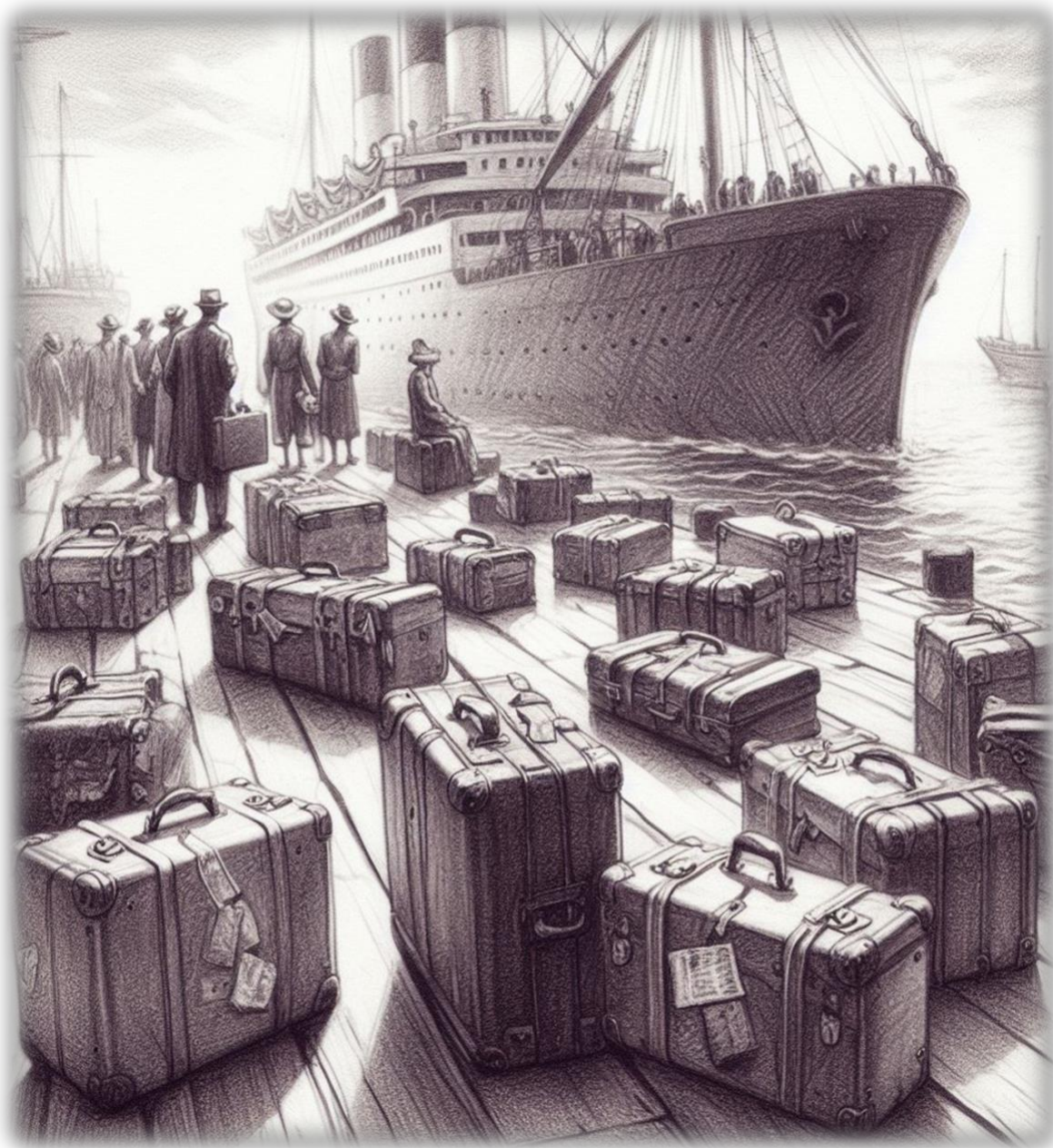
E Victor temeu que, muito em breve, perderia o pai para o naufrágio final da vida.

Mas ele não sabia – ninguém desconfiava – que o destino já traçara outros planos para a família Russomano.



Familiares e amigos esperando os viajantes no porto de Pelotas nos anos 20

Álbum de Família



...pois ali estavam todos que eles amavam – as famílias Russomano, Costa e Mendonça Lima.

A FALÊNCIA

Foi numa noite estrelada, de Lua crescente e temperatura amena, com uma ligeira brisa soprando, que Victor e Vicente resolveram se encontrar no Bar Independência para conversar sobre a situação do pai. Frederico já não conseguia mais manter a Calçados Russomanno em funcionamento e o sucesso do negócio foi tomado por dias sombrios. A chácara do Capão do Leão quase foi vendida para saldar dívidas com empregados e manter o sustento da família, já que o dinheiro mingudara, mas, por sorte, isto não foi preciso!

“A derrocada do trabalho afetou muito papai... Ele agora fica num cômodo da casa, sozinho, consertando o salto de um sapato, costurando outro...”, começou Vicente, tentando atualizar o irmão quanto à situação da família. “Muitas coisas mudaram nestes últimos meses. Parece até que um furacão assolou nossa família, sem deixar pedra sobre pedra”.

E Vicente cravou os olhos no chão e deu um profundo suspiro, antes de continuar.

“A casa está muito diferente, meu irmão, com os filhos tomando seus rumos, constituindo suas próprias famílias... papai está ficando mais isolado... Rosinha com Focaccia... Conceição tem passado longas temporadas com o marido José Severgnini em Porto Alegre... nos últimos meses, ele começou a trabalhar mais por lá... cidade maior, com mais demandas... pois é muito admirado no que faz... não é sempre que se encontra um construtor licenciado com tamanha experiência e devoção ao trabalho. Elvira, bem-casada com Sallis, assumiu a batuta da casa e está mantendo tudo funcionando, mas todos sentimos muita falta de Conceição, do seu jeito de cuidar dos afazeres do dia a dia... do papai, inclusive... e os domingos não são mais os mesmos sem a sua macarronada... claro!”, riu Vicente, tentando tornar a conversa mais leve.

E ele foi contando isso e aquilo, buscando na memória fatos e acontecimentos que pudessem ilustrar a situação atual dos Russomanno. Victor escutava as palavras do irmão com dobrada atenção a cada detalhe.

“Sim, muito tinha mudado, enquanto estava trabalhando, vivendo, em terras cariocas”, pensou, ainda sem tecer qualquer comentário.

“Nosso pai faliu! E agora?”, concluiu Vicente, tomando o café que Manuel deixara discretamente sobre a mesa, tentando não atrapalhar a conversa dos irmãos.

O amigo de toda a vida resolveu deixar os dois a sós, em paz, falando sobre assuntos da família, e foi tratar dos afazeres (*“sempre intermináveis”*) do bar. Ele tinha uma boa noção de tudo que estava se passando, pois Vicente fora, muitas vezes, procurar seu ombro para um conforto, um desabafo. Na falta do irmão, foi Manuel que assumiu esse papel na vida de Vicente.

Victor tinha ciência de que o negócio não ia nada bem, algo que o vinha preocupando e entristecendo já há algum tempo, mas ver o pai falido era algo inconcebível para ele. Victor não sabia bem o que dizer, como aconselhar o irmão com algo mais positivo e construtivo, pois estava envolto numa profunda tristeza com tudo que estava se passando com o pai, e ainda se sentia culpado por estar vivendo um momento de glória na sua vida, enquanto Frederico entrava em franco declínio – *“físico, mental, emocional, profissional”*.

E esse momento de glória de Victor era inegável, incontestável – ele amava Didi e seus filhos, os quais cresciam saudáveis, eram inteligentes e ambiciosos; apreciava suas atividades como médico e professor em Pelotas; estava se saindo muito bem nas disciplinas que cursava na faculdade de direito – um antigo sonho sendo realizado; e já organizara a candidatura para mais um mandato como deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Se tudo corresse bem e ele fosse reeleito, Victor voltaria a morar por mais um tempo no Rio de Janeiro, deixando Pelotas e a família para trás... outra vez!

“Sem a mamãe, tudo fica ainda mais complicado”, completou Vicente, sentindo que Victor estava com dificuldade de conectar palavras e formar frases – algo raro para ele!

“Sim, tudo mudou muito... até a chácara do Capão do Leão poderá desaparecer de nossas vidas”, conseguiu falar Victor, quebrando seu próprio silêncio, “não sabia de muitas coisas, apesar da troca... até assídua... de correspondência... as cartas não revelaram tudo!”, ele completou, falando com a voz embargada, lentamente, como se as palavras custassem a se formar na sua boca.

“Raramente, revelam...”, murmurou Vicente, “elas carregam nas suas linhas as boas novidades e se eximem de contar as más notícias”.

“Estamos precisando de um milagre de San Gennaro”, concluiu Victor, olhando para o teto do Bar Independência, como se estivesse buscando uma proteção do céu, um apoio divino – fosse do santo, fosse de Carmella.

Os dois irmãos sentiam muita falta da mãe, do seu carinho, dos seus ensinamentos, daquela sabedoria própria de uma mulher inteligente e vivida. Carmella era determinada – *todos sabiam* – e não se deixava abalar por qualquer coisa – *todos concordavam*. E era dessa fortaleza que Victor e Vicente precisavam naquele momento. Eles sabiam, no entanto, que San Gennaro não ouviria suas preces tristes, seus pedidos desesperados, pelo menos não da mesma maneira que escutara a reza e o choro de Carmella.

“Ela tinha um jeito todo especial de falar com o santo!”, comentou Victor.

“E ele parecia ouvi-la mesmo”, disse Vicente, sorrindo. “Exceto quando morreu nossa irmã Leonilda... mamãe nunca perdoou San Gennaro pela falta de sua ajuda divina naquele momento tão desesperador”, ele completou com uma tristeza na voz que fez sumir o sorriso.

Quando Victor chegou em casa naquela noite, conversou longamente com Didi sobre a situação da Calçados Russomanno, as mudanças na estrutura da família, na dor que invadira a alma do pai. Ela ouviu tudo atentamente e tentou confortar o marido da melhor maneira possível, com um carinhoso beijo e um longo abraço, mas tinha ciência de que Frederico iniciara seu naufrágio pessoal e que nada nem ninguém poderia evitar o inevitável desfecho.

“É o ciclo da vida se fechando e dando forma à nossa finitude”, pensou Didi.

Já era madrugada quando os dois se deitaram.

Didi tomou seu terço na mão, fechou os olhos e começou a rezar, pedindo por Frederico em suas orações.

Victor apagou a luz e acomodou-se para dormir.

Estava cansado, triste e estressado.

Ele foi então tomado por alguns dos versos do poeta português Fernando Pessoa...

“Partir! Nunca voltarei

Nunca voltarei porque nunca se volta

O lugar a que se volta é sempre outro...”



“É o ciclo da vida se fechando e dando forma à nossa finitude”

UM EMOCIONADO DISCURSO IMPROVISADO

Estas foram as palavras escritas abaixo de uma enorme fotografia de Victor.

*“Fotografia que serviu de cartaz na manifestação do povo de Pelotas
ao Dr. Victor Russomano, e oferecida à sua filha Rosah”.*

21 de junho de 1932.

Victor parou em frente a uma das janelas de seu escritório e abriu-a com cuidado. Ali, imóvel, olhar perdido, ele recordou a espontânea manifestação popular, ocorrida um par de anos antes, precisamente em 21 de junho de 1932... e foi, então, que se deixou viajar no tempo!

Nesse dia, amigos, colegas de trabalho, parceiros políticos, seguidores de suas ideias caminharam pelas ruas pelotenses até chegarem à residência dos Russomano na Dr. Cassiano 152. Uma verdadeira multidão, com a fotografia em mãos, formou-se, cedo pela manhã, em frente à sua casa, clamando por ele. Victor, sem muito entender o que estava se passando, foi até uma das janelas de seu escritório... E sua surpresa quase lhe fez parar de bater o coração!

As pessoas exclamavam *“Victor! Victor! Victor!”*, tentando, assim, seduzi-lo a dizer algumas palavras, talvez um discurso improvisado, para que todos ali presentes tivessem a oportunidade de ouvir de sua própria boca algo que os motivasse ainda mais a seguir suas ideias e a lutar, conjuntamente, por seus ideais políticos.

“Didi... Didi... por favor, podes me trazer uma cadeira?”, gritou Victor, pedindo, com a voz ansiosa, a ajuda da mulher.

“Cadeira?”, repetiu Didi, sem entender o que estava se passando e, menos ainda, por que razão o marido queria uma cadeira. Mas, com a confusão do momento, ela resolveu não discutir e atendeu ao pedido de Victor.

Com a cadeira firmemente posicionada contra a parede, logo abaixo do nível da janela, Victor se aventurou a subir no seu parapeito, improvisando ali um palanque e assumindo uma posição de destaque, bem visível, pois ficara a uma altura considerável acima do povo à sua frente. Rosah e Mozart também foram atraídos pelos gritos da multidão e ficaram numa outra janela do escritório, junto com a mãe, acompanhando esse peculiar acontecimento.



Álbum de Família

Victor, lendo no olhar ansioso do povo um apelo por algumas palavras, empostou a voz e, com seu talento para a oratória, improvisou um emocionado discurso, no qual misturava ideias, histórias, emoções e agradecimentos.

E as bocas do povo se fecharam, num silêncio súbito e profundo, ao primeiro som da voz de Victor!

Mantendo-se fiel aos seus ideais, ele discorreu sobre uma nova dinâmica educacional, um maior respeito pela mulher no seio da sociedade, no voto universal, em melhores e mais justas condições de trabalho...

E continuou *falando e falando e falando* o que todos já conheciam, de uma forma ou de outra, pois eram esses os tópicos mais relevantes da plataforma política que Victor defendia e nutria.

Mas ali, naquele momento tão singular, todos ficaram quietos, atentos, imóveis, inebriados, *ouvindo e ouvindo e ouvindo* cada palavra proferida pelo homem que ajudou a desenhar planos partidários e, mais tarde, a compilar leis, que dariam vazão a realização de muitas de suas ideias, algumas delas, inclusive, consideradas avançadas e ousadas para a forma como estava estruturada a sociedade brasileira na década de 30.

No final, Victor agradeceu a presença de todos... e um aplauso ensurdecador tomou conta da rua Dr. Cassiano. Antes de partirem, um dos organizadores do evento fez a entrega formal do retrato em forma de cartaz para Victor, que recebeu o presente com grande emoção, a qual não conseguiu ocultar, por mais que tentasse, já que algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto, traindo sua vontade de esconder o sentimento que envolvia sua alma.

Como Victor, Didi, Rosah e Mozart estavam emocionados com essa manifestação popular e espontânea. E ficaram ali, mudos e sem se mexer, observando todos partirem. Aos poucos, entre acenos de despedida, o povo foi se dispersando até que a rua Dr. Cassiano voltou a ficar vazia.

Victor deixou para trás os truncados caminhos da memória, voltando à realidade do momento. Ele, então, olhou para o seu próprio retrato, já enquadrado e estrategicamente posicionado numa das paredes de seu escritório, próximo da janela onde tudo se passara.

Para Rosah e Mozart, essa aclamação popular e espontânea ao pai serviu de motivação! O discurso emocionado e improvisado de Victor, seu domínio das palavras, a

maneira como entonava mais isso ou aquilo, conferindo emoção e uma maior veracidade ao que dizia, serviu como um exemplo que eles souberam carregar por toda a vida.

Ambos haviam nascido com o dom da oratória – certamente, uma herança do pai. Desde a mais tenra idade, os irmãos se acostumaram a subir em mesas para discursar, contar histórias, declamar poesias, e, bem mais tarde, usariam esse talento para conquistar plateias e mais plateias durante aulas e palestras.

Assim, essa inesperada manifestação popular pelotense, que não durou nem uma hora, manteve-se na memória de todos, tornando-se eterna!



E as bocas do povo se fecharam, num silêncio súbito e profundo, ao primeiro som da voz de Victor!

OS CICLOS DA VIDA

Os dois anos que se seguiram trouxeram conquistas e desafios para os Russomano.

Como desejado (e esperado!), Victor Russomano foi reeleito para manter suas funções como Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul e, assim, a família passou mais uma longa temporada em terras cariocas, com costumeiras idas aos pampas gaúchos, para Victor poder tratar de assuntos profissionais e manter seus estudos na faculdade de direito. Era quando, então, todos tinham a oportunidade de reencontrar familiares, visitar amigos e matar um pouco da saudade.

Logo após a reeleição, Victor e Didi decidiram alugar um apartamento na rua Marquês de Abrantes, esquina com a rua Fernando Osório, no bairro Flamengo do Rio de Janeiro, o qual, mais adiante, acabou substituído por outras moradias, como uma num apartamento do edifício Pimentel Duarte, situado na Avenida Beira Mar, em Botafogo, mesmo bairro onde ficaram hospedados na primeira vez que lá moraram.

A rotina carioca foi rapidamente reassumida pelos quatro Russomano – Rosah e Mozart reiniciaram suas atividades no Aldridge, seguindo os rígidos hábitos do colégio já bem conhecidos por ambos – bem diferentes do Colégio Municipal Pelotense, onde estudavam quando estavam em Pelotas.

Victor voltou a integrar os grupos de reunião na Câmara dos Deputados e, logo que pôde, retomou os periódicos encontros para um bom café com José, o qual, para ele, já virara um verdadeiro irmão.

Os dois gostavam de caminhar a esmo pelas ruas cariocas, um costume que aprenderam a cultivar juntos – *“uma boa forma de apreciar a beleza da cidade e ainda de se exercitar um pouco”*, como já haviam concordado há algum tempo.

Eles muitas vezes acabavam tomando um chá ou café na Casa Nice ou no Amarelinho, frequentados por grupos bem heterogêneos de fregueses, alguns boêmios, outros artistas populares, muitos também políticos, mas, em verdade, bem no fundo de suas almas, o local de encontro pouco importava – ambos apreciavam a companhia um do outro e qualquer lugar servia de cenário para um bom bate-papo sobre a vida, a política brasileira, as notícias que agitavam o mundo e os planos de cada um.

A saúde de Victor ainda deixava a desejar, uma vez que o nível de sua pressão arterial nunca baixava para um patamar aceitável. Todos, porém, começaram a conviver melhor com o medo da doença e a incerteza do futuro – *“seguimos numa luta diária, com sangrias, dieta controlada, atividade física”* – eram as palavras de Didi, quando indagada sobre a saúde do marido. Ela tinha ciência de que preocupações não eram bem-vindas e que só tinham o poder de agravar ainda mais a hipertensão arterial de Victor. *“E isso passa pela saúde do pai... e os problemas com os negócios de Frederico”*, algo que ela sentia que estava constantemente corroendo a alma do marido.

Quando estavam no Flamengo, porém, Didi convidou sua irmã Bebé para lá ficar com eles por um tempo – convite que ela aceitou prontamente! Desde a morte precoce do marido, Bebé vivia envolta numa tristeza longa e doída. Assim, uma ida ao Rio de Janeiro pareceu um bálsamo para ela. Este, pode-se dizer, foi o início da relação de Bebé e seus descendentes com a Cidade Maravilhosa – a qual se tornaria uma relação longa, perene, que atravessaria décadas e gerações!

Para Didi, a companhia de Bebé trouxe momentos divertidos, mais relaxados, uma vida diária repleta de coisas para fazer, pois ambas gostavam de passear, descobrir um local novo para tomar um chá, enquanto as crianças estudavam, e Victor se entretinha discutindo os rumos da política brasileira – além, claro, dos inesquecíveis momentos nos quais elas degustavam os imbatíveis doces e salgados em algum dos estonteantes salões da Confeitaria Colombo.

“Um lugar cinematográfico”, classificara Bebé, como Didi fizera, logo que foi lá pela primeira vez.

Assim, as duas irmãs pelotenses não se cansavam de caminhar pelas ruas cariocas, fazer uma pequena compra, tomar um chá no Café Belas Artes ou até mesmo se aventurar a fazer um programa mais cultural, quando o tempo, as economias e os afazeres familiares permitiam.

Como na vez anterior, o troca-troca de cartas logo se estabeleceu entre Pelotas e o Rio de Janeiro. Para Rosah, era a melhor maneira de manter as primas informadas de suas andanças pela Cidade Maravilhosa, bem como seguir firme o namoro com Alcides, que tinha frutificado mais com a temporada que passaram no sul.

“Daqui a pouco, ficarão noivos”, pensava Didi, numa torcida silenciosa, pois via nesse possível matrimônio destino seguro para Rosah. Victor não tinha tanta certeza de que fosse

esse o melhor caminho, pois desejava mais para sua filha do que se tornar uma dona de casa e a esposa de um advogado.

Foi numa dessas cartas que Rosah ficou sabendo que o avô do namorado, seu homônimo, não tinha andado bem de saúde e, infelizmente, acabara morrendo, na própria cidade do Rio de Janeiro, onde ele morava.

“Alcides de Mendonça Lima, um grande homem... Deputado constituinte nacional... participou da elaboração da Constituição de 1891...”, lembrou Victor com a voz ligeiramente embargada, quando soube da notícia, que correu rápida no meio político brasileiro.

“Pode-se dizer que ele foi, ao mesmo tempo, jurista, advogado, escritor, historiador e um bom político brasileiro”, completou, fazendo questão de enfatizar seus feitos, apesar de todos ali já terem ciência das conquistas profissionais do avô de Alcides.

“Ele tinha 75 anos...”, falou Rosah, pensando no namorado longe e na dor da perda que ele e sua família deveriam estar sentindo.

Nos eternos ciclos da vida, porém, enquanto uns partem, outros chegam.

Meses depois ao falecimento de Alcides, nasceu, em Pelotas, o único filho de Rosinha e Matheus, que resolveram chamar de Dagoberto, o qual acabou sendo o último neto de Frederico.

“Agora são cinco... três meninos e duas meninas”, disse o patriarca dos Russomano, orgulhoso da sucessão de descendentes que tinham vindo ao mundo, sempre animando e agitando a casa.

O ano de 1936, porém, não partiu sem trazer mais uma alegria para a família.

Victor formou-se na faculdade tornando-se *bacharel em direito*.

“Esses momentos de alegria chegaram em boa hora!”, concluiu Frederico, que sentia seu coração triste e cansado...

“*Pena que Carmella não testemunhou nada disso*”, pensou ele, antes de se entregar ao sono.



Victor formou-se na faculdade, tornando-se *bacharel em direito*.

PARTE A CARAVANA

No ano de 1937, o Brasil vivia um momento difícil, politicamente tenso, socialmente confuso. Victor corroborou o pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset – *“eu sou eu e minhas circunstâncias”*, e, assim, não conseguiu escapar do momento histórico que envolvia sua vida. Apaixonado por seus ideais políticos, juntou-se à campanha de Armando de Salles Oliveira, numa busca de votos contra o governo de Getúlio Vargas – que se mantinha um regime autoritário e centralizador.

A desavença Salles-Getúlio teve suas raízes num momento de paz entre ambos, onde havia, inquestionavelmente, um suporte mútuo. Engenheiro e político, o paulista Armando foi interventor federal em São Paulo, nomeado, em agosto de 1933, pelo próprio Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório Federal, e, após, eleito governador pela Assembleia Constituinte, ficando no cargo entre 1935 e 1936. Foi, porém, em 1937 que a disputa entre os dois políticos ficou evidente e acirrou-se rapidamente, pois Armando deixou o governo de São Paulo para se candidatar à Presidência da República, com as eleições marcadas para janeiro de 1938. Os dois viraram inimigos, buscando a vitória voto a voto.

As ideias do oponente de Getúlio certamente encantavam mais o político Victor. Assim, quando Armando de Salles Oliveira aportou no Rio Grande do Sul para uma sequência de palestras na capital e em várias cidades do interior, Victor já se ligara à sua campanha lutando lado a lado por votos, realizando reuniões políticas e fazendo discursos em prol de seu candidato à presidência, usando de suas habilidades de grande orador, sempre falando bem, com a voz clara e forte, raciocínio lógico e uma reconhecida atitude carismática. Victor, certamente, era um aliado de prestígio, com uma larga formação acadêmica e ideias muito à frente do mundo em que vivia.

Em 11 de setembro de 1937, o jornal A Batalha, do Rio de Janeiro, anunciou – *“O Sr. Armando de Salles Oliveira falará hoje e amanhã ao povo gaúcho”*. Na manhã do dia 12, a caravana política voou para Pelotas. Neste mesmo dia, às 20 horas, no prestigiado Teatro Guarany, Armando pronunciou o seu discurso, focando na situação e nas necessidades econômicas e sociais dos gaúchos. Victor estava lá, pois era um dos membros oficiais da caravana de Salles.



Jornal A Batalha (1929 – 1941)

Rio de Janeiro, 1937

18 de maio (esq) e 11 de setembro (dir)

memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=175102&pagfis=13807

Logo depois das reuniões em Pelotas, a caravana partiu rumo às cidades da serra gaúcha. No Teatro Apolo em Caxias do Sul, às 10 horas e 30 minutos do dia 19 de setembro, foi a vez de Victor falar. A família em Pelotas ouvia atenta e com imenso orgulho o discurso de Victor pelo rádio. Num dado momento, porém, ele comentou não estar se sentindo bem, lastimando que precisava parar.

E terminou dizendo:

“No dia 3 de janeiro, votem em Armando de Salles Oliveira!”.

Essa eleição presidencial brasileira, no entanto, nunca aconteceu, pois Getúlio Vargas fez um autogolpe em 10 de novembro de 1937, instituindo o chamado Estado Novo, lançando um Manifesto à Nação, em um pronunciamento em rede nacional de rádio, enfatizando que

o regime tinha agora, como objetivo, *“reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país”*.

Victor, porém, não testemunhou nada disso.

No dia 19 de setembro, após interromper abruptamente seu discurso, ele foi internado no Hospital Santo Antônio de Caxias do Sul, sendo acompanhado pelos médicos da caravana política, o Dr. Luiz Facciolo e o Dr. Júlio Novaes. Infelizmente, porém, no dia seguinte, em 20 de setembro, uma segunda-feira sombria na serra gaúcha, o cérebro de Victor cedeu à hipertensão arterial maligna e um acidente vascular cerebral levou para o além-vida o ambicioso deputado federal, o apaixonado marido, o exemplar filho, o amoroso pai, o fiel amigo, o dedicado médico, o exímio professor, o recém-graduado bacharel em direito e o ousado político.

O entusiasmado Victor que saíra de Pelotas na caravana de Salles, carregando consigo um par de roupas e muita esperança na bagagem, rumo às cidades da Serra Gaúcha, retornou à sua terra natal num caixão.

Foi Bruno quem levou a notícia para Didi e os filhos, que seguiam, sem sucesso algum, tentando saber o que se passara com Victor, através de reportagens de rádio, mas nada que era dito fazia sentido para eles. Como a família Mendonça Lima possuía um telefone domiciliar (algo raro à época!), esse foi utilizado para agilizar a comunicação entre Caxias do Sul e Pelotas, quando contaram a notícia da triste – e precoce! – morte de Victor.

O choque foi violento! Sem igual! Como um intenso terremoto que não deixa pedra sobre pedra. Os três emudeceram, petrificaram, sentiram a alma se esfacelar no ar e ficaram por alguns minutos – que pareceram várias eternidades somadas – olhando incrédulos para o portador de palavras tão absurdas quanto cruéis.

“Sinto muito... de coração. Ele era um homem fabuloso”, foram as palavras de Bruno, que se restringiu a apertar a mão de cada um, já que intensas expressões de afeto não eram parte de sua personalidade fechada, tímida e reservada.

“O que se passou?”, conseguiu perguntar Didi, vencendo a sensação de que, ao falar, cada palavra pesava uma tonelada.

“Explicaram que, logo que ele terminou o discurso, que foi encurtado por um mal-estar, Victor foi hospitalizado, mas não resistiu a um súbito aumento da pressão arterial... o cérebro teve seus vasos sanguíneos comprometidos e ele não resistiu”, completou Bruno.

“O cérebro... o órgão que dele fazia um homem tão especial... logo ele o levou de nós”, pensou Didi, sentindo ainda mais pesada a injustiça da vida.

“O corpo será trasladado de Caxias do Sul para Porto Alegre, num trem especial, parece que é de apenas um vagão, posto à disposição pelo Governo do Estado. Uma comissão oficial estará presente para receber o corpo do deputado federal – General Flores da Cunha, Dr. Poty Medeiros, Dr. Maciel Junior, Dr. Carlos Ferraz Alvim e Dr. Orestes Fontoura”, informou Bruno, lendo os nomes num pequeno papel que carregava no bolso com as informações mais importantes.

Não foram, porém, apenas os políticos amigos e companheiros de campanha de Victor que lá estavam na plataforma. A família conseguiu avisar Conceição, que também estava presente na chegada do trem. Ela não sabia, no entanto, que ele só tinha um vagão. Isso não disseram para ela.

“É esse mesmo, onde está o restante do trem?”, Conceição indagou confusa ao vê-lo se aproximando.

“Sim, minha senhora, nesse único vagão está o caixão com o corpo do deputado federal Victor Russomano”, foi a resposta firme e direta do funcionário da ferrovia da capital.

Conceição não aguentou a emoção, a dor dilacerando sua alma, e caiu desmaiada nos braços de Severgnini.

De Porto Alegre, o caixão seguiu para Pelotas de avião. Victor foi enterrado no Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, sob altas honrarias e uma grande emoção do povo pelotense, da família, dos amigos, dos colegas de trabalho!

O governo brasileiro decretou três dias de luto nacional. Muitas homenagens e saudações espalharam-se Brasil afora, até mesmo vindas de políticos com ideias opostas às que Victor defendia. O luto de Didi, porém, durou muito mais, estendendo-se por toda sua vida. Ela vestiu o preto e nunca mais usou pinturas ou enfeites até sua morte em 1958... vinte e um anos depois!

O próprio Getúlio Vargas decidiu por ajudar a família e ofereceu um trabalho, que foi abraçado por Didi, ao ser nomeada Inspetora Federal no Colégio São José, pois as viúvas dos políticos nada recebiam como pensão.

Assim, a mulher que nunca havia trabalhado fora de casa, arregaçou as mangas, começou a tomar o bonde três vezes por semana rumo a seus novos afazeres como inspetora. Com isso, Didi arrumou as finanças da casa e conseguiu sustentar a família, inclusive organizar

as despesas para cobrir o desejo de Mozart, que almejava estudar direito na faculdade de Porto Alegre. Para Didi, a vida de Rosah já estava mais encaminhada, pois, certamente, ela firmaria matrimônio com Alcides, o que acabou realmente se passando em 11 de novembro de 1939.

Muitos debateram a razão dessa atitude do presidente, achando estranha sua decisão de auxiliar financeiramente um político da oposição, até mesmo se especulando que, na sua consciência, pesava a morte de Victor. Isto, porém, nunca foi levado a sério por familiares e autoridades ou foi remotamente comprovado.

Por essa época, Mozart adicionou o nome do pai ao seu, ficando Mozart Victor Russomano – uma homenagem que deixou ainda mais perto de sua alma a memória do pai.

Um fato curioso ocorreu em 20 de setembro de 1937. Logo após receber a notícia da morte de Victor, Rosah foi até o escritório da casa e ali parou em frente à enorme fotografia do pai. Foi quando observou que uma gota escorria sobre o vidro. Ela descia de seu olho esquerdo, como se fosse a lágrima de um choro triste, inconformado por ter deixado tão cedo família, amigos e ideais – tudo que ele tanto amava!

Victor Russomano tinha – apenas, tão somente apenas – 46 anos de idade!



Colégio São José

Fotos – Leda Maria Ferreira Borges

(Jan de 2024)



“Sim, minha senhora, nesse único vagão está o caixão com o corpo do deputado federal Victor Russomano”.

OLÁ, ITÁLIA

A notícia da morte do filho custou a chegar oficialmente para Frederico. Por algum tempo, foi consenso na família que ele não resistiria a mais um cruel golpe da vida – e daquela magnitude! Frederico já tinha enterrado Leonilda e Carmella, nunca voltara à Itália como prometido e via agora seu negócio falir. O coração já velho e cansado do italiano, que, um dia, aventurou-se oceano afora para reencontrar a paixão de sua vida, começava a dar claros sinais de que o final estava próximo.

Quando a família tomou coragem e contou a triste notícia para Frederico, ele restringiu-se a dizer.

“Eu já sabia”.

Como imaginado por todos, a morte precoce de Victor foi um tiro certo bem no centro da alma de Frederico, a qual se estilhaçou em milhares de pedaços. Ele decidiu, então, que chegara a hora de parar, de desistir da luta, e resolveu deitar-se na cama, a mesma que por anos e anos dividira com Carmella, e ali ficar até que a morte aparecesse para o levar deste mundo terreno.

E foi o que ele fez! No amanhecer de 7 de fevereiro de 1939, porém, Frederico acordou assustado.

“Federico! Federico! Federico!”, era a voz de uma mulher, parecia a de Carmella – “*mas isso não poderia ser*” –, gritando seu nome... e em italiano!!!

Ele resolveu levantar-se. Com dificuldade, colocou os sapatos, caminhou até porta e saiu para a rua.

Era um dia lindo, o Sol brilhava num céu azul e já fazia calor, apesar de ainda ser cedo pela manhã.

“*É o verão brasileiro!*”, pensou ele.

Foi quando Frederico sentiu a presença de alguém. Ele se virou e seus olhos encontraram os de Carmella. As ruas de Pelotas, então, transformaram-se, dando lugar às de Caposele. O Sol desapareceu entre nuvens e a temperatura baixou subitamente.

“*É o inverno italiano!*”, pensou ele.

Federico e Carmella eram novamente jovens... estavam felizes e apaixonados... caminhando de mãos dadas em direção a um par de montanhas que repousava ao redor da cidade.

Passo a passo, lentamente, eles foram *subindo e subindo e subindo* montanha acima.

“Calma, Federico, assim não consigo te acompanhar”, advertiu Carmella.

Quando chegaram no topo, eles acharam um lugar para se sentar, acomodando-se no chão.

“Federico, como será agora que teremos um oceano entre nós?”, indagou Carmella meio chorosa, pois ambos estavam cientes dos planos da família Pizza.

“Eu irei atrás de ti, por mais longe que estejas”, prometeu ele, tomado pela paixão.

“E aí casaremos e teremos uma linda família... San Gennaro há de nos proteger!”, ela completou, colocando a mão sobre o peito para reforçar ao santo o seu pedido.

“Teremos muitos filhos... muitas filhas...quero a casa cheia de crianças”, ele falou.

Os dois olharam para o horizonte, imaginando que lá longe terras desconhecidas esperavam por eles.

Foi quando uma nuvem muito grande, muito densa, muito branca aproximou-se da montanha. Ela foi ficando mais e mais próxima, até praticamente, formar um tapete para o jovem casal italiano apaixonado.

Ele se aproximou dela e disse em seu ouvido.

“Carmella, tu és a paixão da minha vida!”

Ela se aproximou dele e disse em seu ouvido.

“Federico, tu és a paixão da minha vida!”

Os dois se beijaram longamente.

Depois, levantaram-se e deram-se as mãos.

Carmella e Federico subiram no denso tapete de nuvem branca.

E juntos começaram a caminhar rumo à eternidade.



Caposele, Itália

en.wikipedia.org/wiki/Caposele#/media/File:Caposele.jpg

(Junho, 2018)

CC BY-SA 4.0



Celebração familiar dos 70 anos de Frederico, 1934

Sentadas no chão, Môema (esq) e Rosah (dir)

Na segunda fila da esq para dir – Victor, Mozart, Frederico, Clóvis, Vicente

Em pé da esq para dir – Armando, Elvira, Didi, Conceição, Noemi, Rosinha, Matheus

Álbum de Família

FIM